

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARCIA MEURER

**O PORTUGUÊS DE MIGRANTES SULISTAS NO NORDESTE DO BRASIL:
VARIAÇÃO E MUDANÇA DE MARCAS REGIONAIS NO CONTATO
INTERVARIETAL**

PORTO ALEGRE

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

**O PORTUGUÊS DE MIGRANTES SULISTAS NO NORDESTE DO BRASIL:
VARIAÇÃO E MUDANÇA DE MARCAS REGIONAIS NO CONTATO
INTERVARIETAL**

MARCIA MEURER

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem
apresentada como requisito parcial para a obtenção
do título de Doutora em Letras pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)

Márcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Simone Sarmento (Coordenadora)

Antônio Marcos Vieira Sanseverino (Vice-Coordenador)

CIP - Catalogação na Publicação

Meurer, Marcia

O português de migrantes sulistas no nordeste do Brasil: variação e mudança de marcas regionais no contato intervarietal / Marcia Meurer. -- 2022.

344 f.

Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Português brasileiro. 2. Variação linguística regional. 3. Migração sulista. 4. Contato linguístico intervarietal. I. Altenhofen, Cléo Vilson, orient. II. Título.

Marcia Meurer

**O PORTUGUÊS DE MIGRANTES SULISTAS NO NORDESTE DO BRASIL:
VARIÇÃO E MUDANÇA DE MARCAS REGIONAIS NO CONTATO
INTERVARIETAL**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutora e aprovada em sua forma final/com alterações indicadas pela banca.

Porto Alegre, 13 de junho de 2022

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Orientador

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Elisa Battisti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof.^a Dra. Carla Regina de Souza Figueiredo
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Prof.^a Dra. Neusa Inês Philippsen
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Dedico este trabalho

às minhas avós Mathilde Sebold Blunk e Hilda Momm Meurer
(*in memoriam*), mulheres que geraram família numerosa e que, além dos afazeres domésticos,
deram seu sangue e suor na roça, durante todas as suas vidas. A elas, a minha homenagem como

reverência aos antepassados,
imigrantes pioneiros *do Sul*.

Ao Anselmo Augusto,
filho de migrantes sulistas,
a continuidade da minha família *no Norte*.

Meus agradecimentos para...

A Universidade Estadual do Maranhão, na pessoa do magnífico Reitor Professor Doutor Gustavo Pereira da Costa, pela licença concedida de dedicação exclusiva aos estudos do doutorado e pelo seu imprescindível apoio à qualificação docente.

Os colegas do Campus de Balsas pela compreensão ao meu momento necessário de afastamento da minha função docente, e em especial, o Professor Dr. Melquiades Paceli que me incentivou a pesquisar no campo da sociolinguística, e por suas contribuições. Meus sinceros agradecimentos!

A Professora Dra. Neusa Inês Philippsen, cuja tese foi minha inspiração a pesquisar sobre a migração sulista logo após o meu mestrado, pelas observações e contribuições na defesa de tese, muito obrigada.

A Professora Dra. Carla Regina Figueiredo, por ser a pioneira nos estudos de contato intervareital com variedades do português sulista, pelas sugestões metodológicas e observações na qualificação e defesa, muito obrigada.

A estimada Professora Dra. Elisa Battisti, do PPG Letras da UFRGS, pelos ensinamentos, pela amizade e pelo exemplo de profissional docente que inspira seus alunos a buscarem a excelência no conhecimento, por suas valiosas observações e contribuições à minha tese, muito obrigada!

O Projeto ALMA-H, por ter despertado em mim o gosto pela pesquisa e o resgate das raízes linguísticas e culturais.

O meu querido orientador Professor Dr. Cléo Vilson Altenhofen, cuja dedicação à pesquisa e à defesa do plurilinguismo foi especialmente marcante na minha trajetória como aluna doutoranda. Pela paciência e compreensão ao meu processo de catarse, pelo imprescindível apoio nesta jornada e por acreditar no meu potencial. Muito obrigada!

As famílias balsenses que gentilmente se dispuseram a participar da pesquisa, pela hospitalidade com que me receberam durante o trabalho de campo.

As queridas amigas Daiane Curioletti e Jussara Habel, pela amizade, pelo carinho e pelo companheirismo durante a árdua jornada do doutorado. Liz e Luana pelas horas agradáveis e o prazer de tantas descobertas e aventuras compartilhadas. A Claudia, Lucas, Jerônimo, Ana, Angélica, Sofia, Gabriel e todos os colegas da UFRGS e do grupo de pesquisa do Professor Cléo, eu aprendi muito com todos vocês.

A Edilene (do prédio), minha família durante o período da pandemia, única pessoa com quem tive contato presencial ao longo de mais de um ano e meio de isolamento. Obrigada pela força e por tudo que fizeste por mim. Espero revê-la em breve.

A minha família no Norte pelo apoio e compreensão na minha ausência. A minha família no Sul pela acolhida no breve passeio que fiz a SC, já no fim da pandemia e do curso. Pelo carinho, pelos inesquecíveis momentos rememorando o passado, histórias e fotos. Pelo lindo presente que recebi: as cartas escritas por minha mãe contando a história da minha família migrante pelo país às minhas avós. Meu muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo aborda a variação e mudança linguística de variedades regionais de grupos migrantes no contato intervarietal no novo meio/região. Mais especificamente, o estudo enfoca a variedade do *português brasileiro meridional* falado por migrantes sulistas que se instalaram, a partir da corrente migratória dos anos 1970, na localidade de Balsas, sul do estado do Maranhão, onde entraram em contato com o português *setentrional* da população local. É objetivo no presente estudo analisar a manutenção e/ou substituição de marcas regionais originais do português desse grupo migrante sulista, considerando a topodinâmica de migração e o contato com o português do novo meio, ao longo do tempo (eixo da mesocronologia, cf. THUN, 2009), bem como identificar os fatores que favorecem sua manutenção, substituição ou nivelamento linguístico. A partir da macroanálise da variação do português, no espaço de migração de variedades regionais, tomando por base os pressupostos da Geolinguística Pluridimensional e Contatual (ALTENHOFEN, 2013), foram realizados levantamentos de dados em três dimensões fundamentais de análise: 1) de falantes migrantes (topodinâmicos) e locais (topostáticos), para a dimensão diatópico-cinética, que considera a relação entre a variedade regional de partida, no início do processo migratório, e de chegada, a partir do recorte sincrônico adotado pelo estudo; 2) de falantes da geração mais velha (GII) e mais jovem (GI), para identificar mudanças em progresso, na dimensão diageracional; por fim, 3) de falantes sulistas e nortistas, visando a contrastar as variedades regionais em contato (dimensão dialingual), para identificar a direção das influências no contato intervarietal em foco. De modo complementar, até onde os dados permitiram, foram considerados, além disso, dados da dimensão diastrática (papel da escolaridade), diagenérica (diferenças de gênero) e diarreferencial (comentários metalinguísticos), para reforçar e aprofundar as tendências observadas. Para a constituição do *corpus* da pesquisa, foram entrevistados por amostragem dez participantes, sendo cinco de origem sulista (G_S) e cinco nortistas (G_N), com idades entre 48 e 58 anos (GI) e acima de 60 anos, (GII), homens e mulheres. A partir de uma seleção de variáveis fonético-fonológicas e léxico-semânticas – usadas como “meio” para identificar fatores e tendências no uso da língua – contrastou-se os resultados em termos da ocorrência de variantes com marca [+sulista] ou [+nortista]. Os resultados apontam que os falantes topodinâmicos mais velhos (GII_S) mantêm com mais frequência as marcas da variedade sulista, especialmente no léxico, tendendo em alguns casos a variantes menos marcadas que sinalizam uma substituição de variantes sulistas aparentemente mais salientes, porém sem uma adaptação evidente à variedade nortista do entorno. Essa tendência de uso de variantes menos marcadas é igualmente observada entre os falantes mais jovens (GI_S) que, no entanto, tendem a uma substituição maior de marcas sulistas por variantes nortistas, sinalizando uma mudança em progresso na direção de uma fala intermediária, de compromisso com a variedade local nortista do grupo topostático. Na dimensão diatópico-cinética, em que se comparam as variantes do grupo topodinâmico com dados da matriz de origem, no sul do país, a partir de dados do ALERS (*Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil*), a mudança linguística é mais evidente no campo léxico-semântico, o que sinaliza para elementos da cultura e sociedade do novo meio

inexistentes ou distintos na fala de origem. Enquanto o léxico mostra uma identificação maior à variedade local e migrante, as mudanças fonético-fonológicas se mostram mais evidentes entre os mais jovens, sendo claramente mais resistente às mudanças a fala dos mais velhos. Esse comportamento variável de falantes mais velhos e mais jovens, que ainda recebe a concorrência de formas menos marcadas - associadas a um português suprarregional – portanto, isento de marcas de regionalidade supostamente mais estigmatizadas, corrobora tendências observadas em outros estudos de contatos linguísticos intervaretais, como por exemplo Habel (2022), que descrevem um nivelamento linguístico em que se priorizam variantes localmente menos marcadas e, por isso, mutuamente aceitas pelos grupos regionais em contato. O resultado desse nivelamento pode ainda receber o influxo e influência de outras línguas em contato, como é o caso dos falantes sulistas analisados, entre os quais se encontram bilíngues alemão-português que possuem em seu repertório uma variedade de língua de imigração alemã.

Palavras-chave: Português brasileiro. Variação linguística regional. Migração sulista. Contato linguístico intervareital.

ABSTRACT

The present study focuses on linguistic variation and change in regional varieties of migrant groups in intervarietal contact in the new environment/region. More specifically, the study focuses on the southern Brazilian Portuguese variety spoken by southern migrants who settled, starting from the migratory current of the 1970s, in the town of Balsas, southern Maranhão state, where they came into contact with the northern Portuguese of the local population. In this study, we aim to analyze the maintenance and/or shift of original regional marks of the Portuguese of this southern migrant group, considering the topodynamics of migration and contact with the Portuguese of the new environment, over time (mesochronology's axis, cf. THUN, 2009), as well as identify the factors that favor their maintenance, shift or linguistic leveling. From the macro analysis of the variation of Portuguese, in the space of migration of regional varieties, based on the premises of Pluridimensional and Contactual Geolinguistic (ALTENHOFEN, 2013), it raising data in three fundamental dimensions of analysis: 1) of migrant (topodynamic) and local (topostatic) speakers for the diatopical-kinetic dimension, which considers the relationship between the regional variety of departure, at the beginning of the migratory process, and that of arrival, considering the synchronous clipping adopted by the study; 2) speakers of the older (GII) and younger generation (GI), to identify changes in progress, in the diagenational dimension; finally, 3) Southern and Northern speakers, aiming to contrast regional varieties in contact (dialectal dimension), to identify the direction of influences in the intervarietal contact in focus. Complementarily, as far as the data allowed, data from the diastratic (role of schooling), diagenetic (gender differences) and diarreferential (metalinguistic comments) dimensions were also considered to reinforce and deepen the observed tendencies. To constitute the research *corpus*, ten participants were interviewed by sampling, men and women, five of southern origin (G_S) and five of northern origin (G_N), aged between 48 and 58 years (GI) and over 60 years (GII). Based on a selection of phonetic-phonological and lexical-semantic variables - used as a "means" to identify factors and tendencies in language use - the results were contrasted in terms of the occurrence of variants with the [+southern] or [+northern] mark. The results indicate that older topodynamic speakers (GII_S) more frequently maintain the marks of the Southern variety, especially in the lexicon, tending in some cases to [+neutral] variants that signal a shift from apparently more salient Southern variants, but without an evident adaptation to the surrounding Northern variety. This tendency to use neutral variants is also observed among younger speakers (GI_S) who, however, tend to a greater shift from Southern marks to Northern variants, signaling a shift in progress towards an intermediate speech, establishing a compromise with the local Northern variety of the topostatic group. In the diatopic-kinetic dimension, in which the variants of the topodynamic group are compared to data from the matrix of origin, in the south of the country, based on data from ALERS (Linguistic-Ethnographic Atlas of Southern Brazil), the linguistic change is more evident in the lexical-semantic field, which signals elements of the culture and society of the new environment absent or distinct in the original speech. While the lexicon shows a greater identification with the local and migrant variety, phonetic-phonological changes are more evident among younger

speakers, while the speech of older speakers is clearly more resistant to change. This variable behavior of older and younger speakers, which still receives the competition of neutral forms - associated with a supra-regional Portuguese - therefore, free of supposedly more stigmatized regionality marks, corroborates trends observed in other studies of intervarectal language contacts, such as Habel (2022), who describe a linguistic leveling in which locally less marked variants are prioritized and, therefore, mutually accepted by the regional groups in contact. The result of this leveling may also receive the influx and influence of other languages in contact, as is the case for the Southern speakers analyzed, among whom are German-Portuguese bilinguals who have a German immigrant language variety in their repertoire.

Keywords: Brazilian Portuguese. Regional linguistic variation. Southern migration. Intervarectal linguistic contact.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	10
Lista de Gráficos, Quadros e Tabelas	15
Lista de Figuras e Mapas	17
INTRODUÇÃO.....	20
Capítulo 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	38
1.1 Variedades no contínuo de variação da língua: definições	38
1.2 Migrações e contatos linguísticos na origem do português brasileiro.....	46
1.2.2 A “Conquista do Oeste” e o Maranhão na ocupação do Brasil.....	65
1.2.3 A formação do Maranhão antes da chegada dos sulistas	77
1.2.4 Alguns apontamentos sobre a sócio-história do português brasileiro	84
1.3 Migrações e contatos linguísticos no Sul do país.....	89
1.3.1 Contatos linguísticos na matriz de origem dos migrantes sulistas	98
1.3.2 Variação regional do português sulista	101
1.4 As migrações regionais	106
1.4.1 A migração do Sul para o Norte (Nordeste).....	113
1.4.2 A localidade de Balsas: ponto de chegada dos migrantes	119

Capítulo 2 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	126
2.1 Múltiplas faces do conceito de “espaço”.....	126
2.2 Língua e espaço na perspectiva relacional	136
2.3 Princípio da pluridimensionalidade de análise da variação linguística.....	140
2.4 Estudos da variação regional do português de migrantes.....	146
2.5 Variação e repertórios linguísticos em contato	158
2.6 Usos linguísticos, atitudes e percepções por falantes topodinâmicos e topostáticos	166
Capítulo 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	171
3.1 Delimitação do objeto de estudo	171
3.2 Desafios da pesquisa empírica em função da extensão territorial.....	174
3.3 Dimensões de análise intra- e interindividuais.....	176
3.4 Perfil dos participantes da pesquisa.....	182
3.5 Variáveis linguísticas selecionadas	188
3.6 Instrumentos de coleta dos dados.....	190
3.7 Outras fontes de dados para a análise da variação topodinâmica.....	193
3.8 Procedimentos de análise dos dados	199
Capítulo 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	201
4.1 Variáveis indicadoras de diferenças do português regional	202
4.2 Dimensão diatópico-cinética: > 30 anos após as primeiras migrações	208
4.3 Análise da variação diageracional: mudanças em curso?	248
4.4 A dimensão diavarietal (dialingual): português sulista vs. nortista.....	266

4.5	Considerações na dimensão diastrática e diagenérica.....	276
4.6	Observações na dimensão diarreferencial: percepções e práticas sociais.....	286
4.7	Síntese da análise de dados	293
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	299
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	303
	ANEXOS	324

Lista de Gráficos, Quadros e Tabelas

Gráfico 1 – Distribuição regional em percentuais de indivíduos de etnias originárias, com 5 anos ou mais de idade que falam língua indígena, por domicílio – Censo 2010	53
Gráfico 2 – Distribuição percentual dos imigrantes interestaduais por regiões brasileiras de origem – Paraná – 1986-1991, 1995-2000 e 2005-2010	112
Gráfico 3 – Origem étnica dos migrantes sulistas, conforme os sobrenomes	118
Gráfico 4 –Evolução da população residente em Balsas – MA, desde o início da migração sulista	121
Gráfico 5 – Variação da vogal média pretônica /O/ na palavra <procissão>	218
Gráfico 6 – Variação de /R/ em <i>onset</i> na palavra <revólver>	221
Gráfico 7 – Variação de /R/ em coda interna na palavra <árvore>	223
Gráfico 8 – Variação de /R/ intervocálico na palavra <i>carro</i>	225
Gráfico 9 – Variação da lateral /l/ na palavra <i>calça</i>	228
Gráfico 10 – Realização da vogal média pretônica anterior nos grupos GI e GII	249
Gráfico 11 – Realização da vogal média pretônica posterior pelos grupos GI e GII	250
Gráfico 12 – Realização do /R/ inicial ou r-forte em <i>onset</i> pelos grupos GI e GII	251
Gráfico 13 – Realização do /R/ intervocálico pelos grupos GI e GII	252
Gráfico 14 – Realização do /R/ em coda silábica pelos grupos GI e GII	253
Gráfico 15 – Realização da lateral em coda silábica pelos grupos GI e GII	255
Gráfico 16 – Realização do /S/ em coda silábica pelos grupos GI e GII	256
Gráfico 17 – Síntese dos resultados na dimensão diageracional (QFF)	257
Gráfico 18 – Síntese dos resultados da análise na dimensão diageracional - QSL	265
Gráfico 19 – Vogal média pretônica anterior no português balsense	267
Gráfico 20 – Vogal média pretônica posterior no português balsense	269
Gráfico 21 – O uso do /R/ inicial no português balsense	270
Gráfico 22 – O uso do /R/ intervocálico no português balsense	271
Gráfico 23 – O uso do /R/ em coda no português balsense	272
Gráfico 24 – O uso da coda lateral no português balsense	273
Gráfico 25 – O uso do /S/ em coda no português balsense	274
Gráfico 26 – Síntese: resultados das variáveis linguísticas selecionadas, no contato do português de falantes topodinâmicos e topostáticos no sul do Maranhão	275

Quadro 1 – Marcas do <i>português de contato</i> com os adstratos do alemão e do italiano	104
Quadro 2 - Região de nascimento da população de Balsas no censo de 2010	124
Quadro 3 – Dimensões de análise previstas no modelo pluridimensional e relacional	143
Quadro 4 – Dimensões de análise consideradas neste estudo	177
Quadro 5 – Perfil dos participantes (topostáticos x topodinâmicos)	183
Quadro 6 – Quadro geral das entrevistas realizadas, conforme as dimensões e parâmetros utilizados	184
Quadro 7 – Repertório linguístico dos participantes	186
Quadro 8 - Variáveis linguísticas do estudo	189
Quadro 9 – Estrutura do questionário utilizado a partir de Figueiredo (2014).....	191
Quadro 10 – Quadro de variantes do ALERS, para comparação com as variáveis linguísticas deste estudo	195
Quadro 11 – Perfil dos falantes topostáticos entrevistados pelo ALERS entre 1989 e 1993.....	210
Quadro 12 – Cartas do ALERS para a realização de /E/ e /O/	213
Quadro 13 – Perguntas selecionadas com a variável vogal média pretônica	214
Quadro 14 – Variação lexical na dimensão diagenérica.....	284
Tabela 1 – Ocorrências coletadas por meio do questionário fonético-fonológico (QFF)....	202
Tabela 2 – Ocorrências coletadas por meio do questionário semântico-lexical (QSL)	204
Tabela 3 – Primeiro quadro de variáveis lexicais para análise da variação diageracional...	258
Tabela 4 – Segundo quadro de variáveis lexicais para análise da variação diageracional...	263
Tabela 5 – Variantes fonético-fonológicas na dimensão diastrática.....	285

Lista de Figuras e Mapas

Figura 1 – Localização da Colônia de Entre Rios	22
Figura 2 – Mesorregiões do Estado do Maranhão	27
Figura 3 – Microrregião Gerais de Balsas e sua localização na mesorregião Sul Maranhense.....	28
Figuras 4 - Fotos da primeira igreja e do clube recreativo, fundados nos anos 1980, às margens da rodovia Transamazônica na localidade de Balsas, Maranhão.....	29
Figura 5 – Contínuos linguísticos no espaço europeu	41
Figura 6 – Nuances do conceito de “norma”	44
Figura 7 – Relações entre fala e escrita no contínuo standard-standard regional-regioleto-dialeto	45
Figura 8 – Mapeamento das línguas indígenas brasileiras	48
Figura 9 – Mapa das variedades do português brasileiro, segundo Nascentes (1953) ...	59
Figura 10 – Esboço das áreas dialetais e regiões culturais, segundo Mendonça (1936)	61
Figura 11 – Movimentos migratórios das bandeiras, no séc. XVII	66
Figura 12 – Densidade demográfica da população brasileira – Censo 2000	67
Figura 13 – Representação cartográfica da América, em um mapa de 1635.....	69
Figura 14 – Mapa antigo de Arnoldus Florentinus, da Antuérpia (1596).....	70
Figura 15 – Brasil van Rio de Maranhaon tot Rio de la Plata (1662).....	72
Figura 16 – São Luís do Maranhão, em 1647 (<i>Urbi S. Ludovici</i>).....	75
Figura 17 – Tratado de Tordesilhas no Planisfério de Cantino (1502).....	76
Figura 18 – O Estado do Maranhão (Norte) e o Estado do Brasil (Sul).....	78
Figura 19 – O Maranhão na Kolonie Brazilië (1630-1654).....	79
Figura 20 – Mapa das frentes de ocupação do estado do Maranhão	82
Figura 21 – População indígena no estado do Maranhão (baseado no Censo 2010).....	83
Figura 22 – As fronteiras do Brasil com os países hispânicos, em 1823.....	90
Figura 23 – Áreas de presença de populações bilíngues, de acordo com os informantes do ALERS	97
Figura 24 – Áreas linguísticas do português rural falado na região sul do Brasil, de acordo com dados do ALERS.....	103
Figura 25 – Migrações dos falantes de Hunsrückisch, língua de imigração alemã, no Brasil e Bacia do Prata.....	108
Figura 26 – Rodovia Transamazônica (BR-230), no sul do Maranhão	114

Figura 27 – Rodovia Transbrasiliana (BR-153), ligando o Sul ao Norte	115
Figura 28 – Percurso dos migrantes sulistas pioneiros entre a matriz de origem e o sul do Maranhão.....	116
Figura 29 – Estátua de Santo Antônio, às margens da rodovia Transamazônica (zona urbana de Balsas).....	120
Figura 30 – Vista aérea da localidade de Balsas, na década de 1980.....	122
Figura 31 – A região do MATOPIBA	123
Figura 32 – Esquema de análise em cruz dos grupos de entrevista, conforme as dimensões diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GII e GI).....	144
Figura 33 – Migrantes sulistas chegando à localidade em 1982.....	181
Figura 34 – Área de partida e matriz de origem dos participantes da pesquisa.....	187
Figura 35 – Pontos do ALERS situados no entorno da matriz de origem dos migrantes sulistas do Maranhão.....	194
Figura 36 – Nuvem de variantes da matriz de origem.....	212
Figura 37 – Variação da vogal média pretônica anterior /E/ nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	215
Figura 38 – Variação da vogal média pretônica posterior /O/ nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	217
Figura 39 – Variação de /R/ em <i>onset</i> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS.....	220
Figura 40 – Variação de /R/ em coda interna nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS.....	222
Figura 41 – Variação do uso do /R/ intervocálico nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS.....	224
Figura 42 – Variação do uso da lateral /l/ em coda nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS.....	227
Figura 43 – Variação da lateral /l/ na palavra <i>calça</i>	229
Figura 44 – Variação de /l/ final na designação <jogo do anel> na região Sul	230

Figura 45 – Variação de <bergamota> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	231
Figura 46 – Variação lexical de <bergamota> na região Sul.....	233
Figura 47 – Variação de <orvalho> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	235
Figura 48 – Variação lexical de <orvalho>, na região Sul	236
Figura 49 – Variação de <estilingue> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	238
Figura 50 – Variação lexical de <estilingue>, na região Sul	239
Figura 51 – Variação de <lavrar> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	241
Figura 52 – Variação lexical de <lavrar>, na região Sul	242
Figura 53 – Variação de <bolinha de gude> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	243
Figura 54 – Variação lexical de <bolinha de gude>, na região Sul.....	244
Figura 55 – Variação de <cigarro de palha> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS	246
Figura 56 – Variação lexical de <cigarro de palha>, na região Sul.....	247

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da variação e mudança do português falado por migrantes sulistas, no contato entre variedades regionais do português do sul e do norte (nordeste) do Brasil, na localidade de Balsas, no sul do Maranhão. Trata-se, portanto, de um contato linguístico intervietal que abarca um período de mais de 30 anos entre a “saída da matriz de origem, no sul”, e a “chegada ao novo meio, no norte”¹. Famílias de migrantes sulistas, comumente com filhos nascidos na área de partida, migraram a partir dos anos 1970 do Sul do país para a região Nordeste, inserindo-se em uma comunidade de fala na época ainda bastante isolada, pois a recém-construída rodovia Transamazônica (BR-230), que corta a localidade, só seria pavimentada na década seguinte.

A topodinâmica da língua desses migrantes, assim como o contato linguístico inter-regional que essa migração suscita, leva à pergunta sobre a manutenção, substituição ou perda de marcas linguísticas originais², sobretudo na geração migrante mais jovem que, em contato com a variedade regional do novo meio, mostra um comportamento mais suscetível à mudança linguística. Verificar para qual variedade regional se movimenta a produção linguística do grupo de fala migrante e se ela influencia o português de seu entorno ou por ele deixa-se influenciar, é uma das perguntas centrais que orientam este estudo. O mesmo se aplica aos fatores que subjazem à variação no português desses falantes, levando em consideração principalmente a faixa etária dos falantes (dimensão diageracional > velhos e jovens), os grupos de fala regional em contato (dimensão dialingual > sulistas e nortistas), bem como os fatores de ordem social (dimensão diastrática, conforme o grau de escolaridade).

Nessa perspectiva, ter feito parte desse processo migratório constitui uma das motivações para a realização deste estudo. Com a idade de 17 anos, também eu migrei

¹ Norte como variedade setentrional ou do Norte (cf. Nascentes, 1953), ou ainda “nortista”, engloba a variedade amazônica e a nordestina. Trataremos da variedade nordestina falada no sul do Maranhão e identificaremos os seus falantes tanto por sua identidade como nordestinos quanto por nortistas em oposição a sulistas.

² *Marcas linguísticas originais* no sentido de formas originadas da variedade linguística materna.

para o nordeste, onde vivenciei o contato com a variedade regional do português local. Na minha percepção, porém, o que mais chamava a atenção era a variedade falada pelos migrantes sulistas jovens que já moravam há mais tempo na localidade e que apresentavam marcas distintas da minha variedade. Essa percepção não ocorria somente de oitiva, e sim fazia parte do dia a dia das relações sociais. Lembro que a minha pronúncia era frequentemente “corrigida” por esses sulistas da minha faixa etária³. O grupo era de jovens que haviam migrado quando criança ou adolescente, com seus pais, do estado do Rio Grande do Sul direto para o Maranhão. Resido na região Nordeste desde 1986, período auge da migração de sulistas para as demais regiões do Brasil. Contudo, minha família já havia migrado uma década antes da região Sul para a região Centro-Oeste⁴, que se transformara na década de 1970 no principal alvo de famílias sulistas em busca de novas terras.

Além de eu ter o perfil de migrante sulista, que tem/teve contato com variedades do português nordestino e mato-grossense (*do sul do estado do MT*), tive contato também com outras línguas na minha primeira infância, entre elas o *Donauschwäbisch*, uma variedade do alemão falada por uma das últimas correntes imigratórias vindas da Europa para o Brasil, em meados do século XX, os assim denominados “suábios do Danúbio”. Os meus pais, que já eram migrantes do estado de Santa Catarina, das antigas colônias alemãs do Vale do Itajaí, também uma década antes, casaram e migraram para essa colônia nova no Paraná, fundada em 1952. Iniciava-se aí um longo percurso de migração.⁵

Assim, o perfil de migrantes da minha família reflete a história migratória dos meus antepassados, imigrantes alemães vindos ao Brasil, no século XIX, para o estado de Santa Catarina, de onde também trouxeram suas variedades regionais de língua alemã. Essa ascendência proporcionou-me entrar em contato, desde muito cedo, com diferentes variedades de línguas, faladas na família e no entorno, e ao migrar para o

³ Lembro-me da palavra <menino>, proferida por mim como [me'nino], de acordo com a pronúncia da comunidade migrante sulista no Mato Grosso, e recebendo a correção para [m'i'ninu] com ênfase nas sílabas tônica e pretônica e os acentos pré e postônico, na comunidade de fala migrante jovem no Maranhão.

⁴ *Caminho* ou *percurso migratório*, na terminologia de Altenhofen e Thun (2016).

⁵ Ver a respeito Meurer (2022). Altenhofen e Thun (2016) preveem como parte do processo migratório, uma escala de migrações com percurso e direção e a relação desse processo com os contatos linguísticos e suas consequências para a variação e mudança de línguas e variedades.

norte do país, novas variedades “regionais” se somaram ao repertório de contatos linguísticos, desta vez, porém ligadas à língua histórica “português”.⁶

Figura 1 – Localização da Colônia de Entre Rios



Fonte: <https://turismoentrieriosgp.webnode.com.pt/localiza%c3%a7%c3%a3o%20-%20mapas/>.
Acesso em 03/09/2020.

Antes de sair do Sul do país para a região Centro-Oeste, com a idade de cinco anos fui levada pela família a migrações dentro do Paraná, de uma colônia nova para uma antiga colônia alemã, Rio Negro, onde não mais ouvia vozes em alemão, e sim, pelo contrário, um português bastante diferenciado da colônia natal. Recordo-me de ter aprendido a ler e escrever em uma escola rural multiétnica, onde havia uma única professora também descendente de alemães, que dava aulas em uma turma multisseriada do 1º ao 4º ano. Era ela que preparava a merenda (sopa de legumes), auxiliada por um grupo de alunos⁷ que a ajudava a cuidar de uma horta nos fundos da escola, localizada no alto de um morro, ao lado da igreja, na comunidade *Lajeado dos Vieiras*.

⁶ Sobre o conceito de “língua histórica” como conjunto de variedades, veja-se Coseriu (2017 [1980]).

⁷ Uma lembrança infantil que me fascinava, os alunos comportados e com boas avaliações sempre “mexiam a sopa” durante a aula. Isso era como um bônus para quebrar a rotina de estudos e já se sentir um “adulto responsável”. Era motivo de orgulho para aqueles que eram convocados a mexer a sopa.

Somente ao longo do doutorado, pude compreender que o português falado na localidade de Rio Negro representava uma variedade paranaense⁸ (mais próxima da paulista), portanto um português diferente do *português de contato*⁹ falado em outras localidades da região Sul, principalmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esse mesmo português de contato eu voltaria a reencontrar, mesmo sem conhecer o Rio Grande do Sul, na fala dos migrantes gaúchos, no estado do Mato Grosso. Lá, além de encontrar o português paulista e mineiro falado pelos primeiros migrantes fundadores da localidade onde morei e, além disso, o português mato-grossense da região, havia o *português de contato*, assim como também o *fronteiriço* do Rio Grande do Sul, falado principalmente por migrantes gaúchos que frequentavam o Centro de Tradições Gaúchas¹⁰.

Esse mesmo português de contato reapareceu, mais tarde, justamente no sul do Maranhão, falado agora por migrantes gaúchos que não haviam feito uma “escala de migração”¹¹ via região Centro-Oeste, tal como minha família havia feito nos anos 1970, ou seja, esses migrantes transferiram-se direto do Sul para o Nordeste. Como se vê, as correntes migratórias sulistas não se dirigiram somente ao oeste do país (“marcha para o oeste”), mas também para áreas mais a leste, que poderíamos denominar de “leque do Norte”¹² do Brasil (*do Maranhão ao Acre*). O português falado pelos sulistas no Nordeste parece se diferenciar do português falado pelos sulistas que migraram para outros lugares, principalmente pela geração que migrou mais jovem com seus pais. Eis

⁸ Ver Koch (2000).

⁹ Conceito emprestado de Altenhofen (2008; 2013; 2014).

¹⁰ O *CTG Porteira da Amizade* foi um dos primeiros CTG's a serem fundados no estado do Mato Grosso, passando a reunir as comunidades sulistas, nos anos 1980, com forte intercâmbio com o *CTG Velha Querência* da capital, Cuiabá, fundado um ano antes, e também com CTG's do sul do Brasil. Eu participava como *prenda* e como integrante de um grupo de *danças típicas regionalistas*, que se apresentava em vários locais no estado do MT e até no sul de Goiás, na década de 1980.

¹¹ Conforme Altenhofen e Thun (2016), o percurso migratório pode se dar em *escalas*, em que o migrante migra de um ponto ao outro e permanece por um tempo naquele espaço geográfico até migrar novamente para outro ponto, e assim, vai fazendo um *percurso migratório em escalas*. Cada espaço geográfico contribui para agregar novos usos linguísticos ao repertório do migrante. Como já visto, esse tipo de migração corresponde à própria experiência pessoal da pesquisadora.

¹² Compare-se Koch (2000).

aí uma hipótese, entre outras, que este estudo pretende aclarar.

Quanto à língua alemã, quanto mais minhas migrações no país foram me levando para longe da região Sul, menos eu fui ouvindo essa língua, assim como outras, e cada vez mais passei a ouvir variedades regionais diferentes de português. Do mesmo modo, a língua alemã foi se silenciando no domínio da família. Mesmo sabendo do contingente de migrantes de língua alemã, italiana, holandesa, polonesa e de outras línguas levadas para o sul do Maranhão, pouco se sabe sobre essas línguas, o que acentua a necessidade de mais pesquisas.

A partir da visão *êmica* acerca de minha trajetória de migrante, fui confrontada, em determinado momento, ainda na década de 1980, com a seguinte inquietação: “aqui se fala um português diferente... o que está mudando na fala desses migrantes sulistas aqui no Nordeste?” Essa autorreflexão deu-se no meu contato com a variedade de português falada pelos filhos dos primeiros migrantes sulistas (os pioneiros). Daí decorre a pergunta principal desta pesquisa, que insere migração e contato linguístico na base de formação da identidade dessas populações, entre as quais me incluo, e que se expressa pelo “modo de falar o português”¹³. A compreensão dos processos de manutenção/retenção e perda de marcas linguísticas cumpre, nesse sentido, um papel central.

De modo geral, as migrações no espaço geográfico têm sido abordadas em uma perspectiva macrolinguística, a partir de resultados de atlas linguísticos (ALTENHOFEN; THUN; 2016) que mostram não apenas a relevância da variação regional, como também evidenciam o perfil plurilíngue e multiétnico que caracteriza sobremaneira a identidade

¹³ Entre os papéis de professora de língua portuguesa, migrante e pesquisadora, esta pesquisa de tese exigiu de mim posicionamentos que eram contraditórios, por vezes, contrários ao que eu pensava em uma dessas minhas identidades. E isto foi um processo lento ao longo da pesquisa que parecia não coadunar, não harmonizar nunca. Foi uma difícil catarse me deslocar para o papel de pesquisadora, me reencontrar como migrante sulista no Sul e rever a minha percepção como professora de língua portuguesa. Obviamente, a voz da migrante se faz presente ao longo de todo o texto, como observadora das relações sociais ao longo das experiências vivenciadas em diferentes regiões. Talvez por isso, a identidade de professora sofreu o maior impacto, como uma verdadeira autocrítica do meu papel de educadora em um país multiétnico, multicultural e multilíngue. O meu “lugar de fala”, sem dúvida, é a da *pesquisadora*, que nasce junto com esta pesquisa de tese, consciente da sua realidade social *enquanto migrante* (oriunda de família ligada à agropecuária e suas implicações sociais, econômicas e ambientais) e *enquanto professora de língua portuguesa* no curso de Letras Licenciatura, com formação na rede pública, do ensino básico ao doutorado, e atual formadora docente.

do brasileiro. A migração de sulistas para além das fronteiras da região Sul, em sua maioria descendente de imigrantes europeus e falantes de línguas de imigração do século XIX, se inicia com a fundação de Brasília e se intensifica a partir da década de 70 do século passado, em direção às regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, e até mesmo para os países vizinhos, como se pode constatar no projeto ALMA-H¹⁴. Com isso, a abordagem do fator <mobilidade espacial> assumiu um significado de grande relevância, tendo em vista que, sobretudo no contexto brasileiro, se observa uma gama enorme de migrações internas (ALTENHOFEN; THUN, 2016).

As denominadas *migrações internas*, como fator de intra- e interregionalidades e redistribuição da população dentro do país, podem ser constatadas em estudos demográficos, no campo das ciências sociais, como as inúmeras publicações que debatem dados censitários, atividades econômicas e migração, como os de Martine *et al* (1984), Martine (1992, 1994), Camarano; Abramovay (1998), Baeninger (2000), Cunha (2002), Patarra (2003), Vale *et al.* (2004), Hakkert; Martine (2006), Marandola Jr.; Arruda, (2005), Brito; Carvalho (2006), Magalhães; Cintra (2012), Laubstein, (2011), Salim (2016), entre vários outros estudos e eventos relacionados ao tema. Também as publicações de periódicos como os anais da ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais¹⁵, anais dos Observatórios das Migrações de São Paulo¹⁶, de Minas Gerais, anais dos GT's regionais de Migração da ANPUH - Associação Nacional de História, anais de GT's de Migração promovidos pelos programas de pós-graduação de várias universidades e núcleos de pesquisa nessas instituições. Pesquisadores de diferentes áreas têm buscado, portanto, compreender o fenômeno da migração no Brasil, tanto nos campos sociológico, antropológico, econômico, como também, principalmente, o campo geográfico e histórico-cultural.

O tema da migração, neste estudo, está diretamente relacionado ao uso da língua com enfoque na variação e mudança de marcas regionais. O contato intervareial do português de migrantes sulistas no Nordeste equivale ao que Thun (1996) chama de dimensão

¹⁴ Projeto de pesquisa do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata, ver em <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

¹⁵ Fonte: <http://www.abep.org.br/site/>.

¹⁶ Fonte: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/>.

diatópico-cinética, e que ele divide em *topodinâmica* da variação linguística de migrantes e *topostática* de falantes fixos quanto ao local de moradia. Esta pesquisa de tese alinha-se, por seu enfoque macroanalítico, à base teórica e metodológica da *Geolinguística Pluridimensional e Contatual* proposta por Altenhofen (2013) a partir de Thun (1998),¹⁷ abordando principalmente a topodinâmica das línguas e variedades em contato, levando em conta também *tipologias de contatos linguísticos da língua portuguesa*, como bem lembra Altenhofen (2007; 2008; 2013), e *estudos de (i)migração*, como acentuam Altenhofen e Thun (2016).

Alguns estudos realizados,¹⁸ como os de Philippsen (2013), Figueiredo (2014), Barros (2014), Cuba (2015) e Marins (2019), retratam a topodinâmica do português brasileiro relacionada à migração interna no Brasil. Nessas pesquisas, o enfoque recaiu em regiões bastante representativas do fenômeno, como o Mato Grosso do Sul e, mais especificamente, o chamado *Território Incaracterístico*,¹⁹ região norte do estado do Mato Grosso. O presente estudo busca contribuir para um aprimoramento teórico-metodológico e ampliação desse campo de estudos, focalizando um contexto sociogeográfico diferente, de migrantes sulistas em contato com nortistas no sul do Maranhão, região Nordeste.

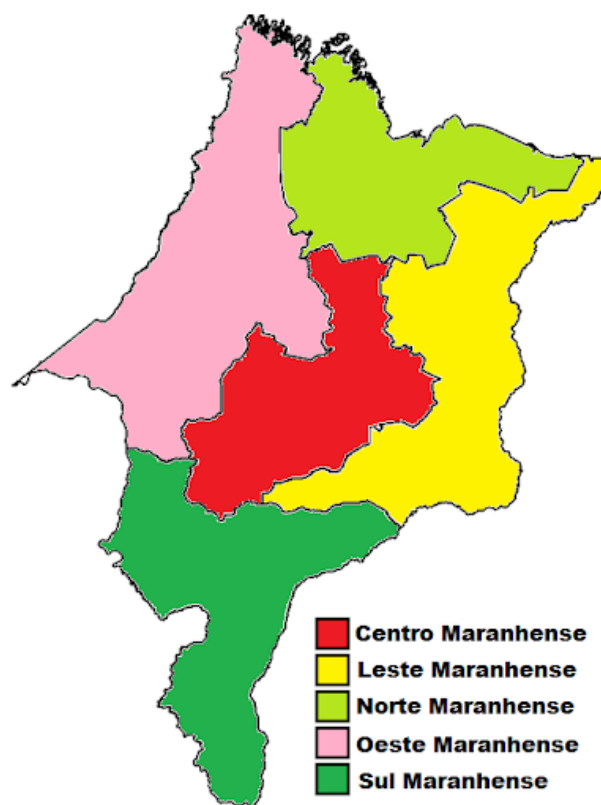
A localidade de Balsas situa-se na mesorregião sul-maranhense, mais especificamente, na microrregião denominada de Gerais de Balsas, que compreende seis municípios, com um total de 37.436,28 km² e uma densidade demográfica de pouco mais de 7,0 habitantes por km². A localidade foi fundada em 1892 por migrantes nordestinos e emancipada em 1918 do município vizinho, Riachão (fundado em 1835). Com uma população atual de mais de 100 mil habitantes (estimativas IBGE, 2018), o município possui a maior área territorial do estado, tendo influência também sobre as microrregiões da Chapada das Mesas (parque ecológico) e do Baixo Balsas, que compreende mais 14 municípios.

¹⁷ Com base na *Dialetologia Pluridimensional e Relacional* (THUN, 1996, 1998).

¹⁸ Tais pesquisas de teses e dissertações foram desenvolvidas nos programas de pós-graduação em Letras da USP, UFRGS, UEL e UFMS.

¹⁹ Como Nascentes ([1923], 1953) chama essa região, em um período em que ainda inexistiam dados e estudos mais aprofundados.

Figura 2 – Mesorregiões do Estado do Maranhão



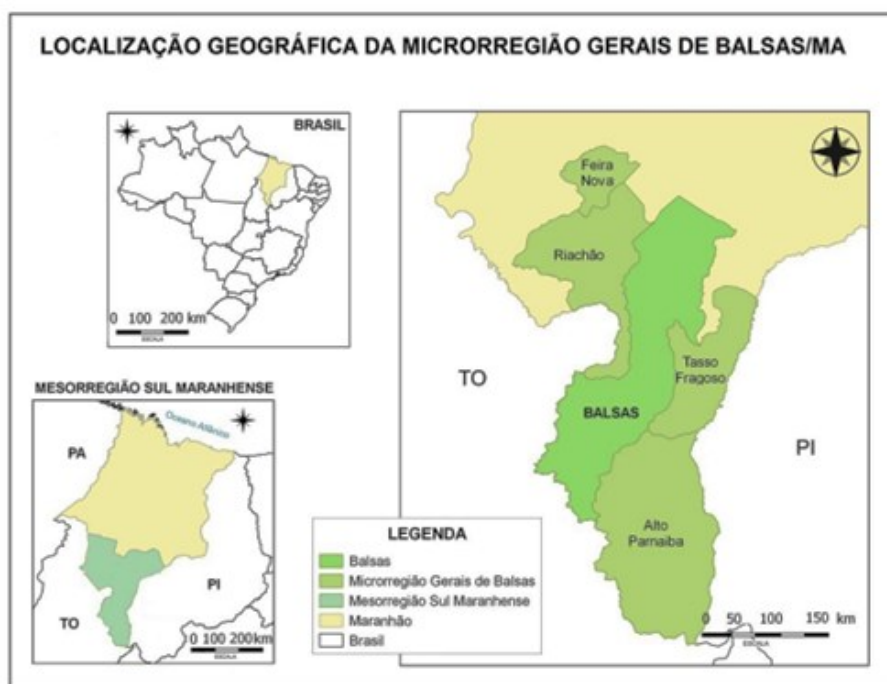
Fonte: Suporte Geográfico²⁰

Os migrantes sulistas residem predominantemente na zona urbana do município de Balsas e na zona rural da microrregião denominada Gerais de Balsas, que compreende os municípios de Balsas, Tasso Fragoso, Alto Parnaíba, Riachão, Feira Nova. Também há presença de sulistas na zona rural (fazendas) em mais municípios, ao longo de toda a mesorregião sul do estado, além de migrações mais recentes, a partir dos anos 2000, no norte da mesorregião leste do Maranhão, mais próximo à capital. Essas últimas migrações se caracterizam por serem migrações em escalas, como os pioneiros da região de Chapadinha²¹, que migraram do estado do Mato Grosso.

²⁰ Disponível em <https://suportegeografico77.blogspot.com/>.

²¹ Ver Gaspar (2010).

Figura 3 – Microrregião Gerais de Balsas e sua localização na mesorregião Sul Maranhense



Fonte: XIX Encontro Nacional de Geógrafos (2018)

Para esta tese, foram realizadas entrevistas na zona urbana da localidade de Balsas, por ser o *locus* de fixação da migração sulista no Maranhão, desde o início. Há uma concentração maior de migrantes sulistas em bairros localizados na parte alta, na *chapada* da localidade, isso porque o povoamento teve início na parte baixa, às margens do rio balsas, onde se localiza o centro urbano mais antigo com ruas estreitas, característica das localidades nordestinas. Em geral, os sulistas estão inseridos aleatoriamente no espaço urbano, por se tratar de um grupo que disputa a territorialidade tanto horizontal, quanto vertical,²² em uma cidade já centenária.²³

Na zona rural, os sulistas fundaram uma comunidade, a Comunidade Rio Coco, em que a territorialização ocorreu de forma mais definida. Os sulistas adquiriram lotes de terra

²² Altenhofen (2014) diferencia os conceitos de territorialidades horizontal (espacial) e vertical (social).

²³ Haesbaert (2006, p.121) diz que “o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados”. No caso dos migrantes sulistas em Balsas, a territorialização é fragmentada, uma vez que, diferente de municípios fundados por migrantes sulistas, como no estado do MT, essa fragmentação é permeada pela concorrência de forças, econômica *versus* política, a primeira mais concentrada no grupo migrante, a segunda exclusivamente concentrada no grupo local.

às margens da Transamazônica, construindo ali suas moradias. Como muitos migrantes migraram em grupos de famílias aparentadas e conhecidas, no intuito de se manterem próximas, alguns adquiriram apenas o espaço da moradia às margens da rodovia, indo adquirir lotes de terra mais distantes em locais de difícil acesso, porém com valores de compra muito mais acessíveis²⁴. Não muito distante dessas moradias, nos anos 1980, às margens do riacho que dá nome à comunidade, fundaram uma igreja católica, uma escola e um clube recreativo, nos moldes das comunidades rurais existentes no Rio Grande do Sul. Alguns anos depois, instalou-se um posto de combustíveis (hoje desativado) e também algumas famílias maranhenses passaram a se instalar nesse local, às margens da rodovia, com bares à beira da pista, próximos à escola e ao posto de saúde municipal.

Figuras 4 - Fotos da primeira igreja e do clube recreativo, fundados nos anos 1980, às margens da rodovia Transamazônica na localidade de Balsas, Maranhão.



Fonte: Acervo da Família Hendges (198?)²⁵

Nesse contexto sul maranhense, além da variedade majoritária do português nordestino, encontram-se também outras variedades regionais minoritárias de migrantes provenientes de outras regiões do país, e até mesmo de outras línguas. Assim, o que se rotula como “variedade gaúcha” é uma abstração linguística entre outras que compõem a variedade regional sulista, e que não exclui variações internas, como por exemplo, a variedade falada por comunidades com presença de bilinguismo português e alemão/italiano/polonês, etc. (v. ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). Essa complexidade exige uma sistematização clara que permita ordenar os aspectos linguísticos da variação

²⁴ Cunha (2002) trata dessa dinâmica de fixação do migrante na perspectiva da moradia e do trabalho não compartilharem o mesmo espaço físico, sendo comum o trabalho na zona rural e a moradia na zona urbana.

²⁵ Fotos com perfil público, retiradas da rede social.

diatópica (geográfica) e diacontatual, sobre as quais recai o foco central desta pesquisa.

Figueiredo (2014), em sua tese intitulada *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervareta no Mato Grosso*, expõe as dificuldades para delimitar a variedade regional dos migrantes, nas cidades mato-grossenses de Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso, devido à polissemia *a priori* do termo *gaúcho*, que pode englobar diferentes grupos de falantes provenientes da região Sul, entre rio-grandenses, catarinenses e paranaenses. No contexto maranhense, essa delimitação também se torna imprecisa, pois de acordo com as entrevistas realizadas, costumam-se considerar gaúchos todos aqueles migrantes oriundos ‘do Tocantins para baixo’²⁶, isto é, todo e qualquer migrante proveniente de fora do território nordestino. Essa constatação corrobora a relevância do elemento gaúcho, ou rio-grandense, na constituição da noção de “sulista”, porém não pode ser vista como exclusiva.

O estudo de Barros (2014), *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos – MT: configurações do multilinguismo em fronteira da Amazônia*, expõe essa complexidade linguística do grupo de migrantes da região Sul, com a presença de falantes bilíngues das línguas de imigração, entre elas, as variedades da língua alemã. Os sulistas que iniciaram o fluxo migratório para o sul do Maranhão apresentam igualmente um perfil bilíngue, em diferentes graus²⁷, por serem, em sua maioria, descendentes dos falantes das línguas de imigração do século XIX.

A relevância do estudo da topodinâmica das variedades linguísticas do português, através do contato de sulistas e nortistas, remete, por fim, à questão própria da formação do português brasileiro em cada espaço, “norte *versus* sul”, que tem na sua origem e evolução a história de processos (i)migratórios diversos, relacionando-se com a variável <plurilinguismo> desses participantes e o *status* de cada variedade linguística em contato.

Como se vê, a complexidade das variedades linguísticas regionais em contato tem de ser vista em termos de sua *temporalidade* (do início da migração até o momento sincrônico atual) e de sua *espacialidade* (por exemplo, de um espaço de fala regional

²⁶ Expressão empregada pelos entrevistados desta pesquisa na localidade de Balsas e também já constatada em outros estudos sobre a migração de Balsas.

²⁷ Mackey (1972; 2005) e Baker (2006).

sulista para outro, de fala nortista)²⁸. De certo modo, o português levado pelos migrantes sulistas ao nordeste do país guarda traços do português rio-grandense falado em áreas de presença de línguas de imigração. Trata-se em outras palavras, conforme já se aludiu, do que Altenhofen (2008; 2014) denomina de *português de contato* (com determinada língua X). Essa variedade derivada de um contato linguístico relaciona-se com a matriz de origem dos migrantes sulistas pioneiros das décadas de 1970 e início dos anos 80, que migraram diretamente do Rio Grande do Sul para o sul do Maranhão²⁹. O que este estudo aborda é um tipo de contato intervietal entre variedades de português brasileiro (PB) faladas originalmente pelo grupo migrante, sobretudo no noroeste do Rio Grande do Sul, e variedades faladas pela população local, estabelecida anteriormente no sul do Maranhão³⁰. Para fins de abstração e simplificação, denominamos o português do grupo migrante de *variedade sulista* e o português da população local de *variedade nortista (nordestina)*³¹.

Diante do exposto, surgem as seguintes **perguntas de pesquisa**:

- 1) Em que medida a variedade sulista mantém marcas da matriz de origem, ou as substitui por outras variantes em contato? Ou seja, pode-se constatar indícios de uma possível mudança linguística no sentido de uma substituição ou perda de marcas sulistas?
- 2) Há covariação entre marcas regionais distintas? Ou seja, há alternância de uso de variantes de ambas as variedades regionais em contato?
- 3) O que o comportamento linguístico dos falantes no contexto de contato PB nortista e PB sulista revela sobre as relações sociais dos falantes, considerando que um é o

²⁸ Altenhofen; Thun (2016).

²⁹ Em levantamento feito no ano de 2003 para a monografia da autora, sobre a procedência dos primeiros migrantes sulistas para o sul do Maranhão, constatou-se um número em torno de cem famílias nas décadas de 70 e 80, sendo majoritariamente de migrantes do estado do Rio Grande do Sul, cf. Bau e Sandri (2008).

³⁰ O sul do Maranhão iniciou a sua colonização por volta de 1764 com os migrantes da seca vindos do interior da Bahia, Pernambuco e Piauí, criadores de gado que chegaram a Pastos Bons, primeiro povoado da região sul maranhense, um antigo aldeamento indígena, da tribo Kanela (CABRAL, 1992; RIBEIRO, 2002).

³¹ Lembrando que a *variedade nortista* em questão é a nordestina do sul do Maranhão (Nordeste Setentrional), não a variedade amazônica. Ambas pertencem à variedade do Norte, conforme Nascentes (1953).

“filho da terra” e o outro, o “forasteiro”?

Para analisar a manutenção, substituição/mudança e alternância/variação de variedades regionais do português brasileiro, no contexto de migração em foco, foram selecionados critérios que permitam identificar o uso de uma variante [+sulista] ou [+nortista]. Com base nos estudos linguísticos regionais e no mapeamento de variantes levantadas pelo ALERS, foram comparados dados linguísticos de falantes topodinâmicos e topostáticos, moradores na localidade (Balsas-MA), por meio de questionário baseado no estudo de Figueiredo (2014), para o português de migrantes sulistas na região Centro-Oeste do país.

A quantidade de entrevistados prevista no projeto, bem como a elaboração de questionário próprio, teve que ser alterada, em função das dificuldades impostas pela situação de pandemia e a impossibilidade de aplicação de entrevistas presenciais. Por isso, foram aproveitadas as entrevistas exploratórias realizadas na localidade antes do surto da pandemia, seguindo os mesmos procedimentos aprovados em parecer do Comitê de Ética da Universidade (ver anexo 1) e utilizando o mesmo questionário de Figueiredo (2014, ver anexo 2). Dessa forma, como se tratava de uma amostra de sondagem, o *corpus* teve que se restringir a dez participantes distribuídos em casais, sendo dois casais sulistas, dois nordestinos e um casal misto.

Também as variáveis linguísticas selecionadas, inicialmente, no projeto de pesquisa deixaram de ser uma delimitação de análise. Assim, são analisadas as variáveis linguísticas que mais se mostram diferenciadas em ambas as variedades regionais do português em contato, ampliando-se também para uma análise da variação semântico-lexical em uso, por sulistas e nortistas. Ao utilizar um questionário já aplicado em outro estudo, no caso Figueiredo (2014), cria-se a possibilidade de realizar comparações futuras, nesse caso do português de migrantes da região Sul em diferentes regiões, por ora no norte do Mato Grosso e no sul do Maranhão.

Como hipóteses para o presente estudo, a partir de observações feitas e considerando a experiência êmica da pesquisadora, pode-se afirmar que o contexto de contato linguístico entre as variedades sulista e nortista era mais restrito há 30 anos, tendo em vista que a diversidade de migrantes sulistas no sul do Maranhão era reduzida

naquela época (anos 1976 a 1986³²), e não havia ainda migrações numericamente significativas provenientes de outras regiões. Assim, pressupõe-se que esses migrantes sulistas estivessem muito mais expostos à variedade nortista e, naturalmente, esse contato propiciaria uma acomodação maior entre as variedades do Sul e do Norte. Com isso, sugerem-se as seguintes **hipóteses**:

- 1º) O grupo pioneiro de migrantes da primeira década (1976 a 1986), atualmente com idade acima dos 60 anos, caracteriza-se pela manutenção maior de variantes consideradas [+sulistas], mesmo tendo contato com a variedade nortista, o que leva a pressupor que o fator idade de aquisição e estabilidade da(s) língua(s) materna(s) seja restritivo para a mudança linguística, incluindo-se uma possível influência do bilinguismo desses falantes.
- 2º) O contato linguístico intervareietal pode ser mais produtivo na geração dos filhos de migrantes sulistas que migraram na adolescência, uma vez que mantinham contato com a variedade da família sulista e estavam expostos diretamente ao contato com os seus pares nortistas. Isso depende, conforme Hazen (2002), tanto da estrutura familiar, quanto da idade dos filhos quando a família migrou.
- 3º) Ainda no âmbito da geração de jovens migrantes sulistas, assim como de não migrantes, ao longo das três a quatro décadas de contato intervareietal, estabeleceram-se, em situações variadas, contatos com a fala nordestina e outras variedades de português, em que ambas as comunidades de fala, sulista (migrantes pioneiros e migrantes tardios) e nordestina, ou outras, presentes na localidade, fazem uso do conjunto de variantes de que dispõem em seu repertório. Supõe-se que essa situação complexa de variedades em contato propicie diferentes combinações e tendências, ora mais inovadoras, ora mais conservadoras, quanto ao uso e escolha das respectivas variantes, como acentuam Kirkham e Moore (2013).
- 4º) Pressupõe-se, assim, que os contatos intervareietais fixam, contudo, e essencialmente, as marcas linguísticas em falantes jovens que levam para a fase adulta esses padrões de aquisição e vão acomodando novos padrões de uso, como resultado de diferentes práticas sociais, ou mesmo de contatos linguísticos mais breves ou prolongados, possibilitando a convergência ou a divergência com a

³² Esse período de referência reflete algum grau de isolamento da localidade, em que havia apenas migrantes pioneiros em contato com maranhenses. Após 1986, por causa da interligação da localidade à malha asfáltica do país, a migração se intensifica e, conseqüentemente, diversifica.

variedade da matriz de origem, bem como a formação de novas variedades da língua.

Desta forma, para se verificar a variação e mudança linguística derivada do contato intervietal, constitui o **objetivo principal**, desta tese, descrever com base nas variáveis linguísticas a variação e mudança do português sulista em contato com a variedade regional nortista na localidade de Balsas, sul do Maranhão, identificando as variáveis sociais que influenciam os processos de manutenção, alternância ou substituição das marcas regionais por falantes topodinâmicos sulistas em contato intervietal com a comunidade topostática nortista. Dessa perspectiva de estudo, decorrem os seguintes **objetivos específicos**:

- 1) Comparar as variedades linguísticas em *espaço/tempo real*³³ (variedade topostática de falantes da variedade regional da matriz de origem e/ou materna – análise sincrônica/diacrônica - à variedade topodinâmica de falantes migrantes em contato com a variedade regional no ponto de chegada), o que caracteriza a análise da dimensão diatópico-cinética, nesse estudo de variedades regionais do português brasileiro;
- 2) Verificar, na análise da dimensão diageracional, elementos de um comportamento variável que sinalizem para uma mudança em curso, em *tempo aparente*, no uso de marcas intervietais [+sulistas] ou [+nortistas];
- 3) Na dimensão dialingual, observar a direção das influências de marcas [+sulistas] ou [+nortistas] ou de variantes comuns (menos marcadas), na configuração do português de contato intervietal;
- 4) Contribuir, na análise da dimensão diastrática e diagenérica, para a interpretação do comportamento variável dos falantes, quanto ao papel da escolaridade e ocupação profissional, relacionados ao gênero;

³³ Nesse objetivo de análise, na dimensão diatópico-cinética (THUN, 1998), o intuito é observar os dados previamente coletados pelo ALERS (1990 [2002; 2011]) com falantes de variedade topostática nas microrregiões de Carazinho e Não Me Toque (noroeste do RS) e os dados atuais coletados com falantes de variedade topodinâmica, no sul do Maranhão, nesta tese (2018 - 2020). Essa análise comparativa de variedades linguísticas em topo/tempo distintos (RS e MA) refere-se ao *espaço/tempo real* (per)decorrido entre os contatos linguísticos do passado (origem) aos contatos linguísticos do presente (destino), que nesse estudo também são representados na diacronia (1990 e 2020). Fazemos analogia com análise em *tempo real* preconizado por Labov (1994) entre estudos prévios (atlas) e dados atuais.

- 5) Relacionar os contextos de migração e contatos linguísticos aos estudos da variação e mudança linguística regional do português brasileiro, no sentido de incluir uma base de pesquisa dos processos de nivelamento linguístico no contato intervareietal.

A descrição da variação ou mudança linguística em progresso em uma variedade que está fora da sua matriz de origem implica que se observe a fala do grupo topodinâmico ou migrante e se faça sua descrição, comparando marcas linguísticas de variedades regionais em contato, nos eixos do tempo e do espaço (social e geográfico). O escopo teórico-metodológico da Geolinguística Pluridimensional e Contatual, com especial enfoque na diatopia cinética, isto é, nas migrações, permite um estudo dinâmico das variedades de uma língua e de línguas diferentes. Para isso, a teoria abarca, em suas dimensões e parâmetros, a análise da *variação linguística*, da *variação social* e da *variação geográfica*, sobre as quais se irão discorrer ao longo da tese.

As etapas de desenvolvimento da pesquisa desta tese abarcaram desde os estudos teóricos nas disciplinas cursadas, a participação em cursos livres e eventos relacionados à área de pesquisa, a qualificação do projeto de pesquisa pelo PPG-Letras/UFRGS, à submissão do projeto ao CEP/UFRGS - Comitê de Ética em Pesquisa, com a aprovação sob o número CAAE 30376620.1.0000.5334, culminando com a pesquisa, análise e interpretação dos dados, até o registro escrito do corpo da tese. Em virtude da pandemia da Covid-19 e do isolamento social, foram necessárias adaptações, sobretudo em relação à pesquisa de campo, que teve de ser interrompida. Optou-se, assim, por delimitar e restringir a análise dos dados pesquisados na fase exploratória ao conjunto de entrevistas disponíveis até o início da pandemia. As decisões e os caminhos tomados serão explicitados no capítulo 3, o qual trata da metodologia.

Este estudo está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, em que se busca contextualizar a pesquisa, é feito um percurso histórico-crítico em que se debatem e problematizam as dificuldades de delimitação das variedades do português brasileiro e de seu estudo, introduzindo uma nova perspectiva de pesquisa da variação do português brasileiro sob a ótica dos contatos linguísticos. A presença de línguas distintas e variedades de línguas em contato com o português, desde o início da colonização, não pode ser ignorada, porque moldou as variedades regionais do português brasileiro atual em todos os aspectos estruturais da língua, seja nos níveis fonético-fonológico e

morfossintático, seja nos níveis semântico-lexical e pragmático-discursivo.

Nesse intuito, esta tese resgata alguns fatos históricos instigantes de conquista do espaço e da formação demográfica a que se submeteram as regiões Norte e Sul, ao longo do tempo, e realiza o cotejo com o plurilinguismo, que esteve e está presente, em uma série de contextos e situações de contato linguístico. Para o grupo regional em foco, faz-se necessária uma retomada de fatos históricos das origens étnicas dos falantes sulistas, nas imigrações europeias do século XIX para o sul do Brasil, das línguas e variedades de línguas presentes com o português em áreas bilíngues do estado do Rio Grande do Sul, matriz de origem desses migrantes pioneiros no Maranhão. Para concluir essa seção, descreve-se sucintamente a variedade do português de contato, delimitado na variedade regional do português sulista.

O capítulo 2 dedica-se à revisão teórica, para o estudo da variação regional do português brasileiro e a influência das línguas e variedades no tempo e no espaço. O capítulo apresenta reflexões sobre a concepção de espaço, a relação entre espaço e língua, mobilidade e migração, bem como os estudos teóricos do contato linguístico e seu resultado expresso pelo plurilinguismo. Nos contatos linguísticos, os processos de manutenção, de alternância e de substituição são relacionados tanto ao contato entre línguas (*dialingual*) como entre variedades de línguas (*intervarietal*). Um dos fatores que mais contribui para o contato linguístico e que produz variação e mudança são justamente as migrações de grupos de falantes, de um espaço geográfico para outro. Na sequência, será apresentado o aporte teórico-metodológico que une esses conceitos com base no princípio da pluridimensionalidade de análise da variação e mudança linguística (ALTENHOFEN, 2013) e, mais especificamente, no estudo de migrações linguísticas (ALTENHOFEN; THUN, 2016).

No capítulo 3, é apresentada a metodologia da pesquisa e os desdobramentos de escolhas e justificativas para a aplicação do método. Também se faz uma descrição da localidade, na caracterização da comunidade de fala balsense em que os migrantes sulistas estão inseridos, permitindo verificar o repertório linguístico presente e o contato intervietal entre as variedades do Norte e do Sul, assim como na difusão das culturas regionais no sul do Maranhão.

Por fim, o capítulo 4 apresenta os resultados das análises de dados, levando em consideração a variedade linguística da matriz de origem, no RS, e a variedade linguística do ponto de chegada, no MA. Seguem-se as conclusões e principais

contribuições alcançadas pela pesquisa.

No próximo capítulo, portanto, iniciamos com a contextualização do estudo na perspectiva de problematizar os possíveis aspectos que envolvem o objeto linguístico investigado e que se constituem em desafios aos objetivos de pesquisa propostos.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

1.1 Variedades no contínuo de variação da língua: definições

Na diacronia, língua e dialeto³⁴ “são sistemas linguísticos historicamente transformados” e intrinsecamente constituídos; e conforme observa Coseriu (1982, p. 9-10), “un modo común y tradicional de hablar es un sistema de isoglosas ‘completo’, o sea, realizable – directa o indirectamente – como actividad lingüística, es una lengua”³⁵. O termo *tradicional* tem o sentido de falar segundo a tradição de uma comunidade.

É comum, quando se está em um lugar diferente (como no norte ou no sul do país), perguntar “como se diz aqui... tal coisa?”. Compreende-se que se trata “da mesma língua”, nesse caso, o português, mas não se trata do mesmo dialeto, pois há a interferência da historicidade da língua naquela comunidade. Assim, há naquele espaço geográfico outro sistema de isoglossas (no sentido de um conjunto de variantes distintas usadas em áreas mutuamente delimitáveis), para certos traços linguísticos, outras formas de falar. Por isso, para Humboldt (*apud* COSERIU, 1979, p.42), a linguagem não é *αργό*, mas *ενέργεια*, ou seja, a linguagem é atividade, é potencialidade, é a língua concreta, e não produto, como algo pronto e acabado, a língua abstrata. A língua concreta, uma vez produzida pelo falar, pode ser extraída e estudada como produto.

As diferenças dialetais ou os modos de falar uma língua surgem como um *continuum* geográfico, que é o resultado do efeito cumulativo (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p. 6), onde a variação linguística e a mútua inteligibilidade (*Abstand languages*) ocorrem em graus maiores ou menores, dependendo de vários fatores, entre eles o contato linguístico e o *status* das variedades linguísticas regionais (*Ausbau*

³⁴ Na definição de Dubois *et al* (1978, p. 184), o dialeto é “uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático, e fonético e que é usada num ambiente mais restrito do que a própria língua”.

³⁵ *Tradução minha*: “Um modo comum e tradicional de falar é um sistema de isoglossas completo, ou seja, realizável - direta ou indiretamente – como atividade linguística, é uma língua”.

languages).³⁶

Dessa maneira, essa variação com menor efeito cumulativo, no contínuo linguístico, produz diferenças diatópicas (diferenças regionais), como na expressão, “tirou a gente do prego”, dita por um migrante sulista do Rio Grande do Sul, morador da região Nordeste, e que, se fosse proferida pelo mesmo falante, em uma viagem à terra natal, ao sul do país, causaria um estranhamento por parte dos parentes sulistas.

Por outro lado, também causasse surpresa/estranhamento dentro da própria comunidade nordestina, como ocorreu com a entrevistadora³⁷ desta pesquisa, caso esse sulista fizesse uso das palavras *chimia*, para significar ‘geleia’ ou ‘doce’, e *guri* ou *piá*, para designar um ‘menino, garoto’. Mesmo as palavras como *procissão* [prosi’sã^w], na pronúncia de um sulista, e [prɔsi’sã^w], dito por um nordestino, ou *sorriso* [so’ri:zɔ] e [sɔ’xi:zɔ], ou ainda *ferida* [fe’ri:ðɐ] e [fe’ri:ðɐ] respectivamente, com o abaixamento da vogal pretônica, da fricativação da vibrante, do alçamento da vogal pós-tônica final e do ensurdecimento da consoante dental, exemplificam variações regionais bastante salientes.

Ao lado da variação diatópica, exemplos como esses também podem marcar OU não uma variação diastrática, associada às diferenças socioculturais e à influência da escolaridade. Observemos os excertos de fala a seguir:

“...e a gente tá trabaiando na nossa empresa mesmo, na microempresa” (Participante CbGI_Sm);

“eu não, minha fia, eu comecei a estudá inglês quando eu estudava no marista...” (Participante CaGI_Nf);

“nóis viem direto, aí fomo morá...” (Participante CaGII_Sm);

“nói sempre morava no memu local” (Participante CbGI_Sm).

Na variação fonética e morfossintática que caracteriza as produções linguísticas dos falantes sulistas e nortistas, indistintamente, como citado acima, pode-se perceber um marcador sociocultural em relação ao grau de escolaridade (*variedade standard*). No entanto, como explicar que os falantes acima, mesmo os de classe alta (Ca – ensino

³⁶ Kloss (1967) divide as variedades linguísticas em *Abstand languages* ou línguas de distância (distanciamento entre línguas - faladas) e *Ausbau languages* ou línguas de extensão (expansão de línguas – escritas).

³⁷ Pesquisadora auxiliar.

superior) produzam as mesmas variantes dos falantes de classe baixa (Cb – ensino médio)? Como explicar essa variação diastrática no português brasileiro com falantes que tenham onze anos ou mais de escolarização? Uma variação de estilo (diafásica), como um complicador, não se aplica, contudo, a essas produções, porque foram produzidas nas mesmas condições de situação comunicativa, como resposta ao questionário dialetológico.

Um exemplo de variação estilística é possível perceber, mesmo que de forma atenuada, no seguinte excerto, em que o falante explica como se faz um churrasco:

“*é nós, a gente trouxe isso, isso já veio no sangue né, então primeiro tem que ter uma carne boa né, e aí vêm os complementos, sal, o alho, um orégano, e, um carvão de boa qualidade né*”³⁸ (Participante CbGI_Sm).

Conforme visto, o falante faz uma reformulação estilística inicial, alternando de uma variante mais formal para outra de uso mais informal, ou seja, mudando de *nós* para *a gente*, e continuando, por meio da reiteração da partícula fática *né*, a progressão com o uso da expressão coloquial... *e aí*.... Esse tipo de uso linguístico sinaliza, no *continuum variacional*, para nuances observáveis na relação entre *dialeto – registro – estilo*. Com isso, abarca-se tanto o eixo horizontal (espacial), como o eixo vertical (social), interindividual e intraindividual.

Dialetos, entendidos aqui, como variedades regionais (no eixo da diatopia) realizam-se como um contínuo dialetal no espaço geográfico, a exemplo do que se poderia visualizar nos *European dialect continua*. Cada contínuo, como se verifica no mapa abaixo, de Chambers; Trudgill (2004, p. 6), representa um *cluster* de variedades faladas no espaço geográfico europeu. É possível abstrair o *West Romance dialect continuum* e relacionar os vários *dialetos românicos* falados abaixo da linha divisória, todas *as línguas românicas* provenientes desse contínuo linguístico. O mesmo se aplicaria ao *West Germanic dialect continuum* e ao *South Slavic dialect continuum*, para distinguir as *línguas germânicas, eslavas e escandinavas*. Inúmeras variedades faladas nesse contexto, ao longo desses contínuos, mantêm o *status* de variedade ou dialeto, cada qual

³⁸ Os excertos de entrevistas mencionados aqui fazem parte do *corpus* desta tese e provêm das entrevistas com falantes nordestinos e sulistas. Sua transcrição e seleção seguiram os mesmos critérios utilizados por Ilari e Basso (2011), *O português da gente*.

com marcas mais próximas ([+standard]) ou mais distantes ([+dialetais]) da(s) língua(s) escritas dos respectivos contínuos.

Figura 5 – Contínuos linguísticos no espaço europeu



Fonte: Chambers; Trudgill (2004, p. 6)

A Europa, assim como a África e a Ásia, constitui um mosaico de dialetos e línguas. No continente sul-americano, ocupado em grande extensão territorial pelo Brasil, isso não é diferente, não obstante a resistência muitas vezes em admitir a heterogeneidade e variação das línguas hegemônicas.³⁹ O imaginário coletivo costuma apegar-se à ideia de um país de

³⁹ Tomando por base a visão comumente difundida da existência de uma “notável unidade” (SILVA NETO, 1963; ELIA, 1979; MELO, 1971; CUNHA, 1975; 1985), na enorme extensão do território brasileiro, é possível situar a origem dessa corrente de pensamento no período da campanha de nacionalização da ditadura do Estado Novo. Como uma estratégia político-linguística substituta das medidas de repressão à diversidade étnica, cultural e linguística, isto é, “a velha tese da uniformidade do português brasileiro” foi, na realidade, construída na década de 1950 por estudiosos que compararam a variabilidade do português do Brasil, na dimensão diatópica, aos dialetos europeus, justamente pelo critério da intercompreensão, que serviu de base para o argumento de que “o Brasil não conhece dialetos no sentido europeu do termo” (ILARI; BASSO, 2011, p. 194-195). Recuperamos nesta tese essa comparação, com base no conceito de “dialetos” postulado por Coseriu, para levantar os seguintes questionamentos: será que os europeus consideram como dialeto apenas um falar não intercompreensível? Se assim fosse, então no contexto sul americano, dialetos “no sentido europeu do termo” são línguas e não dialetos, como espanhol e português, e ainda assim são intercompreensíveis. Entretanto, o critério da intercompreensão, como argumenta Coseriu (1982, p. 14), “queda inoperante” e não sustenta a caracterização de um dialeto ou mesmo de uma língua.

uma única língua ou monolíngua, não propriamente de um país marcado pela heterogeneidade linguística.

Quando pensamos nas variedades linguísticas faladas no Brasil e na questão terminológica sobre a definição de *língua*, *dialeto* ou mesmo *falares*, costuma-se retomar a proposta da intercompreensão, de Georg von der Gabelentz (*apud* COSERIU, 2017 [1980]). Segundo Gabelentz, se não se entende o que o outro fala, então ele fala outra *língua*; se é possível entendê-lo com algum grau de dificuldade, então ele fala um *dialeto*; se o entendimento é pleno ou quase pleno, mas há uma “fala de outro lugar”, então seria um patoá, que por aqui costuma se designar como *falar*, *falares*. No entanto, como afirma Coseriu⁴⁰, isso não é capaz de distinguir as terminologias linguísticas, porque há dialetos da mesma língua em que não há intercompreensão (exemplo, variedades do italiano), assim como há línguas de mútua compreensão, como português-espanhol ou dinamarquês-norueguês-sueco. Por isso, o teórico argumenta que *dialeto* e *língua* são sinônimos⁴¹ e é possível chamar todos os dialetos de *línguas* e todas as línguas de *dialetos*, como faziam os gregos.

Assim, a terminologia *falares*, usada por alguns linguistas para designar as variedades linguísticas regionais, tenta evitar a tensão relacional entre língua e dialeto, especialmente entre o dialeto primário e a língua comum⁴², no critério *status sócio-histórico*. Ambos conferem e determinam a formação de uma língua histórica própria de um povo, uma “nação”. Mas, nem sempre é assim; basta realizar uma reflexão sobre a formação dos dialetos

⁴⁰ Para Coseriu (1982) língua e dialeto são sistemas linguísticos autônomos com uma relação de interdependência apenas quanto ao *status* sócio-histórico. Por isso a língua pode abarcar um conjunto de sistemas dialetais diferenciados e independentes com suas variedades próprias, convergentes ou divergentes entre si, dando origem e manutenção a uma língua comum.

⁴¹ “(...) all speakers are speakers of at least one dialect – that standard English, for example, is just as much a dialect as any other form of English – and that it does not make any kind of sense to suppose that any one dialect is in any way linguistically superior to any other” (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p. 3).

⁴² Segundo Coseriu (1982), há dialetos primários, secundários e terciários, em que os primários surgem antes da língua comum e da língua histórica. Refletindo-se sobre a formação do português brasileiro, desde os primeiros contatos no século XVI, a língua escrita original da carta de Pero Vaz de Caminha, e a periodização do português europeu, assim como o *status* dessas variedades naquele período, leva a um impasse no que poderia configurar duas línguas históricas próximas de mesma matriz galega, como se deu a formação de outras línguas no norte da Península Ibérica. Isso se ignora a possibilidade de o português brasileiro ter se originado dos crioulos da costa da África com adstratos das ilhas de Madeira e Açores (ILARI; BASSO, 2011).

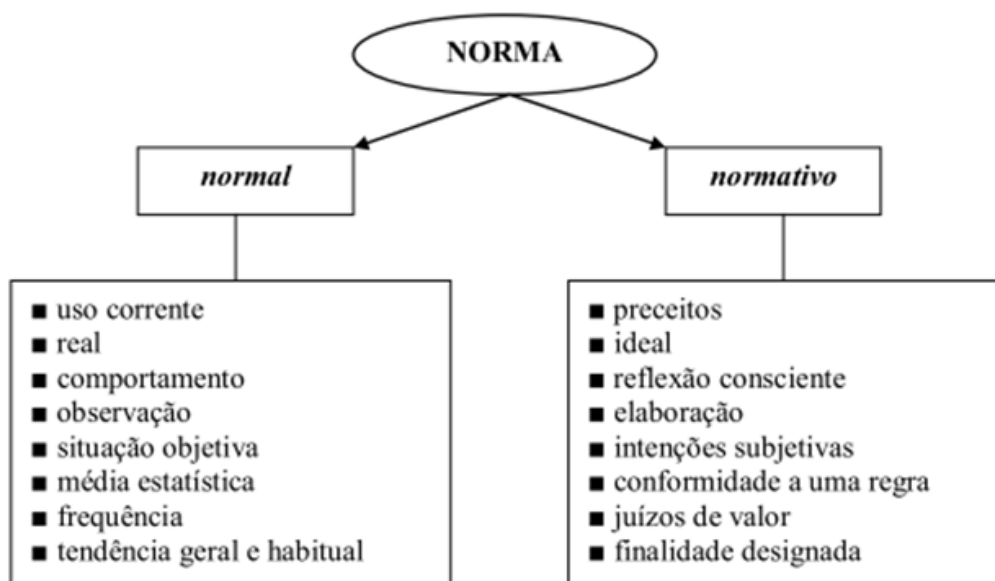
ibéricos e a configuração das línguas comuns e das línguas históricas, incluindo-se nessa análise o *status histórico* das línguas de suas antigas e respectivas colônias americanas. O que define a historicidade de uma língua ou dialeto é a vitalidade, a prática linguística por seus próprios falantes. No entanto, o que define dialeto ou língua como histórica é o *status social*, o poder imposto ou atribuído a esses falantes em relação aos demais (GNERRE, 1991).

Dessa forma, entende-se que a vitalidade das tradições culturais, incluindo a língua, é mantida pela transmissão *da e na* própria língua ou dialeto. Cabe verdadeiramente à índole de um povo valorizar mais *o como se diz e já se disse*, isto é, a sua língua/variedade materna, a língua de dentro, ou *o como se deve dizer*, ou seja, a língua/variedade segunda, a língua de fora? O jargão “a minha pátria é a minha língua”⁴³ traduz exatamente esse comportamento linguístico, e que norteia a seguinte reflexão: qual variedade ou norma de língua é a “padrão”, qual língua é eleita como exemplar e “deve” ser a referência? Se língua ou dialeto é um sistema de isoglossas, é um conjunto de variedades, então, uma língua possui várias normas, como *usos normais ou padronizados* em diferentes comunidades de fala⁴⁴, como mostra o esquema da figura 6, abaixo. No entanto, as expressões polarizadas *norma popular e norma culta*, oriundas da oposição entre *norma objetiva e norma subjetiva*, continuam sendo usadas para abarcar todo o contínuo linguístico, sem distinção geográfica, focando as normas locais apenas como *regionalismos*.

⁴³ Expressão que representa genuinamente a política dos Estados-nação, constituídos ao longo do século XVIII e XIX, em que a língua servia de instrumento para a dominação de povos. Ideologia superada no fim do século passado com as pesquisas linguísticas contemporâneas (MARTIN-JONES; BLACKLEDGE; CREESE, 2012) em que se comprova um grande número de nações multilíngues, como também o contrário, diferentes nações com a mesma língua colonial, como os vizinhos hispânicos, portanto, isso desfaz esse mito de resquício colonizador ainda difundido no país, como “o ideal humano seria que todos falassem uma só língua” (CUNHA, 1975, p. 42). Particularmente, defendo a ideia de “falar não UMA SÓ língua, mas falar a ‘mesma língua’ valorizando suas variações regionais, sem calar as demais e suas respectivas culturas”. É preciso, verdadeiramente, democratizar o país e superar o preconceito linguístico como consequência do racismo étnico-cultural, herança das teorias eugenistas do início do século passado.

⁴⁴ *Norma* pode ser tecnicamente conceituada, de acordo com Faraco (2008, p. 35), como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. *Norma* nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. Faraco e Zilles (2017) atualizam esse conceito de norma com base em Coseriu.

Figura 6 – Nuances do conceito de “norma”



Fonte: Bagno (2012, p. 21)

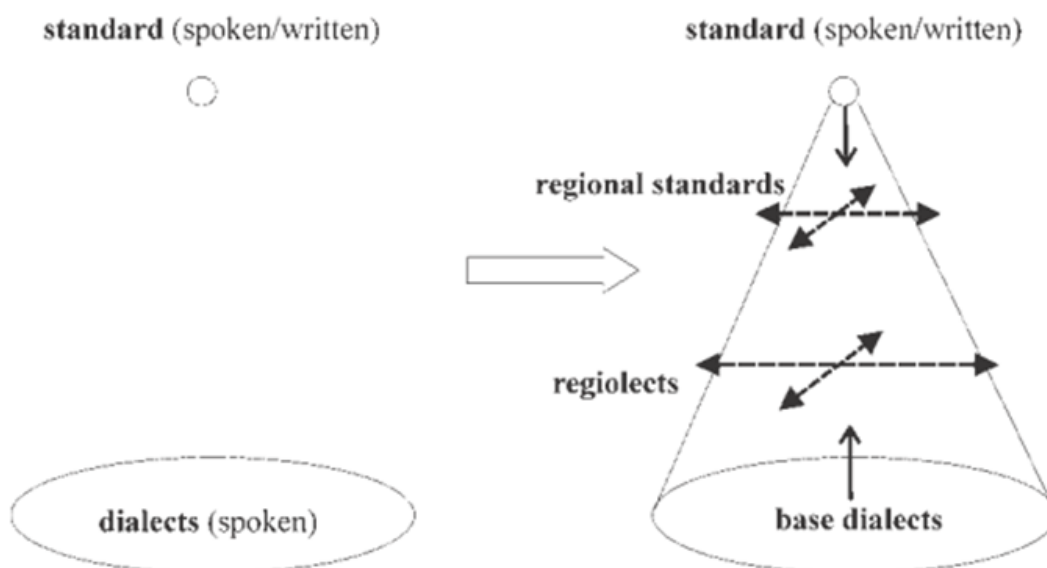
Segundo Castilho⁴⁵ (2004, p. 31), “parece justo supor também aqui [espaço geográfico] a ocorrência de uma pluralidade de normas, decorrentes do policentrismo cultural brasileiro. É provável que as diferenças regionais afetem mais de perto a norma oral, e nesta, os níveis fonológico e lexical”. Parece bastante evidente que as diferenças regionais “afetem mais” a ‘norma oral’, havendo aí um *português brasileiro policêntrico*. Por mais que se afirme que a *norma culta*, frequentemente confundida com norma padrão, não se refere à produção linguística de falantes cultos e a *norma popular* a falantes não cultos, continua-se a difundir que a primeira é produzida por

⁴⁵ Castilho (2004, p. 31) argumenta que “a relação entre norma e espaço geográfico tem sido tratada inadequadamente, bastando lembrar as conclusões do Primeiro Congresso Nacional da Língua Nacional Cantada (São Paulo, 1937) e as do Primeiro Congresso Brasileiro da Língua Falada no Teatro (Salvador, 1957). O pressuposto aí assumido decorre de uma visão europeia da norma culta, assimilada à manifestação linguística de determinada classe social, localizada em determinada região. Tal assimilação justifica-se por fatores históricos próprios daquele continente e estranhos a um país como o nosso: é que a implantação dos Estados nacionais na Europa se fez acompanhar de severas medidas de controle linguístico, dada a diversidade dialetal existente”. O argumento de Castilho parece pertinente no tocante às variedades regionais do português brasileiro, pois, se há uma visão comparativa de critérios diferentes em relação aos dialetos europeus, por que se deveria adotar os mesmos critérios de norma? Ou será que por aqui também há uma diversidade dialetal que demandou medidas de controle linguístico? Payer (2001) e Faraco (2008, 2016) citam a política do Estado Novo getulista com o silenciamento do uso público das línguas de imigração e a ideia de padronizar a pronúncia do português no Brasil.

falantes escolarizados e a segunda, a popular, por falantes não escolarizados⁴⁶. Muda alguma coisa? Daí a grande confusão terminológica em torno dessa questão polêmica entre *norma culta* e *norma padrão* e que termina alimentando a alienação e o preconceito.

O português brasileiro, descrito em diversas pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas, se apresenta em um *contínuo linguístico* de suas comunidades de fala, dos dialetos-base, passando pelos *socioletos e regioletos* até o *standard regional*, de acordo com o seu repertório, com a situação e com a intencionalidade, seja ele plenamente escolarizado ou não⁴⁷.

Figura 7 – Relações entre fala e escrita no contínuo standard-standard regional-regioleto-dialeto



Fonte: Auer (2005, p. 23)

⁴⁶ Bagno (2004) propõe as terminologias *norma padrão*, *variedades prestigiadas* e *variedades estigmatizadas*, o que demonstraria mais claramente que existem normas locais, regionais.

⁴⁷ Faraco (2008, p. 43-49) cita dados do NURC, com base em Pretti (1997), sobre a constatação de a norma culta admitir a variação e se identificar com a *linguagem urbana comum* (aquela falada também por não escolarizados com ensino superior). Por isso, o autor diferencia *norma-padrão* (ideal) de *norma culta* (real). Segundo Faraco (p.172), a *norma-padrão* [...] é um construto idealizado (não é um 'dialeto', ou um conjunto de 'dialetos', como é a norma culta, mas uma codificação taxonômica de formas tomadas como um modelo linguístico ideal).

Nem mesmo a explicação do *três continua* ou *contínuo urbano-letramento-estilo* dá conta dessa complexidade linguística.⁴⁸ Isso porque os contínuos, *rural-urbano* remetem à escolarização (acesso ou não à escola/isolamento), *letramento* remete ao contato com a cultura letrada ou a cultura escrita, ou mesmo só falada, mas com base na escrita (acesso via escolarização ou não), e *estilo mais ou menos monitorado* (acesso a uma norma/da escola ou outra). No fim, acaba-se caindo em uma terminologia redundante para ocultar o real processo em curso que é a relação existente em adquirir ou não (aquisição da linguagem) uma variedade em sua modalidade escrita em contraposição a normas regionais e locais (nivelamento).

1.2 Migrações e contatos linguísticos na origem do português brasileiro

A língua portuguesa do Brasil, ou *português brasileiro* (PB), dispensando-se as discussões relacionadas à terminologia e seguindo-se uma perspectiva pós-moderna⁴⁹ e sociolinguística, como uma das línguas oficiais dos nove países da CPLP, apresenta-se como a variedade de português mais falada no mundo. “Enquanto os falantes do português em África empregam uma variedade fortemente decalcada do padrão europeu, [...] o português brasileiro distingue-se notavelmente da matriz europeia, tanto no nível da fonética e da prosódia, quanto no nível gramatical” (LUCCHESI, 2012, p. 46). Ou seja, as variedades do português brasileiro têm o maior número de falantes no mundo e inúmeros linguistas já constataram tratar-se de uma língua própria, diferenciada das variedades faladas nas demais comunidades de fala⁵⁰, incluindo-se a língua da matriz de origem. Muitos se perguntam, por isso, como se formou esse português brasileiro.

⁴⁸ Como veremos mais adiante, nas próximas seções, cerca de 80% da população brasileira tem origem rural e migrou para os centros urbanos nos últimos 60 anos. No entanto, os critérios do NURC para *norma culta* seria a variedade que está na intersecção dos três continua em seus pontos mais próximos do urbano, do letramento e dos estilos mais monitorados [leia-se letramento o falante com ensino superior] (FARACO, 2008, p. 47-49).

⁴⁹ Pós-moderno no sentido da superação de uma identidade única “nacional-colonial”.

⁵⁰ O documentário “Vidas em português”, de Victor Lopes, produzido em 2002, mostra que há 200 milhões de falantes da língua portuguesa pelo mundo em suas diferentes variedades, sendo 170 milhões de falantes da variedade do português brasileiro, na virada do milênio.

Trata-se, vale ressaltar, de uma língua formada pelos diferentes *contatos linguísticos* (MELLO, 2011, p. 173-185), em curso ao longo da história. Esses contatos estão diretamente relacionados à conquista de territórios e processos de territorialização dessas línguas, tanto aquém como além-mar, assim como também na consolidação de normas prestigiadas eleitas como idiomas dos Estados nacionais europeus. Desta forma, os contatos entre variedades e línguas ocorrem tanto na base de origem quanto nos pontos de chegada, nas diferentes colônias.

Para o continente americano migraram variedades de línguas europeias de diferentes procedências e períodos históricos, antes e depois da consolidação de uma norma linguística de prestígio, entre elas *o português europeu moderno*⁵¹. Os primeiros contatos ocorreram, segundo Ilari (1999) e Ilari e Basso (2011), com variedades faladas oriundas do norte da Península Ibérica, da região do Douro e do Minho (MAIA, 2017 [1986]), expandindo-se para variedades do sul até o início do século XVIII (GALVES, 2012), e incluindo-se também variedades açorianas e cabo-verdianas. A partir da segunda metade desse século (Reforma Pombalina, cfe. SOUZA, 2019), e, principalmente, de forma mais intensa no século XIX, observa-se o afluxo de variedades do português moderno falado nas regiões do centro sul, Lisboa e Coimbra, como no trecho de Vianna (1892, p. 43),

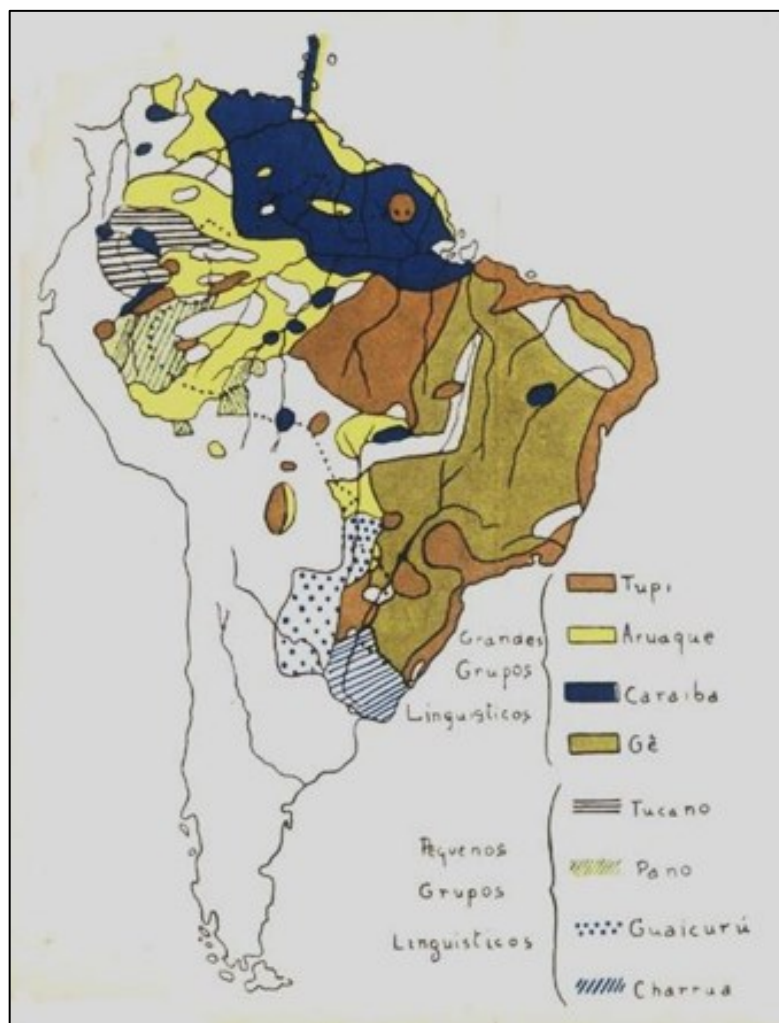
A pronúncia da língua portuguesa não é uniforme, nem mesmo no continente; há todavia no centro do reino, entre Coimbra e Lisboa, um padrão médio, do qual procuram aproximar-se os que sabem ler e escrever, e que tende a absorver as particularidades dialectaes, não só nesse centro, mas ainda nas cidades das demais províncias.

Essa separação em dois momentos históricos coincide com as variedades geográficas de prestígio em Portugal, e não necessariamente com a procedência dos

⁵¹ A formação do *português moderno* sofreu mudanças em Portugal, a partir do final do século XVII, e se diferenciou ainda mais das variedades faladas nas colônias (FROTA; GALVES; VIGÁRIO, 2008). Não por acaso, há falta de unanimidade quanto à periodização do português e as várias tentativas de classificação, tanto por linguistas portugueses como brasileiros (GALVES, 2012). A autora menciona que o português moderno é uma consequência da reação ao contexto de bilinguismo em Portugal até o início do século XIX, como uma atitude de marcar identidade frente ao uso do castelhano por portugueses, com a diferenciação de traços, entre eles, o ritmo acentual do mais silábico para o mais tonal (GALVES, 2012, p. 73).

falantes dessas variedades,⁵² assim como com o período pós-implantação obrigatória da língua portuguesa no Brasil, a partir de sua oficialização.

Figura 8 – Mapeamento das línguas indígenas brasileiras



Fonte: Línguas Indígenas (MENDONÇA, 1935, p. 147)

⁵² “Com o correr do tempo é natural que ele [*o português brasileiro*] apresentasse traços que o estremariam do português lusitano. [...] vale dizer que, resultante do convívio de gente oriunda de todos os pontos de Portugal, ele apresentava aspecto de *notável unidade*, já que postos em contato vários falares, aqui se fundiam e mesclavam. Assim as peculiaridades regionais europeias ficaram anuladas pela *interação*, e chegou-se a um termo médio” (SILVA NETO, 1963, p. 51, *inserção minha*). Nessa citação, Silva Neto reconhece que não havia unidade na base de origem do português europeu, mas faz um jogo de palavras inferindo o próprio julgamento do que imagina ser o PB como resultado dos vários contatos linguísticos no Brasil. Foram ignorados também, nesse argumento, os contatos com dialetos crioulo-portugueses, variedades de língua geral faladas nas possessões lusitanas das costas da África até o século XVIII (PETTER, 2009; AVELAR, 2019). Portanto, vieram variedades de língua portuguesa diferenciadas já de suas bases de origem, o que invalida o discurso de “fundir e mesclar por interação”, logo em um território tão vasto e conquistado aos poucos, como o Brasil, ao longo de mais de três séculos.

São essas variedades linguísticas europeias que vão entrando em contato com inúmeras línguas e variedades originárias ou autóctones, conforme aparecem distribuídas (cf. figura 8) em uma aproximação feita por Mendonça (1935). Predominavam as línguas do grupo tupi, que eram faladas em toda a costa brasileira e na região amazônica, e as línguas do grupo Gê no interior do continente. Estimativas dão conta de que mais de mil línguas originárias americanas do início dos contatos desapareceram, ou 85% delas (SEKI, 1999), ao longo do processo colonizador.

As variedades de português de base oral (lembrando que a escrita era restrita a jesuítas, governadores das províncias e viajantes) na boca de um número incipiente de colonos até o Ciclo do Ouro, no século XVIII, impossibilitava sua difusão imediata. Daí “a afirmação de que entre paulistas do [final do] século XVII fosse corrente o uso da língua-geral, mais corrente, em verdade, do que o do próprio português” (HOLANDA, 1995, p. 125), e que

Hércules Florence, escrevendo em 1828, disse no diário Langsdorff, que as senhoras paulistas, 60 anos antes – isto é, pelo ano de 1780 -, conversavam naturalmente na língua-geral brasílica, que era a da amizade e da intimidade doméstica. “No Paraguai,” acrescentava, “é comum a todas as classes, mas (como outrora em São Paulo) só empregada em família, pois com estranhos se fala espanhol (FLORENCE, 1878, p. 284). Na província de São Paulo, onde chegou no ano de 1825, o próprio Florence pudera ouvir ainda a língua-geral da boca de alguns velhos (HOLANDA, 1995, p. 130).

O que teria silenciado a língua geral em São Paulo, presente até o início do século XIX, assim como ainda se fala o guarani no Paraguai, na província de Corrientes e em partes do Mato Grosso do Sul, indaga Holanda (1995). Tal questão suscita várias hipóteses e, pesquisando em mapas antigos, a distribuição de populações indígenas, e fazendo alusão aos fatos narrados em textos de alguns historiadores como Capistrano de Abreu e Varnhagen, o que se pode cogitar, com base nesses dados, é que grupos de populações originárias do sudeste (em grande parte tupi) foram deslocados (em direção noroeste) de seus territórios, por perseguições e lutas.

Com isso, irá decorrer um “repopoamento” de falantes de guarani, principalmente em São Paulo, por bandeirantes que buscavam contingentes indígenas, primeiro na redução jesuítica da província de Guairá⁵³ (atual estado do Paraná e fronteira com Paraguai e

⁵³ Há duas grafias para o topônimo, *Guairá*, encontrado em mapas antigos, e *Guaira*, mais recente.

Argentina), mais tarde também nas missões do Tape, na província de São Pedro do Rio Grande (atual Rio Grande do Sul). Registrando-se, assim, uma “limpeza étnica” nessas províncias ao sul (*fim dos povos missioneiros*), e o repovoamento por um novo tipo étnico originário das margens do rio da Prata, por volta de 1640 – os *mozos perdidos* – antecedentes do gaúcho (mestiço de índio da região do Paraguai e Argentina com espanhóis e outros europeus).

Nessa ótica, grosso modo, a língua geral paulista seria o resultado do contato de línguas não nativas, tanto indígenas como europeias, uma coiné (FIGUEIRA, 1795), que de variedade majoritária passa a ser minoritária, falada apenas nos ambientes familiares com a oficialização do português⁵⁴, e por isso não se impõe, iniciando um processo de silenciamento até o século XIX, período massivo da imigração europeia (SOUZA, 2011, p. 242-243), para o Brasil. Seguindo a perspectiva sócio-histórica dos contatos linguísticos, poder-se-ia, em certo sentido, delinear a origem das variedades do português brasileiro a partir de indícios de substratos, em especial do guarani na *variedade sulista* e do tupi, na *variedade nortista*.⁵⁵

De outro lado, quanto às diferentes variedades de português que chegam em levas ao longo do tempo, é possível também fazer relações de políticas de povoamento e consequente difusão da língua no espaço geográfico, como fator favorável ou desfavorável para os contatos linguísticos (rotas, caminhos, formação de povoados, vilarejos e cidades, perfil dos habitantes). Cabe perguntar, desse modo, se, no processo de difusão do português, houve alguma barreira natural, geográfica, que tenha produzido algum limite variacional? Por exemplo, para a divisão das variedades do norte e do sul, já que a colonização se deu no litoral inicialmente, e depois foi se interiorizando, as altas serras existentes no Espírito Santo, Minas Gerais e sul da Bahia exerceram algum papel⁵⁶? Há relação do espaço geográfico com a formação da principal

⁵⁴ Faraco (2008, p. 180) afirma que, (sobre a institucionalização da língua portuguesa no Brasil no século XVIII), houve o impedimento do uso público das línguas indígenas e da língua geral, e ainda hoje é como se elas não existissem.

⁵⁵ Segundo Aryon Rodrigues (1945, p. 336), “quando os europeus desembarcaram na costa brasileira, as tribos tupis-guaranis, que eles encontraram, comportavam dois conjuntos de dialetos: um, ao norte da linha tropical, proveniente do proto-tupi, outro, ao sul, descendente do proto-guarani. A esses dois conjuntos dialetais chama-se aqui *ramo tupi* e *ramo guarani*, ou, simplesmente, *tupi* e *guarani*, respectivamente. O autor afirma ainda que ambas as variedades se originaram de uma mesma matriz genética linguística, daí as semelhanças.

⁵⁶ Capistrano de Abreu (1975, p. 54-56) afirma que a colonização portuguesa foi tardia, porque levou quase três séculos para sair do litoral, em uma faixa de mais ou menos 70 léguas da costa.

isoglossa entre a variedade do norte e do sul do português brasileiro, de acordo com a divisão de Nascentes (1953)? Ou essa divisão de variedades, em norte e sul, tem relação, prioritariamente, com o espaço social⁵⁷?

Essas questões geo-históricas suscitam várias reflexões sobre a formação do português brasileiro, desde antes das fronteiras da *Ilha Brasil* até a atual fronteira, com a incorporação do Acre. Fica a pergunta, assim, até que ponto também o espaço geográfico contribuiu para confinar elementos de superstrato português em duas grandes ilhas linguísticas, na escala do tempo, pois, de um lado, se tem o *português antigo ou arcaico* (com marcas do galego-português e do castelhano) em contato com substratos e adstratos indígenas, africanos, e de outras línguas europeias além do português, em um processo colonizador lento (*conquista*); e, de outro, um *português moderno consolidado* que surge no final do século XVIII e durante o XIX, com a massiva colonização ao sul do país (*disputa*). Pode-se assim cogitar relações de um português antigo como antecedente do *português setentrional ou nortista* atual, e de um português moderno como antecedente do *português meridional ou sulista* atual? Além disso, a questão do *status* de cada língua e variedade nos contatos linguísticos, tanto na matriz de origem quanto na matriz de chegada, pode ter exercido influência sobre a formação das variedades do português brasileiro.

Embora bastante instigante, buscar respostas a essas questões não é o foco principal desta pesquisa de tese. São, entretanto, conjeturas importantes, para contextualizar indícios a respeito dos processos que originam as variedades regionais do PB. Migrações e contatos linguísticos estão, sem dúvida, no cerne dessa formação. A exclusiva adesão à perspectiva de que o português brasileiro é fruto de *contatos linguísticos* ou da *deriva histórica* não parece ser suficiente para uma investigação imparcial e abrangente na busca dos fatos sócio-históricos e linguísticos. A explicação na perspectiva da *transmissão linguística irregular ou imperfeita* (LUCCHESI; BAXTER, 2009) não parece contemplar a diversidade geo-histórica das variedades imigradas de português em contato com um mosaico de línguas vindas para a América,

⁵⁷ O espaço social é sócio-político, e o Brasil só se unifica com a independência. Antes, havia duas colônias: o Estado do Maranhão e o Estado do Brasil, ambas separadamente subordinadas a Portugal (SILVA, 2002; CARDOSO, 2011; 2013; 2017).

além de se restringir o peso de tal “irregularidade” ou “imperfeição” sobre os grupos dos dominados. Isso reforça a ideia de que “os portugueses da Europa e seus filhos falariam um português de *notável unidade*, enquanto os aborígenes, os negros e os mestiços se entendiam num crioulo ou semi-crioulo” (SILVA NETO, 1963, p. 15).

Esses discursos naturalizados, durante mais de dois séculos e meio de obrigatoriedade do português, mantêm o mito da *notável unidade* entranhado no imaginário sociolinguístico, permeando grande parte dos estudos de variação e mudança linguística do português brasileiro. Paralelamente, não sem relação, continua atuando até nossos dias o tão condenado *preconceito linguístico* em relação aos diferentes modos de falar o português no Brasil, isto é, ao que contraria a suposta “unidade da língua nacional”.

Os contatos linguísticos, que se iniciaram há mais de cinco séculos, entre as línguas autóctones e as demais línguas existentes no mundo em território brasileiro, deram início a um lento processo de aquisição do *português como segunda língua* (MELLO; RASO, 2011), tanto por parte de populações originárias como de populações cativas e imigrantes de todos os continentes. A promoção da “ocupação dos espaços vazios”, em pleno século XIX, mudou esse quadro, havendo uma *massificação do português moderno*, tomado como referência de língua de prestígio⁵⁸, a princípio na região sudeste, com a vinda do segundo maior grupo de imigrantes europeus, os portugueses⁵⁹. Isso fez com que milhões de imigrantes, falantes de outras línguas, com destaque para o espanhol, língua do maior número de imigrantes desse século, se submetessem a um processo de bilinguismo (contato linguístico com o português moderno). Essa configuração de contatos linguísticos dá origem à variedade sulista do português brasileiro e que não se difundiu, a princípio, sobre os traços e o ritmo do português brasileiro do norte do país.

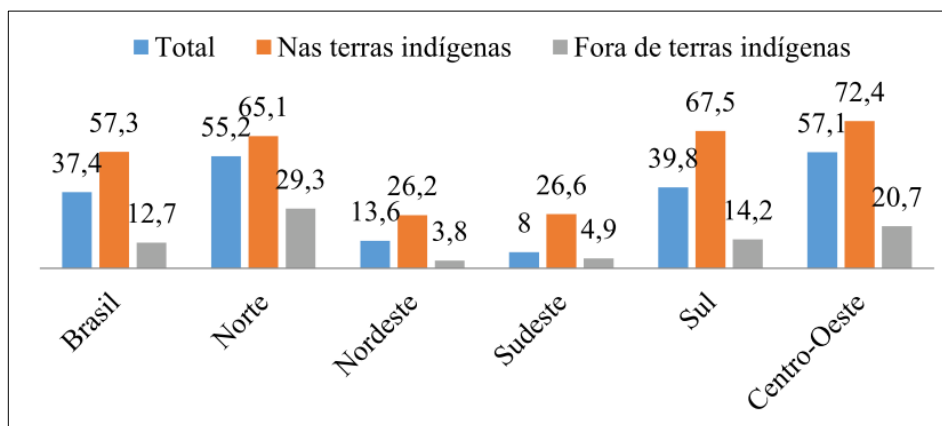
A partir dos contatos linguísticos historicamente registrados emerge a configuração atual das variedades regionais faladas de norte a sul, e que formam o

⁵⁸ É hipótese entre os linguistas brasileiros, como Leite; Callou (2002), no livro *Como falam os brasileiros*, que o português falado pela corte portuguesa, vinda ao Brasil no início do século XIX, marca uma nova fase da língua de prestígio no país.

⁵⁹ Ver Raso; Mello; Altenhofen (2011, p. 36, Tabela 4: Estimativas de Imigração Portuguesa no Brasil. Fonte IBGE, Brasil: 500 anos de povoamento).

português brasileiro. Este continua *em contato* com cerca de 270 línguas minoritárias, entre línguas indígenas e de imigração, como acentua Altenhofen (2013), em grande parte sob risco de desaparecimento, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Distribuição regional em percentuais de indivíduos de etnias originárias, com 5 anos ou mais de idade que falam língua indígena, por domicílio – Censo 2010



Fonte: SEIFFERT (2014, p. 54 *apud* IBGE, Censo Demográfico, 2010)

Vemos acima apenas a distribuição de línguas autóctones, (*o censo 2010 exclui os demais brasileiros bilíngues no país*), mas ainda corrobora a redução do multilinguismo na escala do tempo, na delimitação regional dos primeiros e dos últimos espaços geográficos colonizados. Tem-se, assim, um processo de aquisição do português, no tempo e no espaço, em que o Nordeste aparece como predominantemente monolíngue em português (raros redutos remanescentes de outras línguas), e o Sul com bilinguismo em português, línguas autóctones e alóctones, incluindo formas de *português de e em contato* (cf. ALTENHOFEN, 2008; 2011); por fim, o Norte representado por um multilinguismo acentuado, *sem e em contato com o português*. Inúmeras dessas línguas se mesclaram pelo país, tanto no contato entre línguas minoritárias, quanto no contato com o português, por isso elas não existem em outros lugares do mundo, embora, no caso das línguas de imigração, possam ser associadas geneticamente a traços de suas línguas de origem, ou seja, são *línguas eminentemente brasileiras*⁶⁰.

⁶⁰ Conforme Gewehr-Borella (2014, p. 16), o contato dessas línguas europeias com o português e outras línguas no Brasil confere características próprias e configura *status* e identidade particulares que justifica o atributo de “língua brasileira de imigração”. Compreende-se assim, na presente tese, que também a formação do português brasileiro em

Essa mescla de contatos linguísticos não deixou a língua portuguesa imune. Pelo contrário, *o português de contato e em contato* (ver ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011), também incorporou traços dessas línguas, seja no léxico, na fonética, na morfossintaxe, na semântica. Não haveria, portanto, como admitir um único português por todo o território brasileiro. ‘A língua que nos une’ é variada, assim como em outros espaços do “mundo lusófono”, cada uma com sua cor local, suas nuances e peculiaridades próprias: *as variedades regionais do português* (LEITE; CALLOU, 2002; CARBONI *et al.*, 2017).

As variedades regionais da língua portuguesa estão previstas, vale acrescentar, como categoria de línguas na política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído pelo Decreto nº. 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Tal inventário pressupõe a documentação e registro da variação / diversidade linguística, para fins de reconhecimento. A elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB – ver CARDOSO *et al.*, 2014) em seus dois primeiros volumes contribui, nesse sentido, como descrição ampla da variação, para fins de mapeamento de delimitação da variação regional, como veremos mais adiante.

1.2.1 Tentativas de arealização da variação regional no português brasileiro

A história da disciplina de dialetologia e, como tal, de estudos de ordem macrolinguística, com foco no espaço geográfico, tem suas raízes no trabalho de Georg Wenker, que, em 1876, enviou um questionário de 43 frases a escolas de aproximadamente 40 mil localidades da área de língua alemã, na Europa. Pouco depois, de 1896 a 1900, Jules Gilliéron aplicou levantamento similar, porém com pesquisa *in loco*, feita por um único ouvido, para garantir a comparabilidade dos dados, o ouvido do lendário entrevistador Edmond Edmont, que visitou mais de 600 localidades na França. Também os alunos de Gilliéron, Karl Jaberg e Jakob Jud aplicaram seus próprios projetos na Itália e no sul da Suíça. Paul Scheuermeier, que fazia parte do projeto na Itália, auxiliou no treinamento de pesquisadores para a elaboração do Atlas Linguístico

suas variedades regionais ocorre no contato com outras línguas faladas no Brasil, tanto autóctones, quanto alóctones, em configurações contatuais próprias, contextualizadas em momentos sócio-históricos diferenciados.

dos Estados Unidos e Canadá (1930). Além disso, pesquisas dialetais realizadas na Espanha, Romênia e Inglaterra, assim como diversos outros estudos regionais na Europa, tiveram a participação direta e indireta de Gilliéron (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p. 16-18).

Como se pode ver, houve uma evolução substancial do envio postal à transcrição fonética manual, no momento da coleta de dados, que continuou até nossos dias, da gravação de fala em meio magnético a imagens e sequenciamentos de dados digitalizados, com transcrição fonético-fonológica por meio de softwares e mapas computadorizados. A própria dialetologia passou por revisões e mudanças profundas, tanto em relação ao método aplicado, quanto em relação ao objeto de estudo (THUN; RADTKE, 1996; THUN, 1998). Princípios como a pluridimensionalidade de análise da variação e mudança linguística e a comparabilidade de dados ampliaram significativamente o foco de observação e as ferramentas de pesquisa. Isso não se deu sem uma autocrítica consciente e fundamentada, como enfatizam Coseriu (1980) e seu aluno H. Thun (1998).

No Brasil, os estudos dialetológicos, de onde partiriam os principais impulsos para “delimitar áreas linguísticas do português brasileiro”, têm início com a fundação do *Centro de Estudos de Dialetologia Brasileira*, no Rio de Janeiro, em 1953, seguida, em 1958, pelo *I Congresso Brasileiro de Dialetologia e Etnografia*, em Porto Alegre (BUNSE; KLASSMANN, 1969; ALTENHOFEN, 2011; AMARAL, 2019). Algumas publicações precedentes, como *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920, o *Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes, de 1922, a *Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim, em 1934, serviram de estímulo para os dialetólogos, da época, decidirem nesse I Congresso, sobre a elaboração de um “atlas linguístico do português do Brasil”, meta estabelecida pelo decreto nº. 30.643, de 1952, sob responsabilidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro. Diante das dificuldades devidas em grande parte à extensão continental do país, o Congresso concluiria, contudo, pela elaboração de atlas regionais independentes (NASCENTES, 1958, p. 7; BUNSE; KLASSMANN, 1969, p. 8; ALTENHOFEN, 2011, p. 18).

A elaboração de atlas regionais aparece claramente expressa nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, em dois volumes em 1958 e 1961, em que Antenor Nascentes fornece “diretrizes gerais para a escolha de localidades, de informantes e para a elaboração do questionário linguístico” (MOTA E CARDOSO, 2000, p. 43). Mapear as variedades do português, na década de 1950, se apresentava

como um grande obstáculo. O Brasil tinha uma população com pouco mais de 50 milhões de habitantes, conforme dados do censo de 1950, sendo que desses, cerca de 33 milhões viviam na zona rural e apenas cerca de 19 milhões na zona urbana do país (MOTA; CARDOSO, 2000, p.44). Ou seja, a população majoritariamente rural e as dificuldades de estradas, comunicação com o interior, e meios de transporte, ajudaram a protelar um projeto para o país inteiro. Tentativas de mapeamento, ou melhor, arealização das variedades regionais do português brasileiro, embora ainda não sistematizadas, podem ser observadas, entretanto, já antes de Antenor Nascentes.

Júlio Ribeiro, em 1891, foi o primeiro a apresentar, na *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, uma arealização nomeada de acordo com as regiões das variedades regionais em quatro grandes áreas: *Norte* (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco); *Leste* (Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo); *Centro* (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso); e *Sul* (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

A arealização proposta por Ribeiro foi criticada por Nascentes, por misturar, nas variedades do Leste, Alagoas, Sergipe e Bahia com São Paulo e Rio de Janeiro, variedades bem diferenciadas.⁶¹ A observação de Nascentes também serve, do mesmo modo, para a variedade Norte, quando junta variedades diferenciadas como Amazonas e Pará ao Maranhão e demais estados nordestinos. O mesmo vale para as variedades do Centro e do Sul; embora mais “harmônicas”, suas diferenças internas são significativas e, nessa época, Mato Grosso e Goiás ainda não eram estados divididos politicamente, havendo uma percepção de outro *status* linguístico. Com os estudos atuais, percebe-se, com mais clareza, regiões diferenciadas quanto aos aspectos histórico-sociais, os quais se refletem na variedade linguística regional.

Maximiano Maciel, em artigo de Serafim da Silva Neto, intitulado *A Manhã*, de

⁶¹ Essa primeira divisão de Júlio Ribeiro, de 1891, ao aparentemente “misturar” variedades nordestinas com a do português carioca e paulista, leva à inferência de que a variedade nordestina era a variedade que detinha o *status*, pois era o centro econômico do país, até início do século XIX (VASCONCELOS, 2011; TORRES, 2014). Também há possibilidade de Ribeiro estar tratando efetivamente de uma única variedade ainda nesse período e isto justificaria traços muito próximos entre o português carioca e o baiano. Mas o que certamente é mais plausível é o *status* de prestígio que irá se deslocar para a variedade falada no eixo Rio-São Paulo, ao longo do século XIX, a partir da vinda da família real e do grande número de imigrantes espanhóis, portugueses, italianos e alemães, até o início do século XX e que irá mudar a configuração das variedades regionais meridionais em relação às setentrionais.

1950, delimitou as variedades regionais em 1) *Brasil-guianense ou setentrional*, 2) *Idiodialetos, estaduais ou centrais*; 3) *Brasil-castelhano ou meridional*.⁶² Essa proposta de Maciel não mereceu análise de Nascentes, pois é bastante estranha, incluindo-se a terminologia, ‘idiodialetos’. O que se destaca nessa divisão é a percepção de fronteira, constituindo-se na noção de que fronteira política não coincide com fronteira linguística. A fronteira política é apenas um fator de substituição de *status* da prática linguística.

João Ribeiro, em *História do Brasil* (1901), separou as variedades regionais do português brasileiro em 1) *Extremo Norte* (a Amazônia, o Maranhão, Piauí e Ceará); 2) *O Norte* (Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte); 3) *O Centro* (Sergipe, Bahia, Ilhéus e Porto Seguro); 4) *O Interior* (São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso); e 5) *O Sul* (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Novamente, tem-se uma proposta de arealização que junta a variedade amazônica com a nordestina, assim como também acaba reunindo, na variedade do Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro com Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em certo sentido, é um critério que se assemelha à última divisão de Nascentes, em que reúne São Paulo com os três estados sulinos e que, no entanto, são variedades diferenciadas atualmente, e essa delimitação mostra como as fronteiras não são nítidas. No caso do Norte, o noroeste do Maranhão, mais a capital São Luís, há uma variedade diferenciada de todo o restante do estado. O mesmo ocorre com o norte do Paraná, que apresenta um falar diferente de toda a região sul (KOCH, 2000; AGUILERA, 1999; ALTENHOFEN, 2006).

Rodolfo Garcia, combinando o critério geográfico com o histórico, delimitou em seu *Dicionário de Brasileirismos*, de 1915, as variedades regionais em zonas: 1) *Norte* (Amazonas, Pará e Maranhão); 2) *Norte-Oriental* (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas); 3) *Central-marítima* (Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro); 4) *Meridional* (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul)

⁶² Podemos relacionar a primeira arealização das variedades regionais, feita por Ribeiro (1891), com esta segunda, meio século depois, de Maximiano Maciel, em 1950: chama a atenção a primeira denominação para a variedade sulista atual como variedade “brasil-castelhano ou meridional”. A inserção do termo “castelhano” reforça a importância do papel do adstrato hispânico na formação do português sulista, antes e depois do século XIX. Os fatos históricos corroboram isso, primeiro, pela ausência de fronteira política até o século XIX (configuração do *status* linguístico nesse espaço) e segundo, pela forte imigração de espanhóis, como maior grupo de imigrantes, em número de indivíduos, a partir desse mesmo século.

e 5) *Altiplana-central* (Minas-Gerais, Goiás e Mato Grosso)⁶³.

Na primeira divisão de Nascentes, por ocasião da primeira edição do *Linguajar Carioca* (1922), a delimitação das variedades regionais contemplava quatro grandes áreas: 1) *Nortista* (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia); 2) *Fluminense* (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sul de Minas, Distrito Federal); 3) *Sertaneja* (Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas, sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia); 4) *Sulista* (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro)⁶⁴.

Essa primeira tentativa de arealização do português brasileiro por Nascentes é bastante interessante e merece atenção: sua delimitação parece seguir o critério histórico-demográfico, separando, por exemplo, o litoral do interior. Faz muito sentido, se pensarmos que o interior, o sertão, teve uma colonização tardia, com intervalo de pelo menos dois séculos. Também, por mais absurda que pareça, a junção do Triângulo Mineiro e de São Paulo aos estados sulinos, confirma a última divisão feita pelo autor, que excluiu o Triângulo Mineiro, mas não São Paulo, o que indica com bastante probabilidade o fato de Nascentes ter tomado como referência na sua percepção a variedade norte-paranaense como representativa dos três estados do Sul.

Nascentes revisa essa primeira delimitação em 1933, na publicação de mais uma série de *O Idioma Nacional*, em que apresentou a clássica e mais conhecida arealização bipartite do português brasileiro: 1) *Norte ou setentrional*, compreendendo o falar amazônico e o falar nordestino; 2) *Sul ou meridional*, representado pelo falar baiano, o falar mineiro, o falar fluminense e o falar sulista (MOTA; CARDOSO, 2000).

⁶³ A divisão proposta por Garcia (1915) também mantém a variedade amazônica junto com o Maranhão, pressupõe-se que ele tenha tomado por base a variedade ludovicense, cuja fala se diferencia da variedade nordestina. Também a variedade central-marítima mantém Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro na mesma variedade, o que pressupõe mais traços linguísticos convergentes do que diferenciados, o mesmo vale para a variedade meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), novamente tomando-se a variedade paranaense como referência.

⁶⁴ Nessa primeira divisão de Nascentes tem um aspecto que o ALiB poderá confirmar quando se concluírem as análises de todos os pontos pesquisados: a variedade *Sertaneja*. No conjunto das variedades brasileiras, na visão do todo, há uma variação bastante grande entre as variedades faladas no litoral das variedades faladas no interior. Por isso, não é possível se considerar, como representativa de um estado, a variedade falada na capital, ela é apenas um indício de tendências ainda passível de confirmação em mais pontos daquele espaço geográfico, dada as diferenças dos graus de contato linguístico ao longo do tempo.

Figura 9 – Mapa das variedades do português brasileiro, segundo Nascentes (1953)



Fonte: Nascentes (1953)

As isoglossas traçadas por Nascentes (ver mapa acima) têm como base a realização das vogais médias pretônicas e a entoação. Sua comprovação empírica é dada, nas condições possíveis até então, pelas observações feitas pelo autor a partir de suas viagens pelo país:

Outro exemplo de arealização de variedades regionais que cabe ainda citar pode ser visto no mapa apresentado por Renato Mendonça (1935), em seu estudo sobre o contato das línguas africanas com o português, intitulado *A influência africana no português do Brasil* (1935). A classificação dialetológica de Mendonça (p. 103) atribui o *status* de subdialetos às variedades regionais, assim como fez Nascentes (na *Revista do Brasil* de 1922). Embora o contexto sócio-histórico desses autores seja o modernista, essas tentativas de retratar uma brasilidade também nos estudos linguísticos dão seus

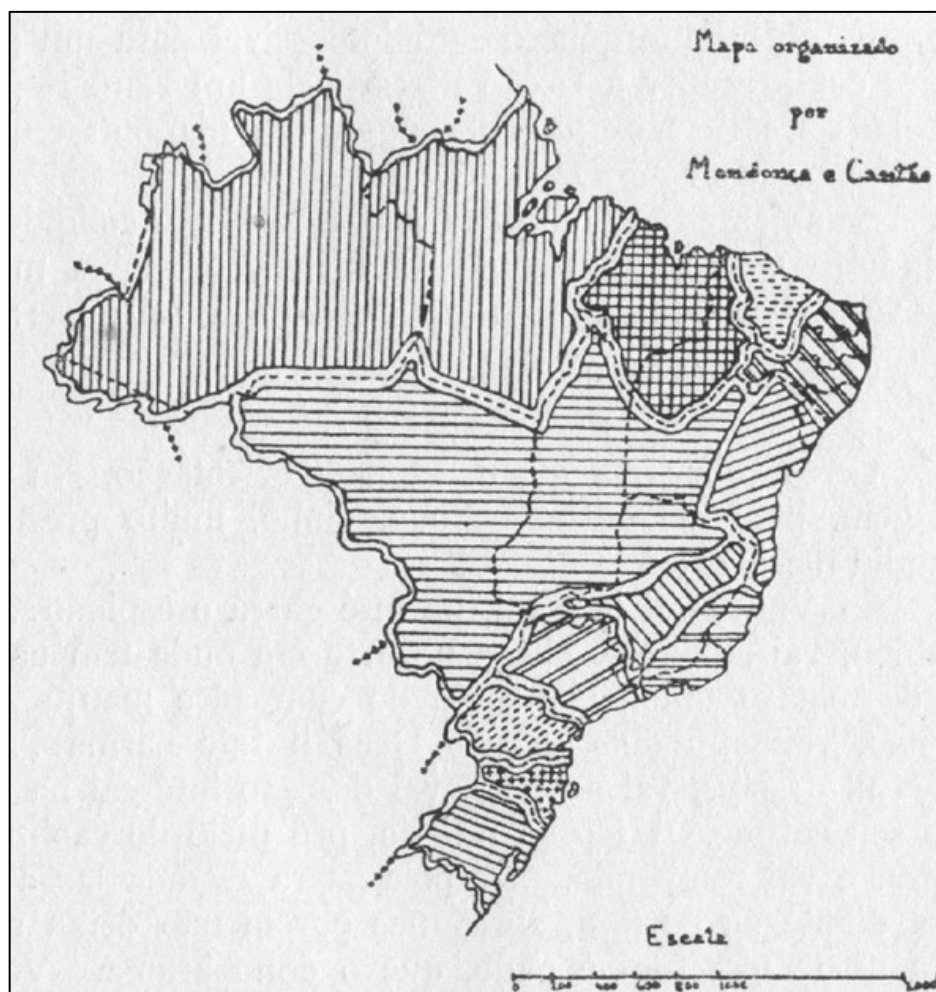
primeiros passos.

Nessa perspectiva, o discurso sobre a gênese ordenada das variedades linguísticas acaba corroborando um forte viés colonialista no reconhecimento de variedades de um português que não é europeu. Dessa maneira, por ser uma língua de base oral, o português brasileiro é tratado como uma norma *substandard* em relação ao *status* de uma língua de colonização ainda em processo de implantação (SILVA NETO, 1960) e baseada na norma escrita *standard* do português europeu moderno. É nesse meio que nascem as terminologias atuais de *norma culta* e *norma popular*, sobrepondo-se às normas regionais do português brasileiro.

Como se pode verificar no mapa seguinte de Mendonça, a variedade sulista subdivide-se em diferentes subáreas, tal como constata Altenhofen (2002, 2011) a partir do ALERS. A variedade sul rio-grandense não é a mesma variedade catarinense e nem a paranaense. Mesmo assim, ainda perduram generalizações ao nível dos estados, sem distinguir – como Altenhofen (2002; 2013 [2005]) e Koch (2000), subáreas de variedades do português sul rio-grandense como o *português de contato*, o *português da fronteira*, o *português dos pampas*, o *português metropolitano*, o *português litorâneo*.

Falaremos mais a respeito da variedade sul rio-grandense, na seção 1.3, ao abordar o *português da matriz de origem dos sulistas* de nosso estudo. Em relação às variedades do português nordestino, Mendonça (1936), como se vê no mapa da fig. 10, faz uma delimitação bastante coerente, ao diferenciar, por exemplo, a variedade nordestina setentrional falada no Maranhão e Piauí das variedades faladas no centro, no Ceará e, mais ainda, na Paraíba e em Pernambuco.

Figura 10 – Esboço das áreas dialetais e regiões culturais, segundo Mendonça (1936)



Fonte: Mendonça (1936)

Todas as tentativas de arealização que vimos até agora carecem, por fim, de uma base empírica objetiva e sistematicamente controlada e comparável para a totalidade do território brasileiro, a qual viria somente com o desenvolvimento do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mais de 50 anos depois. De 1958 a 2008, contudo, também o contexto sócio-demográfico do Brasil mudou consideravelmente, não apenas em relação a questões da infraestrutura, englobando vias de acesso e comunicação, mas também em termos do desenvolvimento tecnológico. É o que observam Mota e Cardoso (2000):

O mundo mudou, o Brasil mudou muito nesses últimos cinquenta anos. A mudança da configuração demográfica do país com o aumento de concentração da população nos grandes centros urbanos, com o esvaziamento das áreas rurais e com a intensa migração interna tem trazido não só uma nova dimensão social mas também política que, por certo, se fazem acompanhar de mudanças linguísticas cuja extensão ainda não podemos avaliar. Em decorrência, a língua sofre, também, mutações consideráveis e ágeis. Tudo isso se constitui razão maior para reafirmar a necessidade de descrever-se a realidade brasileira antes que se percam traços e usos, formas e estruturas ainda não formalmente identificadas, registradas e catalogadas [...] (MOTA; CARDOSO, 2000, p. 45).

Para a concepção e elaboração do ALiB, seus autores e membros do Comitê Científico⁶⁵ consideraram como ponto de partida a experiência dos atlas regionais já publicados e em fase de elaboração (CARDOSO, 2013, p. 5-6). Foram décadas de experiências que serviram de subsídios para adequar os novos métodos à realidade brasileira, desde o primeiro atlas regional publicado em 1963, o *Atlas dos Falares Prévios Baianos*, de Nelson Rossi. A maioria dos atlas regionais restringia-se aos limites políticos de um estado federativo, nesse caso, por exemplo, os atlas linguísticos do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al.*, 1977), do *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA, 1987), *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2002), *Atlas linguístico sonoro do Pará* (RAZKY, 2004), *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007), *Atlas Linguístico do Ceará* (BESSA, 2010), estes últimos em andamento por ocasião da primeira reunião da comissão do ALiB, em 1996.

Exceção é feita pelo *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), que, como veremos, é a fonte principal para a análise topodinâmica do português dos migrantes sulistas de que trata a presente tese. Publicado em 2002 (1ª. ed. das cartas fonético-fonológicas e morfossintáticas) e 2011 (2ª. ed. das cartas anteriores e 1ª. ed. das cartas semântico-lexicais),⁶⁶ o ALERS foi, ao menos nesse momento de contribuição de experiências na construção do ALiB, o único atlas que englobava mais de um estado, portanto uma região central em meio ao que Nascentes denominou amplamente de “falar sulista”. Ao transpor os limites políticos de um estado federativo,

⁶⁵ Em 1996, no *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, reúne-se em Salvador, na Bahia, o comitê nacional do ALiB, sob a coordenação da professora Suzana Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, Jacyra Mota (Universidade Federal da Bahia), Maria do Socorro Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal do Ceará), Mário Zágari (Universidade Federal de Juiz de Fora), Vanderci Aguilera (Universidade Estadual de Londrina) e Walter Koch (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Os integrantes eram autores dos atlas regionais já publicados e em fase de elaboração (Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe, Paraná e Região Sul do Brasil). Posteriormente, outros diretores científicos passaram a fazer parte do comitê como os professores Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), Felício Wessling Margotti (UFSC), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Abdelhak Razki (UFPA), de acordo com Cardoso (2013).

⁶⁶ Organizado por Altenhofen, Klassmann & Koch, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a participação de outros autores, sediados nas universidades federais de Santa Catarina (Oswaldo Furlan, Hilda Gomes Vieira e Felício Wessling Margotti) e Paraná (José Luiz da Veiga Mercer e Basílio Agostini).

o ALERS permite observar a difusão de variantes em meio aos processos migratórios, sobretudo de gaúchos para o oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná (ver KOCH, 2000; ALTENHOFEN, 2002; 2005), bem como de paulistas e nordestinos no chamado Paraná Moderno. Por ser um atlas com foco ainda centrado na variação diatópica, o ALERS prioriza a fala rural⁶⁷ mais conservadora, com informante único, por isso adensando a rede de pontos (numericamente maior que a do próprio ALiB), porém respeitando a ampla gama de contatos linguísticos que caracteriza a área em estudo. Pode-se, por isso, afirmar, que o ALERS é na verdade, no mínimo bidimensional, pois descreve de um lado a variação diatópica do português rural e, de outro, marca a variação dialingual, ao selecionar falantes bilíngues e monolíngues, conforme o perfil local dominante associado a uma situação de fronteira ou de imigração. Voltaremos ao ALERS mais à frente, quando tratarmos da metodologia e da própria análise de dados.

Os estudos realizados no âmbito desses atlas linguísticos subsidiaram a elaboração do questionário do ALiB, a seleção de informantes, os procedimentos de coleta dos dados, enfim, uma transcrição e análise de dados mais adequada para a pesquisa em nível nacional. Portanto, a “consciência dialetológica preconizada em 1958”, agora se materializava em um projeto concreto:

Situações, fatos e dados linguísticos e extralinguísticos justificam a deliberação de fazer-se um atlas linguístico. O percurso histórico dos estudos sobre o português estão a cobrar esse passo. E, tudo indica, parece ter chegado a hora. Razões de ordem linguística stricto sensu, de ordem social, de ordem histórica, e ainda relacionadas à política de ensino da língua materna e à própria política de entendimento da diversidade de usos do português parecem, de forma resumida, constituírem-se na justificativa do que se propõe (MOTA; CARDOSO, 2000, p. 47-48).

Entre os objetivos que motivaram a elaboração do ALiB, segundo Mota e Cardoso (2000, p. 48-9), estava a possibilidade de “traçar uma divisão dialetal do Brasil, apesar de contar-se com a divisão proposta por Nascentes (1953), fundamentada na realização das vogais médias pretônicas e na entoação”; além disso, continuam Mota e Cardoso, tornava-se possível “ter-se a multidimensionalidade da língua no país não apenas para efeito de precisar e demarcar espaços geográficos”, mas também de contribuir com o entendimento

⁶⁷ Enquanto o ALERS se ocupou com a variação rural, o VARSUL (Variação Urbana do Português no Sul do Brasil) se dedicou a variação urbana do português falado nos mesmos três estados RS, SC e PR (cf. ALTENHOFEN, 2011). ALERS e VARSUL também se distinguem/complementam pelo viés teórico: o primeiro é dialetológico, o segundo projeto segue o enfoque sociolinguístico variacionista (LABOV, 2008 [1972]).

da língua e de suas variantes, eliminando-se “visões distorcidas que privilegiam uma variante tida como culta e estigmatizam as demais variantes, causando assim, ao ensino-aprendizagem da língua materna consideráveis prejuízos”.

Com a experiência dos atlas regionais, o mapeamento das variedades do português brasileiro foi sendo coberto nos 250 pontos de pesquisa no país, com 1.100 informantes. Para a realização das entrevistas, o ALiB orientou-se pelos pressupostos da Dialetoologia Pluridimensional⁶⁸, contemplando dados não apenas da dimensão diatópica, mas também das dimensões diagenérica (homens e mulheres) e diageracional (geração velha e geração jovem). Nos levantamentos realizados nas capitais, considerou-se, além disso, a dimensão diastrática, recolhendo dados das classes mais e menos escolarizadas (CARDOSO, 2013; 2015; MOTA; CARDOSO, 2015).

A dimensão diatópico-cinética, que aborda a fala de grupos fixos e móveis, como no caso dos migrantes analisados nesta tese, não foi considerada pelo ALiB, que se restringiu às variedades faladas por falantes topostáticos, tendo em vista o objetivo de mapear e arealizar variedades linguísticas locais já consolidadas e que poderiam representar a variedade regional do português. Em pontos de pesquisa como as capitais Brasília e Palmas, no Tocantins, seria imprescindível uma amostra dos contatos atuais intervaretais, por meio de dados de falantes topodinâmicos, se quiséssemos uma fotografia fiel da realidade linguística. É preciso destacar que as diferentes migrações internas, enfim a mobilidade dos brasileiros de modo geral, assim como os contatos linguísticos originados dessa mobilidade, representa uma característica do contexto latino-americano que não pode ser ignorada pela teoria ampla da variação linguística, como observam Radtke e Thun (1996, p. 38-39). Elas constituem um subsídio a mais – uma lente poderosa para visualizar macrotendências no tocante à descrição de variedades regionais do português brasileiro.

Apesar de todos os esforços empreendidos, mesmo após a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, ainda carecemos de uma delimitação mais clara e empiricamente comprovada das variedades regionais, das áreas e subáreas de variação

⁶⁸ Embora se tenha adotado a perspectiva pluridimensional das dimensões e parâmetros, o ALiB não adotou a pluralidade de informantes, a técnica em três tempos e nem a diatopia-cinética. O objetivo visou ainda buscar uma forma única como representativa de uma fala regional, semelhante à dialetoologia tradicional, segundo Thun (2016).

regional do português brasileiro. Altenhofen (2002; 2005), como veremos mais à frente, fez uma delimitação mais ou menos consistente, porém restrita à região Sul, a partir da análise sistemática (macrossínteses) de dados do ALERS. As descrições do ALiB, por outro lado, recém iniciadas, necessitariam ainda ser compiladas em uma macroanálise mais sintética, para delimitar com clareza as variedades regionais observáveis a partir de diferentes variáveis. Em uma primeira tentativa, antes de iniciar o ALiB, Cardoso (1986) já havia comparado resultados a partir do que se registra no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963) e no *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (JOSÉ RIBEIRO *et al*, 1977) com a delimitação de Nascentes. À pergunta se “tinha Nascentes razão?”, Cardoso já comprovava nessas duas áreas os limites estabelecidos pela isoglossa das vogais médias pretônicas, confirmando que Nascentes realmente “tinha razão”, quanto à existência das variedades do português brasileiro do Norte e do Sul.

Para o estudo da variação do PB na sua correlação com as migrações e contatos linguísticos – intervaretais e interlinguais – derivados desses movimentos no macroespaço geográfico, torna-se requisito imprescindível conhecer e identificar os principais movimentos migratórios que caracterizam a história de ocupação do país. Trata-se de um tema complexo e instigante que requer pesquisas multi- e interdisciplinares, mas que será abordado sucintamente numa perspectiva do espaço sócio-histórico, contextualizando-se ambas as regionalidades Norte e Sul que deram origem às variedades do português brasileiro e sua relação com a variação linguística das migrações sulistas atuais, foco deste estudo.

1.2.2 A “Conquista do Oeste” e o Maranhão na ocupação do Brasil

Quando se questiona como um país com dimensões continentais fala uma “única língua”, ou “como se difundiu o português do Brasil”⁶⁹, com variedades regionais bastante diferenciadas dessa língua, e como se deu o processo de conquista de espaços

⁶⁹ Altenhofen (2006, p. 168) em *Interfaces entre dialetologia e história*, faz essa pergunta com base no questionamento de filólogos como Serafim da Silva Neto, que já se perguntavam como o português tomou o interior.

geográficos também tão diferenciados, com diferentes relevos, biomas, climas e gentes, deparamo-nos com a expressão “Conquista do Oeste”⁷⁰, de Sérgio Buarque de Holanda e a experiência de “fronteira”, com base em Turner, como algo comum no processo colonizador da América do Norte e da América do Sul (WEGNER 1999; 2000, p. 137-138). No entanto, o historiador José Honório Rodrigues diferencia essa experiência de fronteira do norte e do sul do continente.

Segundo Rodrigues (1957), a *conquista do oeste norte-americano* só se deu no início do século XIX e já com estradas de ferro, enquanto a *conquista do oeste brasileiro* ocorreu “cedo demais” e de forma dispersa, com as pré-bandeiras (ver mapa da fig. 11 abaixo), ainda no século XVII, para escravizar indígenas. Com esses movimentos migratórios também se difundiram traços particulares e tradicionais da língua para cada região. Nesse sentido, vale acrescentar que a “conquista do oeste brasileiro” se deu por meio do acesso facilitado pelas bacias de grandes rios, e pelo ideal de miscigenação como uma condição da “vitória do branco adaptando-o aos rigores do clima (ROMERO, 1885). Tal era o pensamento da conquista de territórios no trópico pelos colonizadores.

Figura 11 – Movimentos migratórios das bandeiras, no séc. XVII

⁷⁰ Ou ainda “Marcha para o Oeste”, em que Cassiano Ricardo (1970) ironiza que se há um lugar onde os mitos funcionam é na América, afinal se não fosse o mito, o Brasil não teria este território. “Mitos à frente, santos atrás, e lá se vai a bandeira... Mitos obstrucionistas e mitos propulsores. O foco de propulsão e o de atração. A “mãe-d’água” e a “mãe-do-ouro”. Isso lembra as entradas com as monções (bandeirantes) e a exploração de minérios, principalmente com a fundação da antiga Cuiabá antes do Tratado de Madrid e a primeira capital da província do MT, Vila Bela da Santíssima Trindade. Assim, foram as lendas do ouro, o *El dorado*, que teve a sua função mitológica na formação do país. “Não foram os mitos geográficos, enquanto apenas geográficos, que influíram, e sim os do ouro” (p. 409). “Seria esse um fundamento econômico para a gênese dos mitos” (p. 376).

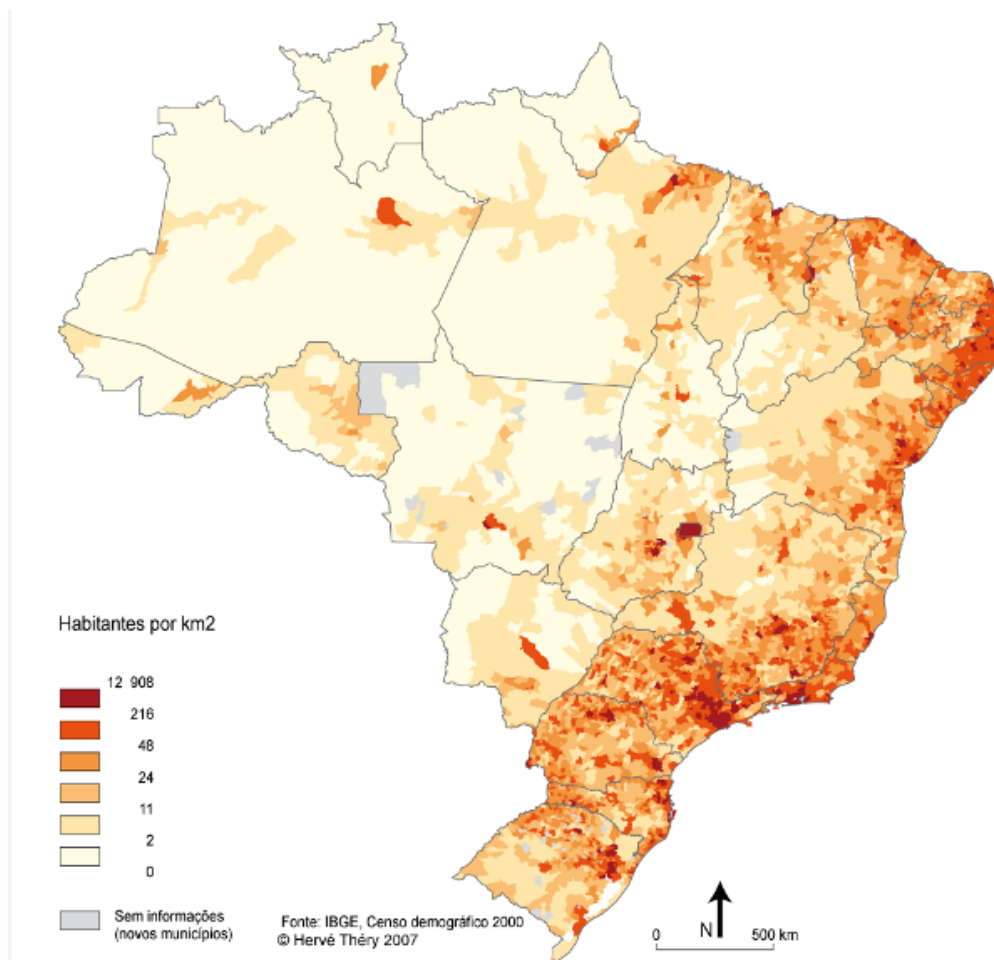


Fonte: Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/historia>. Acesso em 26/01/2022.

Como explicar a conquista de territórios a oeste, se a densidade demográfica brasileira, em pleno início do século XXI (ver mapa a seguir, da fig. 12), ainda se concentra majoritariamente a leste, ao longo de toda a faixa litorânea? A *conquista do oeste* de que fala Sérgio Buarque de Holanda não se refere à abertura de estradas, nem de povoamentos e de colonização propriamente dita, como no modelo americano, mas sim da experiência de fronteira com base em uma explicação situacional em Turner, que esse chamou de *plasticidade do português*⁷¹.

Figura 12 – Densidade demográfica da população brasileira – Censo 2000

⁷¹ Wegner (2000, p. 126) diz que a *conquista do oeste* em Sérgio Buarque de Holanda leva ao conceito de *fronteira* e na *plasticidade* do colonizador, que se daria em três fases: na primeira, o ambiente de fronteira é mais forte do que o colonizador, ele se adapta ou perece; na segunda fase, ele já adaptado ao meio transforma esse ambiente de fronteira que também é adaptado inserindo valores de sua origem; e na terceira fase, ele retoma os valores de origem e tenta implantar a sua cultura, ou recriar o Velho Mundo. Isso vale para a língua, os costumes, a cultura, etc.



Fonte: IBGE (2007)

A assim chamada “conquista do oeste” é, desse modo, descrita como a conquista de uma fronteira idealizada e que só se deu pela presença de inúmeros rios das duas principais bacias, a bacia Amazônica e a bacia do Prata, cujas nascentes se originam na mesma região central do continente, a região alta (*Planalto Central*) e a baixa (*Pantanal*). Os “caminhos de água”, que nascem no centro do continente, proporcionaram as monções, levando os bandeirantes⁷² à “visão do paraíso”, ao *El dorado*⁷³ das pedras preciosas e,

⁷² Há uma idealização do bandeirante, como o “herói” brasileiro, pelo fato de se atribuir a este a colonização do Brasil, no sentido de ampliar as fronteiras territoriais em relação aos concorrentes europeus, e não em relação aos povos originários, estes perseguidos, massacrados ou escravizados por eles na exploração de minérios e recursos naturais da floresta.

⁷³ Os moradores mais antigos do estado do Mato Grosso relatavam histórias do passado aos migrantes sulistas, na década de 1980, entre elas, o relato de que a abundância de ouro e do diamante era tão grande na região de Cuiabá e arredores, que era fácil pisar sobre pequeninas pedras preciosas brilhando pelo chão. Se esse imaginário social perdurou ao longo do século XX naquele espaço, que recebia grandes levas de migrantes de outras regiões do país, é possível haver alguma relação com o mito da conquista do *El dorado*?

muito mais do que isso, levaria à fronteira definitiva do que viria a ser o imenso território dominado pela língua portuguesa no Brasil.

As pesquisas bibliográficas para esta tese sobre o surgimento das regionalidades brasileiras revelaram uma rica cartografia mundial sobre a América que corrobora o imaginário com que se intui sobre as “terras desconhecidas do interior”. O mapa a seguir é um exemplo.

Figura 13 – Representação cartográfica da América, em um mapa de 1635



Fonte: Antique map of America. Published by the Dutch cartographer Willem Blaeu in Atlas Novus (Amsterdam, 1635). Photo by N. Staykov (2007).

Mais antigo ainda do que o mapa acima, o mapa a seguir, de 1596, mostra um Brasil (*Brasilie*) separado do continente americano como uma ilha, a *Ilha Brasil*, justamente por uma “linha imaginária” que liga a foz do rio Amazonas à foz do Rio da Prata, e que remete à questão da fronteira (KANTOR, 2007). A fronteira natural e idealizada do continente sul-americano, nesse mapa, reproduz “muito cedo” a fronteira atual dos domínios espanhol e português. Essa conquista do oeste parece não se dar por batalhas e lutas sangrentas, mas pelo domínio da representação de espaços e pontos geográficos ressaltados na cartografia e nos usos da língua, fator condicionante nas relações sócio-espaciais entre os povos (EUGÊNIO, 2021). Toponímia e hidronímia, vale observar, sempre tiveram a função de marcar territorialidades, o que certamente propicia a criação de um imaginário social de “fronteira natural”, condicionando, assim, as práticas sociais e linguísticas entre colonizadores e colonizados.

Figura 14 – Mapa antigo de Arnoldus Florentinus, da Antuérpia (1596)



Fonte: Van LINSCHOTEN, Jan Huygen. *Delineatio Omnium Orarum Totius Australis Partis Americae, Dictae Peruvianae, a R. de la Plata, Brasiliam, Pariam, & Castellam*. Arnoldus Florentinus. Amsterdam: 1596. Disponível em: <https://www.raremaps.com/gallery/detail/70731ww/delineatio-omnium-orarum-totius-australis-partis-americae-d-van-linschoten>

Fronteiras naturais exercem barreiras ao contato humano e, conseqüentemente, às línguas. Obstáculos como mar, rios, lagos, serras, cordilheiras e ilhas sempre serviram de linha divisória de territórios, e sua representação cartográfica (pictórica) e linguística compõe um quadro semiótico com grande poder persuasivo. Em meio a acordos e tratados (como os de Tordesilhas e de Madrid, até os últimos acordos de fronteira, em pleno século XX), foram se consolidando os limites e domínios dos territórios lusófonos e hispanófonos. Valem aqui as palavras de Bauman (1999, p. 41), quando afirma que “o monopólio é muito mais fácil de alcançar se o mapa antecede o território mapeado”. Contudo, se, como vimos, foi difícil mapear variedades linguísticas no território, em pleno século XX, na criação de um atlas linguístico brasileiro, o que se pode interpretar, contrariamente, dessa rica cartografia antiga? Seus dados geográficos e linguísticos (toponímia e hidronímia) mostram a evolução dos domínios territoriais e, por sua vez, os contatos linguísticos que deram origem às regionalidades brasileiras.

O conhecimento, ou também a invenção, do *Magnus Brasil* ou *Ilha Brasil* de Cortesão foi uma cartada geopolítica de extrema inteligência da corte portuguesa. Este conceito que começou a ser divulgado em 1528 fez com que Portugal aumentasse de forma considerável o território do Brasil em relação ao Tratado de Tordesilhas em razão do que considerava a indivisibilidade do território demarcado por limites naturais e depois acrescido de outras terras argumentando o uso pela posse – *uti possidetis* – no Tratado de Madrid, de 1750. [...] Ao contrário do que alguns autores escrevem, a tese

geopolítica do *Magnus Brasil* foi aceita tacitamente pela Espanha, pois em nenhum momento histórico **a expansão territorial brasileira para oeste** foi contestada. A única região onde houve conflitos pela posse da terra foi a do Prata, palco de muitos conflitos bélicos (MURADÁS, 2008, p. 76-77, grifos meus).

A partir das narrativas históricas, fica evidente que a *conquista do oeste* buscou auxílio na natureza da exploração colonial e no ponto de sua localização que deu a largada para a fixação de rotas fluviais, delimitando o trajeto dos conquistadores continente adentro. A exploração de minérios, principalmente, a prata das minas do Potosi, no Peru, cujos acessos se davam pela foz do Prata e pela foz do Amazonas, certamente restringiu o interesse dos espanhóis pela exploração de territórios no centro do continente, para onde havia mais dificuldades de acesso (*labirinto de rios*), caracterizados como espaços planos e alagados das cabeceiras das duas grandes bacias hidrográficas do continente sul-americano. Também outro fator que pode ter contribuído para essa conquista de fronteira a Oeste foram os períodos de União das Coroas Ibéricas e de domínio do Nordeste Holandês. Na delimitação de fronteiras, após esse período, certamente o ordenamento de forças comuns e opostas entre as casas reais europeias havia mudado, alterando-se também os acordos de territórios conquistados (CARDOSO, 2017).

O rio Amazonas, também chamado na cartografia antiga de *marañon*⁷⁴, era a principal via de acesso dos espanhóis ao Peru. Esse hidrônimo *marañon* pareceu funcionar como uma fronteira natural do oeste do Brasil, também para os holandeses, que em sua cartografia, com inscrição em neerlandês, “*Pascaerte van Brasil Van Rio de Maranhaon, tot Rio de la Plata*”, assumiam que os limites do Brasil iam do rio Maranhão ao rio da Prata. Entretanto, de qual rio *maranhão* exatamente se fala?

⁷⁴ Mapa do Pe. Samuel Fritz, de 1707, intitulado *El Grande Rio Marañon o Amazonas*. Disponível em <https://www.scielo.br/img/revistas/bgoeldi/v12n3//1981-8122-bgoeldi-12-3-0817-gf03.jpg>. Acesso em 13/01/2021.

Figura 15 – Brasil van Rio de Maranhaon tot Rio de la Plata (1662)



Fonte: LOOTSMAN, Caspar; JACOBSZ, Anthonie (Theunis), *Pascaerte van Brasil van Rio de Maranhaon tot Rio de la Plata*, Amsterdam, 1662⁷⁵.

Maranhão era o nome do rio Amazonas em mapas do século XVI e XVII (CASTRO; CARDEIRA, 2020). Etimologicamente, o vocábulo provém do espanhol *marañon* que equivale a um hidrônimo atual na Amazônia do Peru, o “rio Marañon”, sendo um dos afluentes do rio Amazonas que certamente dava acesso às minas de prata do Potosi, no passado. É curioso notar que o rio Tocantins parece igualmente ter sido chamado de rio Maranhão, pois o seu principal afluente ainda hoje se chama rio Maranhão, mais precisamente no Planalto Central, em Goiás, próximo à capital, coincidentemente denominada Brasília. Além disso, aparece na cartografia antiga a denominação do rio Mearim, no estado do Maranhão, como rio Maranhão. *Marañon* parece ter, aqui, a acepção de cajueiro, a árvore, e *mercy* o fruto, o caju, no espanhol da Colômbia. Assim, *mearim* pode ser uma corruptela de *meary*⁷⁶, termo que aparece grafado em mapas antigos, ou

⁷⁵ Disponível em <https://www.raremaps.com/gallery/detail/22655/pascaerte-van-brasil-van-rio-de-maranhaon-tot-rio-de-la-plat-lootsman-jacobsz>. Acesso em: 17/12/2020.

⁷⁶ Varnhagen (1838, p. 80) diz que o nome *maranon* já existia na Espanha e que foram os espanhóis os primeiros a conhecer e nomear essa parte da costa do continente. O local de posse seria o porto *Marañon* na ilha de *Nossa Senhora de Nazaré da Trindade* (atual ilha de São Luís), e a 300 léguas desse porto, o grande rio nomeado *Mar Doce*. Observando a cartografia antiga isso parece fazer sentido, pois a maior parte do antigo território do continente pertencia ao Peru (*Perviana*). Varnhagen menciona a confusão do meridiano por dois navegadores portugueses que teriam registrado estarem em um lugar que não estiveram e por isso terem copiado as cartas de localização de outro, não se sabe se intencional ou por erro de tipografia. O historiador diz também que a etimologia de *maranon* pode ter origem nas línguas indígenas, “indígena adulterado”, em contato com o castelhano, e provir de *meary*? Varnhagen cita *mârâ* no dicionário de Montoya que quer dizer *falta* e também *calúnia*.

mercy. Empregar um hiperônimo ou um holônimo por um hipônimo ou um merônimo ou vice-versa é comum no uso de uma língua. Pode ter sido essa a relação inicial do hidrônimo passar a funcionar como topônimo, que nomeou o estado do Maranhão, como uma das possibilidades dessa incógnita. O topônimo aparece em diferentes mapas como *marañon*, *maragnan*, *maranham*, *maranhoun*, *maranbon*, *maranhão*. Nesse particular, chama a atenção a relação semântica que já se fez desse nome com um trecho do sermão do Pe. Antônio Vieira, aqui destacado em negrito, no texto do missionário:

Mas o que se disse do Brasil por galanteria, se pode afirmar do Maranhão com toda a verdade. É experiência inaudita a que agora direi, e não sei que fé lhe darão os matemáticos que estão mais longe da linha. Quer pesar o sol um piloto nesta cidade onde estamos, e não no porto, onde está surto o seu navio, senão com os pés em terra: toma o astrolábio na mão com toda a quietação e segurança. E que lhe acontece? Coisa prodigiosa! **Um dia acha que está o Maranhão em um grau, outro dia em meio, outro dia em dois, outro dia em nenhum. E esta é a causa por que os pilotos que não são práticos nesta costa, areiam, e se têm perdido tantos nelas.** De maneira que o sol, que em toda a parte é a regra certa e infalível por onde se medem os tempos, os lugares, as alturas, em chegando à terra do Maranhão, até ele mente. E terra onde até o sol mente, vede que verdade falarão aqueles sobre cujas cabeças e corações ele influi. Acontece-lhes aqui aos moradores o mesmo que aos pilotos, que nenhum sabe em que altura está (VIEIRA, 1965 [1654], domínio público)⁷⁷.

Há uma possível relação desse argumento mencionado no sermão entre o hidrônimo e o topônimo (ver VARNHAGEN, 1838)? É plausível supor que as costas da capitania Maranhão e Grão Pará⁷⁸ tenham sido um labirinto para a navegação diante da foz de vários rios, desde o rio Mearim, no Maranhão, até os principais afluentes do rio Amazonas, levando os navegadores do passado a grandes becos (*lagos*) no centro do continente⁷⁹ ao invés de percorrer o grande Amazonas até o rio Maranhão, no Peru? Uma

⁷⁷ Disponível em www.bibvirt.futuro.usp.br.

⁷⁸ Conforme pequeno “atlas do Maranhão e do Grão-Pará”, de João Teixeira Albemaz I, ca. 1629.

⁷⁹ O mito da Ilha Brasil se baseava na existência de um “grande lago” no centro do continente, denominado *Laguna del dorado* ou *Lago Xarayes*, que aparece em vários mapas do século XVI e XVII. Esse “lago” poderia ser a grande região inundada do pantanal, ou os lagos existentes na Serra da Mesa, na região Centro-Oeste? O adjetivo estaria se referindo ao ouro encontrado em abundância nessa região central da América? Qual a relação do rio Maranhão, um dos afluentes do Tocantins, com a localização da capital do país, Brasília, e desse nome com o antigo topônimo do Brasil *Brasilian*, *Brasiliæ*, *Brasilia*, e com esses limites territoriais antigos? E qual a relação da expansão territorial portuguesa com a troca de domínios territoriais com a Espanha e a Holanda? Há mapas antigos com o nome de rio de las Amazonas, em espanhol. Isso significa que se foram os espanhóis que nomearam tanto o rio Amazonas como Mar Doce e o porto junto a ilha de Nazaré como Marañon, enquanto era território peruano, a troca de nomes pode ter ocorrido após a dissolução da União Ibérica e da colonização holandesa, ampliando-se o território lusitano, é uma das possíveis leituras para essa incógnita.

outra narrativa histórica, apresentada a seguir, confirma igualmente essa interpretação de como o território brasileiro foi sendo “conquistado a oeste”:

Entretanto é certo que das mesmas navegações resultou o terem sido os Castelhanos os primeiros a conhecer e a freqüentar essa parte da costa; havendo sido não só, com toda a certeza, descobridores do Mar Doce ou Amazonas, como também, mui provavelmente, do porto ainda hoje chamado do Maranhão; nome que não será fácil averiguar se proveiu, como disse Pedro Martyr * do indigeno adulterado, ou se de qualquer feito notável praticado nelle por algum dos da tripulação com esse appellido (Maranon), que já então existia em Hespanha; ou, finalmente, se foi dado por ironia contra algum fanfarrão, **que contasse de rio maranhas e proezas dos demais não acreditadas.** [...] Em todo caso, é indubitavel que, também por essas bandas, começaram a navegar alguns navios de Portugal. Como porém se limitavam a traficar nas immediações das paragens onde aportavam, e não se propunham a explorar e correr toda essa costa, tanto em Portugal, como em Castella, **estiveram por algum tempo na crença de que não havia, por ahi, mais que um único grande rio,** entrando pela terra dentro; pois os que reconheciam o verdadeiro Maranhão, **não conheciam o Amazonas actual, e vice versa;** donde se originou confusão acerca destes dois rios, vindo ambos a ser designados com o nome de Maranhão; de modo que o próprio Pinzon, descobridor, não do verdadeiro Maranhão, descoberto por Lepe, mas sim da boca do grande rio de Santa Maria do Mar Doce, ou actual Amazonas, não duvidou assegurar a Oviedo haver elle sido o descobridor do Maranon; **e mais tarde Orellana, baixando o mesmo Amazonas, não teve forças para fazer acreditar que não era o Maranon o rio por que baixara ele para voltar ao mesmo rio, chegava a desejar pilotos portuguezes; porque eram os únicos conhecedores da costa, que continuamente navegavam"** (VARNHAGEN, 1838, p. 80 e 93, grifos meus).

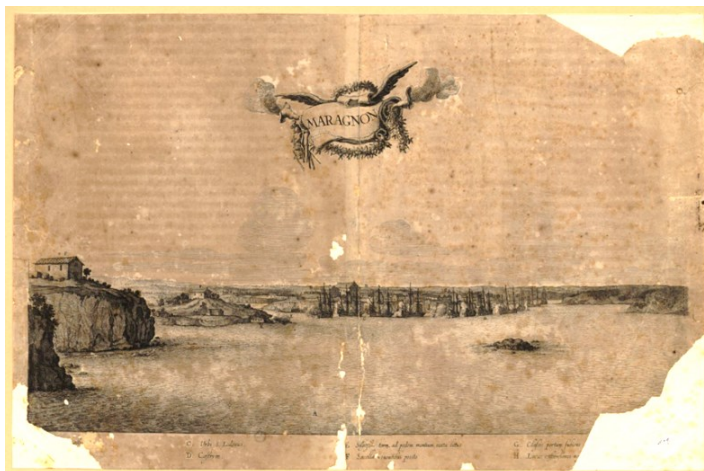
São, portanto, hipóteses bastante instigantes que a comparação da cartografia antiga aliada à interpretação de narrativas históricas e literárias evoca, associando o nome do estado do Maranhão como “a origem ou a causa” que garantiu a formação do território brasileiro como ele é conhecido hoje. Não por acaso, a palavra *emaranhar* tem entrada no léxico, em 1567, e significa, segundo o Houaiss (2009), “misturar-se confusamente, embaraçar-se, tornar-se confuso, atrapalhar-se”. Como sinônimos de *emaranhar* têm-se *maranhar*, *enredar*, *enlear*, *tramar*, *urdir*, o que significa “entrelaçar, dispor os fios na urdidura para depois tecer”. A prática de tecer fios lembra, por fim, outro fato histórico importante na formação do estado do Maranhão: a produção e exportação de algodão no passado. Qual a relação desse fato histórico com o topônimo *Maragnon*, expresso sobre um “tear voador” nos céus da localidade de São Luís?

Lembrando as palavras de Bauman, no capítulo “a batalha dos mapas”, também esse tipo de dados serviu a propósitos diversos:

O que é facilmente legível ou transparente para alguns pode ser obscuro e opaco para outros. Onde alguns não encontram a menor dificuldade, outros podem se sentir desorientados e perdidos. Enquanto as medidas foram antropomórficas, tendo como pontos de referência práticas locais variadas e mutuamente descoordenadas, serviram às comunidades humanas de escudo para se protegerem da curiosidade e intenções

hostis dos intrusos e, acima de tudo, das imposições de intrusos com poderes superiores (BAUMAN, 1999, p. 31)

Figura 16 – São Luís do Maranhão, em 1647 (*Urbi S. Ludovici*)



Fonte: Franz Post, Biblioteca Nacional Digital (Portugal), Domínio público, 1647. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=10438362>. Acesso em 18/03/2020.

A relevância de se mencionar esses fatos instigantes sobre a origem do nome *maranhão* e a relação com a formação do território brasileiro ou a “conquista do Oeste”,⁸⁰ (tal como ocorreu com as linhas ‘móveis’ dos tratados) em relação ao vasto território do Peru é digna de análises com maior profundidade por especialistas desse campo de conhecimento. Além de ressaltar a importância que o espaço físico/geográfico (absoluto) exerce sobre a percepção e o comportamento humano, postulada por Scheler e Lewin (*apud* RABANUS, 2010), também a necessária compreensão das territorialidades exercidas nos contatos linguísticos ao longo da história fornecem subsídios para estudos e análises em interface com outras áreas de conhecimento.

⁸⁰ Chegamos à conclusão de que vem daí a análise comparativa de Sérgio Buarque de Holanda sobre a “conquista do oeste” ter sido antecipada pelos portugueses na América do Sul, em comparação com a América do Norte, aqui sem estradas de ferro e sem povoamentos. Isso se deveu, desde cedo, ao fato de os reinos disputarem o domínio de técnicas privilegiadas como a cartografia. Essa constituía-se em instrumento de controle político e de poder sobre os recursos naturais conhecidos (RODRIGUES, 1957b, p. 438-442). Nesse sentido, o tema da “conquista do oeste” serve para reflexão sobre as nossas regionalidades, sobre as diferenças entre norte e sul, e até mesmo permite uma possível comparação com o papel ou função desempenhada pela cartografia linguística e toponímica atual.

Figura 17 – Tratado de Tordesilhas no Planisfério de Cantino (1502)



Planisfério de Cantino (1502), mostrando o meridiano de Tordesilhas. Imagem: Biblioteca Estense (Itália) / Domínio público

Dado o papel que o espaço geográfico (o território, a terra) sempre teve na formação e manutenção de culturas, comunidades de fala e línguas, é preciso admitir que a cartografia, na geografia cultural, representa uma paisagem, uma *landscape*, que, segundo o geógrafo Cosgrove (1993b *apud* CORRÊA, 2011), equivale a um “modo de ver” associado às transformações sociais e culturais, ou,

A compreensão da paisagem enquanto produto cultural, com os seus significados em torno das relações entre sociedade e natureza, implica considerá-la como expressão fenomênica do modo particular como uma específica sociedade está organizada em um dado tempo e espaço, isto é, uma dada formação econômica e social ou simplesmente formação social⁸¹ (CORRÊA, 2011, p. 13).

A “conquista do oeste brasileiro” tem outras consequências, quando se observa não somente a região Amazônica, o norte, mas quando se atenta para o mapa do sul do Brasil, que ora fazia fronteira com o rio da Prata, ora não. É preciso reconhecer, por isso, as territorialidades ali presentes, como o domínio espanhol até o século XVIII, e o que isso contribuiu na formação demográfica, bem como os contatos linguísticos regionais ao longo do tempo. Hipoteticamente, é possível fazer uma relação inusitada entre *Norte* e *Sul*: se a fronteira (*meridiano*) não tivesse mudado do rio Mearim para o rio Amazonas, a região Sul do Brasil falaria português, como ocorre atualmente? E por que a variedade do português nordestino apresenta traços regionais tão marcados quanto o são os traços do português de contato em relação às outras variedades regionais do português brasileiro?

⁸¹ CORRÊA, Roberto Lobato. *Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens*. Revista Espaço e Cultura, N. 29. Rio de Janeiro: UERJ, Jan./Jun. 2011, p. 7-21.

Ao contextualizar o processo de ocupação do território brasileiro a partir da abordagem da “conquista do oeste” de Sérgio Buarque de Holanda, expressão que irá ser retomada no século XX pela política de Vargas, visando ao incentivo da dispersão das populações excedentes do Rio Grande do Sul, com os primeiros conflitos agrários a noroeste (ZARTH, 1997; 2016; NEUMANN, 2006; TEDESCO, 2017 e outras publicações), desnuda o ‘imaginário romântico’ de garantir as fronteiras com as migrações internas, principalmente de sulistas em direção ao norte. No caso desta pesquisa, de sulistas do noroeste gaúcho direto para o sul do Maranhão, na região Nordeste.

Vejamos, antes, como se configura, linguística e sócio historicamente, a “área de chegada”, aonde o novo migrante sulista irá se instalar.

1.2.3 A formação do Maranhão antes da chegada dos sulistas

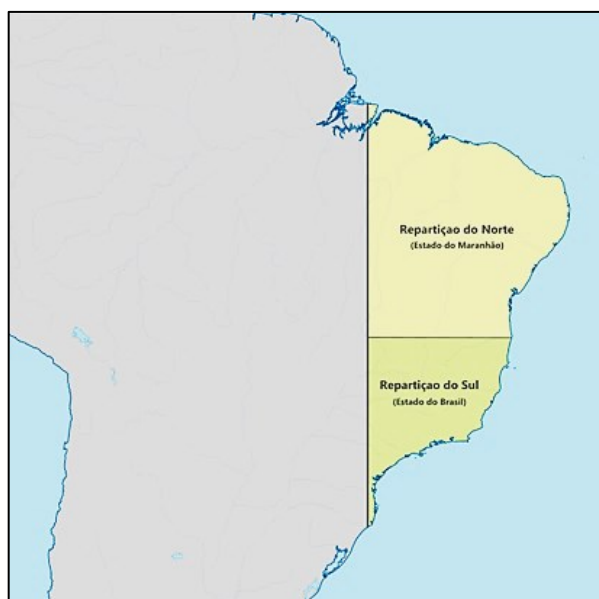
O Maranhão não é simplesmente um nome que pode ter exercido um papel decisivo na territorialização do Brasil. O Maranhão foi outra colônia portuguesa, na América, separada do Brasil, até o século XVIII⁸². Esse fato é muito pouco difundido e ainda não considerado nos estudos linguísticos. A tal *maranhensidade*, em analogia à *brasilidade*, é conhecida apenas lá, no Maranhão, e se restringe a uma determinada classe intelectual. A população em si tem pouco conhecimento do passado e da relevância do estado para a história do Brasil. Aliás, coincidência ou não, o isolamento e o “abandono político” de antigas colônias como Pernambuco e Maranhão⁸³, como importantes centros comerciais e

⁸² Não se considerando o viés xenófobo para os dias atuais como estratégia de retórica, o trecho do *Sermão Quinta Dominga da Quaresma* parece se referir ao Maranhão e ao Brasil como colônias independentes, comparando uma com a outra, sem uma relação hipônima/hiperônima como na atualidade.

⁸³ Segundo Levy (2018), em *De Recife para Manhattan: os judeus na formação de Nova York*, cerca de 600 judeus neerlandeses e portugueses, deixaram Recife, Pernambuco, por volta de 1653, sendo “expulsos” pelos portugueses cristãos (Inquisição) e que pelos menos 23 deles são fundadores da cidade de Nova York, antiga Nova Amsterdã. De acordo com pesquisas recentes sobre dados históricos, reflete-se até que ponto se pode falar em *expulsão*, uma vez que houve uma negociação complexa pelo território do nordeste sul americano (MELLO, 2011), envolvendo 63 toneladas de ouro, cessões territoriais na Índia e o controle sobre o comércio do chamado Sal de Setúbal? Além disso, há dados históricos de que portugueses e flamengos (neerlandeses da Antuérpia, Flandres, subordinados à Casa de Borgonha, Espanha) tinham longa parceria, desde a Idade Média, tanto em tecnologia de navegação como na instalação de engenhos de cana de açúcar, com o centro econômico mundial da época, a Antuérpia, financiando a produção de cana de açúcar em concorrência com os venezianos. Também a Casa de Habsburgo ou Casa da Áustria

intelectuais do passado, parecem não ser mera coincidência.

Figura 18 – O Estado do Maranhão (Norte) e o Estado do Brasil (Sul)



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_in_1572.svg. Acesso em 20/04/2020.

A formação demográfica “oficial” do Maranhão⁸⁴ inicia-se pelo litoral com comerciantes franceses que fundam a cidade de São Luís, a França Equinocial, no século XVI. Em 1615, portugueses tomam o território⁸⁵, e três anos depois, na estratégia do *uti possidetis* povoam a província com 300 lavradores açorianos. Em 1641,

(em alemão *Haus von Habsburg*) foi a casa real europeia soberana de quase toda a Europa e detinha o poder sobre a Espanha de 1516 a 1700 e por sua vez soberana de Portugal de 1580 a 1640, durante a união do reino ibérico. Por isso, a história registra várias personalidades que falavam línguas germânicas nas províncias da América espanhola, incluindo-se até uma província provisória na Venezuela fundada por eles. Além do poderio econômico, são as questões religiosas que dão o mote para que haja alterações nas relações entre as diferentes casas reais europeias, colocando os neerlandeses protestantes de um lado e os católicos de outro, conseqüentemente, separando holandeses e flamengos. E, assim como mudam as potências econômicas mundiais em diferentes eras, da Antuérpia, na Idade Média, passa a Amsterdã, durante os dois primeiros séculos da Idade Moderna, transferindo-se então para Londres, a partir do século XVIII. Portugal concomitantemente a esses fatos históricos muda seus parceiros comerciais e financiadores dos projetos de colonização, mudando-se as relações geopolíticas mundiais, bem como as narrativas da colonização (FURTADO, 2005).

⁸⁴ De acordo com Florestan Fernandes (1963) em *Organização social Tupinambá*, o Maranhão era povoado por grupos Tupinambá, que migraram da região do rio São Francisco na Bahia, Caeté e Potiguar vindos do litoral de Pernambuco, todos eles fugindo do extermínio ou escravidão. “Após a expulsão dos franceses, os Tupinambá do Maranhão e do Pará ficaram a mercê dos portugueses. Os contatos com estes tiveram conseqüências letais para os Tupinambá, do mesmo modo que no Rio de Janeiro e na Bahia” (FERNANDES, 1963, p. 48).

⁸⁵ Ver Cardoso (2013).

Supõe-se, assim, que os contatos linguísticos no Maranhão iniciaram com as línguas indígenas, de base tupi, na maior parte do território, com influência das línguas caraíba ou caribe ao noroeste, e gê em toda a faixa a leste. Os dialetos europeus vão entrando em contato conforme as diferentes colonizações do território. As línguas ibéricas como os dialetos de Castela ou castelhanas, enquanto a maior parte do território pertencia ao Peru, do galego-português até o final do século XVII, outras línguas românicas como os dialetos *d'oïl*, durante a França Equinocial, as germânicas como os dialetos neerlandês e alemão durante a Nova Holanda no nordeste. Essas línguas antigas entram na fase moderna por meio da difusão oral. É somente a partir do século XVI, com a invenção da imprensa décadas antes, e a partir daí, que se inicia o registro de padrões da língua portuguesa (gramáticas) e se começa a difundir e estabelecer uma *norma standard* que vai até o século XVIII, para chegar às classes populares, em Portugal⁸⁸. O latim, de um lado, e o alemão, de outro, eram as línguas da cultura escrita europeia até então que iriam delimitar os dois grandes grupos das línguas ocidentais, em línguas latinas e germânicas. No interior do Nordeste, até hoje nos recônditos mais isolados, ainda se fala em rezar missas em latim, e até mesmo o mito do sebastianismo, pode-se dizer, perdurou por séculos, como se o tempo não tivesse passado.

A tentativa de escravização indígena e o embate entre jesuítas e escravocratas perdurou durante muito tempo no Maranhão. Em 1682, criou-se a *Companhia de Comércio do Estado do Maranhão*, e um dos objetivos era a introdução de dez mil braços escravos africanos, à razão de 500 por ano (ELÍA, 1979, p. 191). Tal intento frustrado gerou a criação da *Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão*, em 1755, com apoio do Marquês de Pombal, que instituiu o *Diretório dos Índios* e proibiu a língua geral⁸⁹, a coiné de base tupi falada nesse território, passando a ser obrigatório o ensino e a difusão do português.

⁸⁸ Considerada a primeira Gramática da Língua Portuguesa, a gramática de João de Barros, de 1540, usa a estrutura do latim para explicar a estrutura do português e a ortografia segue o padrão do castelhano, já que não só a Galícia e norte de Portugal eram áreas bilíngues, galego e castelhano, conforme Ilari e Basso (2011, p. 43-44), mas também a classe letrada portuguesa usava o castelhano. Por isso, os traços do galego e do castelhano estão muito presentes na língua de João de Barros.

⁸⁹ “Fruto natural do contacto de duas culturas, a ‘língua geral’, batizada por Frederico Edelweiss como ‘dialecto brasileiro’ – termo tomado ao Dicionário português e brasileiro, que reproduz o tupi falado no Estado do Maranhão, por volta de 1700 -, era apenas uma língua veicular, de intercâmbio entre brancos, silvícolas e mamelucos, servindo quase tão-somente para relações comerciais. Simples acomodação linguística, possuía gramática rudimentar e léxico reduzido. Os lusismos, com sua respectiva adaptação à fonética tupi, encontradiços nos vocabulários brasileiros das décadas entre 1680 e 1750, fazem-nos vislumbrar a situação linguística das camadas populares daquela época” (ROBI, 1985, p. 161).

A cronologia da colonização lusitana do Maranhão iniciou-se, como se vê, com a criação do *Estado do Maranhão* em 13 de junho de 1621 e perdurou até 1654, período que coincide com a União Ibérica e a colonização holandesa. Tem-se, assim, o *Estado do Maranhão e Grão-Pará*, que se estende de 1654 a 1751 (período pós-União Ibérica e fim do território holandês). Com o avanço mais intensificado da colonização lusitana a oeste, criou-se, no período pós Tratado de Madrid, entre 1751 a 1771/1774, o *Estado do Grão-Pará e Maranhão*, que compreendia os estados do Maranhão, Piauí, Pará, Amazonas, Amapá e Roraima (SILVA, 2002).

No desmembramento do *Estado do Grão-Pará e Maranhão* em *Estado do Grão-Pará e Rio Negro* e *Estado do Maranhão e Piauí*, a historiografia contemporânea indica que esses territórios que pertenciam ao antigo *Estado do Maranhão*, eram diretamente subordinados a Portugal, não ao *Estado do Brasil* (CARDOSO, 2017). Isso se corrobora também na questão da independência das duas colônias, sendo que o Estado do Maranhão só “aderiu à Independência”, em 28 de julho de 1823, um ano depois da independência do Brasil, data esta instituída como feriado estadual, em que se comemora a adesão do Maranhão ao *Reino Unido do Brasil*.

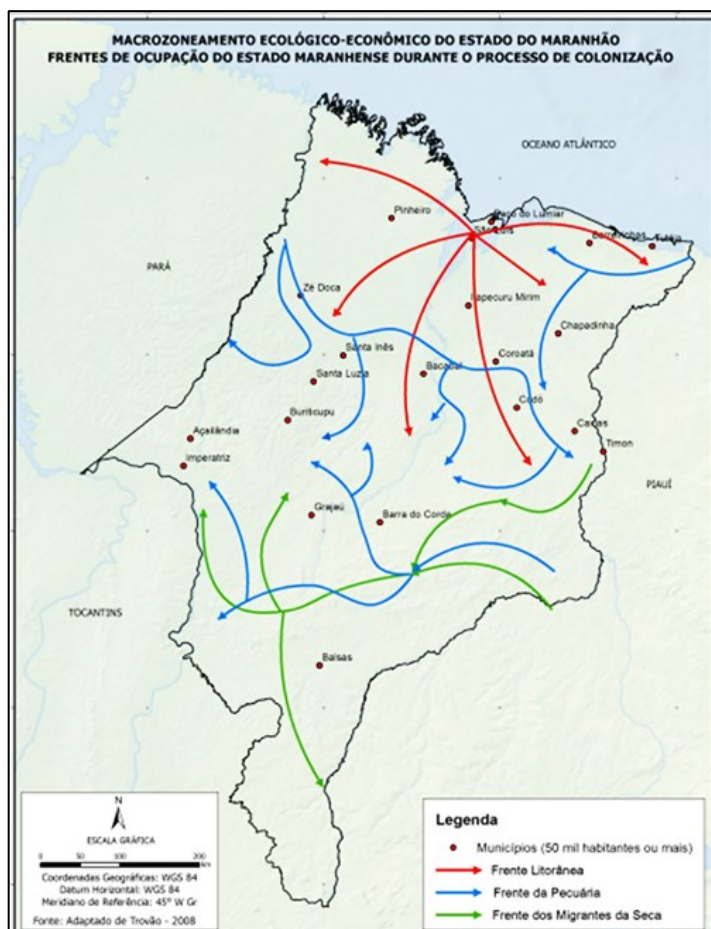
Desses fatos históricos depreende-se que os contatos linguísticos foram variados durante toda a história do Maranhão. E, embora a obrigatoriedade do português no século XVIII tenha virado lei, a *língua geral brasílica*⁹⁰ falada no Maranhão era a “língua do Maranhão”, com uma identidade própria e uma cultura bastante particular. Com essa frente litorânea de colonização, os grupos étnicos africanos (PETTER, 2011; MENDONÇA, 2012), principalmente bantos, se concentraram mais na região metropolitana e região nordeste do Maranhão, até a região de Codó, onde havia grande produção de algodão, no passado.

Atualmente, as línguas indígenas se concentram no centro, onde formam um cinturão que se estendia até onde tinham sido empurradas pelas invasões litorâneas, separando e isolando a porção sul do estado, que irá receber a colonização sertaneja vinda do Piauí, a partir do século XVIII. Com a frente dos migrantes da seca, populações indígenas como a dos canelas, akraôs e xavantes, no sul do estado, foram deslocadas para Goiás e Pará. As duas frentes históricas de ocupação, a litorânea e a

⁹⁰ Conforme Cruz (2011, p. 9), em *Fonologia e Gramática do Nheengatú*.

sertaneja, foram responsáveis por redesenhar o mapa das línguas indígenas maranhenses, concentrando-as no centro e noroeste do estado. A variedade do português sertanejo do interior da Bahia e Piauí, que surge por meio dos *caminhos do gado* (cf. CABRAL, 1992), permitiu contatos linguísticos diferenciados no sul do estado, configurando o português maranhense meridional. O mapa a seguir mostra as diferentes migrações no interior do Maranhão. Observe-se que o extremo sul parece não ser um destino muito comum, portanto mais isolado, até o passado recente.

Figura 20 – Mapa das frentes de ocupação do estado do Maranhão

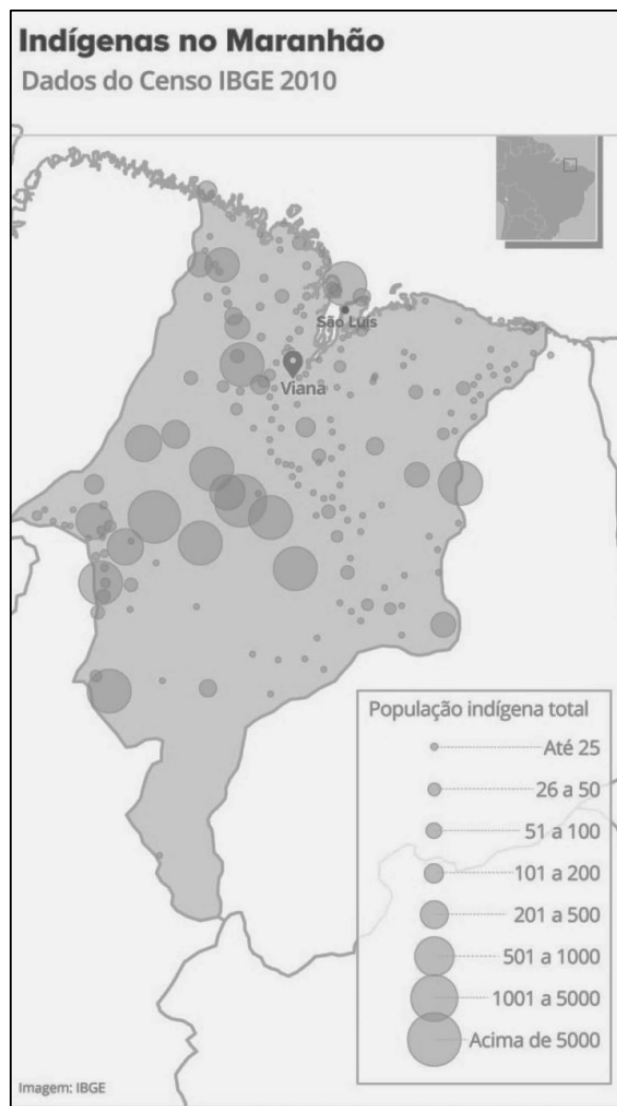


Fonte: NuGeo, UEMA, 2016

Segundo dados do IBGE vivem no estado cerca de 40 mil indígenas de diversas etnias, com 76% em terras indígenas e quase 10 mil vivendo fora de seus territórios em cidades ou áreas não demarcadas. Muitas das etnias foram extintas por extermínio ou por assimilação, como os Tupinambás (presentes na cidade de São Luís), Barbado, Amanajó, Tremembé, Araiões, Kapietrã, entre outros. As etnias presentes no Maranhão pertencem a dois troncos linguísticos, o Tupi-Guarani e o Macro-jê. Sendo o tupi falado por

Tenetehara (guajajara e tembé), Awá-guajá, Urubu-Kaapor, e o Gê falado pelas etnias Canela Apaniekrá e Ramkokamekrá, Pukobyê (Gavião), Krikati e Timbira Krepu'Kateyé⁹¹. Pelo espaço territorial atualmente ocupado no estado do Maranhão por esses povos originários, percebe-se o resultado das duas frentes de colonização do passado, como mostrado a seguir.

Figura 21 – População indígena no estado do Maranhão (baseado no Censo 2010)



Fonte: G1 (2017) com base no Censo do IBGE (2010). Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia.ghtml>. Acesso em 3/10/2020.

Feito esse breve percurso da colonização do Maranhão, é possível identificar os possíveis contatos linguísticos que levaram às marcas regionais presentes nesse

⁹¹ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ind%C3%ADgenas_do_Maranh%C3%A3o. Acesso em 03/10/2020.

português nordestino setentrional, hoje. Contudo, a variedade nordestina não é única, assim como não podemos considerar única a variedade nordestina setentrional, que compreenderia a fala maranhense e a fala piauiense. Dentro do próprio estado do Maranhão, há variação entre o português maranhense do sul e do norte, o que se deve provavelmente às distintas frentes de ocupação histórica dessas áreas acima mencionadas.

1.2.4 Alguns apontamentos sobre a sócio-história do português brasileiro

De modo geral, como vimos, os contatos linguísticos estão na raiz da formação do Brasil. Nessa primeira fase da colonização europeia, estima-se que existiam inúmeras línguas autóctones, em torno de 1.175 (RODRIGUES, 1993; 2013; SEKI, 1999, p. 2), e que quase mil dessas línguas originárias desapareceram. Dentre os principais troncos linguísticos, as línguas dos grupos caribe (karib), macro-arawak, macro-tupi e macro-gê predominavam na costa do atual Brasil. E as línguas de maior contato com as línguas europeias seriam as das famílias jê e tupi-guarani, sendo esta objeto dos primeiros estudos de contato linguístico, conforme a *Arte de Gramática da Língua mais falada na costa do Brasil*, de José de Anchieta, de 1595, quase um século depois do “primeiro contato oficial”⁹².

Todas essas línguas originárias faladas, no território, por população tão numerosa não sucumbiram à chegada das línguas europeias e africanas. Ao contrário, os dialetos europeus, mesmo sendo as línguas dos colonizadores, eram falados por grupos reduzidos de pessoas, que vieram durante os séculos XVI e XVII, e geralmente falados por lusos e espanhóis (grande parte de imigrantes judeus perseguidos em Portugal vieram da Espanha, os cristãos-novos). Esses grupos da colonização traziam, além dos dialetos castelhanos, um português muito diferente do português que

⁹² A data do “achamento” do Brasil é controversa no meio científico, segundo Ribeiro (2015, p. 59-60), que cita outros autores como Rodrigues (1978), com base em uma carta de Afonso IV ao Papa Clemente VI (cf. livro 138, fls. 148/149 do Arquivo Reservado do Vaticano), comunicando a descoberta da “Ilha Brasil” em 1343; e Cantarino (2004) que põe em dúvida se o Planisfério de Cantino (1502), seria mesmo o mapa da “Ilha Brasil” e um possível passado irlandês do Brasil. Ver a respeito Ribeiro (2015).

costumamos tomar como referência nos textos literários quinhentistas e seiscentistas. Mas, como se configurava essa língua portuguesa falada nos anos 1500?

A transliteração em ortografia original da carta do “nascimento do Brasil” nos dá uma ideia – era o português arcaico ou antigo, com inúmeras marcas do galego-português (ILARI; BAXTER, 2011, p. 32-33). Os dialetos de língua portuguesa que aqui aportaram eram apenas falados; não havia uniformidade, e ainda se buscava uma identidade própria que se diferenciasse dos dialetos vizinhos, principalmente do reino de Castela (FARACO, 2016, p.54). Inúmeros textos da corte, como os *Cancioneiros*, a poesia palaciana, do século XV, XVI e outros textos produzidos até o século XVII ainda eram escritos em castelhano. Essa evolução do português europeu não pode ser desprezada no início da formação do português brasileiro⁹³. As tentativas de difundir um padrão de língua nas colônias iniciam a partir do século XVIII, com a efetiva apropriação do território e a proibição das demais línguas nelas faladas. Isso se verifica n’*O Compendio de Orthographia Portugueza*, de Monte Carmelo, de 1767:

Compendio de Orthographia, com sufficientes catalogos e novas regras, para que todas as provincias e dominios de Portugal possam os curiosos comprehender facilmente a orthologia e prosodia; isto é, a recta pronuncia e accentos proprios da lingua portugueza. Accrescentado com outros novos catalogos, e explicação de muitos vocabulos antigos e antiquados para intelligencia dos antigos ezcriptores portuguezes; e de todos os termos vulgares menos cultos e mais ordinarios, que sem alguma necessidade não se devem usar em discursos eruditos; das phrases e dicções comicas de mais frequente uso, as quaes sem um bom discernimento não se devem introduzir em discursos graves ou serios; e finalmente dos vocabulos e diversos abusos da plebe, mais conhecidos e contrarios ao nosso idioma, os quaes sempre de devem corrigir ou evitar.

Fonte: Gonçalves (1996, p. 105)

Esse argumento, com base na história social e filológica do português, nos contatos linguísticos e na observação de dialetólogos como Coelho (1880), no século XIX, e até da sociolinguística⁹⁴, é suficiente para se admitir a existência de uma ou mais

⁹³ Por exemplo, o dialeto cuiabano ainda mantém fortes traços do galego-português, justamente por ter sido o ponto geográfico de grande interesse na época do ouro (SANTIAGO-ALMEIDA, 2013).

⁹⁴ Guy (1981) defende a crioulização do português brasileiro e a descrioulização. Tarallo (1993, p. 51) citando Coelho (1882), pergunta, “se o PB começou a descrioulização por volta de 1885, por que o PB teria começado a mudar na direção oposta ao PE?”

coínés chamadas de *línguas gerais* ou *língua brasílica* e a influência destas na formação do português brasileiro. É possível ver isso no texto do *Catecismo na Lingoa Brasílica*, do padre Antonio d'Araujo, de 1618⁹⁵. Considerando-se também a hipótese de que muitos africanos já traziam outra coíné de base portuguesa da costa do continente africano, além das 200 a 300 línguas diferentes faladas aqui por esses povos escravizados (PETTER, 2006; CASTRO, 1990; FERREIRA 1984). À medida que a colonização ia avançando, ia recebendo influências de várias línguas, autóctones e alóctones, como na palavra “katecismo”, grafada com <k> e não com <c>. Um catecismo elaborado pelos capuchinhos franceses, em 1709, com orações como pai-nosso, ave-maria e credo em língua autóctone, cariri ou kariri, nos leva à descrição do contato dessas línguas, no início do século XVIII.

Tudo indica que a *língua brasílica* ou *línguas gerais* eram faladas livremente no Brasil até meados desse século, quando em 1758 (MENDONÇA, 1935, p. 109), o Marquês de Pombal instituiu o *Diretório dos Índios*, passando a língua portuguesa a ser obrigatória. Esse momento coincide com a expulsão dos jesuítas do país e com a culminância de uma política linguística vigente em Portugal, desde o século anterior para implantar uma norma padrão do português escrito e falado, com base na publicação de vários instrumentos normativos que buscam popularizar textos literários clássicos⁹⁶, tanto junto à população lusa, como também às colônias de Portugal. Alguns manuais ortográficos desse período, como a *Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*, de Madureyra Feyjó, de 1734, e o *Compêndio de Orthografia e Orthologia*, do Frei Monte Carmelo, de 1767, que fazem críticas a determinados ‘modos de falar’ nas colônias. A língua da erudição era o latim e muitos escritores portugueses também escreviam em castelhano. Nas colônias, os contatos linguísticos ocorriam entre variedades antigas do português de base oral, herança da matriz medieval em transição dos séculos XIV ao XVII, e que se diferenciavam bastante do português falado pela corte e pelos eruditos (FARACO, 2016).

⁹⁵ O *Catecismo na Lingoa Brasílica*, do padre Antonio d'Araujo, de 1618, é trilingue, em português, língua brasílica e latim. Por ser um texto do gênero manual religioso, as indicações do manual estão em português (títulos e enunciados), os textos de orientação teológica estão em língua brasílica e os excertos enunciativos para o missionário proferir nas cerimônias, em língua brasílica ou latim. O texto apresenta também code-switching, além de alguns trechos de tradução.

⁹⁶ Ver Henriques (2019), em *Geo-História do Português: estudos sobre a história e a geografia do português na perspectiva brasileira*.

As reflexões suscitadas a partir da “pré-história” de formação do português brasileiro, anterior ao contato intervareietal do português sulista e nortista analisado nesta tese, não são o foco central deste estudo, mas levantam questões sobre os contatos linguísticos regionais no Brasil localizados no tempo e espaço, sobre os quais este estudo pode jogar luz.⁹⁷ Não havia, no período colonial, um padrão de língua única nem mesmo em Portugal. As variedades do português europeu disputavam o estabelecimento de um *status* linguístico em seu próprio berço entre o português do norte (Douro e Minho) de influência galega (*origem do português arcaico*), e o do centro sul (Coimbra e Lisboa e porção sul de Portugal) com forte influência árabe, moçárabe e castelhana (*origem do português clássico*). Há a tentativa de unificar o português, por meio da escrita; a imprensa, porém, chega somente ao final do século XIV a Portugal – início dos anos 1500 – e era de difícil acesso⁹⁸.

É a partir do século XVIII, após mais de dois séculos e meio de variados contatos linguísticos, em Portugal, nas colônias africanas e nas colônias americanas, que se inicia uma política linguística efetiva da língua portuguesa, difundindo-a junto à população. O português clássico de tradição literária levará o mesmo tempo para ser popularizado. Antes disso, o português de base oral não tem prestígio, tem *status* de língua minoritária, o latim ainda ocupa esse espaço (MIRANDA, 2012) e ocupou até o início do século XX, nas colônias americanas.

⁹⁷ Galves (2012) revisa a periodização da história do português, na transição do português arcaico para o português moderno e propõe o termo *português hispânico*. Esse período de transição de uma coíné de vários dialetos galegos, portugueses e espanhóis do qual emerge e se fixa o português moderno é controverso. Alguns autores (Leite de Vasconcelos, Silva Neto, Pilar V. Cuesta, Lindley Cintra) denominam e subdividem o período do século XIV ao XVIII de português trovadoresco, português arcaico, galego-português, português antigo, português comum, português pré-clássico, português médio e português clássico, de acordo com um quadro de periodização de Mattos e Silva (1994, 2006). E quanto à periodização do português moderno também não há unanimidade, se ele se fixou ainda no século XVIII ou a partir do XIX, como as demais línguas europeias, no estabelecimento dos estados nacionais.

⁹⁸ Cardeira (2005) tenta estabelecer um quadro de evolução do português citando a criação de universidades e o número de livros nas bibliotecas do século XIV, mas no fim acaba admitindo que a escritura de livros era muito dispendiosa, que houve um decréscimo de publicações no século XV e que o livro impresso era um luxo, uma raridade em Portugal, porque a imprensa inventada na Alemanha, em 1440, só chega a Portugal no final do século.

Sem dúvida, a segunda fase da colonização lusa⁹⁹ com a obrigatoriedade do português e a política de (re)povoamento das diferentes regiões do Brasil, com a imigração de portugueses açorianos a partir de meados do século XVIII (acompanhados por um número reduzido de imigrantes de outras nações europeias no Brasil Colônia) irá mudar o *status* de todas as demais línguas faladas nesses espaços. A política de conquista e posse irá se intensificar com a abertura dos portos à imigração em massa e a independência, com a estratégia da implantação definitiva da língua como instrumento de unificação dos antigos e novos territórios ao norte e sul do país.

Esse processo de aquisição do português como *língua segunda* acelerou a substituição e progressiva redução das demais línguas faladas no país, tanto línguas autóctones como alóctones, pois eram todas línguas de base oral (*Abstand*), que foram sendo substituídas por outra língua (*Ausbau*), agora de base escrita, porém, e, ainda predominantemente, na oralidade (TEYSSIER, 1997 [2001]).

Isso se comprova pelo fato de sermos uma geração que possui, majoritariamente, seus avós analfabetos, ou mesmo pais que não frequentaram a escola ou foram apenas semi-alfabetizados, pois o acesso à escrita ou ao letramento era até então privilégio de poucos¹⁰⁰ (escolas, no século XIX e em pleno século XX, eram raras e funcionavam como internatos religiosos, os filhos da classe dominante iam estudar na Europa)¹⁰¹. Com a maior parte de sua população esparsa e isolada na zona rural, até meados do século XX, a aquisição do português moderno (*escrito*) era impossível, predominando assim o português falado, base do português brasileiro.

⁹⁹ A primeira fase da colonização sul-americana foi a “conquista do território”. Essa conquista dura mais de três séculos e vêm daí os inúmeros contatos entre diferentes línguas. E essa conquista também tem duas fases, uma em que os reinos ibéricos (Portugal e Espanha) conquistam territórios em parceria até a restauração da independência de Portugal em 1660, e outra em que se prolonga um longo período para a separação dos domínios entre essas coroas.

¹⁰⁰ Lobo e Oliveira (2012; 2009, p. 9) se amparam em Freire (1993), para falar de um período (do século XVI a 1850), como um período do analfabetismo no Brasil, e não da alfabetização. Acrescento a isso, que era bem difícil haver antes do século XIX alguma preocupação com a língua ou as línguas faladas no Brasil, se o interesse maior ainda era o de delimitar e subjugar territórios conquistados. A história do português brasileiro está atrelada à história da colonização, não da história difundida na versão do colonizador, mas da análise de dados históricos pesquisados em diferentes fontes, incluindo-se aqueles existentes nas antigas casas europeias (antes da delimitação dos países europeus), povos que também estiveram aqui antes e durante a colonização portuguesa, ora como parceiros, ora como inimigos, disputando espaços por longo tempo.

¹⁰¹ A universalização do ensino no Brasil só ocorre, efetivamente, no fim do século XX.

No sul e no sudeste do país, onde se recebeu a maior parte da imigração em massa do século XIX, esse português se torna ainda mais brasileiro do que português, nos adstratos de outras línguas românicas modernas como o espanhol e o italiano, reforçando ainda mais os traços já presentes no PB e acrescentando outros com as línguas germânicas e asiáticas, na variedade sulista. No caso dos imigrantes já letrados que vieram depois da República, esses ensinavam a sua língua nas escolas da sua comunidade até serem fechadas pela ditadura Vargas (cf. SILVA, 2007). É nesse quadro histórico-linguístico geral revisitado que surgem e se configuram as variedades regionais do português brasileiro do norte e do sul, adquiridos por meio dos diferentes e mais diversificados contatos linguísticos, ao longo do tempo.

1.3 Migrações e contatos linguísticos no Sul do país

A disputa pelos territórios da região da Bacia do Prata (região Sul do Brasil) e a demarcação definitiva das fronteiras com os vizinhos hispânicos motivou o povoamento em massa para que o *uti possidetis* justificasse a territorialização pela coroa lusitana. Como se pode verificar no próximo mapa, a fronteira inexistia, e as alianças entre as famílias reais europeias eram transitórias e controversas (relações de parentescos e sucessão de tronos¹⁰²). As fronteiras políticas entre o território espanhol e lusitano não

¹⁰² A história dos contatos linguísticos na América do Sul, desde o início, está entrelaçada pelas alianças das casas reais europeias, ora parceria, ora concorrência, de acordo com o grau de parentescos na sucessão de tronos. A proximidade entre portugueses e germânicos pode ser explicada, em parte, pelas origens étnicas franco-portuguesas do primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques, e a Dinastia de Borgonha Portuguesa ou Dinastia Afonsina, originária da Dinastia Capetiana, que eram povos germânicos que adentraram o espaço do Império Romano a partir da Frísia e governaram por mais de três séculos a maior parte do território atual da França e da Francônia (<https://www.casarealportuguesa.org/dynamicdata/Cronologia.asp>), (parece ser a mesma região de origem também do major alemão Schaeffer, ajudante de ordens da Princesa Leopoldina, e designado pela coroa a trazer imigrantes para o Brasil, fundando a colônia de Frankental, na Bahia), além dos casamentos reais com herdeiros da Casa dos Habsburg ou Casa da Áustria. Além dessa origem comum, também a parceria entre portugueses e germânicos na colonização do arquipélago dos Açores e Madeira, para a implantação de lavouras e engenhos de cana de açúcar (FURTADO, 2005), atividade que foi transplantada para o Brasil no século XVI, desde a fundação do primeiro engenho na capitania de São Vicente, o *Engenho Erasmus* (ruínas existentes no museu da USP, em São Paulo), em que se reitera ainda mais um contato cultural e linguístico de longa data no Brasil (500 anos de alemães no Brasil, FFLCH-USP). Não por isso, há um Brasil retratado em desenhos, pinturas e mapas e tudo o que se produziu ao longo desses cinco séculos em expedições de engenheiros, técnicos e pesquisadores, além de artistas germânicos nessa parceria com a coroa portuguesa (ver arquivos da Biblioteca Nacional, RJ).

estavam definidas até o início do século XIX (KOCH, 2000, p. 55), nem mesmo com o Tratado de Madrid, em 1750 (TORRES, 2004; PIAZZA, 1980). Assim, a Bacia do Prata foi palco de inúmeras batalhas, porque se protelou ao longo de todo o processo de colonização a delimitação da fronteira definitiva, e toda essa região parecia ter um *status* de “zona neutra”, durante muito tempo, pois transitavam tanto espanhóis até a Vila de São Vicente, quanto portugueses até a colônia de Sacramento¹⁰³.

Figura 22 – As fronteiras do Brasil com os países hispânicos, em 1823



Fonte: Henry Charles Carey & Isaac Lea, Geographical, Statistical, and Historical map of Brazil (1823)

¹⁰³ Cada colonizador tentava mapear a região do Prata, segundo os seus interesses. Há uma rica cartografia com diferentes configurações de fronteiras e chama a atenção, em alguns mapas, a dimensão do Paraguai que detinha uma grande parte do território do Prata, desde o Chaco até Guairá ou Guaira. Na grande guerra que houve na América do Sul, o Brasil que já havia se preparado com seu “exército” avança e toma boa parte do território paraguaio (cfe. mapa jesuíta *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu Cum Adiacentibus Novissima Descriptio Post iterata peregrinationes & plures observationes Patrum Missionariorum*. Rome, 1732 [Giovanni Petroschi]). Disponível em <https://www.raremaps.com/gallery/detail/37284/paraquariae-provinciae-soc-jesu-cum-adiacentibus-novissima-petroschi>. Acesso em 08/03/2021.

Várias foram as batalhas, em pleno século XIX, pelo domínio definitivo da região Sul do Brasil. São exemplos a *Guerra do Contestado* (1812-1816), entre a fronteira do Paraná e Santa Catarina; revoltas internas mais ao sul e externas, *Guerra contra Artigas* ou *Primeira Guerra Cisplatina* (1816-1820); depois outra *Guerra Cisplatina* (1825-1828), *Brasil contra as nações do Prata*; inúmeras batalhas internas dos próprios estancieiros e ervateiros lusos que eram liberais e declaravam independência da *Província de São Pedro do Rio Grande*, antes e durante o início da imigração europeia, passando pela *Revolução Farroupilha* (1835-1845) até a grande *Guerra do Paraguai* (1864-1870).

A estratégia de povoamento pela imigração de famílias de outras nações europeias, adveio, em certa medida, de duas demandas da colonização portuguesa: o *uti possidetis*, ou seja, o território é de quem ocupa, e a formação de um exército imperial por soldados dessas nações (DREHER, 2014, ALVES; KLUG; WITT, 2017), aproveitando-se o excedente populacional dos conflitos liberais na Europa. Nesse contexto, o discurso sobre a política de “branqueamento” (v. SEYFERTH, 2015, p. 121-124) serviu como um mote das genuínas estratégias de colonização, desde a transferência da capital do nordeste para o sudeste, a vinda da família real, em 1808, a abertura dos portos¹⁰⁴ ou concessão de terras a “estrangeiros”. A consolidação da “conquista do Oeste” buscava definir as fronteiras de territórios conquistados tanto em direção ao sul como a oeste, como foi a aquisição do estado do Acre¹⁰⁵, por exemplo, já no século XX.

As tentativas da Coroa Portuguesa em atrair imigrantes europeus que se dedicavam à produção agrícola deram-se logo após o Tratado de Madrid. Junto com os açorianos vieram já colonos de outras etnias europeias, no entanto, como não se tinha direito à terra, essa imigração não se expandiu. Foi com a abertura dos portos, em 1808 (*Lei decreto de 25 de novembro sobre a concessão de terras a estrangeiros*), que os

104 Segundo Celso Furtado (2005), a abertura dos portos foi uma consequência da política econômica mundial liberal e da pressão inglesa sobre a escravidão no Brasil, considerada “ilegal”, em pleno século XIX. Disso se pode cogitar que uma colônia, que intencionava sua independência e autonomia política, precisava “branquear”, “escamotear os vestígios”, “o apagamento”, ou será que o Brasil não temia ser responsabilizado em algum tribunal internacional por crimes contra a humanidade? Essa política vai transparecer com toda a força no decreto 528, de 28 de junho de 1890, artigo 1º, proibindo a entrada de imigrantes da África e da Ásia.

105 Essa parece não ter sido a única aquisição de territórios em troca das riquezas naturais exploradas para a ampliação do mapa do território colonizado.

primeiros grupos numericamente mais relevantes começaram a imigrar. Assim, uma década depois, por volta de 1818 são fundadas colônias no sul da Bahia,

como política do Estado português, depois brasileiro, de expansão da fronteira agrícola e a sua conseqüente territorialização. [...] buscava substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho livre, com a formação de uma classe média rural de origem europeia¹⁰⁶ (CORRÊA, 2007, p.1).

Outras colônias também foram fundadas no intuito de abastecer a corte e o exército com produtos agrícolas. Assim, é em 1817, a colônia Viana, no Espírito Santo, e também a fundação da colônia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, “com suíços de língua francesa, que se tem, como base inicial de exploração, a pequena propriedade não monocultora” (ALVES, 1989, [2017], p. 28).

A política de imigração só tem desenvolvimentos efetivos após a independência do Brasil,¹⁰⁷ quando, em 1823, D. Pedro I envia o médico alemão e major da sua guarda pessoal, G. A. von Schäffer, à Alemanha. Com isso, vêm para o Brasil em torno de 6 a 7 mil camponeses e artesãos, que passam a ser denominados de *colonos*:

No período imperial, as palavras imigração e imigrante estão ausentes da maioria dos textos legais até a década de 1850, e a categoria de referência, mesmo na segunda metade do século XIX, é “colono estrangeiro”, eventualmente associado a um indicador de nacionalidade. Inicialmente subordinada à Secretaria de Estado de Negócios Estrangeiros e ao arbítrio direto do imperador Pedro I, a imigração passou para a Secretaria de Estado dos Negócios do Império em 1830 e, em 1861, para a recém criada Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. A última inserção permaneceu até a década de 1930, mostrando o interesse do Estado na colonização estrangeira como base para a ocupação de terras devolutas (SEYFERTH, 2015, p.114).

¹⁰⁶ As colônias fundadas no sul da Bahia foram projetos implantados pela coroa portuguesa com pequenos grupos de imigrantes franco-suíços para produzirem café, cacau e outros produtos para exportação. No entanto, a maioria dessas colônias sucumbiu por falta de apoio governamental e mudou seu perfil, adotando o mesmo sistema escravagista colonial como mão-de-obra nas *plantations*, houve conflitos entre fazendeiros com condenação de escravos, como o caso Venerote, e fatos comoventes nas senzalas que geraram motins, o que acabou acelerando a Lei Áurea (CAIRES SILVA, 2016). O fracasso da Colônia Leopoldina, fundada por brasileiros e suíços, deu origem a Helvécia, um quilombo em uma das antigas fazendas e onde se abrigaram grande parte dos escravos que trabalhavam nesse projeto econômico da família imperial (CORRÊA, 2003; 2007).

¹⁰⁷ A independência pareceu apenas uma estratégia de unificação de territórios, uma vez que continuou a ser governada pela mesma família imperial do Brasil Colônia, que mantinha interferências políticas aquém e além mar (basta lembrar que D. Pedro vai a Portugal lutar contra o próprio irmão). As estratégias expansionistas na colônia garantiram a centralização do poder e a submissão das províncias com o sufocamento das revoltas pelo exército imperial (reforçado com 2 mil imigrantes europeus), assim como pelas batalhas constantes na disputa de territórios com a coroa espanhola.

Entre os critérios para agenciamento de colonos na Europa estava que estes deveriam ser agricultores, católicos, preferencialmente casados e com filhos, sadios, moralizados, em plena capacidade produtiva, sendo limitado o número de imigrantes com mais de 45 anos, e tendo idade entre 18 e 40 anos, dever-se-ia prestar serviço militar. Assim, fundaram-se as colônias alemãs de São Leopoldo, em 1824, a colônia de São João das Missões, em 1825, a colônia de Três Forquilhas e de São Pedro das Torres, em 1826, e a colônia de São José do Hortêncio, em 1827, todas localizadas no Rio Grande do Sul. Em 1828, foram fundadas a colônia de São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, e as colônias de Santo Amaro, Itapecerica e Rio Negro, na então província de São Paulo (e Paraná).

Os imigrantes, inicialmente, recebiam um lote de terras de 77 hectares, que foram reduzidos em 1848 para 48 hectares, e em 1875 para 25 hectares (HERÉDIA, 2001). Não há estimativas precisas sobre o número de imigrantes que entrou no Brasil entre 1824 a 1830. Alguns autores calculam 4.856 imigrantes vindos apenas para o Rio Grande do Sul, outros chegam a 5.350 e mesmo 6.856 imigrantes, segundo Willems (1980, p. 40-41). Uma medida do governo imperial de 1834 repassando às províncias o gerenciamento da imigração fez com que diminuísse o fluxo de imigrantes vindos da Alemanha. Além disso, a instabilidade política na região, com a revolta de estancieiros republicanos que desejavam libertar-se do império, culminou na Revolução Farroupilha de 1835 a 1845, encerrando o período da imigração pioneira europeia:

Com o término da Revolução Farroupilha, em 1845, retoma-se a imigração além-mar; chegam, assim, novos imigrantes que vão ocupar a faixa oeste das colônias velhas, ocupando as terras ao norte do rio Jacuí, desde o Vale do Rio Pardo. Com isso, fecha-se o ciclo das primeiras colônias que formam a base do Hunsrückisch rio-grandense (pode-se dizer sua *Heimat*), onde se estabelece uma imprensa e escolas em língua alemã e, de onde, os descendentes irão partir em busca de novas terras (ALTENHOFEN; MORELLO *et al.*, 2018, p. 46).

Vale acrescentar que os imigrantes tinham que arcar com todos os custos da viagem ao Brasil e ter condições econômicas de se estabelecer como pequenos proprietários rurais, pois as companhias de colonização adquiriam terras baratas em grande quantidade e as revendiam mais caras ao imigrante, obtendo lucros com a imigração (SANTOS, 1994). Com isso, houve o rápido enriquecimento dos proprietários das companhias e o endividamento de colonos que não conseguiam sobreviver na pequena propriedade.

“Contudo, no início, algumas colônias sobreviveram, precariamente, retomando

formas de vida primitivas já abandonadas na Alemanha” (SANTOS, 1994, p. 13), principalmente, na tentativa de criar junto com São Leopoldo (1824) a colônia de São João das Missões (1825), no isolado e conflituoso território das reduções jesuíticas que havia sido retomado por milicianos gaúchos aos vizinhos espanhóis novamente em 1801, e onde permanecerá em lutas entre caudilhos uruguaiois e rio-grandenses até a década de 1820, despovoando e instabilizando a região (ZARTH, 1997). Mesmo assim, entre 1848 e 1874, fundaram-se as colônias de Santa Cruz (1849), Santo Ângelo (1855), Nova Petrópolis (1858) e Monte Alverne (1859), com cerca de 10 mil imigrantes. As três últimas colônias foram emancipadas em 1881, tendo recebido mais 10 mil imigrantes até 1889.

Um segundo grupo de imigrantes que veio em grande número ao sul do Brasil é o dos italianos. Esse grupo chegou ao Rio Grande do Sul mais tarde, em 1875, e se instalou inicialmente na parte superior do planalto, no nordeste do Rio Grande do Sul. Foram fundadas duas colônias nos Campos de Vacaria, entre os rios Caí e das Antas, com os nomes de Dona Isabel e Conde D’Eu, atuais, Bento Gonçalves e Garibaldi (SANTOS, 1994).

O governo provincial criou companhias de colonização e contratou empresas comerciais para promover a imigração, gerando as colônias públicas, porém, as empresas particulares foram as grandes beneficiadas. Segundo Santos (1994), o trabalho escravo continuava proibido nas colônias.

As colônias de Garibaldi e Caxias do Sul prosperaram, e a maioria dos imigrantes conseguiu saldar suas dívidas, contraídas com a compra dos lotes, alimentos, sementes, instrumentos agrícolas e até com a viagem, esta última contraída junto ao governo imperial (SANTOS, 1994, p. 16).

Com o fim do Governo Imperial e o início da República, a partir de 1890, novas colônias foram criadas no norte e noroeste do Rio Grande do Sul, como a colônia Ijuí (1890), a colônia Guarani (1891) localizada no município de Santo Ângelo, e outras colônias nessa região a oeste. Os imigrantes chegavam a Porto Alegre e eram conduzidos a Divino Espírito Santo de Cruz Alta (Cruz Alta), uma vila transformada em município já em 1834, e que se tornou o centro político e econômico do planalto gaúcho durante todo o século XIX, onde as colonizadoras, em sua maioria particular, ofereciam lotes de terra nas várias colônias criadas nos arredores, como a colônia Visconde Rio Branco, Santa Clara, General Osório, Neu Württemberg parte (Panambi), Emilio Callo; em Santo Antônio da Palmeira (Palmeira das Missões) a colônia Thesouras, Xingu, Neu

Württemberg parte (Panambi), Alto Uruguai, Guarita, conforme o relatório de 1919, da Diretoria de Terras e Colonização (NEUMANN, 2019). Também a colônia pública de Erechim (às margens da ferrovia que vinha de São Paulo a Porto Alegre, recém-construída), e outras que já se estendiam para o oeste de Santa Catarina. Muitas dessas colônias se transformaram em município, como diz Leo Waibel,

Uma segunda zona pioneira se desenvolveu a partir de 1890 no planalto ocidental do Rio Grande do Sul. Lá foi a construção da estrada de ferro de Porto Alegre a São Paulo, atravessando o Paraná, que tornou possível a colonização desta região remota (apud ZARTH, 1997, p. 22).

Com isso, é possível compreender como se dá o povoamento do estado mais ao extremo sul do Brasil. A imigração europeia que já nesse período havia se diversificado com italianos, poloneses, holandeses e outras etnias, não cessou com a república.

[...] foram implementadas colônias mistas, em termos étnicos e religiosos. O governo defendia a proposta de colocar no mesmo espaço da colônia diferentes grupos étnicos, como na colônia Ijuí, tanto de origem europeia, quanto nacionais, para acelerar a assimilação e as trocas tecnológicas. Esse foi um ponto de divergência e afastamento de imigrantes das colônias públicas, que buscavam núcleos étnicos ou confessionais, evadindo para as colônias com esse perfil, como Serro Azul (Cerro Largo), Neu-Württemberg (Panambi) e, posteriormente, o oeste catarinense (NEUMANN, 2019, p. 97).

É possível perceber, assim, um distanciamento temporal entre as chamadas colônias velhas etnicamente homogêneas (fundadas no início da imigração, nos vales do Sinos, Caí, Taquari e Rio Pardo) e as colônias novas – etnicamente mistas – do noroeste do Rio Grande do Sul, na bacia do rio Uruguai (fundadas por imigrantes a partir de 1890) – ver mapa da fig. 23. Do total geral de imigrantes de línguas alemãs, em um século, desde 1824 a 1930, saíram da Europa para o continente americano mais de quatro milhões de falantes.

Santa Catarina recebeu um número menor de imigrantes italianos, que se concentraram especialmente nas localidades de Nova Trento, Nova Veneza e Uruçanga. Essa colonização é anterior à imigração em massa que ocorreu para o estado de São Paulo e serviu como propaganda para introduzir os italianos na lavoura cafeeira paulista. De acordo com Santos (1994, p. 16), “muitos dos imigrantes que foram para São Paulo achavam que estavam se dirigindo para os núcleos coloniais das províncias sulinas”.

Nessa época, entre as comunidades rurais italianas na Itália, a palavra de ordem era “andare in Mérica”. De acordo com as estatísticas da época, estima-se que, entre 1875 e

1914, estabeleceram no norte do Rio Grande do Sul “entre 80 e 100 mil italianos” (DE BONI; COSTA, 1984, p. 68), vindos, sobretudo, da Lombardia, do Vêneto e de Trento. De acordo com De Rosa (1987), com base nas estatísticas de entrada de imigrantes nos portos do Rio de Janeiro e de Santos, no período de 1820 a 1908, entraram no Brasil: 1.277.040 italianos, 672.213 portugueses, 303.508 espanhóis, 96.006 alemães, 62.209 austríacos, 60.374 russos, além de contingentes menores de franceses, ingleses, suíços, belgas, suecos e outros, totalizando 2.656.177 imigrantes (MARGOTTI, 2004, p.36, *foram suprimidas as notas de rodapé*).

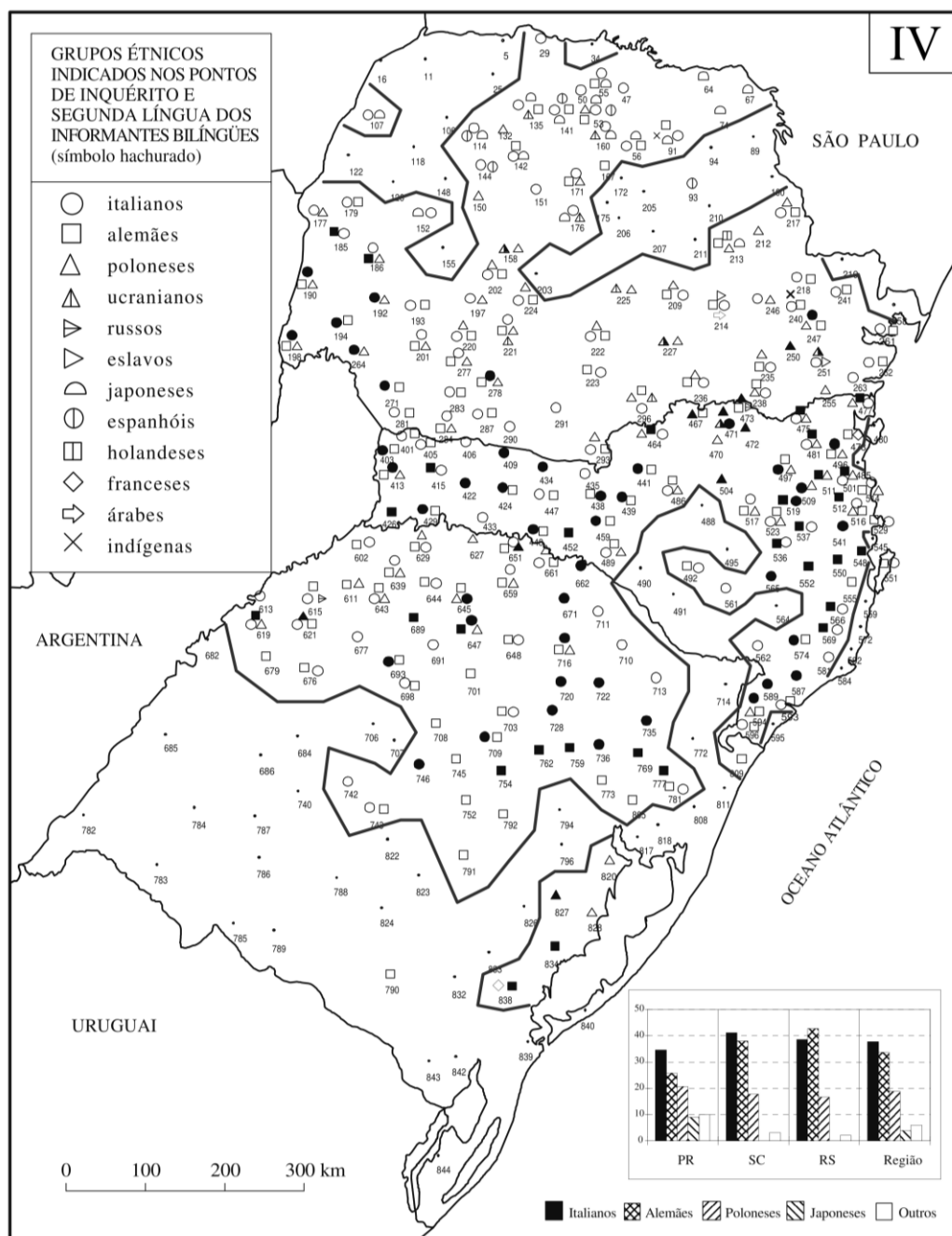
Os imigrantes italianos trouxeram com eles vários dialetos, em torno de dezoito variedades, segundo Frosi (2000), e tiveram uma fase monolíngue em italiano, uma fase bilíngue em português e italiano, até culminar, em muitas localidades, com o predomínio monolíngue em português.

Todavia, se comparado ao primeiro período da história sociolinguística da RCI [*Região de Colonização Italiana*] com os demais períodos que se sucederam até chegar aos dias atuais, não será difícil reconhecer que, na primeira fase dessa história, a situação linguística é, predominantemente, a da coexistência de múltiplos dialetos italianos diversificados. Intercruzamentos dialetais certamente aconteceram desde os primeiros anos da colonização, decorrentes, sobretudo, do critério – geográfico e não étnico-dialetológico – adotado no assentamento dos imigrantes na RCI (FROSI, 2000, p. 87).

Também os descendentes de italianos sofreram a imposição da “nacionalização do ensino” pelo governo de Getúlio Vargas, o que fez com que o número de falantes reduzisse drasticamente. Atualmente, os dialetos de base italiana se fundiram em uma coine de base vêneta, o talian. Essa língua de imigração sofreu mudanças no Brasil, devido principalmente ao contato com o lombardo e o português.

Como observam Altenhofen e Thun (2016), essas colônias-mãe ou colônias velhas produziram, nos três estados sulistas, um excedente populacional que teve que migrar em busca de novas terras, onde ainda havia “espaços vazios não habitados”. Enquanto as colônias velhas se caracterizavam como etnicamente homogêneas, a exemplo das colônias anteriores dos imigrantes alemães e também como no caso da RCI (*região de colonização italiana*), nas colônias novas, fundadas a partir da República, assentavam-se falantes de grupos migrantes distintos. Isso pode ser observado no mapa a seguir em que fica evidente a grande contribuição de imigrantes e de suas línguas na paisagem do Sul do Brasil.

Figura 23 – Áreas de presença de populações bilíngues, de acordo com os informantes do ALERS



Fonte: ALERS (2011b, p. 62)

As migrações e os contatos de línguas de imigração entre si e com o português são, como se vê, uma característica fundamental da região Sul do Brasil. Internamente, a distância temporal entre as colônias velhas (fundadas durante o governo do Império) e as colônias novas (iniciadas no período da República) não é só uma distância temporal, mas uma distância também cultural e linguística, em que se mesclam tradições orais e escritas.

A fundação de novas colônias com participação de grupos de imigrantes irá seguir até, sobretudo, a década de 1950. Ao lado dos imigrantes alemães e italianos, poder-se-ia mencionar muitos outros, entre os quais holandeses, espanhóis, portugueses, poloneses, japoneses, russos, ucranianos, que vieram “fazer a vida na América” (FAUSTO, 1999). Para o objetivo estabelecido aqui, é suficiente, contudo, destacar a complexidade dos contatos prévios dos sulistas que irão migrar para o sul do Maranhão. Fica a pergunta sobre qual “português sulista” temos que considerar, se de uma variedade regional sul-riograndense de base lusa ou de um “português de contato” com uma ou mais línguas de imigração. Essa indagação permeia as seções seguintes na tentativa de delimitar essa variedade do português falada na matriz de origem dos sulistas migrantes na região Nordeste do país.

1.3.1 Contatos linguísticos na matriz de origem dos migrantes sulistas

O contato intervietal do português, isto é, entre variedades regionais configura apenas uma das modalidades de contato que se pode distinguir. Há uma tipologia de contatos que se pode identificar para o português, segundo Altenhofen (2014, p.75-76):

- 1) português e línguas indígenas (autóctones);
- 2) português e línguas afro-brasileiras;
- 3) português e línguas de imigração (alóctones),
- 4) português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (p.ex. com guarani e espanhol no Paraguai, e espanhol no Uruguai);
- 5) português e línguas cooficiais em contato (p.ex. Tukano, Nheengatu e Baniwa; no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro; ou ainda talian, em Serafina Correia-RS; pomerano, em Santa Maria de Jetibá-ES e Pancas-ES, além de Canguçu-RS; Hunsrückisch, em Antônio Carlos-SC);
- 6) contatos linguísticos de fronteira (com os países vizinhos);
- 7) contatos intervietais do português (entre falantes de variedades regionais do português);
- 8) contatos transnacionais do português "aquém- e além-mar" (Portugal e demais países lusófonos, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, além do próprio Brasil).

O contato linguístico intervarietal (item 7)), com o qual se ocupa a presente tese, levanta ainda a questão se as variedades regionais em contato não trazem no seu percurso sócio-histórico a influência de outro tipo de contato, no caso dos migrantes sulistas, de tipo 3), uma vez que englobam falantes de uma língua de imigração alemã. Nesse caso, teríamos o que Altenhofen (2008; 2014) e Altenhofen; Margotti (2011) denominam de “português de contato”, isto é, uma variedade de português resultante de contato com outra língua. A formação da variedade sulista, e em especial, a variedade falada no Rio Grande do Sul, tem em sua base contatos linguísticos variados desde o princípio da colonização desse território.

Para compreender quem é o falante de português sulista e como ele se constituiu no falante atual, vale lembrar alguns dados históricos e sociológicos. Sua matriz de origem situa-se em algum ponto do Sul do Brasil, mais precisamente em algum ponto ou região no noroeste do Rio Grande do Sul. Relevante para o contato com a variedade local, topostática, da população nativa que já residia no sul do Maranhão, área de chegada dos migrantes, é que sua procedência é genericamente “do sul”. Daí a preferência por uma denominação também mais genérica de sulista, para dar esse caráter de “grupo vindo de fora”, sem associá-lo a uma identidade regional específica, como no caso de “gaúcho” ou “sul-riograndense”. Para uma comparação topodinâmica da fala de partida – há mais de 30 anos – para a fala atual documentada pela pesquisa, precisamos, entretanto, caracterizar e delimitar melhor o contexto sócio-variacional de partida, que configura, nos estudos de migrações linguísticas, sua “matriz de origem” (ALTENHOFEN; THUN, 2016). Vejamos.

Os mapas do Paraguai, do século XVIII, mostram o território da região Sul do Brasil dividida em província de Chaco, Guaíra, Tucuman e Entre Rios. Guaíra ou Guairá foi a mais antiga redução indígena existente no estado do Paraná, com uma população numerosa de índios guaranis que foi quase inteiramente dizimada pelos bandeirantes, com captura, escravização e extermínio¹⁰⁸. O fim das reduções de Guaíra deu origem às reduções no lado sul do rio Uruguai, já no território gaúcho, na mais conhecida região de reduções indígenas do Brasil, as Missões, para onde se refugiaram

¹⁰⁸ Uma representação cinematográfica desse momento histórico do Sul do Brasil é apresentada no premiado filme *A missão*, dirigido por Rolland Joffé, de 1986.

os índios guaranis sob a liderança do jesuíta Padre Antonio Ruiz de Montoya. Nessa batalha pelo território da região Sul entre os países da bacia do Prata é que vamos ter contatos linguísticos entre as línguas autóctones, com destaque para o guarani, e as línguas alóctones, português, espanhol, na fala dos *mozos*, antepassados do gaúcho.

Essas fronteiras sob domínios diferentes, no sul do Brasil, até o século XIX, produz contatos linguísticos muito diferenciados do norte do país. E mesmo com a política de imigração em massa e o aumento da população alóctone delimitando a ocupação dos territórios, também os contatos linguísticos de fronteiras com os países vizinhos, no continente sul-americano, faz do Brasil o terceiro país do mundo em fronteiras terrestres, com 15.789 quilômetros, compreendendo 27% do território em faixa de fronteira (150 km de largura em solo brasileiro) distribuído em 11 estados e 588 municípios (SAGAZ; MORELLO, 2014). Sete países vizinhos falam o espanhol como língua oficial e, no Paraguai, também o guarani como língua cooficial, além do aimará na Bolívia, o pemón na Venezuela e o inglês e o francês ao norte das Guianas e todas as demais línguas indígenas têm maior ou menor influência no contato com o português nesse território, com uma considerável população bilingue.

Muitas fronteiras são cidades gêmeas, em que pelo menos 28 cidades brasileiras têm a fronteira apenas como uma rua ou avenida (fronteira seca). Inevitavelmente, os contatos linguísticos entre línguas que mudam de *status*, simultaneamente, em função da fronteira política, produzem um bilinguismo bastante diferenciado. Isso nos faz refletir como se configura esse português da fronteira, ou *fronteiriço*, em contato com as diferentes línguas e que exerce seu papel também na variedade falada no noroeste do estado sul-rio-grandense.

Em suma, não são somente os contatos linguísticos produzidos por imigrações externas e migrações internas, no passado e no presente, que configuram o plurilinguismo do país; também a extensa fronteira do Brasil produz contatos linguísticos que caracterizam variedades específicas de “português do oeste”, em todo o território. Nos três estados da região Sul, por sua faixa de fronteira ocupar boa parte de seus territórios, especialmente no Rio Grande do Sul, os contatos de fronteira assumem relevância ainda maior. Isso é perceptível na variação do português, descrito pelo ALERS para os dois extremos da região Sul, do Paraná (norte) ao sul do Rio Grande. Os contatos linguísticos devidos à migração interna de paulistas e gaúchos, desde os inícios da ocupação da região certamente deixaram seus rastros na variação diatópica.

A esses contatos entre as línguas autóctones, as línguas de fronteira nas variedades do “espanhol” e entre variedades regionais do português paulista e gaúcho, irão somar-se os contatos com as variedades faladas pelos imigrantes europeus vindos a partir de 1824 (alemães), 1875 (italianos), 1890 (poloneses), entre outros. A complexidade dessa constelação de contatos linguísticos é tal que coloca em cheque o próprio conceito de variedade regional. É uma questão central que veremos na próxima seção a seguir.

1.3.2 Variação regional do português sulista

A complexidade das variedades linguísticas regionais em contato tem de ser vista em termos de sua temporalidade (do início da migração até o momento sincrônico atual) e de sua espacialidade (de um espaço de fala regional sulista para outro, de fala nordestina, cf. ALTENHOFEN, 2014; ALTENHOFEN; THUN, 2016). Sabemos, através dos relatos da origem dos migrantes entrevistados, que esses provêm essencialmente de áreas de imigração, especialmente alemã, no Rio Grande do Sul e, como tal, sua variedade do português levada para o nordeste guarda traços do português de contato com línguas de imigração. A ocorrência de sobrenomes de origem alemã, italiana, polonesa, entre outros, serve igualmente para comprovar essa característica. Alguns membros ainda são falantes bilíngues ativos de uma das variedades de língua de imigração, ou ao menos bilíngues passivos, que não falam, porém compreendem a língua de origem (ALTENHOFEN, 2002; BAKER, 2006).

Do mesmo modo, o contato dessas variedades de línguas europeias com o português e demais línguas brasileiras levou a uma variação significativa do português falado por esses grupos de línguas minoritárias no Brasil e que por isso configura um português de contato. Para abarcar a variável <bilinguismo> em seus levantamentos, o ALERS distingue diferentes perfis de falantes, conforme seu uso ativo, contato direto com outra língua (como grupo intermediário imerso em área de domínio de um português de contato) e uso exclusivo do português no indivíduo e na sociedade de seu entorno.

Em relação ao português de contato falado por essa população, Altenhofen e Margotti (2011, p. 297-8) ressaltam tratar-se de uma “variedade falada tanto por

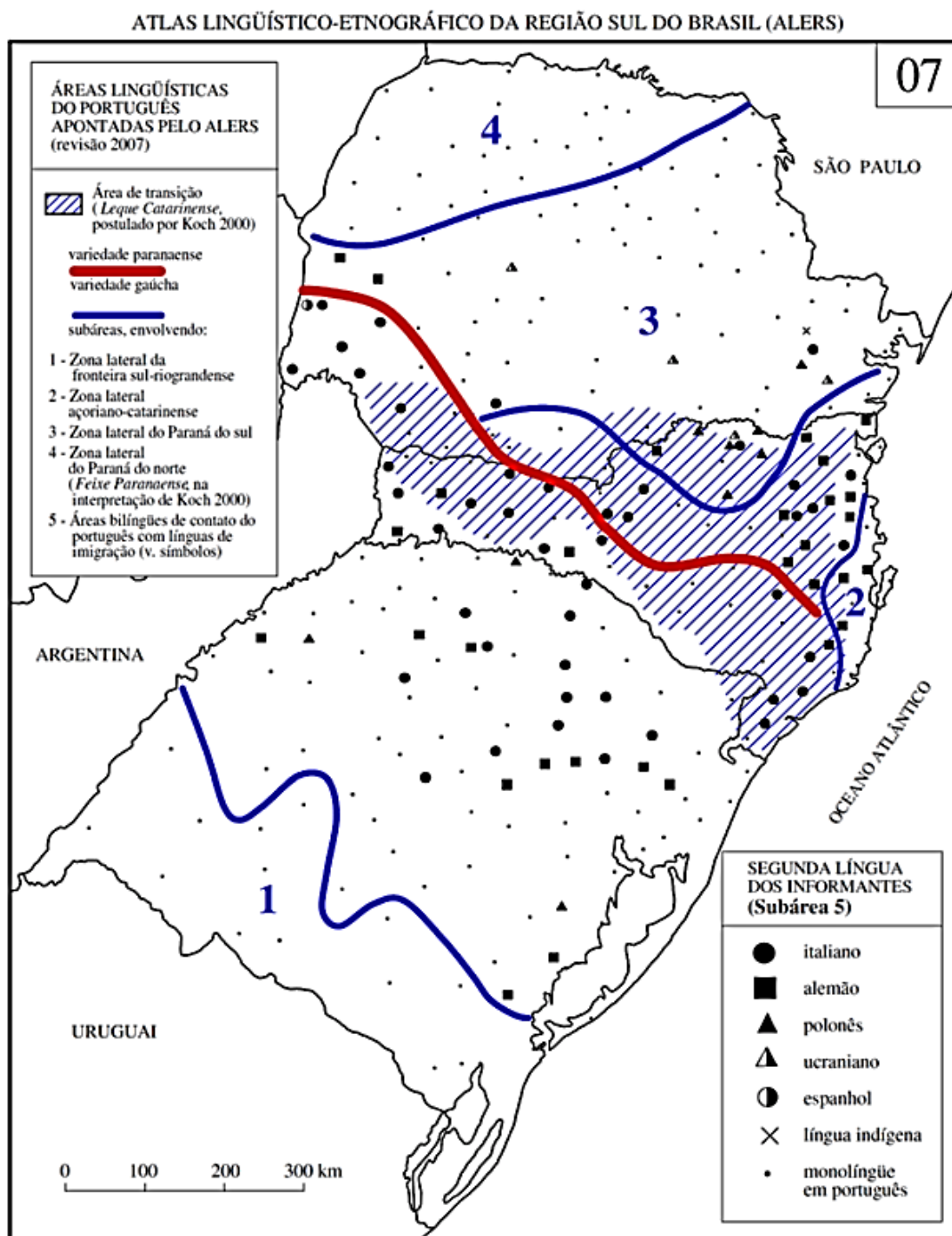
bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato”. E acrescentam:

Um dos problemas de interesse em cada um dos tipos de contato é a sua repercussão sobre o *corpus* e o *status* do português localmente falado. Daí p.ex. a noção de **português de contato, como um produto derivado do bilinguismo ou plurilinguismo societal** que caracteriza a situação linguística local. Em sentido amplo, poderíamos dizer que a própria história do português brasileiro desenrola-se na base de uma história de contatos linguísticos do português europeu como língua alóctone (de colonização) com as línguas indígenas e afro-brasileiras (tipos 1 e 2) e de fronteira (tipo 6), assim como também entre variedades do próprio português (tipo 7), p.ex. o contato mais antigo entre paulistas e gaúchos, no sul do Brasil, e os contatos multivarietais em áreas de povoamento recente, como Mato Grosso e norte e oeste do Paraná. A partir do séc. XIX, entram em cena os contatos do português com línguas de imigração (tipo 3). Todos esses contatos têm na sua origem experiências de migração (mobilidade espacial) (ALTENHOFEN, 2014, p. 76, *grifo meu*).

Trata-se de contatos linguísticos decorrentes do processo de povoamento em um dado espaço geográfico. Como afirmam Appel e Muysken (1992), se a história da humanidade fosse contada por meio das línguas que os povos falam, *a relação entre dominante e dominado ficaria mais evidente*.

De acordo com Margotti (2004, p. 1), que realizou estudos de contato entre o português rio-grandense e os dialetos de língua italiana, os fatores que contribuem para a presença do bilinguismo, no estado gaúcho, estão relacionados geograficamente à região caracterizada como fronteira com países de língua hispânica, como já comentado na seção anterior. Isso contribuiu para o histórico de disputas entre portugueses e espanhóis pelo território, ao qual se soma a política de colonização da coroa portuguesa ao trazer grandes levas de imigrantes europeus, principalmente italianos e alemães, a partir do século XIX. A presença do bilinguismo, como é possível depreender no ALERS, ocupa uma área considerável da paisagem linguística do sul do Brasil. Altenhofen (2013) classifica e tipifica cinco áreas linguísticas principais que configuram as variedades do português nos três estados da região, como mostra o mapa a seguir:

Figura 24 – Áreas linguísticas do português rural falado na região sul do Brasil, de acordo com dados do ALERS



Fonte: Altenhofen (2013, p. 51)

Cada área delimitada no mapa acima representa um tipo de contato linguístico (p. ex. área 1, de fronteira com o espanhol; área 3, de múltiplas línguas; área 4 de migrações recentes de paulistas e nordestinos) ou de presença / domínio de determinada matriz original (p. ex. do falar açoriano catarinense). Ao mesmo tempo, o mapa sinaliza as projeções dos rio-grandenses se expandindo para o oeste de Santa Catarina e sudoeste

do Paraná, bem como de migração paulista, descendo do norte para o sul. A linha vermelha separa ambas as áreas, funcionando Santa Catarina como uma espécie de área de transição, ou *Leque Catarinense*, segundo Koch (2000) – ver área hachurada. A configuração do português sulista identificada pela isoglossa separa-o, portanto, em duas grandes variedades, podemos dizer, regionais: a *variedade gaúcha ou sul-riograndense* e a *variedade paranaense*.

Mais especificamente no Rio Grande do Sul, área de partida dos migrantes sulistas de nosso estudo, os dados do ALERS apontam para duas subáreas, uma caracterizada por variedades de *português de contato* com as respectivas línguas (de imigração) locais e outra, do *português de fronteira*, ou *fronteiriço* (THUN, 1998). Vale lembrar que essa arealização diz respeito ao português rural originariamente presente nessa área e essencialmente falado. Há ainda que considerar as variações da norma culta e do português urbano. A variedade dos migrantes do sul do Maranhão tem, portanto, sua matriz de origem na subárea de imigração no noroeste do Rio Grande do Sul e traz com grande probabilidade marcas luso-riograndenses mescladas com possíveis influências de um português de contato de base imigrante.

As variedades faladas nessas áreas bilíngues de contato do português podem ser identificadas por algumas marcas linguísticas características, muitas vezes bastante salientes e perceptíveis. No caso do português de contato com o alemão e o italiano, podem-se encontrar as seguintes marcas apontadas por Altenhofen e Margotti (2011):

Quadro 1 – Marcas do *português de contato* com os adstratos do alemão e do italiano¹⁰⁹

Nível fonético-fonológico	<p>Realização do r-fraco [r] por r-forte [r] ou fricativa [x] e vice-versa (hipercorreção);</p> <p>Monotongação do ditongo decrescente nasal tônico final [ãw] por [õ] ou [õw];</p> <p>Ausência de palatalização das consoantes dentais /t/ e /d/ diante /i/.</p>
----------------------------------	---

¹⁰⁹ Para mais exemplos, consultar Altenhofen e Margotti (2011, pp. 299 – 302).

	<p>Específico do adstrato alemão: Dessonorização de consoantes sonoras; Alongamento de vogais diante de consoante sonora.</p> <p>Específico do adstrato italiano¹¹⁰: Realização das fricativas alveolares /s/ e /z/ ou de fricativas pré-palatais /ʃ/ e /ʒ/ por fricativas alveopalatais correspondentes /ʃ/ e /ʒ/; Ausência de alçamento das vogais átonas finais /e/ e /o/; Realização da vogal nasal /ã/ com traço [+ aberto] por traço [-aberto] em sílabas travadas por consoante nasal.</p>
<p>Nível morfosintático</p>	<p>Específico do adstrato alemão Inserção de partículas modais adaptadas à pronúncia do português; Alternância de tempos verbais entre pretérito perfeito e imperfeito [hipercorreção].</p> <p>Específico do adstrato italiano Incorporação de sufixos diversos Uso do dativo ético.</p>
<p>Nível semântico-lexical</p>	<p>Específico do adstrato alemão Não distinção do verbo emprestar (uso ambíguo); Empréstimos lexicais específicos de campos semânticos do cotidiano, como alimentação, trabalho, lazer, etc.</p> <p>Específico do adstrato italiano Não distinção no uso dos verbos <i>ir</i> e <i>vir</i>, <i>levar</i> e <i>trazer</i>, <i>pedir</i> e <i>perguntar</i>, <i>sentir</i> e <i>ouvir</i>; Empréstimos lexicais específicos de campos semânticos do cotidiano, como alimentação, trabalho, lazer, etc.</p>

Altenhofen e Margotti (2011, pp. 299 – 302)

¹¹⁰ Entre essas marcas, há um padrão de realização em cada adstrato no português de contato e por isso mais saliente aos falantes do português brasileiro, que os identifica. Mas, como argumentam Altenhofen e Margotti (2011) não são exclusivas, podem ser encontradas em ambos os adstratos, e acrescentamos também o adstrato polonês nessas realizações. Assim, quem já não é mais bilíngue de uma dessas línguas e fala o português de contato, continua a reproduzir essas marcas no português sulista, inclusive os falantes que não têm ascendência de imigrantes dessas línguas.

As marcas das línguas de imigração no português do Brasil estão presentes na fala de milhares de migrantes sulistas que deixaram a região Sul em direção ao Norte. Isso só se torna mais nítido quando variedades do português brasileiro se encontram e há um estranhamento inicial, até que se ouvem mais marcas regionais que logo identificam a região/matriz de origem do falante. Mesmo após a difusão e ampliação do acesso à norma escrita do português, principalmente na segunda metade do século XX, tanto com as medidas de “nacionalização” recém-implantadas quanto devido à era do rádio e depois da tv, na difusão de uma *norma sudestina*, a expansão do sistema escolar com a criação de escolas no interior, a difusão do livro didático e outras ações, o português brasileiro alcançou um nivelamento maior, mas ainda não apagou as marcas dos contatos linguísticos de base oral. Para descrever os processos que subjazem à variação e mudança desse português de/em contato, torna-se imprescindível compreender as migrações internas a que esteve sujeito e que levaram a esse *status quo*, conforme veremos a seguir.

1.4 As migrações regionais

Com a redistribuição das populações imigrantes, que ainda estavam buscando seu espaço de sobrevivência, concentradas em determinados pontos, como São Paulo e Minas, e leste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, inicia-se um movimento de migração interna no Brasil, em direção ao oeste, considerado ainda “vazio”.

Os imigrantes europeus “instalados no estado de São Paulo na condição de pequenos proprietários, arrendatários, colonos parceiros ou empregados das fazendas de café migram para o Paraná, com o objetivo de aumentar a superfície de suas explorações ou, simplesmente, para aceder à propriedade” (OJIMA; FUSCO, 2014, p. 14), talvez impulsionados pela criação de colônias agrícolas mais recentes. Com isso, também imigrantes de Minas Gerais migram para São Paulo e Paraná. Na verdade, o estado de São Paulo foi, a princípio, o destino de muitos imigrantes, no fim do século XIX e início do XX, de todas as nacionalidades e com vocações profissionais diversas, tanto rurais quanto urbanas. Talvez isso explique o grande desenvolvimento econômico do estado e a explosão demográfica de sua capital, ao longo do século XX.

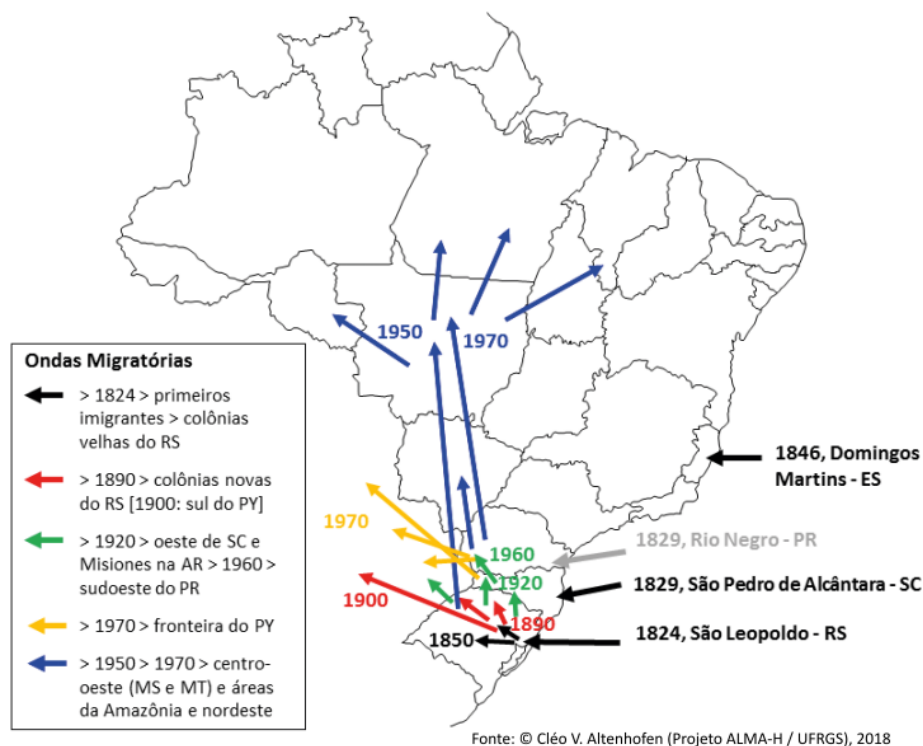
Esse movimento migratório interno irradiou-se em um mesmo sentido, norte-sul-oeste. O excedente de imigrantes vindos para São Paulo, e com experiências frustradas de acesso à propriedade, desloca-se para os espaços inexplorados circunvizinhos, como o norte do Paraná e o sul do estado de Mato Grosso do Sul. Essa onda migratória de novos proprietários leva consigo a mão de obra nordestina, cuja população assolada por grandes secas, como a de 1915 e posteriores, vindos do Nordeste para Minas e São Paulo, seguem as vagas de postos de trabalho na zona rural das fazendas de café do norte do Paraná e sul de Mato Grosso, ainda nas décadas de 40 e 50. Muitos dos migrantes nordestinos conseguem se fixar no sudeste, principalmente em busca de vagas na zona urbana de São Paulo, outros se mantêm na zona rural e têm acesso à propriedade pela criação de projetos agrícolas de assentamento agrário.

Outro movimento migratório interno que ocorre concomitantemente (ALTENHOFEN; MORELLO et al., 2018, p. 46-47) vinha se desenvolvendo progressivamente, nesse período, no sentido inverso: gaúchos e catarinenses também foram se deslocando para áreas mais a oeste da região Sul, incluindo o sudoeste do Paraná e sul de Mato Grosso (ALTENHOFEN, 2013; 2014; PHILIPPSEN 2013; FIGUEIREDO, 2014; BARROS, 2014). A população sulista rural, representada por famílias numerosas fixas no minifúndio, inicia uma onda migratória que irá transformar a paisagem de outras regiões do país em busca da terra, novamente.

Isso se dá não somente dentro do país. A migração sulista, como um centro irradiador¹¹¹, espalhou-se em várias direções, inclusive, para além das fronteiras transnacionais, como atestam os levantamentos do projeto transnacional ALMA-H (ALTENHOFEN, 2013, p. 38). Os sulistas – neste caso, não apenas rio-grandenses, mas também catarinenses e paranaenses – migraram para Misiones, na Argentina, e para o Paraguai, bem como outras regiões da América do Sul. O mapa a seguir ilustra esses movimentos e rotas migratórias e mostra que elas se dão quase como em ondas, cada qual representando um período na diacronia do grupo migrante.

¹¹¹ Para boa parte da população, a emigração acabou se transformando na única alternativa de mobilidade social oferecida pela sociedade. Sair de seu município, percorrer distâncias, curtas ou longas, na busca de uma melhoria de vida, nem sempre conseguida, tornou-se uma sina para milhões de brasileiros (BRITO; CARVALHO, 2006, p.1).

Figura 25 – Migrações dos falantes de Hunsrückisch, língua de imigração alemã, no Brasil e Bacia do Prata



Fonte: Altenhofen; Morello et al. (2018, p. 47)

Como se vê no mapa, boa parte dos migrantes que irão ocupar o sul do Maranhão, embora venha do sul, faz uma “escala” no centro do país. No centro-oeste existe, inclusive, a designação *gaúcho cansado*, para nomear o migrante que, cansado de tantas mudanças de localidade, finalmente se assenta em seu local definitivo. É o caso da minha família, como já relatei na introdução. Certamente, há exceções e outros fatores a considerar ainda sobre as características dos grupos migratórios, como veremos mais à frente. Contudo, essa relação serve para mostrar a complexidade de que se reveste o estudo da variação e mudança linguística nos processos migratórios.

Em termos sócio-econômicos, o mote principal desses movimentos migratórios¹¹² tem, novamente, relação direta com o acesso à terra e também com a política adotada pelo governo, neste caso, a política econômica de Estado favorável ou não à produção agrícola. Esse “pacote agrícola”, como afirmam Raso *et al.* (2011), cuja expressão técnica vem da área de produção agrícola, engloba “medidas econômicas favoráveis à produção

¹¹² Assim como foi a política imperial, na cooptação de imigrantes europeus, no séc. XIX, conforme Seyferth (2015).

agrícola”,¹¹³ tanto visando ao abastecimento do mercado interno, como da comercialização das *commodities*, que são os produtos agrícolas de circulação externa que abastecem o mercado mundial. A cada mudança governamental e de acordo com o viés de política econômica adotado, o setor de produção agrícola sofre diretamente os impactos, favoráveis ou desfavoráveis, que vão desde intervenções maiores, como financiamento público da produção agrícola e controle de preços de venda dos produtos, até o repasse dessas intervenções estatais ao capital privado e externo, como ocorreu no fim da crise dos anos 1980 (CUNHA, 2002, p. 117). Dessas políticas decorrem a demanda por novas terras para a produção agrícola e a possibilidade de acesso à propriedade por aqueles ainda não proprietários, ou a concentração da posse da terra por grandes grupos empresariais, muitos deles com sede no exterior, nascendo aí o termo “agronegócio”.

O sonho da posse da terra, principalmente, em se tratando da migração sulista parece ser herança do camponês europeu. As narrativas de migração são sempre permeadas de muitas dificuldades, semelhantes às narrativas das imigrações do século XIX. O mesmo “colono” imigrante que trabalhava com arado manual em pequenos lotes de terra e vendia apenas o excedente para a sobrevivência, até então, apoderou-se da mecanização agrícola importada, na metade do século XX (LAUBSTEIN, 2011) e desse modo, deu início à tão propalada revolução verde (MARTINE, 1992), passando a trabalhar a terra de forma extensiva, em inúmeros projetos implantados, tanto públicos como privados.

As cooperativas agrárias e associações rurais auxiliadas por órgãos oficiais, como Emater e Embrapa, repassavam o pacote tecnológico (MARTINE, 1992, p. 9) ao “colono”, que agora assumia a identidade de “agricultor” e, como cooperado, se submetia à política de preços regulados pelo governo, com financiamento de bancos públicos e assistência técnica da cooperativa. Todo esse aparato visava à captação de uma grande quantidade de grãos para comercializar com “melhores preços”, sendo a entrega da produção pelo agricultor obrigatória, a título de pagamento dos insumos fornecidos pela cooperativa. Essa intensa campanha de adoção do cooperativismo durou

¹¹³ [...] embora correndo o risco de se caminhar no sentido de um “determinismo econômico” e, portanto, deixar de considerar as outras causas estruturais – entre elas os conflitos sociais que também se observam na origem – e que estão por trás dos movimentos migratórios, não se pode negar que as características até aqui analisadas encontram uma correspondência muito clara nas transformações produtivas experimentadas pela região [Centro-Oeste] (CUNHA, 2002, p. 46, *inserção minha*).

de três a quatro décadas no Brasil, dos anos 1960 a 2000, implantado primeiramente no sul do Brasil, teve impacto sobre o modo de vida do camponês ascendendo-o socialmente, porém criou enormes desigualdades no campo, entre o “agricultor” que participava desse sistema e o “camponês” que não conseguia participar¹¹⁴.

Seguindo esse mesmo modelo, o governo interveio criando as associações de agricultura familiar, com políticas públicas de reforma agrária e extensionismo rural para capacitar famílias sem-terras a produzirem e, assim, tornarem-se proprietárias. Muitos projetos cumpriram seu papel e tiveram êxito pelo país. Outros, porém, devido à falta de planejamento e assistência a longo prazo, como projetos de assentamento sem uma estrutura mínima, como estradas, pontes, assistência à saúde, acesso à escola, ou mesmo, devido às ações políticas interrompidas ou alteradas por diferentes governos, muitas dessas associações foram abandonadas, com venda de lotes ou abandono definitivo (CUNHA, 2002, p. 17). O êxodo rural converteu-se, então, em uma solução imediata para inúmeras famílias, contribuindo para a crescente urbanização do país nas últimas décadas. Os números dos últimos censos demográficos confirmam a mudança do perfil rural para um perfil predominantemente urbano do brasileiro.

Inúmeras famílias de cooperados/associados, endividados por perda de produção devido a intempéries do clima de inverno no Sul, outros ainda insatisfeitos também com políticas locais, desligaram-se desse sistema e buscaram adquirir terras próprias, migrando para as chamadas “fronteiras agrícolas”. Esse é mais um fator que desencadeou a migração de muitas famílias e que não deixa de ter certa semelhança com a “parceria”¹¹⁵ proposta pelos fazendeiros de café aos imigrantes europeus, no século XIX.

Após a década de 1930, com a crise econômica mundial e a queda da produção de café, inúmeros migrantes paulistas e mineiros (MARTINE, 1992, p. 2) migraram para o Mato Grosso (atual MS) e Paraná, também como expansão da pecuária. Nesse

¹¹⁴ “[...] dois traços desse novo rural: um conjunto de atividades de subsistência que gira em torno da agricultura rudimentar e da criação de pequenos animais, excluídos do sistema agroindustrial, e um conjunto de “novas” atividades agropecuárias, localizadas em nichos específicos de mercado” (MARANDOLA JR.; ARRUDA, 2005, p. 29).

¹¹⁵ (...) a utilização da terra continua a se fazer hoje, como no passado, não em função da população que nela trabalha e exerce suas atividades, e sim essencialmente e em primeiro lugar, em função de interesses comerciais e necessidades inteiramente estranhas àquela população (PRADO Jr., 2000, p. 48-49 *apud* CUNHA, 2002, p. 16).

período, o oeste da região sul, ainda considerado “vazio”, passou a receber migrantes do Rio Grande do Sul, bem como do oeste de Santa Catarina e, posteriormente, do oeste do Paraná, desta vez, em uma expansão agrícola.

Estimulados por ciclos econômicos, a fundação de Brasília (1960), a abertura da malha rodoviária interestadual, projetos políticos de povoamento da Amazônia, aliados ao esgotamento das possibilidades de acesso à propriedade da terra na região Sul, inúmeras famílias sulistas migram para a região Centro-Oeste e Norte do país, em uma escala generalizada, nos anos 1970, indo além de Mato Grosso e Goiás. Formam-se correntes migratórias do Sul indo para o “leque do norte”, Rondônia, Amazonas, Pará, até o Maranhão (MARTINE, 1992; ROCHA, 2006; SANTOS; CHEDIK, 2015; DUTRA, 2012). Muitos desses migrantes são descendentes da imigração europeia do século XIX, e além de falarem o português sulista, a variedade rio-grandense ou a variedade paranaense (KOCH, 2000; ALTENHOFEN, 2002), muitos deles ainda permaneceram bilíngues, principalmente de variedades da língua alemã, italiana e polonesa (ALTENHOFEN, 2008; 2013; 2014; BARROS, 2014; FIGUEIREDO, 2014).

Em decorrência das migrações sulistas, estudos sobre os contatos linguísticos têm-se desenvolvido no sul e centro-oeste do Brasil, na área denominada de Bacia do (Rio da) Prata (ALTENHOFEN, 2014). Aspectos da sociologia do multilinguismo foram pesquisados por Barros (2014), ao analisar a *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos – MT: configurações do multilinguismo em fronteira da Amazônia*. Barros descreve o contexto linguístico de contato entre variedades do alemão e variedades do português com falantes topodinâmicos (migrantes rio-grandenses e paranaenses) que migraram a partir de 1956 da região Sul para o Centro-Oeste.

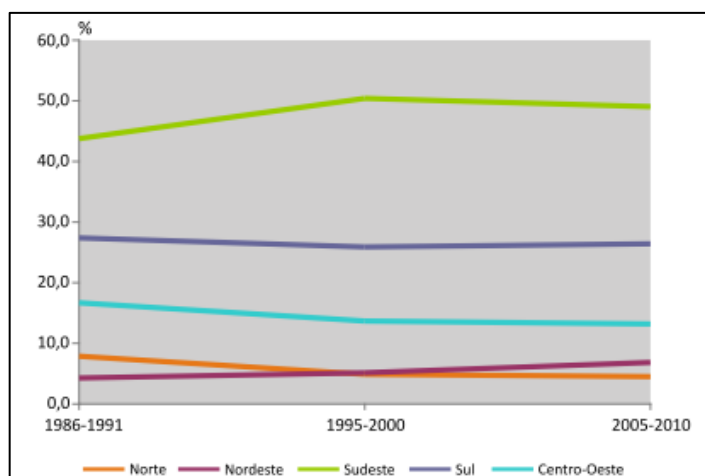
Em estudo que serviu de base para esta tese, Figueiredo (2014) analisou a *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*. Valendo-se do modelo de macroanálise pluridimensional da variação linguística em situação de migração, conforme Thun (1998), Figueiredo comparou as variedades faladas por migrantes teutos e ítalo-gaúchos (dimensão dialingual e contatual) oriundos dos três estados sulistas (dimensão diatópico-cinética). Esses migrantes fundaram as localidades mato-grossenses – pontos de pesquisa de seu estudo – de Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso. Para analisar a manutenção ou substituição de marcas mais ou menos rio-grandenses, a autora levou em consideração um conjunto de variáveis com variantes

opositivas que mapeou e comparou nos diferentes grupos de informantes – mais e menos escolarizados (Ca e Cb), de faixa etária mais velha ou mais jovem (GII e GI). Para tanto, utilizou um questionário nos moldes do ADDU e ALMA, que explora a técnica em três tempos, para obter a resposta espontânea ou sugerida. Foi considerada, além disso, a escala migratória de rio-grandenses que migraram para o oeste de SC e PR, portanto aleatoriamente qualquer sulista poderia apresentar marcas rio-grandenses.

Os resultados de seu estudo demonstraram que, na dimensão diatópico cinética, o grau de isolamento ou a proporção de migrantes de determinada região pode determinar a configuração do português no contato intervareta. Na dimensão dialingual, os aspectos sociais étnicos como teuto ou ítalo-gaúcho seguem comportamentos linguísticos muito semelhantes. Na dimensão diageracional, os resultados mostraram que há uma perda significativa de marcas [+RS] entre mulheres com ampliação de marcas [+RS] por ambos os grupos GII e GI do grupo diastrático Ca. Isso significa que o papel socioeconômico exerce uma influência positiva para a manutenção da variedade [+RS]. Houve covariação lexical entre formas [+RS] e [-RS], e mudança na fala de jovens nos níveis fonético e morfossintático.

Outro fenômeno que se pode acrescentar ao quadro tipológico de migrações que “eferveceram” no período da segunda metade do século XX é o que se refere à migração de retorno, os chamados “remigrantes”, conforme Altenhofen; Thun (2016), por exemplo, de sulistas da região Centro-oeste que retornaram ao seu “pago” de origem. O gráfico a seguir dá uma visão geral desse tipo de migração:

Gráfico 2 - Distribuição percentual dos imigrantes interestaduais por regiões brasileiras de origem – Paraná – 1986-1991, 1995-2000 e 2005-2010



Fonte: Magalhães; Cintra (2012, p. 7)

Como se pode verificar, as migrações de sulistas, nativos do Paraná ou momentaneamente “estacionados” em escala nesse estado, ocorreram com mais intensidade, nesses três períodos, para a região Sudeste, seguida de outras localidades, talvez urbanas, na própria região Sul. Esse é o processo de urbanização em franca expansão no país. Há um declínio de migrações de paranaenses¹¹⁶ para a região Centro-Oeste e Norte. E uma leve tendência com percentuais muito baixos em torno de 4% para o Nordeste. Segundo Magalhães e Cintra (2012), os paranaenses passam de grupo sulista mais móvel, nas décadas de 1940 a 1970, para um grupo de retromigração nas décadas seguintes, ou seja, remigrantes (ALTENHOFEN e THUN, 2016) retornando à sua matriz de origem, motivados pela frustração do desejo de ascensão social nos pontos de chegada, ou mesmo, justamente por ter ascendido socialmente, em certo estágio da vida, resolveram retornar à matriz de origem. O desenvolvimento de localidades de fronteiras, como acesso a serviços de saúde em diferentes especialidades, acesso a cursos universitários, serviços de comunicação e transporte como o aéreo, por exemplo, e outros recursos existentes em centros urbanos maiores, geralmente, custaram gerações para se tornar uma realidade.

Vejamos na sequência, especificamente, como se deu a migração para a área em estudo, sul do Maranhão.

1.4.1 A migração do Sul para o Norte (Nordeste)

A região sul-maranhense, distante dos grandes centros, esteve praticamente isolada até o final da década de 1960, quando foi interligada a outras áreas por meio da construção da rodovia Transamazônica, a BR-230.

¹¹⁶ “[...] o Paraná demorou de 30 a 35 anos para passar de maior atração de migrantes (nas décadas de 40 e 50) para maior foco de expansão (na década de 70)” (MARTINE, 1992, p. 8).

Figura 26 – Rodovia Transamazônica (BR-230), no sul do Maranhão



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Br-230mapa.jpg#/media/File:Br-230mapa.jpg>. Acesso em 16/09/2021

No seu trajeto, a rodovia Transamazônica (BR-230) interligou-se com a rodovia Transbrasiliana (BR-153), conhecida também, no norte do país, como a rodovia Belém-Brasília. Vale lembrar que a construção da rodovia Transbrasiliana, no fim dos anos 1950, e que passa por Brasília, ligou os extremos do país. São as duas vias de conexão da localidade de Balsas, no sul do Maranhão, com o resto do país, principalmente após ser concluída sua pavimentação, em meados dos anos 1980. Como se pode ver, no mapa a seguir, a rodovia Transbrasiliana (BR-153) serviu de caminho para o percurso da migração dos sulistas, em grande parte sul-riograndenses (gaúchos) do sul do país direto para o norte/nordeste, no caso do grupo de migrantes pioneiros.

Figura 27 – Rodovia Transbrasiliana (BR-153), ligando o Sul ao Norte



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Br-153mapa.jpg#/media/Ficheiro:Br-153mapa.jpg>.
Acesso em 16/09/2021

Conforme o mapa acima, é possível perceber como se dá a migração sulista para o Nordeste. A grande corrente migratória, nos anos 1970, dos migrantes sulistas em direção ao norte do país é, conforme se enfatizou na seção anterior, um deslocamento direcionado, principalmente, para o oeste do Brasil, daí a analogia com a “marcha para o Oeste”¹¹⁷, o que, como se viu, é uma continuidade da política colonial expansionista de apropriação dos territórios considerados “desocupados”, mas que ainda se encontravam em mãos dos povos originários. Mais uma vez, a transferência da capital com a fundação de Brasília, servia a esse propósito de territorialização e unificação do país.

¹¹⁷ Política expansionista da era Vargas.

Também a política econômica do período da ditadura militar, no Brasil, estimulou a implantação de lavouras agrícolas, visando ao aumento da produção de grãos. A isso se somou a necessidade de reforma agrária do estado gaúcho para estabelecer grupos populacionais excedentes (*intrusados*) ou sem terras, oriundos em boa parte das correntes imigratórias europeias, gerando disputas pela terra, no noroeste do Rio Grande do Sul (NEUMANN, 2019). Com isso, famílias inteiras foram mobilizadas a um percurso de mais de três mil quilômetros de um extremo ao outro do Brasil.

Figura 28 – Percurso dos migrantes sulistas pioneiros entre a matriz de origem e o sul do Maranhão



Fonte: elaborado pela Autora

O mapa acima toma por base as localidades de origem informadas pelos entrevistados desta pesquisa¹¹⁸. Embora seja uma amostra pequena, a topodinâmica observada nesses trajetos representa o padrão migratório que se pode identificar para

¹¹⁸ De acordo com os aspectos da migração sulista e a terminologia, explicitadas em Altenhofen e Thun (2016).

essa região. Destaca-se no mapa acima que a maioria faz um percurso direto, sem escala, com exceção de uma das linhas, que representa o percurso migratório da família da autora desta pesquisa. Vale lembrar que, assim como os demais migrantes sulistas, também a pesquisadora migrou nos anos 1970 em direção ao norte, porém fazendo escalas entre o ponto de partida e o ponto final, tal como muitos outros migrantes, exemplificados nos estudos de Figueiredo (2014) e Barros (2014).

De acordo com relatos, tanto dos migrantes quanto de balsenses, algumas imobiliárias, de Goiânia, foram agenciadoras do contato entre as famílias dos migrantes no Rio Grande do Sul e o então prefeito de Balsas. Perguntados se migraram para outros lugares antes de chegarem ao sul do Maranhão, responderam:

- < F1 - Em quais localidades morou antes de chegar aqui?>
- m1 - nós viemos direto.
- < F2 - Não moraram em outra cidade do Rio Grande do Sul e nem em outro estado?>
- m2 - não, nós viemos direto do Rio Grande do Sul pra cá, direto já a Balsas...

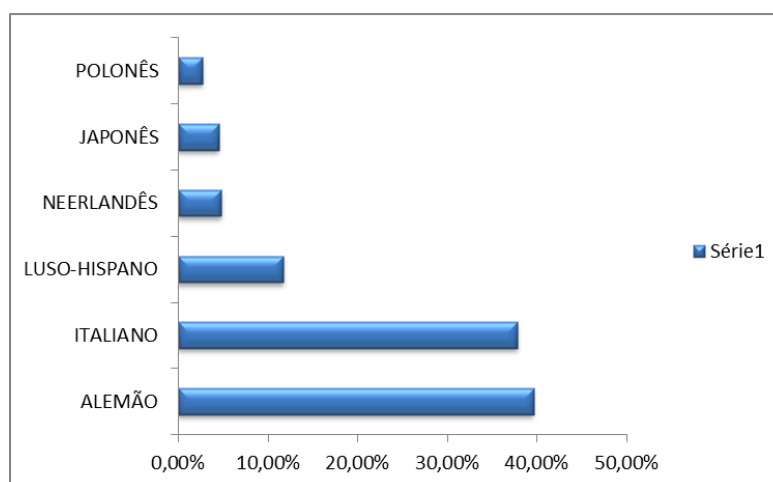
(Entrevista CabGII_S)

- f1 - não, eu vim direto
- < F2 - também?>
- m1 - também, eu vim direto, nós sempre morava no mesmo local, a gente veio direto pra cá.

(Entrevista CbGI_S)

Talvez isso explique essa certa homogeneidade, no perfil do migrante, no início da migração sulista. Fica a pergunta quem são esses migrantes que decidem se deslocar por distâncias tão longas, atravessando um “mar de terras”, como o fizeram imigrantes europeus, na travessia do Atlântico, no século XIX. Um primeiro aspecto a considerar é a etnia de origem. O gráfico a seguir mostra o predomínio de descendentes de alemães e italianos, seguido de alguns representantes de grupos menores.

Gráfico 3 – Origem étnica dos migrantes sulistas, conforme os sobrenomes



Fonte: elaborado pela Autora¹¹⁹

Como se vê, a variedade sulista do português brasileiro, como havíamos antecipado, e que entrou em contato linguístico com a variedade falada no nordeste, equivale a um português de contato com línguas de imigração e provém desse modo, de uma área de plurilinguismo. Tomando por base o mapa anterior da fig. 23, a matriz de origem dos migrantes sulistas pesquisados nesta tese está situada no noroeste do Rio Grande do Sul, em uma área de colônias mistas com presença de línguas de imigração alemã, italiana e polonesa, em grau variável. Na rede de pontos do ALERS, ela engloba os pontos 644, 645, 647, 648, 698 e 701. Voltaremos a essa questão na metodologia, pois ela é sumamente importante para a análise da topodinâmica da variação do português entre a matriz de origem, no RS, e o ponto de chegada, no MA.

Nas palavras de Raso *et al.* (2011, p. 47), [...] “todo uso da língua em interação pressupõe um contato linguístico, e o que entra em contato são, antes de tudo, modos de falar individuais (idioletos) identificados com variedades linguísticas específicas.” Assim, contextualizar historicamente essas variedades do português sulista e, a partir daí, buscar definir, ou melhor, reconstruir, mesmo hipoteticamente um padrão sociolinguístico de partida dos migrantes do sul torna-se imprescindível para identificar com mais clareza o que se manteve igual ou o que mudou no tempo e no espaço da variedade regional migrante.

¹¹⁹ Dados pesquisados, em 2003, para a monografia em parceria com Sandra C. Schuster Baú. O levantamento considerou uma lista de 100 sobrenomes de famílias pioneiras de migrantes sulistas de Balsas (migrações até o final dos anos 1980, com predominância de rio-grandenses).

1.4.2 A localidade de Balsas: ponto de chegada dos migrantes

A localidade de pesquisa desta tese, Balsas, localiza-se no sul do Maranhão, às margens da Transamazônica. Sua região passa a se integrar às novas “fronteiras agrícolas” do país, a partir dos anos 1970, quando recebeu, grande contingente de “gaúchos”, de modo geral, sulistas vindos diretamente da área assinalada anteriormente, do noroeste do Rio Grande do Sul.

Havia, contudo, já um povoado anterior, fundado em 1892, com o nome de povoado de Santo Antônio de Balsas e que se situava às margens do rio Balsas, no local denominado de Porto das Caraíbas¹²⁰. Essa localidade foi elevada a município em 22 de março de 1918 e passou a assumir apenas o hidrônimo Balsas¹²¹. O padroeiro, Santo Antônio, é comemorado com uma grande e típica festa religiosa nordestina que se estende pelos primeiros 13 dias do mês de junho. Essa festa traz pessoas de muitos lugares do Nordeste, principalmente feirantes e ambulantes que montam barracas na praça do festejo, assim como em várias outras partes da cidade. O dia 12 de junho, véspera do encerramento, é o “dia do vaqueiro”; há festividades como desfile, missa e as tradicionais vaquejadas no parque de exposições da localidade. São, portanto, festividades da cultura e tradição nordestina.

¹²⁰ Essa toponímia pode ser um indicio de que poderiam ter existido indígenas do grupo linguístico caraíba na região do rio Balsas? “Os caribes, caraíbas ou karibs (do tupi Kara' ib; sábio, inteligente) são povos **indígenas** das Pequenas Antilhas, que deram o nome ao mar do **Caribe**. Sua origem estaria no sul das Índias Ocidentais e na costa norte da América do Sul”. A história registra que esse grupo auxiliava os holandeses na produção de algodão, escravizando os demais indígenas para o trabalho agrícola na América do Sul.

¹²¹ Em trabalho anterior verifiquei que o hidrônimo balsas vem do nome *balsa* do latim ibérico. Pela estilística, relacionei o hidrônimo ao objeto usado para transpor um curso de água (espécie de jangada de madeira ou cortiça como os talos de buriti) para nomear o próprio rio ao qual se trafega por esse meio, assim como uma antiga cidade de Tavira, Portugal. No entanto, pela pesquisa atual e os indícios de que o atual Maranhão pertencia ao antigo território do Peru (Peruviana), e que vários nomes remontam a esse período, não seria mera coincidência o maior rio mexicano ter a denominação rio Balsas, dada pelos espanhóis, pista dada com uma música pelo meu Orientador do Mestrado. Outra possibilidade é o rio maranhense ter sido nomeado por grupos indígenas karibe, os “caraíbas”, por semelhança ao rio de origem deles no Caribe, o rio Balsas, durante a vinda desses grupos no período da colonização holandesa no Nordeste. Mais topônimos presentes no sul do Maranhão remetem à América Central e América do Norte, e remonta à colonização não lusa. Um passado de contatos linguísticos multilíngues no Maranhão ainda permanece obscuro. Há também um rio balsas como um dos afluentes do rio Tocantins na foz do rio do Sono.

Figura 29 – Estátua de Santo Antônio, às margens da rodovia Transamazônica (zona urbana de Balsas)

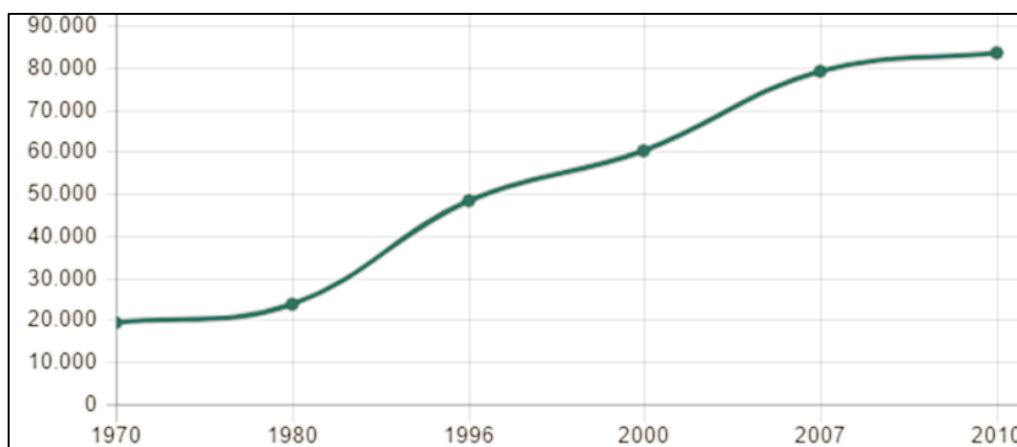


Fonte: Dayane Pinheiro

Vivem, atualmente, na localidade de Balsas cerca de 100 mil habitantes (IBGE, 2015). O gentílico é *balsense*, sendo o nativo local comumente também chamado de “filho da terra”. Ao lado da criação de gado, introduzida pelo nordestino, a atividade econômica principal é o agronegócio, introduzido pelo migrante sulista. O município é o maior do estado em extensão territorial e se localiza a 810 km da capital São Luís, no bioma cerrado. Além disso, é localidade polo de mais de 15 municípios da região sul do estado, tendo influência até mesmo no sul do Piauí e parte de Tocantins.

Com a construção da rodovia Transamazônica (BR-230), a localidade de Balsas passou a receber os primeiros migrantes, vindos da região Sul do Brasil, nos anos 1970. Naquela década, que foi o auge da migração sulista em direção ao norte do país, a localidade de Balsas foi escolhida como o primeiro ponto de destino desses migrantes na região Nordeste do Brasil. Nessa época, a localidade possuía pouco mais de 20 mil habitantes.

Gráfico 4 –Evolução da população residente em Balsas – MA, desde o início da migração sulista



Fonte: Séries históricas, IBGE (2017)

Nos anos 1970, o município de Balsas ainda tinha aspectos de uma localidade interiorana mais isolada e típica das regiões de pecuária. Isso, em grande parte, refletia o movimento emigratório, uma década antes, em que a localidade sofreu com a abertura da rodovia Transamazônica, tendo pessoas e inúmeras famílias migrando, no sentido inverso, para a região Centro-Oeste (região de Brasília), como também para o Norte (garimpos), reduzindo o contingente populacional do município ao extremo. Esse processo emigratório era um fenômeno de toda a região Nordeste que ainda perdurava nesse período¹²².

¹²² Brito e Carvalho (2006) ressaltam que a campanha dos governos militares no Nordeste, com a abertura da rodovia Transamazônica, era: “terra sem homens para homens sem terra”. Como na migração sulista, é difícil imaginar que tal discurso dominante fosse incorporado ao ideal do migrante nordestino, ou de seu conhecimento, este ao seguir pela Transamazônica em direção ao norte percebia a dura realidade, mas não tinha mais recursos para retornar à sua terra natal no Nordeste, e assim ia ficando pelo caminho até onde conseguia chegar, nos estados do Norte. Talvez isso explique a semelhança entre as variedades nortistas: amazônica e nordestina.

Figura 30 – Vista aérea da localidade de Balsas, na década de 1980



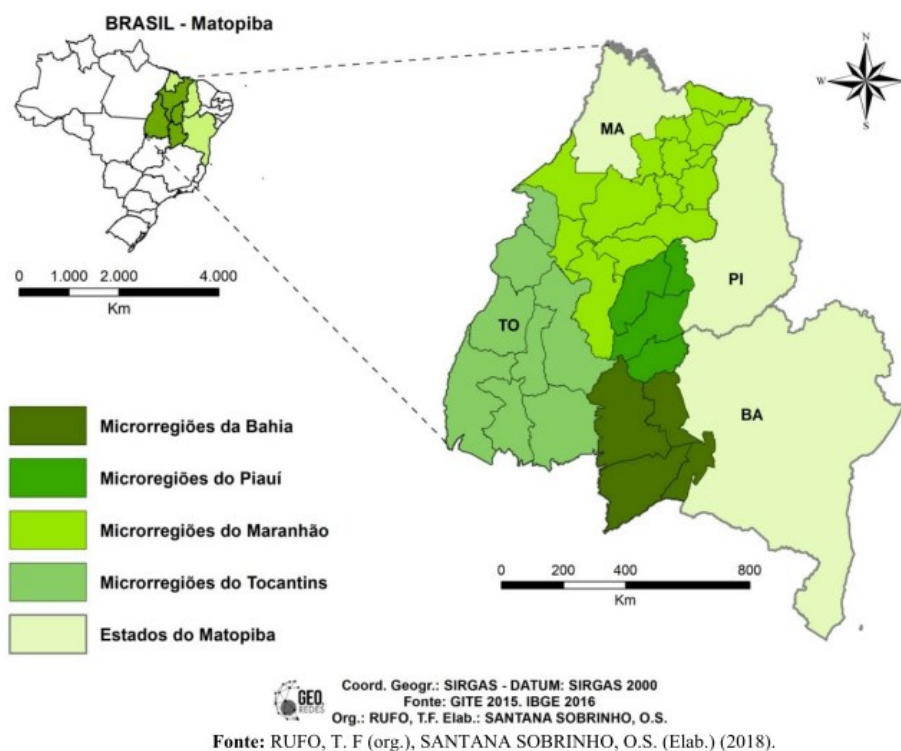
Fonte: 1 reprod. de fotografia da autora.

Após a pavimentação da BR-230 (*Transamazônica*), no final da década de 80, o fluxo migratório se intensificou ainda mais para a localidade que, desse modo, atraiu, além dos migrantes sulistas, também migrantes de outras regiões. Isso levou a um aumento do êxodo rural e da mobilidade de pessoas de municípios vizinhos, em busca de trabalho¹²³.

Na virada do milênio, a localidade de Balsas se consolidou como polo da região sul do estado. Com isso, nasceu a polêmica sigla MATOPIBA: Balsas (MA), Rio Formoso (TO), Bom Jesus (PI) e Barreiras (BA), localidades consideradas “fronteiras agrícolas” nesses quatro estados, que juntos compreendem 337 municípios. Esses aspectos auxiliaram na manutenção da corrente migratória, por mais alguns anos.

¹²³ “este aumento de população na cidade era decorrente da chegada dos sulistas, gaúchos na sua maior parte, da gente que viera do interior do município e dos vizinhos. Avançava como que encompridando a cidade nas velhas e tradicionais quintas de pasto para as vacarias ou nos lotes vendidos ou dados pela prefeitura local” (COELHO NETO, 1989, p. 45, no romance, *Arrozais em festa*).

Figura 31 – A região do MATOPIBA




Fonte: Rufo *et al.* (2019, p. 248)

Nenhuma dessas localidades, assim como Balsas, foi originalmente fundada por migrantes sulistas, como ocorreu em grande parte das localidades pesquisadas no Mato Grosso¹²⁴. Ou seja, os migrantes em Balsas instalaram-se sobre uma estrutura social pré-existente com populações locais, culturas locais tradicionais e atividades de subsistência local. Altenhofen (2008, p. 129) afirma que

Em outro sentido, poder-se-ia admitir que as sociedades tradicionais do passado, caracterizadas pela topostática 1 dos falantes, se encontravam muito mais propensas a perceber ou estranhar a presença do que é exógeno ou estrangeiro à comunidade, do que as sociedades modernas, caracterizadas pela topodinâmica 2 dos falantes e por uma heterogeneidade étnica e social, e muitas vezes inclusive de um plurilinguismo acentuado. Nestas situações, vale ressaltar, o gérmen da variação aparece perceptível já no interior da comunidade e, portanto, não se percebem com a mesma ênfase e diferenciação os modos de falar vindos de fora, como acontecia antigamente, em contextos mais isolados e tradicionais.

¹²⁴ Até o momento desta pesquisa, temos conhecimento apenas da fundação da localidade de Luís Eduardo, na Bahia, por sulistas, na região Nordeste.

Quadro 2 - Região de nascimento da população de Balsas no censo de 2010

Brasil / Maranhão / Balsas			
Selecionar local 			
Panorama	AMOSTRA - MIGRAÇÃO		
Pesquisas	> PESSOAS DE 5 ANOS OU MAIS DE IDADE QUE NÃO RESIDIAM NO MUNICÍPIO EM 31/07/2005	7.894	peessoas
História & Fotos	POPULAÇÃO RESIDENTE	83.528	peessoas
Mapas	Lugar de nascimento		
	BRASIL		
	> Região Norte	2.368	peessoas
	> Região Nordeste	76.128	peessoas
	> Região Sudeste	979	peessoas
	> Região Sul	2.231	peessoas
	> Região Centro-Oeste	1.333	peessoas
	> Sem especificação	450	peessoas
	> PAÍS ESTRANGEIRO	38	peessoas

Fonte: Censo IBGE, 2010

Os contatos do migrante no ponto de chegada ocorrem, além disso, de forma diferente. O migrante é considerado, acima de tudo, como “o de fora”, muitas vezes visto não como “o outro”, mas como “o estranho”, e quase sempre de forma pejorativa também como “forasteiro”, aquele que não tem destino e nem morada certa e que é de intenções duvidosas. É o que se observa no seguinte excerto de entrevista:

- <F – Como se chama a pessoa que vem do Rio Grande do Sul?>
- m1 - hum?
- f1 - olha, nós aqui quando vieram os primeiros [ga'ufu], as primeiras pessoas do Rio Grande do Sul, chamavam-se os gaúcho, mesmo que não fosse gaúcho, mais...era tratado como gaúcho, poderia ser paranaense, catarinense, matogrossense, mais chegou gaúcho, então veio da da região sul pra nós era tudo gaúcho, pra eles não sei como é que eles...
- m2 - tô tentando entender a pergunta é::, são [mi'grãtis] ? pessoas que migraram, nós migramos de uma região pra outra né... é [forastejrus], os caras quando vem de fora são forasteiros, eles vão chegando, acho que é por aí assim, a colocação ||

(Entrevista CabGI_NS – Sm – homem sulista; Nf – mulher nortista)

- <F- Há outros nomes para designar o italiano?>
- m1 - é:: se chama...vulgarmente se chamava os.. acho que os alemães por ter chegado mais cedo se achavam dono do território, então quando os out...os italianos chegavam, chamavam eles de gringo, né ((risos)) que era o cham...se, né. Mas, na verdade, todos eram gringo,

né, eram de fora e aqui nós são chamados de forasteiro, né ((risos))/
 • f1 - ((inaudível))

• <I1 - alguma outra palavra?>

• m2 - não...assim que eu.... até caiu muito em desuso isso, né

(Entrevista CabGII_S) *Corpus* da pesquisa da tese.

Há, contudo, também percepções positivas, sobretudo na chegada, como alguém com uma cultura diferente e que pode “dar alguma contribuição ao lugar”. O contato por meio das redes sociais (MILROY; LLAMAS, 2013), que vão sendo construídas na matriz de chegada, tem grande importância para estabelecer identidade ou estranhamento, tanto por parte do migrante quanto por parte da população local. São percepções bastante complexas e que vão se refletir também nas variedades linguísticas em contato ao longo do tempo. Entretanto, as redes de comunicação mudam com frequência, podendo inclusive na chegada de migrantes tardios, voltar a formar novamente grupos mais coesos em relação à comunidade local.

É, portanto, um contexto que oferece uma situação de migração extremamente interessante, para o estudo proposto. Pode-se dizer que se tem aí um laboratório de pesquisa ao ar livre, em que se pode analisar o contato de variedades regionais mais ou menos bem delimitáveis, em um determinado tempo e espaço, e considerando as diferentes variáveis e fatores em jogo, como por exemplo a influência de outro contato, de ordem interlingual, com línguas de imigração. Feita a contextualização sócio-histórica e geográfica, vejamos agora, no capítulo seguinte, as ferramentas teóricas a serem usadas para o estudo proposto, em que se busca verificar a manutenção ou substituição/perda de marcas linguísticas da matriz de origem.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Múltiplas faces do conceito de “espaço”

Os contatos linguísticos na América já existiam muito antes da chegada do colonizador¹²⁵. Assim, estipular um início dos contatos linguísticos com o denominado “descobrimento do Brasil” equivale a apagar toda a história anterior aos últimos cinco séculos, ou o que Lefebvre (1991) chama de “*forgetfulness or mystification*”¹²⁶. Muitos povos originários viveram e ainda vivem no continente americano, mesmo tendo suas culturas, suas línguas, suas existências ameaçadas de desaparecimento. A cartografia antiga e a toponímia, expressa em diferentes línguas, exerceram um papel central como estratégia de colonização e de dominação territorial.

Early Modern geographers helped develop such technology [*navigation technology*] as well as techniques for map-making and systems for describing the flora, fauna, geology and peoples of the rest of the world, some of which would become economic resources. (JOHNSTONE, 2010, p. 2)¹²⁷

Esses contatos linguísticos do passado têm, de certo modo, influência sobre os contatos linguísticos atuais e, embora inúmeras línguas tenham desaparecido no

¹²⁵ As migrações de europeus para a América, em passado remoto, começam a apresentar vestígios em pesquisas, como no recente artigo, publicado na revista *Nature*, *Evidence for European presence in the Americas in AD1021* (KUITEMS; WALLACE *et al.*, 2021).

¹²⁶ “Esquecimento ou mistificação” (*trad. minha*). Não se pode esquecer, por exemplo, como eram os bairros residenciais antes de serem desenvolvidos; várias práticas em casa e na escola incentivam as crianças a pensar no bairro como o ambiente natural para a vida e as desencorajam de se perguntarem sobre sua história (JOHNSTONE, 2010, p. 8, *tradução minha*). Lefebvre é citado aqui apenas no sentido de criticar a naturalização dos espaços criados, dos espaços sociais concebidos, vividos e percebidos. Vale acrescentar à crítica política dos espaços, que na defesa do autor é o direito ao espaço urbano, a crítica da história concebida, vivida e percebida, que é de onde se originam a criação, a experiência e a percepção de todos os espaços, dos espaços naturais aos naturalizados.

¹²⁷ “Cedo geógrafos modernos ajudaram a desenvolver tais tecnologias [tecnologia de navegação] assim como técnicas para a elaboração de mapas e sistemas para descrever a fauna, flora, geologia e pessoas ao redor do mundo mesmo daqueles que se tornariam fontes econômicas” (*trad. minha*). A autora critica o papel da geografia ao longo da história, porque, para ela, o espaço é de natureza apenas social, isto é, um construto humano (JOHNSTONE, 2010).

processo de colonização, algumas ainda resistem e continuam em contato, nos dias de hoje. Essas línguas, autóctones ou alóctones, são chamadas de *línguas minoritárias*¹²⁸. Sua manutenção não deixa, em certo sentido, de ter relação com as línguas dos colonizadores que buscavam novos territórios, novas terras, tanto para a exploração de recursos naturais como para a prática agrícola comercial.

Foi o que ocorreu, no passado das civilizações antigas, na formação dos países (Estados nacionais) como os conhecemos hoje, e parece continuar na contemporaneidade, com a busca desenfreada por territórios, pela terra. O que poderia ser um direito de todos, sempre foi motivo de dominação econômica e cultural e consequente exclusão social de povos, culturas e línguas, como se observa em relação às populações indígenas no Brasil. Catequisar esses povos originários, em pleno século XXI, é um dos exemplos mais contundentes disso, ou seja, nada mudou, ainda. Essa relação entre o homem e o espaço, entre os modos de vida das populações e a disputa pelo espaço natural, transformam ou excluem culturas, modificam ou recriam a paisagem natural, bem como as línguas faladas, em contato, no meio social.

A desigualdade de direitos culturais entre os povos pode ser representada atualmente pela situação do plurilinguismo mundial, onde apenas 5% das línguas existentes no mundo são faladas por 94% da população. As demais, 95 % das línguas no mundo, são faladas por apenas 6% da população mundial (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 18). E língua é cultura!

Na perspectiva dos estudos linguísticos, parece ser inconcebível falar em língua e não relacioná-la a um espaço de uso¹²⁹. Cada língua e *modo de falar* se consolida e se diferencia nas relações interindividuais de um grupo social identificado pelo espaço que ocupa, nas dimensões física, humana e social. De acordo com Cysouw (2013, p. 26), “*geographically close languages are in general typologically similar, while*

¹²⁸ Na concepção do *status* das línguas minoritárias, conforme Altenhofen (2013a), e o que justifica esse *status* (ver PERTILE, 2009, p.84).

¹²⁹ Espaço é um conceito polissêmico usado em diversos campos do conhecimento. Também na linguística, *espaço* possui significados que vão do concreto ao abstrato, do geolinguístico ao sociolinguístico. Britain (2016) fala, por isso, em uma *dialetoлогия espacialmente sensível*, em que o espaço, além da macrorrelação entre geografia e língua, atua na microrrelação do cotidiano humano e social.

*geographically distant languages are generally typological different*¹³⁰.”

Dessa forma, o espaço sempre teve um papel fundamental na constituição e manutenção das línguas, assim como na variação e mudança, partindo do concreto ao abstrato, do absoluto ao relacional. O espaço representa um *leitmotiv* no processo de como uma ou várias línguas se constituíram ou desapareceram em determinadas comunidades de fala assentadas em espaços específicos. Ou ainda, a pergunta como uma única língua não originária, nem próxima geograficamente nem geneticamente, pode ocupar vastos espaços onde havia inúmeras outras línguas, como o português no Brasil.

Rodrigues (1957, p. 25) afirma que os estudos “das histórias demográficas, imigratórias, urbana e rural, crescem nos países mais desenvolvidos, mas merecem aqui pouca ou nenhuma consideração”. Essa constatação aplica-se igualmente aos estudos de variação do português que, apesar dos esforços da pesquisa geo- e sociolinguística, ainda carecem de uma compreensão mais aprofundada da variação linguística do português brasileiro para além da tradição monolíngue, ou da ideia de “vitória da língua”, em um explícito e inconsciente viés colonial. O imaginário social da “igualdade”, da miscigenação criada em torno do tripé étnico-linguístico branco-negro-índio, não dá a devida atenção ao espaço multi- e plurilíngue brasileiro, isto é, à dinâmica do espaço humano sobre o físico na construção do espaço social, relacionados ao espaço histórico-temporal.

Nessa perspectiva, os estudos dialetológicos e geolinguísticos sempre deram, é verdade, extrema importância à relação entre língua e espaço, tendo destaque o espaço geográfico, como a materialização de territorialidades linguísticas. Enquanto houver fronteiras políticas condicionando a identidade dos falantes assim como também o *status* dos usos linguísticos¹³¹, o espaço geográfico (ou areal) não será ainda uma variável social no sentido amplo, para além da pergunta sobre a “origem do falante”. A dêixis que permeia os discursos dos falantes mostra que o estar/ocupar um espaço, um lugar no mundo é a tomada de consciência das ações do espaço sobre o indivíduo, assim como de suas ações sobre o espaço. Isso tem um papel diante da existência/permanência

¹³⁰ Tradução minha: “Línguas geograficamente próximas são em geral tipologicamente similares, enquanto que línguas geograficamente distantes são em geral tipologicamente diferentes” (CYSOUW, 2019, p. 26).

¹³¹ Ormeling (2010) diz que o mapeamento demarcou territórios nacionais e que servia para a legitimação da soberania sobre um espaço, assim como a tradução da toponímia. Há diferentes modos de configurar o espaço com variadas técnicas de mapeamento e tipologia de mapas com diferentes funções.

de línguas faladas por grupos sociais localizados no tempo e no espaço, portanto, sobre a variação e a mudança linguística.

É nesse ponto que os estudos geolinguísticos e de contato linguístico superam o viés dicotômico colonial-nacional¹³², ainda presente em forma de preconceitos como resquícios da construção do estado-nação idealizado (HOBBSAWM, 1990), e passam a exercer livremente o espírito científico, sem restrições ideológicas político-filosóficas. O período da construção dos estados nacionais há muito se findou, quando se iniciou o processo de globalização de mercados e culturas. Na contemporaneidade, a dicotomia é de outra ordem, local-global, ou em sua relação “*glocal*” (MæHLUM, 2010). Onde estão localizadas espacialmente as línguas e variedades minoritárias em relação às majoritárias, como questão de sobrevivência da cultura local ou regional, aí reside a questão crucial.

Pesquisar, descrever e comparar línguas e dialetos, analisar as condições, os contatos linguísticos que deram origem a esse “modo de falar”, verificar a sua vitalidade e o *status* em relação aos espaços físico, humano e social, em que diferentes línguas e dialetos se circunscrevem, são tarefas da competência específica da dialetologia e da geolinguística, auxiliadas por outras ciências, a história, a antropologia, a sociologia e a demografia¹³³.

Etimologicamente, a palavra *espaço* vem do latim *spatium*, com acepção de ‘expansão e distância’, bem como também ‘trajeto de deslocamento, período e medida de tempo’. Nesse sentido, o espaço se refere à distância entre um ponto de partida e um ponto de chegada, tanto no aspecto espacial, como no aspecto temporal, desde o vazio entre dois caracteres tipográficos ou o que está contido no espaço entre duas palavras, até a vastidão do universo (RABANUS, 2010). Nessa conceptualização básica, *espaço* e *tempo* remetem a conceitos físicos e matemáticos e são dimensões que necessitam da *fronteira* para não se delimitarem como conceitos sobrepostos.

¹³² Como se lê no Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre: “Não haveria unidade nacional sob a variedade regional” (FREIRE, 1996 [1926], p. 6). Ou seja, antes de ser regionalista, seu discurso confirma o viés do homem cordial, notadamente submisso ao colonialismo e, nesse sentido, à hegemonia da língua única.

¹³³ Altenhofen (2006) destaca a importância de relacionar conhecimentos de linguística, de geografia e de história, bem como de ordem sociológica e antropológica, para garantir um estudo que se aproxime o mais fielmente possível de estágios de uma língua ou um dialeto e seu *status*, localizados no tempo e no espaço.

Cabem, assim, algumas considerações para precisar melhor o conceito de “espaço”, no sentido “topodinâmico”, contrapondo o papel das dimensões diatópica (fixa) e diatópico-cinética (móvel) para o estudo das migrações e dos contatos linguísticos, isto é, os espaços até então conhecidos como originários das línguas no mundo e aqueles produzidos pela mobilidade humana. É o que mostra Rabanus (2010), em uma breve recensão histórico-filosófica sobre as diferentes concepções de “espaço”, em que o autor concebe três matrizes de significados: “espaço como *substância*, espaço como um *modo de percepção* e espaço como um meio da *presença corpórea*” (RABANUS, 2010, p. 1).

O desenvolvimento das ideias no campo filosófico correlaciona-se com aspectos desenvolvidos na física e na matemática; assim, a dimensão espacial aristotélica usada até os dias atuais determina *o lugar* como a possibilidade de localizar objetos, como forma de ordenar os elementos do cosmos, vistos como um caos. No entanto, é na dimensão transcendental do professor de Aristóteles, Platão, que o conceito de espaço aparece como um elemento abstrato, no sentido kantiniano: “espaço aparece como uma precondição para a possibilidade da experiência – não no sentido ideal, como para Kant, mas em um sentido substancial, real” (RABANUS, 2010, p.3, *tradução minha*). Assim, ambos os filósofos, Aristóteles e Platão, viam o conceito de espaço sob duas perspectivas diferentes. Na visão de Platão:

without space the existence of objects of experience and hence experience itself is impossible, because without space no object would exist. Therefore space is a necessary condition for the existence of all objects, which are subject to change.¹³⁴

O conceito platônico de espaço, como explica Rabanus, considera, assim, o contexto genealógico, ontológico, que para Aristóteles não satisfazia as condições empíricas do conceito, pois precisava ter a capacidade de descrever a posição e a mobilidade dos corpos. Por isso, *espaço* no sentido aristotélico significa *lugar* e transmite a ideia de *fronteira* de um objeto. Para ele, os elementos básicos, *fogo*, *água*, *terra* e *ar*, têm seus lugares específicos, porque para ele os espaços não são iguais, ou seja, certas direções estão associadas com certos elementos, e certas forças conduzem

¹³⁴ *Tradução minha*: “sem o espaço a existência de objetos da experiência e ainda a experiência em si mesmo é impossível, porque sem espaço não existiria objeto. Portanto, o espaço é uma condição necessária para a existência de todos os objetos que estão sujeitos à mudança” (RABANUS, 2010, p. 3).

para a mobilidade de corpos em diferentes direções no espaço. *Espaço* adquire, assim, uma descrição estrutural, em que algo material tende a se mover em certa direção sem nenhuma força atuando sobre ele, porque, para Aristóteles, direções no espaço agem como substâncias que causam mobilidades.

Desta forma, conforme Rabanus (2010), ambas as visões filosóficas desenvolveram a ideia de *espaço* como modo de percepção, mas não no modo puro da percepção, e sim como *objeto substancial*. Se para a visão transcendental de Platão, o espaço é uma condição para a existência de objetos e a possibilidade de experienciá-la, para Aristóteles, a sua visão de espaço como lugar foi a base da topologia e a fundação da filosofia natural como uma ciência empírica.

No início da Idade Moderna, Descartes analisou a relação entre espaço e matéria e concluiu que ambos tinham a mesma natureza, isto é, onde há espaço, há matéria. Além disso, o espaço tem, segundo Rabanus (2010), uma função transcendental, pois não somente a experiência, mas a existência de objetos baseia-se na existência do espaço como uma pré-condição para a sua existência. Na efervescência de um mundo ocidental cristão, Descartes foi acusado de materialismo e ateísmo por seus críticos, pois sua perspectiva negava qualquer essência imaterial ou espiritual. Platão e Descartes compartilham a ideia de espaço como condição transcendental para a experiência e, nesse sentido, precedem o pensamento de espaço em Kant.

No século XVII, continua Rabanus (2010), o espaço e a matéria foram revistos por Henry More, crítico da teoria de Descartes, que havia deixado Deus de fora do mundo, e postulou que o espaço é absoluto e infinito e que Deus em sua descrição metafísica está no espaço e todas as coisas materiais existem como condição espacial, porque são criadas por Deus. Isaac Newton concordou com o conceito de *espaço absoluto* e *tempo absoluto*, mas introduziu também o conceito de *espaço e tempo relativo*. Para Newton, o espaço da percepção é relativo, imóvel e imutável, enquanto que a natureza do espaço é absoluta. E é o espaço relativo que se configura na relação entre dois corpos podendo movimentá-los e servir de métrica para calcular distâncias no espaço absoluto. Newton seguiu a tradição de Descartes, para quem o espaço vazio é preenchido pela substância, mas não confundiu espaço com matéria; para ele, espaço é infinito e é preenchido pela matéria, cuja manutenção da ordem é resultado da intenção de Deus, que está acima do espaço e do tempo. Assim, ele formula as leis da gravidade (RABANUS, 2010).

Gottfried Leibniz, outro teórico visitado por Rabanus (2010), não concordou com Newton quanto à natureza do espaço e questionou a dependência da criação e intervenção de Deus na perfeição do mundo. Para Leibniz, o espaço não é absoluto, talvez nem relativo, mas *relacional*. Ele preferiu a expressão “espaço relacional”. Por isso, o seu conceito de espaço está somente na natureza relacional entre os corpos, assim o espaço vazio é inconcebível e deixa de ter o caráter de entidade vasta. O conceito de espaço se refere apenas a uma estrutura formal. Vale lembrar que, nesse período inicial da era moderna, as teorias científicas tentaram se conformar à doutrina cristã.

A partir de Kant, o conhecimento científico foi limitado à experiência sensorial e que não tem impacto na cristandade, e vice-versa. Conforme Rabanus (2010), nem Newton nem Leibniz visualizaram o espaço como uma condição da experiência ou como um modo de percepção. Para Kant, “o espaço é um modo de percepção, isto é, uma estrutura de cada experiência dos objetos no mundo externo. Assim, em sentido substancial, o espaço não tem existência independente, nem existência relacional ou absoluta” (RABANUS, 2010, p. 10, *tradução minha*).

Kant concebe o espaço não como conceito, mas como *intuição*, em que a representação do espaço é necessária para cada experiência dos objetos externos, pois, para ele, a ideia de uma experiência externa de um objeto que não é espacial é impossível. Essa ideia de espaço se dá na fronteira entre o próprio eu e o mundo externo, nas condições para a possibilidade dos objetos da experiência. Assim, o conceito de espaço, como modo de percepção, permite-nos o sentido de nos localizarmos entre outras coisas no espaço, ou seja, é no *espaço experienciado* que o eu se localiza e se encontra localizado, a *presença corpórea*. Dessa forma também, há a sensação de se referir a algo que está fora do eu, na percepção de outra região do espaço em que o próprio eu se encontra, sendo que o eu é capaz de representar esse espaço outro como externo e ao longo do lado de um outro espaço, “não só diferente, mas como em diferentes lugares, a representação do espaço precisa estar pressuposta” (KANT, 1929, p. 678 *apud* RABANUS, 2010, p. 13, *tradução minha*).

Edmund Husserl desenvolveu, como lembra Rabanus, mais de um século depois de Kant, a *fenomenologia transcendental*. Para Husserl, o espaço é uma dimensão de nossa experiência e é, primeiro de tudo, um meio da *experiência corpórea*. Assim, esse filósofo postula que o espaço é uma das mais importantes tarefas da fenomenologia para examinar a natureza da experiência diária dos seres humanos e descobrir padrões e

origens da constituição de tais experiências, ou seja, fazer uma “arqueologia” das origens do significado. Na perspectiva fenomenológica, a origem dos significados está na relação abrangente dos objetos localizados no espaço experienciado sob o ponto de vista subjetivo de cada ser humano. Dessa perspectiva de experiência subjetiva, surge a *experiência corpórea* da relação em termos de distância relativa do espaço em que cada ser humano encontra ou se encontra.

For Husserl, every constitution of meaning from experienced spatial objects has its origin in the subject as the null point of this constitution. Objects are “somewhere”, and this “somewhere” is determined by the relation of the object to me. In other words, the meaning of this “somewhere” is determined by its spatial relation to me as the origin of the constitution of meaning (RABANUS, 2010, p. 15).¹³⁵

Os postulados de Husserl sobre o espaço passam por três abordagens diferentes, sendo a primeira, o conceito de *espaço absoluto*, a segunda na perspectiva da *experiência espacial* sob o campo de visão bidimensional, e na terceira abordagem, o espaço ganha a perspectiva do *ambiente social* e de suas estruturas, determinando-as (*the Lebenswelt*,¹³⁶ cf. RABANUS, 2010).

Max Scheler (*apud* RABANUS, 2010) acrescenta a essa perspectiva do movimento da percepção, em sua conexão com o espaço, a possibilidade de uma existência concorrente entre os objetos. Para esse filósofo, o espaço atua como *espaço móvel*, como *fenômeno de movimento e mudança* e que carrega as condições do poder experienciado por cada natureza do movimento vital. O psicólogo Kurt Lewin, também

¹³⁵ *Tradução minha*: Para Husserl, toda constituição de sentido a partir de objetos espaciais vivenciados tem sua origem no sujeito como ponto zero dessa constituição. Os objetos estão “em algum lugar”, e esse “algum lugar” é determinado pela relação do objeto comigo. Em outras palavras, o sentido desse “algum lugar” é determinado por sua relação espacial comigo como origem da constituição do sentido.

¹³⁶ Nessa perspectiva teórico-filosófica (fenomenológica), a minha percepção, como migrante do interior para a cidade grande, associa a mesma cena experienciada em dois espaços diferentes. Como em um quadro pictórico, um homem move, com dificuldade, um carrinho abarrotado de sacos pretos. Sua visão do trânsito é limitada devido à altura da carga, mesmo assim, ele continua a disputar o espaço de uma movimentada avenida de uma metrópole. O inusitado da cena não termina aí. O carrinho tem uma dimensão física enorme diante da força diminuta que a puxa, como uma formiguinha. E o que torna a cena ainda mais surreal é a presença daquele grande obstáculo justamente na curva da movimentada avenida diante dos muitos luxuosos, potentes e velozes veículos, que se desviam em “um piscar de olhos”, no reflexo da percepção, de um tempo diminuto. Lá no outro espaço, no interior do país, a cena se repete, entretanto, os carros disputam espaço em ruas estreitas e mal traçadas. A carroça que deveria ser mais lenta ainda parece ter mais mobilidade, só que nem por isso deixa de impor um ritmo aos veículos, fazendo-os lembrar que um dia esse espaço era só seu.

citado por Rabanus, estava igualmente convencido que uma topologia baseada no movimento conseguiria descrever a natureza do espaço. Para Lewin, “*all human behavior is a function of a person and his or her environment*”¹³⁷ (RABANUS, 2010, p. 16). Dessa forma, também o espaço se manifesta como o local de mudança de uma pessoa sobre o percurso através do espaço, ou seja, há forças recíprocas entre espaço para ação e ação no espaço. Dependendo de como um indivíduo age ou gostaria de agir naquele espaço, ele se estrutura e fornece certas possibilidades de comportamento dentro dele. Lewin, Wertheimer, Köhler e Koffka desenvolveram, como observa Rabanus (*idem*), uma teoria psicológica no entendimento da existência humana com base na abrangência de relações e conexões dentro de seu ambiente, ou na compreensão de entidades experienciadas incorporadas dentro de um contexto. Eles formaram a escola de Berlin da teoria da *Gestalt* (cf. RABANUS, 2010, p. 16).

Maurice Merleau-Ponty (1945) buscou, segundo Rabanus, um conceito de espaço semelhante ao pensamento husserliano, mas para ele, o espaço experienciado está baseado na topologia do *aqui* e *lá*; o *aqui* é a personificação do sujeito, *lá* é todo o restante em outras regiões espaciais. Essa estrutura de contraste em termos de relação entre as classes *aqui* e *lá*, Merleau-Ponty chamou de *geologia transcendental*. Tal visão de espaço remete à teoria da dêixis de Karl Bühler, porém com o aspecto da corporeidade em que todas as coisas e todo corpo estão incluídos. Incluindo o próprio corpo como grau zero da percepção e intuição da espacialidade, a centralização do espaço em volta do sujeito corpóreo o transforma em um sujeito em si mesmo, ontológico.

Por fim, concluindo essa recensão histórico-filosófica da concepção de *espaço*, é preciso mencionar ainda a natureza espacial da existência do ser humano expressa por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (*Entfernung* ‘distância’ e *Ausrichtung* ‘orientação’). Para Heidegger, o espaço não é homogêneo, porque cada objeto tem seu lugar específico no mundo do ser humano. Por isso, quando nos referimos a coisas, nos referimos no sentido específico que elas têm, exatamente, sobre o seu respectivo lugar. Assim, o espaço é uma condição ontológica da objetividade em si mesmo. E isso mostra que as estruturas espaciais não são simplesmente dadas, mas determinadas pela natureza

¹³⁷ Tradução minha: “todo comportamento humano é uma função de uma pessoa e de seu ambiente”.

da existência humana, sendo continuamente criadas. Dessa maneira, Heidegger, que tinha a noção de espaço como meio da presença corpórea, volta-se ao pensamento inicial do conceito de “espaço” retomando as reminiscências da teoria aristotélica substancialista, como observa novamente Rabanus (2010).

Dessa retrospectiva, depreende-se o espaço como algo natural que, ao assumir uma perspectiva conceitual, ora como substância (*distância física*), ora como um modo perceptual (*dentro e fora*), ora como experiência corpórea (*aqui e lá*), mudam-se os enfoques dados ao objeto, assim como o método de estudo e análise.

A relação entre língua e espaço apresenta, por isso, diferentes perspectivas de análise que não são excludentes e, muito menos, sujeitas à valoração como inferior, superficial, obsoleta, ou superior, qualificada e atual. Auer *et al.* (2013) afirma que a geolinguística ou linguística areal tem sobrevivido depois de um período dominante das teorizações sociolinguísticas não-espaciais, isso por ter a sua “origem coincidente” durante a formação dos estados nacionais e por localizar formas linguísticas no espaço, o que estaria reforçando o pensamento de que espaços linguísticos são a base para a existência de estados-nação: a ideia de uma pátria, uma língua. Mapear *diferentes modos de falar*, comprovando justamente que a variação linguística existe e faz parte das culturas locais, com a presença de inúmeras línguas/dialetos e seus *status* marginais diante das normas padrão ou *standard* impostas pelo poder, não parece cumprir esse papel designado à geolinguística, pelo menos na contemporaneidade (JOHNSTONE *et al.*, 2006).

As interações, ou melhor, os contatos linguísticos acontecem em espaços relativos, construídos, e que têm, por referência, espaços absolutos. A existência dos objetos e da experiência humana dá-se pela corporeidade de tempo e lugar. A mudança, a mobilidade é que transforma a percepção do espaço absoluto em espaço relativo. Por isso, nem *absoluto*, nem *relativo*, mas *relacional* (THUN, 1998). Justamente para unir o que parece dicotômico, mas que nunca foi dicotômico na relação entre língua e espaço, nem mesmo nas perspectivas de análise areal ou geográfica. Registrar o *modo de falar* localizado no tempo e no espaço, como produto da cultura humana, subjaz à existência de contextos locais institucionalizados por uma ou mais línguas e às relações de força das inúmeras comunidades de fala ao longo da história. Vejamos, na próxima seção, o que é preciso considerar na relação entre língua e espaço.

2.2 Língua e espaço na perspectiva relacional

Tendo em mente que comunidades de fala sempre disputaram e ocupam espaços geográficos, sua cultura e suas línguas se circunscrevem a esses espaços transformando-os em espaços sociais institucionalizados. Os espaços sociais de interação criados e recriados em cada situação comunicativa se submetem ao *frame* institucionalizado por cada comunidade de fala, e são relacionalmente localizados entre língua e espaço.

Nessa perspectiva, Auer *et al.* (2013) discutem três tradições de estudos de língua e espaço:

- 1) o estudo areal ou geográfico de levantamento da distribuição do léxico e expressões linguísticas, mapeando-os através do espaço;
- 2) o estudo de expressões gramaticais usadas pelos falantes para localizar entidades ou descrever movimentos no espaço, assim como o léxico que denota posições espaciais;
- 3) e, por fim, o estudo do espaço como arranjo social compartilhado por grupos de falantes em interação linguística.

Assim, essas três tradições, a linguística areal ou geográfica, a linguística dos dêiticos espaciais e a linguística do espaço interacional, têm por enfoque o fenômeno da relação entre língua e espaço, sob pontos de vista, aparentemente, diferenciados. No entanto, compartilho a ideia de que, o que parece ser incongruente ou concorrente tem um papel complementar nos estudos de língua e espaço.

É o que encontramos na proposta de Thun (1996; 1998) com seu modelo de Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, como uma “ciência ampla da variação linguística”. Quando Thun afirma que a dialetoologia tradicional abandonou o espectro da busca por registrar uma língua homogênea e fixa escondida em um espaço muitas vezes longínquo e isolado, como resquício de línguas originárias antigas, e passou a incorporar o espaço social e a mobilidade em seus estudos, também o espaço absoluto deixa de ser o foco principal, e o relativo é que exerce a sua função entre as variáveis pesquisadas. Thun vai ainda mais longe, incorporando também o espaço relacional. O espaço relacional refere-se tanto aos contatos linguísticos diacrônicos, e diatópicos, como aos diatópico-cinéticos e diastráticos. Há, portanto, a perspectiva de unir as linhas

de estudo da língua no espaço geográfico, dêitico e interacional, observando como a(s) língua(s) se apresenta(m) ao ser(em) descrita(s) nesses espaços. Ou seja, a dominância do enfoque é perspectivada pelo próprio objeto em análise.

Na nossa compreensão, o papel do espaço na indexicalidade é um processo e vai além das práticas sociais contingentes. Primeiro, na perspectiva do pesquisador, que, segundo os seus objetivos, estabelece levantar dados sobre os falantes de determinado(s) lugar(es) (espaço). É a etapa de sondagem etnográfica para a escolha do enfoque dimensional ou pluridimensional (as dimensões de análise). Estabelecida(s) a(s) dimensão(ões), seleciona-se o campo de estudo (perfil dos falantes) e mapeiam-se os espaços geográficos (espaço absoluto).

Uma vez delimitado o espaço de pesquisa, participa-se como observador ou promovem-se interações para coleta e análise de dados. Inicia-se a outra etapa de indexicalidade espacial: seguindo a distinção de Thun (1996), são agrupados os falantes mais *topostáticos* (geralmente nativos e fixos a um determinado lugar), em um grupo, e os falantes mais *topodinâmicos* (migrantes, móveis), em outro grupo. Nessa etapa, as variáveis linguísticas encontradas são elencadas e relacionadas aos espaços tanto de origem (matriz), como da prática social dos falantes (espaço relativo).

Para concluir esse processo de pesquisa, os dados são analisados e etiquetados segundo o grau de *espontaneidade*, *insistência* e *sugerência* (cf. “técnica em três tempos”, sugerida por THUN, 1998; 2017 [2005]). Nessa última etapa de indexicalidade, os próprios falantes confirmam ou refutam com comentários metalinguísticos, ou fornecem seus próprios julgamentos e percepções sobre as diferentes produções linguísticas, tanto dos membros do grupo pesquisado na interação, como de formas sugeridas pelos pesquisadores, de conhecimento prévio a partir de outros estudos e levantamentos de dados, ou mesmo registradas em atlas linguísticos (espaço relacional).

Nessa última etapa, é comum encontrar comentários do tipo “essa palavra não é daqui”, ou “aqui não se usa isso”, ou ainda, “isso não faz parte da nossa cultura”. E quase sempre, mesmo sem ter sido necessário perguntar “quem fala assim?”, como sugere Thun (2010, 2017 [2005]), os comentários indicam por meio de expressões dêiticas, “isso é de lá”, ou, “mais pra cá se fala assim”, ou ainda, “isso é lá pra baixo, os sulistas falam assim”, “sim, essa expressão é daqui, é da nossa cultura” (*Expressões retiradas do corpus desta pesquisa de tese*).

Auer *et al.* (2013, p. 7) visualizam que as duas perspectivas de espaço, o absoluto e o pragmático, não são incompatíveis,

While the typologically somewhat marginal case of languages that prefer absolute frames of reference for spatial expressions shows that spatial pragmatics and absolute notions of space are not incompatible, we now turn towards the more important relationship between variation-based spatial indexicality and relative notions of space.¹³⁸

Essa é a relação feita com *cenários de referência* (frames)¹³⁹ que, em espaços absolutos, são necessários para verificar questões de identificação de comunidades de fala e de prática, contextos situacionais, contextos socioculturais, regionalizados, possibilitados ou não por contatos linguísticos ao longo do tempo, por meio de vias de comunicação como rodovias principais, estradas de acesso, distâncias de e entre centros urbanos, ou obstáculos naturais como rios, montanhas, fronteiras, ou mesmo, redes sociais formadas nos primeiros contatos de (i)migração, etc.

Os *cenários de referência* exercem sua função nas comunidades de fala, como, por exemplo, quando na localidade de Balsas, no sul do Maranhão, os falantes das duas variedades regionais, sulista e nordestina, afirmam que para os balsenses são considerados “*gaúchos*” todos que se originam “*do Tocantins para baixo*”. Ou seja, além do rio Tocantins exercer essa simbologia de fronteira, muitas vezes, denominado de *portal da Amazônia* (fronteira com o estado do Pará), também exerce a função de ser a principal via de acesso, ao estado do Maranhão, pelo lado sudoeste do território. Esse rio funciona, tanto geograficamente, como simbolicamente, como uma fronteira dentro/fora da região Nordeste, uma vez que o rio Parnaíba, que também faz fronteira ao longo de todo o território leste do estado do Maranhão, é uma divisa interna regional (de dentro). Então, para os balsenses, atravessar o rio Tocantins não remete ao mesmo significado que atravessar o rio Parnaíba e apenas sair do território maranhense. Atravessar o rio Tocantins agrega outro cenário, o de ir para fora da região Nordeste, e isto significa sair da cena da cultura e dos costumes nordestinos. A expressão “*do*

¹³⁸ Tradução minha: “Embora o caso tipologicamente um tanto marginal de linguagens que preferem quadros de referência absolutos para expressões espaciais mostre que a pragmática espacial e as noções absolutas de espaço não são incompatíveis, agora nos voltamos para a relação mais importante entre indexicalidade espacial baseada em variação e noções relativas de espaço.”

¹³⁹ Fazendo-se relação com o conceito de *frame* em Fillmore (1982).

Tocantins para baixo” assume, portanto, esse duplo significado, o de espaço de fronteira que vai além do espaço absoluto, como também o abstrato (dentro/fora), e o de dêixis espacial, a expressão “*para baixo*” indica a posição e a direção em relação à origem do falante, na perspectiva do mapa geográfico do país, norte em relação ao sul.

Dessa forma, o espaço geográfico (absoluto) e o espaço social (relativo) se entrelaçam para desnudar os significados sociais que permeiam as produções e recepções linguísticas. Na expressão dos balsenses, pode-se subentender a presença de uma fala regional convencionada, o que denota que a variedade de português falada por eles configura uma espécie de *geolecto*, isto é, “*as a variety that has a specific geographical basis*”¹⁴⁰ (MæHLUM, 2010, p. 23), em relação às demais variedades do português brasileiro, incluindo a língua standard (cult).

Considerando que uma maior duração do contato linguístico com a variedade escrita do português (até o ensino superior) só se implantou na localidade há 20 anos e que a presença de migrantes sulistas com maior escolarização coincide com esse período, pois os migrantes pioneiros, da geração mais velha, geralmente concluíram até o antigo ginásio, há um contraste entre as variedades do português do sul e do português do norte em relação à língua standard.

Nesse cenário¹⁴¹, os conhecimentos etnográficos e históricos de uma língua de colonização, ocupando espaços de línguas minoritárias e em contato com as línguas remanescentes desde o início do período de implantação (em momentos e espaços históricos distintos – norte e sul), se fazem mais do que necessários para a compreensão de como se constroem as práticas sociais vigentes, os agentes e as percepções que circulam socialmente. Como diz Bourdieu, citando Cassirer, “é preciso pensar relacionalmente”, ou,

[...] é mais fácil pensar em termos de realidades que podem, por assim dizer, ser vistas claramente, grupos, indivíduos, que pensar em termos de relações. É mais fácil, por exemplo, pensar a diferenciação social como forma de grupos definidos como populações, através da noção de classe, ou mesmo de antagonismos entre esses grupos, que pensá-la como forma de um espaço de relações (BOURDIEU, 1989, p. 28).

¹⁴⁰ Tradução minha: “como uma variedade que tem uma base geográfica específica”.

¹⁴¹ Cenário agora no sentido de línguas e variedades em contato, conforme Thomason (2001).

O princípio da pluridimensionalidade de análise da variação e mudança linguística (cf. RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998) assume, nesse sentido, papel central na ordenação das variantes em contato em termos de sua aceitabilidade como “mais ou menos normal”, “mais ou menos intercompreensível”, “mais ou menos prestigiado” e “mais ou menos adequado”. Vejamos.

2.3 Princípio da pluridimensionalidade de análise da variação linguística

O uso de línguas nos diferentes domínios como “construtos de análise” (FISHMAN, 1965), na família, na escola, na comunidade, na igreja, na mídia de massa, estabelece padrões de fala e sinaliza para determinadas tendências na variação e mudança linguística. A partir desses domínios e categorias sociais, o pesquisador reconhece diferentes dimensões de análise de que se vale, como se ele usasse “lentes” de aumento para a visibilização de fatos da língua, para enxergar tendências da variação e mudança linguística. Surge, assim, o princípio da pluridimensionalidade da análise da variação e mudança linguística que embasa a Dialectologia Pluridimensional e Relacional, de Thun (1998).

O presente estudo destaca fundamentalmente, como já se aludiu, a topodinâmica da variação linguística, a partir da migração e contato de uma variedade regional do português, no espaço e no tempo. A análise da topodinâmica de uma língua ocupa-se, segundo Thun (1996, p. 211) com falantes móveis, em seu percurso de uma matriz de origem para uma nova área, onde entram em contato com outras línguas e variedades. Sua relevância reflete mudanças na estrutura social que evidenciam o fator mobilidade como comportamento natural e mais frequente nos dias atuais do que em épocas passadas.

Na raiz dos estudos da variação linguística, a dialectologia buscava a fala que julgava a mais genuína de um falante que tivesse pouco contato e interferência externa e que, por isso, preservasse marcas dialetais características da história de sua língua. O foco em uma língua intocada mais próxima das origens de um povo determinou que essa dialectologia tradicional priorizasse a fala mais conservadora e homogênea, dos falantes mais velhos de contextos rurais isolados, preferencialmente “fins de linha”, onde tudo parou no tempo (v. ALTENHOFEN, 2006). Esse tempo remonta aos estudos de Gillieron (Século XIX), quando ainda se pensava ser possível encontrar pessoas isoladas.

A dialetologia contemporânea, ou Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998), oferece um escopo teórico de conceitos e métodos de análise que ao contrário contrapõe o velho e o novo, “o carro de boi e o trator”,¹⁴² do rural e do urbano, do estável e do instável/variável, monolíngue e plurilíngue, do conservador e do inovador, enfim, do escrito e do falado. As migrações, assim como os contatos linguísticos foram identificados como de central importância, sobretudo no mundo em constante mudança e movimento da América do Sul (RADTKE; THUN, 1996). Com isso, almeja-se um estudo aprofundado e dinâmico das variedades de uma língua e de línguas diferentes, em que a teoria abarca um conjunto de dimensões e parâmetros que unem no mesmo escopo teórico os aspectos sócio- e geolinguísticos. A variação estável ou a variação na mudança linguística em uma variedade que está fora da sua matriz de origem, como neste contexto de estudo, implica observar a fala do grupo topodinâmico ou migrante, e fazer a descrição comparando marcas linguísticas como resultado da ação do tempo e do espaço, de variedades regionais em contato.

Considerando a realidade complexa de línguas e variedades, faz-se necessário sistematizar os dados e, principalmente, a análise, que considera adicionalmente fatores históricos e sociais relacionados à mobilidade geográfica e fatos linguísticos como expressão da identidade regional e social.

El espacio variacional de la Dialectología pluridimensional no comprende solamente los dialectos “puros” preferidos por la Dialectología tradicional o los sociolectos de la Sociolingüística. Son de igual interés la variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorías y de mayorías, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastado con el de los grupos topostáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parámetros más¹⁴³ (THUN, 1998, p. 706).

¹⁴² Usando uma metáfora espontaneamente colocada por Thun, no grupo de pesquisa do ALMA-H.

¹⁴³ *Tradução minha*: O espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” prediletos da Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contínuas ou sobrepostas de minorias e maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) em contraste com os grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico e outros parâmetros mais” (THUN, 1998, p. 706).

Esta complexidade de contatos intervaretais diversos impõem desafios para a pesquisa e para um recorte adequado de seu objeto de estudo. O princípio da pluridimensionalidade surge daí como uma ferramenta de ordenamento do aparente caos linguístico, como diria Labov (2008 (1972)). Como explica Thun (2010), por meio de dimensões, como lentes de aumento de relações não visíveis à primeira vista, faz-se uma série de fotografias da realidade linguística que, em uma sequência dinâmica, irão gerar um filme que reproduz o movimento da língua em sua variação e mudança. “Desse movimento podem resultar novas configurações linguísticas, que incluem sobreposições de variantes, amálgamas, substituições, mudanças, etc.” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 377). O critério pluridimensional possibilita, desse modo, fazer os mais variados tipos de recorte do objeto linguístico, do parâmetro geográfico-espacial (diatópico), de classe social (diastrático), de grupos de idade distinta (diageracional), gênero (diagenérico),¹⁴⁴ situação (diafásico), atitudes e percepções da fala do outro (diarreferencial), bem como de ordem diacrônica (através do tempo), com todas as “fotos” possíveis em cada uma dessas dimensões, podendo gerar novos parâmetros e outras dimensões de análise. Este robusto aparato teórico-metodológico evidentemente precisa ser exequível, daí a necessidade de selecionar o olhar pelas lentes de cada dimensão separadamente e em correlação umas com as outras.

¹⁴⁴ Thun, como se pode depreender do quadro acima, fala em dimensão diassexual. Nesta tese, preferimos usar o termo *diagenérico*, para enfatizar os papéis sociais associados a cada gênero.

Quadro 3 – Dimensões de análise previstas no modelo pluridimensional e relacional

Overview of the variables to be considered in pluridimensional atlases	
Dimension	Parameter
1 dialingual	Two or more languages, e.g., Spanish and Portuguese
2 diatopic	Topostatic (informants with stable residence in survey locations)
3 diatopic – kinetic	Contrast between topostatic and topodynamic informants, the later having recently changed residence
4 diastratic	Sociocultural class, e.g., lower and upper class
5 diagenational	Age groups, e.g., an older generation (60 years and over) and a younger generation (18-36 years old)
6 diasexual	Women – men
7 diaphasic	Style, e.g., "reading", "response" and "conversation"
8 diareferential	Difference between object language, form and metalanguage

Fonte: Thun (2010, p. 514)

Os critérios de ordenamento que fundamentam a pluridimensionalidade de análise da variação linguística seguem, de acordo com Thun (1998), uma busca por oposições binárias (análise contrastiva), para visualizar macrotendências no uso e no comportamento linguístico de um indivíduo representante de determinado perfil social. Um exemplo é a análise que Thun (1996) faz do comportamento linguístico de montevidianos em Rivera, no norte do Uruguai, em comparação com a fala de riverenses em Montevideo, capital situada no extremo oposto. Rivera é associada com a fronteira e, portanto, com a influência do português em contato. Montevideo, ao contrário, representa a norma da capital, do centro do poder. Em relação à fala fronteiriça, Thun constatou a complexidade do repertório linguístico desses falantes em situação de fronteira e contato linguístico que descreve como sendo um *variety complex*, ou seja, um complexo de variantes de um espectro de variedades com as quais um indivíduo entra em contato. Por exemplo, entre variedades do português uruguaio, observam-se marcas dialetais que ainda guardam resquícios de um português mais conservador (europeu antigo) de um lado, e do outro um português mais inovador pela influência do padrão da escola e da mídia brasileira (THUN, 2010b).

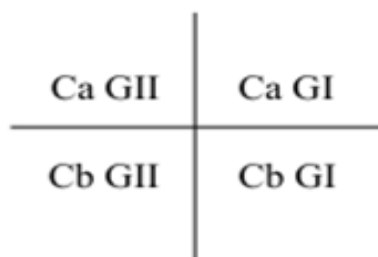
Da mesma forma, a complexidade que envolve os contatos do português brasileiro e fronteiriço com o português uruguaio (conservador) e as demais línguas e variedades aí presentes, como resultado de contatos linguísticos envolvendo história e demografia de um espaço, assim também as variedades regionais do português brasileiro não podem

ser vistas apenas como manifestações vernaculares da língua padrão.

Como se vê, a variação linguística ocorre em grande parte, porque o ser humano não é estático, e sim móvel por natureza, assim como a língua, que muda constantemente, de forma essencialmente dinâmica. Thun (1996), ao perceber o papel da mobilidade na constituição das línguas e sociedades, identifica os dois grupos já assinalados, de falantes *topodinâmicos* (migrantes, população móvel) e *topostáticos* (falantes fixos a uma localidade ou *locus*), o que proporciona um tratamento diferenciado dos dados linguísticos. De acordo com esses perfis, não é mais possível tratar da coleta e análise de dados com critérios homogêneos. “*Basta para ser aceptado como informante topostático haber pasado por lo menos la mitad de su vida en el lugar respectivo y obligatoriamente los últimos cinco años. [...] En cuanto al informante topodinámico, flexibilizamos la movilidad casi diaria en favor de una movilidad relativa*”¹⁴⁵ (p. 211). Para cada grupo, de perfil mais topodinâmico ou mais topostático, foi elaborada uma distribuição em subgrupos, conforme o método cartográfico,

para todos los grupos, sean topostáticos o topodinámicos, se eligió como signo básico la cruz. Los cuatro compartimentos formados por el eje horizontal y por el eje vertical se distribuyen entre los grupos socioculturales y generacionales conforme a principios populares: los ancianos primero y la flor y nata arriba. (THUN, 1996, p. 216)

Figura 32 – Esquema de análise em cruz dos grupos de entrevista, conforme as dimensões diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GII e GI)



Fonte: Thun (1996, p. 216)

A pluridimensionalidade possibilita, assim, realizar análises das dimensões sociais, espaciais e temporais de forma ordenada e, ao mesmo tempo, abrangente, graças à diversidade de oposições binárias previstas no cruzamento de dados. Também a

¹⁴⁵ *Tradução minha*: Para ser considerado como informante topostático basta haver passado pelo menos metade de sua vida e obrigatoriamente os últimos cinco anos no respectivo lugar. [...] E quanto ao informante topodinâmico, flexibilizamos a mobilidade quase diária em favor de uma mobilidade relativa.

pluralidade de informantes (THUN, 2017 [2005]) garante uma representatividade mais fidedigna do grupo social, visto que as produções linguísticas de um participante no grupo corroboram uma tendência (ao confirmar a mesma variante de outro participante de mesmo perfil social), ou asseguram que o espectro variacional da fala local seja devidamente registrado. Nesse procedimento, é possível perceber tanto uma convergência e maior estabilidade, quanto uma divergência e instabilidade no uso da língua.

A complexidade da variação nos usos linguísticos expõe um aspecto situacional especialmente desafiador para o pesquisador da língua na sociedade. A própria entrevista torna-se, assim, uma situação de fala que leva a escolhas linguísticas. Na metodologia, falaremos mais a respeito. Mas a percepção dos falantes sobre os usos marcados socialmente, como aqueles no nível do estilo, e que se relacionam a determinados grupos sociais étnicos, ou de origem geográfica, exigem especial atenção. Como afirma Thun,

Styles are specific manners of linguistic interaction configured by social traditions. This (metaphorical) space is considered dynamic, as it is possible to pass from one style to another. Speakers make use of a great number of styles. It is virtually impossible to register all of them during a linguistic investigation. [...] Diaphasic variation is, however, an important indicator of linguistic change (THUN, 2010, p. 508).¹⁴⁶

Nesta tese, pelas contingências em que o estudo foi desenvolvido, o foco recai sobre a produção linguística de migrantes (portanto, falantes topodinâmicos), vindos de uma área linguística regional para outra, onde entram em contato com falantes topostáticos ou tradicionalmente de outra variedade regional (dimensão dialingual), após um período de quase 40 anos (dimensão diacrônica). Vejamos a seguir como o escopo da *Dialetologia Pluridimensional e Relacional* de Thun (1996; 1998) foi aplicado a estudos de contextos de migração interna no Brasil.

¹⁴⁶ Tradução minha: “Estilos são formas específicas de interação linguística configuradas por tradições sociais. Esse espaço (metafórico) é considerado dinâmico, tanto quanto é possível passar de um estilo a outro. Falantes fazem uso de um grande número de estilos. É virtualmente impossível registrar todos eles durante uma investigação linguística. A variação diafásica é, entretanto, um importante indicador de mudança linguística.” (op. cit.).

2.4 Estudos da variação regional do português de migrantes

Em um país cuja mobilidade é a regra, e não somente da zona rural para a urbana, mas considerando a migração regional, cujas diferenças dialetais tendem a ser niveladas pela língua escrita, não é mais o alvo da dialetologia buscar o dialeto-base puro, associado a um falante topostático, pois estamos fadados a encontrar “uma fala complexa e instável internamente variável conforme a situação comunicativa, a qual dificulta a identificação de tendências mais coletivas”, como observam Altenhofen e Thun (2016, p. 372). Usando a terminologia de Thun (1996), podemos dizer – reiterando o que já foi dito – que não mais nos limitamos à *variação diatópica* (entre pontos e áreas no macroespaço geográfico), mas sim estendemos a análise para a *dimensão diatópico-cinética*, abordando não apenas a fala de falantes fixos a uma localidade (*topostática*), mas também a fala de falantes móveis no espaço pluridimensional, ou seja, de migrantes (*topodinâmica* da variação e mudança linguística).

Vale observar que, em uma população etnicamente diversificada e com alto grau de mobilidade, as pesquisas que já trataram do tema da variação e mudança linguística o fazem predominantemente com enfoque na dimensão diastrática (grau de escolaridade). Entretanto, seu tratamento na dimensão diatópica ou geográfica, e agora diatópico-cinética (migrações), ainda se mostra bastante escasso. Também os estudos do português de contato com as línguas minoritárias, como no caso das variedades de imigração incorporadas na fala dos brasileiros, ainda se circunscrevem essencialmente à região Sul do Brasil, com algumas exceções. Um exemplo é a pesquisa de Barros (2014), já mencionada anteriormente. Barros descreve o contexto linguístico de contato entre variedades do alemão e variedades do português com falantes topodinâmicos (migrantes rio-grandenses e paranaenses), que migraram a partir de 1956 da região Sul para o Centro-Oeste.

Outro exemplo é o estudo de Figueiredo (2014), igualmente mencionado. Figueiredo busca lançar uma base metodológica para a descrição linguística de migrantes em comparação com a variedade linguística da matriz de origem, por meio de atlas linguísticos. Como tal, vale-se do *Atlas Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (ALTENHOFEN *et al.*, 2011) como fonte de comparação, já que o ALERS registra a fala rural probabilisticamente mais próxima da variedade de partida dos falantes entrevistados. Figueiredo segue os pressupostos de análise da dimensão

diatópico-cinética de falantes topostáticos e falantes topodinâmicos, fixados por Thun nas pesquisas para o Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU (THUN, 1996; 1998).

Figueiredo (2014) levantou dados de fala de 24 migrantes teuto- e ítalo-gaúchos, em três localidades fundadas por migrantes sulistas (MT01 - Porto dos Gaúchos, MT02 - Sinop e MT03 – Sorriso) no norte do estado do Mato Grosso, que migraram motivados pela “busca de uma vida melhor” vislumbrada na aquisição de terras por empresas colonizadoras do sul do país, pois muitos já haviam migrado ou não para outros estados, como o oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. A interpretação do comportamento linguístico por meio da metodologia qualitativa foi feita verificando-se a variação das marcas linguísticas em uma escala [+RS] *versus* [-RS], em diferentes estilos, relacionados às variáveis extralinguísticas ou dimensões de análise diatópica, diageracional, diastrática e diassexual. Também se verificou as dimensões contatual/dialingual e diarreferencial como parâmetros da influência do bilinguismo e do prestígio social da variante em uso.

A perspectiva analítica adotada por Figueiredo (p. 45) foi a territorialização horizontal, além de se valer do método da pluralidade simultânea de informantes para obter uma base de dados mais representativa da comunidade de fala em estudo. A tese traz ainda a descrição teórica das medidas de tempo propostas por Thun (2010), considerando a análise pluridimensional e relacional nos níveis nano-, micro-, meso- e macrocronológico, com exemplos das pesquisas de Thun (1996) no norte do Uruguai e Sul do Brasil.

Segundo Figueiredo, o perfil dos migrantes selecionados para a pesquisa converge, em certa medida, com as características sociolinguísticas dos informantes do ALERS. Na dimensão diatópica, a proposta inicial da pesquisa admitiu, para o grupo GI (jovens), a possibilidade de realizar entrevistas com falantes mato-grossenses filhos de migrantes gaúchos, levando-se em consideração o parâmetro topostático, ou que tivessem migrado há pelo menos 10 anos e, nesse caso, de se considerar o parâmetro topodinâmico. Para o grupo GII (velhos), por outro lado, o perfil de migrante foi indispensável, vindo ou não diretamente do RS para o MT. Admitiu-se um percurso de migrações em escalas, ou seja, de *transmigrações*, conforme as perguntas sobre a direcionalidade e o percurso de migração, ou caminho migratório (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 386).

Após explicitar as demais dimensões e a caracterização do português rio-grandense com base nos dados do ALERS (2011), levando em conta ainda estudos interpretativos de Koch (2000), Altenhofen (2005), e de Altenhofen; Margotti (2011), Figueiredo apresenta a estrutura do questionário, dividida em uma parte inicial sobre dados de identificação e questões socioculturais; seguida de dados da localidade e do questionário linguístico propriamente dito (QFF, QSL e QMS). Para garantir a comparabilidade dos estudos, utilizou-se o mesmo questionário como instrumento de base para a coleta da presente pesquisa. Havia projeção de se aplicar um questionário próprio, adaptado, inclusive; em virtude, porém, da situação de pandemia, optou-se por manter a mesma base de Figueiredo utilizada na fase exploratória. Embora a realidade regional seja diferente e talvez não se tenha explorado outras possibilidades, a amostra de dados pode ser considerada bastante ampla e representativa, para a comparação futura entre o português do Centro Oeste e Nordeste em relação ao Sul.

Para a análise e interpretação dos dados, Figueiredo (2014) recorreu a uma escala de ocorrências para classificar índice de *mudança linguística* (nenhuma ou apenas uma resposta espontânea [+RS]), índice de *variação linguística* [+RS] ou [-RS] (mais de uma até três respostas espontâneas [+RS]) e índice de *manutenção da variedade* do português rio-grandense (acima de três até cinco respostas espontâneas [+RS]).

Em relação às variáveis linguísticas pesquisadas, como no caso da palatalização das oclusivas dentais, os resultados apontaram que o grupo topodinâmico (GII) mantém com mais frequência as marcas da variedade [+RS] equivalente à oclusiva alveolar surda [t], enquanto o grupo topostático (GI) tendeu majoritariamente à palatalização. O mesmo resultado se verificou com as vibrantes múltipla e simples (tepe). É uma tendência que pode ser esperada como um paradigma linguístico da migração, já que o grupo inovador não é o topodinâmico, e sim o topostático de base topodinâmica.

Já em relação à ditongação diante de sibilantes em palavras como *paz*, *dez*, *três*, e *cruz*, os dados de Figueiredo (2014) apontam uma inovação no grupo GII, principalmente nas mulheres do ponto MT02 - Sinop, nos demais dados apresentou a coocorrência das formas, com e sem ditongação. Também foi verificada a realização da monotongação do ditongo nasal [ão] e houve coocorrência das formas no grupo GII, descendentes de imigrantes, tanto alemães quanto italianos, não sendo influência exclusiva nesses últimos, como foi observado por Margotti (2004).

A análise das variáveis lexicais não mostrou um resultado que demonstrasse inovações; pelo contrário, predominou um comportamento variável, apenas com uso coocorrente das formas [+RS] e [-RS]. Já em relação à variação morfossintática, Figueiredo observou “estar diante de um processo de mudança de comportamento linguístico”, especialmente no uso categórico da forma *você*, considerada [-RS]. No entanto, na dimensão diafásica, os dados mostraram a alternância com o *tu*, em comentários espontâneos dos entrevistados.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, observou-se, na dimensão diatópica e na territorialização da variedade rio-grandense, que o ponto MT01 é o mais isolado, distante da principal rodovia que corta o estado, a BR-163. Além disso, é o ponto mais antigo, fundado em 1955, e com menos densidade populacional (5.449 habitantes, IBGE, 2010). Já MT02 e MT03, além de serem fundados mais recentemente, 1974 e 1980 respectivamente, e também terem uma população muito mais elevada (93.753 e 58.364 habitantes, *op. cit.*) do que o primeiro ponto, localizam-se às margens da BR-163 e, por isso, apresentam uma rede de comunicação muito mais intensa e diversificada, com migrações ainda em curso. Também foi considerada a interferência da opção religiosa como fator que compreende uma rede de comunicação particular e influencia o comportamento linguístico. Por fim, o estudo ainda considerou outras microterritorializações, como o CTG (Centro de Tradições Gaúchas), bem como programas de rádio (por exemplo, em alemão).

Na dimensão diageracional, foram pesquisados tanto grupos de jovens GI (18 – 36 anos), quanto grupos mais velhos GII (acima de 60 anos), topodinâmicos e topostáticos. Figueiredo adverte, nesse particular, para os seguintes aspectos a considerar: de um lado, o convívio direto com bilíngues e a formação do repertório linguístico na matriz de origem do grupo GII, em comparação com o GI; de outro lado, a motivação da mudança linguística e o perfil dos migrantes. Poderíamos acrescentar ainda a motivação para a manutenção/alternância/mudança linguística de ambos os grupos. O fator econômico, nesse sentido, parece influenciar significativamente na predisposição eufórica, para aceitar ou não as inovações linguísticas, o que por sua vez está ligado, aparentemente, à rede de comunicação do indivíduo e ao papel social que esse exerce no grupo, bem como à revitalização da identidade do migrante, distante da matriz ou “pago” de origem.

Ainda, Figueiredo (2014) correlaciona a dimensão diarreferencial com a diageracional, no tocante à percepção que os falantes possuem sobre as variantes

regionais, e cita casos de substituição lexical que parecem se acomodar no novo espaço, o que ocorre também com a não transmissão da língua de imigração na família, embora os membros da comunidade que ainda são bilíngues demonstrem orgulho em falar mais de uma língua. Tal explicação poderia estar na heterogeneidade interna da família, já que muitas vezes somente o pai ou a mãe é originário do Rio Grande do Sul (gaúcho), o outro é oriundo de outro estado sulista, como Paraná ou Santa Catarina. Esse dado também foi constatado por Figueiredo no questionário sociocultural dos informantes. No caso do bilinguismo, a heterogeneidade étnica, um descendente de alemão, outro descendente de luso-hispano, italiano, polonês, etc. é observada com relativa frequência.

A dimensão diastrática, baseada no critério da escolaridade, não influenciou, segundo os resultados da pesquisa de Figueiredo, na manutenção ou perda de variantes rio-grandenses. Nos comentários metalinguísticos, obteve-se uma constatação interessante levantada na pesquisa sobre a variação fonológica da ditongação diante de sibilante (exemplo: *três* < tre[j]s). Os dados revelam que, mesmo naqueles falantes de classe alta (Ca), como o filho da migrante do ponto MT03 - Sorriso, que frequenta o curso de Agronomia, ocorre a ditongação, ou seja, o contato com outras variedades regionais do português parece exercer maior influência do que o grau de escolaridade.

Ainda que, na proposta inicial do estudo de Figueiredo, tivesse sido previsto o levantamento de dados na dimensão diassexual, e durante a pesquisa ter havido dificuldades para encontrar informantes de ambos os sexos com o mesmo perfil (período de deslocamento, principalmente, de homens para as atividades agrícolas), pode-se constatar, em análises de cunho mais qualitativo, que as mulheres são mais propensas à inovação linguística. Possivelmente, por terem se adaptado mais rapidamente ao novo local e, assim, terem diversificado suas redes de comunicação, ligadas à educação dos filhos e a uma profissão urbana, muitas mulheres assumiram também a manutenção econômica da família, como verificado no ponto MT01.

Em resumo, o estudo de Figueiredo (2014) comprova a relevância da dimensão diatópico-cinética para explicar a manutenção, variação ou mudança linguística de marcas regionais dos falantes topodinâmicos (migrantes) em contato com outros grupos de fala, pois a matriz de origem, o tempo de migração e a rede de comunicação do falante topodinâmico influenciam também na variedade do falante topostático. Há, pois, concorrência de variantes mais prestigiadas e menos marcadas com as variantes

regionais que são marcas identitárias da matriz de origem do falante, porque essa negociação linguística sofre a pressão social de um ambiente muito diversificado, cuja neutralidade assegura aceitação e maior inserção na sociedade local.

Santos-Ikeuchi (2014), em sua dissertação sobre um *Atlas linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo*, contrastou dados coletados nas localidades de Andradina, Adamantina, Rancharia e Presidente Epitácio, região oeste paulista, com falantes filhos de migrantes nordestinos e os atlas linguísticos da região Nordeste, como o Atlas prévio dos falares baianos (APFB), Atlas linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas linguístico de Sergipe (ALS I e II). A pesquisa baseou-se no questionário semântico-lexical do ALiB e entrevistou oito falantes, sendo quatro mulheres e quatro homens de duas faixas etárias e escolaridade básica e superior em cada localidade. Os resultados desse estudo mostraram uma baixa “coincidência” de itens em 32 cartas do QSL, o que foi associado ao fato de os filhos de migrantes conhecerem pouco a cultura dos pais, provavelmente devido ao preconceito do uso da variedade do português nordestino em relação à variedade paulista. Embora não tenha feito um estudo etimológico do léxico coletado, Santos-Ikeuchi constatou forte presença de itens lexicais do italiano.

Philippsen (2013), em sua tese sobre *A constituição do léxico nortemato-grossense na perspectiva da geolinguística contemporânea*, considerou, na descrição da variação lexical, as dimensões diatópico-cinética, diageracional e diagenérica em quatro localidades, Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia, no norte do Mato Grosso. Para isso, a autora coletou narrativas de migração de 20 participantes e, com base nesses textos orais, elaborou um questionário com 210 perguntas para os diversos campos associativos (cf. ALiB), aplicado nos quatro pontos de pesquisa. Foram critérios de análise a frequência, a aplicação (semântica) como particularidade geográfica (diatopia) e a possível influência da dimensão dialingual, tendo por base a variável <interferência étnica>. Os resultados desse estudo demonstraram que as línguas, na sua mudança ao longo do tempo, agregam novos itens lexicais e ressignificam seus usos nas diferentes comunidades linguísticas, concomitantemente aos usos já consagrados em relações sinonímicas.

Philippsen (2013) observou uma ampliação do repertório linguístico dos falantes, como mostraram por exemplo as respostas às perguntas 134 e 181, que englobaram mais de 23 variantes para a mesma pergunta/variável. Também concluiu que perguntas/conceitos referentes a atividades, objetos ou ofícios rudimentares do início da colonização

apresentavam baixa frequência nas possibilidades responsivas, por não se fazerem mais presentes no atual contexto sociocultural e econômico das comunidades pesquisadas, tanto dos migrantes pioneiros, quanto dos filhos e netos. Dentre as prováveis explicações para essas mudanças de comportamento, Philippsen destacou a extensão semântica por atribuição pejorativa a determinados itens lexicais, vistos como rudes e obsoletos diante das inovações tecnológicas, ou mesmo a extinção de atividades e objetos com o passar do tempo. Na dimensão dialingual, apresentaram-se influências étnicas em falantes acima dos 50 anos, descendentes de italiano, alemão e japonês, com ênfase nos itens relacionados à língua italiana. Em relação à variação fonético-fonológica, embora não fosse o foco do estudo, chamaram a atenção as ocorrências de rotacismo e lambdacismo.

Na análise da dimensão diatópico-cinética, especificamente importante para esta tese, Philippsen (2013) buscou identificar, com base em fontes da lexicografia e de comentários dos falantes, a proveniência geográfica de itens lexicais como sendo do sul, do nordeste, do sudeste, do centro-oeste (Goiás), ou mesmo sem procedência claramente definida. Nas dimensões diageracional e diagenérica, a autora também correlacionou os usos mais frequentes e observou a tendência, no léxico relativo à flora, fauna e atividades rurais, de substituição ou ajuste à vida urbana, o que reflete, em certo sentido, uma tendência geral observada na vida dos brasileiros, em curso nas últimas décadas. Mas também a escolaridade parece ter contribuído para a substituição do léxico rural pelo urbano.

Em outro estudo, de Cuba (2015), que elaborou um *Atlas linguístico topodinâmico do Território Incaracterístico*, descreveu-se a variação linguística do português falado pelas populações que ocuparam essa área no centro-oeste do país, ao “pé da Amazônia”, que Nascentes (1953) denominou, em sua delimitação das variedades regionais, de “território incaracterístico”. Cuba selecionou, para tanto, onze localidades distribuídas em quatro estados atingidos por esse “território”: Mato Grosso (7 pontos), Rondônia (2 pontos), Goiás (1 ponto) e Tocantins (1 ponto). Para a seleção dos pontos, foram levados em consideração aspectos da colonização, povoamento e grupos migratórios na seleção dessas localidades. Para a dimensão diatópico-cinética, foram, nesse sentido, entrevistados oito moradores da zona urbana de cada localidade, sendo quatro falantes topostáticos e quatro falantes topodinâmicos, entre os quais homens e mulheres (dimensão diagenérica), equitativamente distribuídos. Os falantes topostáticos eram predominantemente jovens nascidos nas localidades, com idade entre 18 e 30 anos; os falantes topodinâmicos, por

sua vez, eram migrantes de outros estados, com idade entre 55 e 70 anos. Sendo assim, foram sobrepostos os parâmetros das dimensões diatópico-cinética e da dimensão diageracional, visto que o processo migratório havia ocorrido cerca de 40 anos antes, razão por que só se encontravam, na sincronia da pesquisa, migrantes mais velhos, remanescentes desse período. Também se levou em consideração a dimensão diastrática, com base em dois critérios, escolaridade com ensino médio completo para os mais jovens, e com ensino fundamental para os mais velhos.

Cuba (2015) replicou questionários do ALiB (QFF, QSL e QMS). Na cartografia dos dados, observou uma correlação significativa entre a origem dos migrantes e as variedades faladas na área de estudo, no chamado Território Incaracterístico, que a autora renomeou de *Território Multivarietal*. A sobreposição de um mapa-síntese de seus resultados sobre o mapa de Nascentes (1953) mostrou explicitamente que a variedade sulista falada por gaúchos, catarinenses e paranaenses predomina na região norte mato-grossense. No entanto, esse predomínio está concentrado ao longo das grandes rodovias que cortam o centro-oeste e em uma faixa que, quando ultrapassa a capital Cuiabá, se abre em forma de leque até o norte do estado. Nas margens desse território, a oeste, no estado de Rondônia, predominam, ao contrário, as variedades nortistas (também a paranaense) e, a leste, no estado de Tocantins e Goiás, as variedades paulista e mineira, variedades que aliás parecem preponderar sobre o conjunto das demais variedades, de modo geral. Essa constatação está diretamente ligada à formação das localidades e ao povoamento do grupo migrante pioneiro. Mesmo que a diversidade migratória seja observável na maioria das localidades, a base do povoamento exerce um papel importante na formação de uma norma linguística local. Por isso, Cuba (2015) enfatizou a relevância da pesquisa na dimensão diatópico-cinética, assim como também da possibilidade de confrontar a norma local com as variedades migradas, por emergirem mais claramente aí as marcas de contraste entre os grupos de fala em contato.

Silva (2018), na elaboração de um *Atlas linguístico topodinâmico e topostático do estado do Tocantins - ALiTETTO*, portanto em uma área vizinha à de Cuba (2015), selecionou doze localidades de oito microrregiões administrativas do norte ao sul do estado. Ao realizar o levantamento das principais correntes migratórias para o estado do Tocantins, Silva (2018) constatou uma grande diversidade quanto à matriz de origem, inclusive de sulistas. No entanto, e de forma surpreendente, predominam entre os

grupos pesquisados os migrantes do Maranhão, comparativamente inclusive aos migrantes vindos de Goiás. Para analisar, assim, a dimensão diatópico-cinética, Silva selecionou quatro falantes topostáticos e quatro falantes topodinâmicos que residiam em cada uma das localidades há mais de 10 anos, não fazendo distinção, entretanto entre migrante de dentro ou fora do estado de Tocantins, incluindo, portanto também o Tocantins como matriz de origem dos migrantes, nos pontos 6, 7 e 11 de sua rede de pontos. Nas dimensões diageracional e diagenérica, Silva (2018) seguiu os parâmetros e critérios do ALiB, entrevistando falantes mais velhos, com idades entre 50 e 65 anos, e mais jovens, entre 18 e 30 anos, homens e mulheres. Na dimensão diastrática, contudo, diferenciou entre falantes com ensino básico completo e ensino superior.

A pesquisa de Silva (2018) utilizou perguntas selecionadas do questionário do ALiB, sendo 50 perguntas fonético-fonológicas, 74 semântico-lexicais, sendo 53 do ALiB e 21 de elaboração própria (léxico regional), além de 08 perguntas morfossintáticas não analisadas na tese. Foram coletados também relatos pessoais, comentários e narrativas folclóricas, por indução, além de questões relativas a crenças e atitudes linguísticas. A autora menciona que a técnica em três tempos – *perguntar, insistir e sugerir* – foi pouco usada; além disso, não foi aplicada a pluralidade de informantes, sendo priorizada a entrevista com informante único. No que se refere às variáveis fonético-fonológicas, foram analisadas a abertura das vogais médias pretônicas, o uso do /R/ em coda silábica interna e externa, e o /S/ pós-vocálico em coda medial. Os resultados mostraram que, em relação às vogais médias pretônicas, se observou uma tendência à coexistência entre abaixamentos e alçamentos, sendo predominantes os alçamentos, com maiores percentuais. Porém, em algumas localidades, como Araguaína, por exemplo, a tendência no comportamento das vogais médias pretônicas é o abaixamento.

Quanto aos róticos em coda medial, Silva (2018) verificou que a fricativa glotal representa a norma nos estados do norte do Brasil, predominando igualmente no Tocantins. No entanto, registrou-se um percentual de uso levemente menor da fricativa glotal na fala dos tocaninenses, em relação aos demais nortistas, pois ocorre o uso concomitante da fricativa velar, mesmo em percentuais baixos, mas com certa regularidade em todas as localidades, com exceção de Gurupi. Também se observou o uso do /R/ retroflexo com baixa ocorrência em todas as localidades, sendo as maiores ocorrências registradas no sul do estado. O apagamento, por outro lado, ocorre com

maior incidência em Palmas. Também o uso do tepe é mais frequente na capital Palmas, em direção ao sul do estado, que, segundo Silva, reflete a fala dos migrantes sulistas em Tocantins. Vale observar que os percentuais de uso do tepe se mostram aí bem maiores do que no estado do Pará, na comparação com os resultados de Costa (2015), citado por Silva (2018), para comparação. Quanto aos róticos em coda final, os resultados confirmaram a tendência geral no país pelo apagamento, principalmente em verbos no infinitivo, que foram os vocábulos mais verificados por Silva (2018). A frequência maior do apagamento na fala de migrantes (falantes mais velhos) confirma isso.

Por fim, no uso do /S/ em coda medial predominam, nas localidades pesquisadas por Silva (2018), no Tocantins, as realizações alveolares, com baixa frequência das pós-alveolares em todas as localidades. Onde se esperava uma maior frequência da palatalização, nas localidades colonizadas por portugueses, como ocorre no Rio de Janeiro e em Belém, não se confirmou essa expectativa. A maior incidência da realização palatalizada apareceu do centro em direção ao norte do Tocantins. O contexto subsequente coronal favorece a realização das fricativas pós-alveolares ou palatais.

O que Silva (2018) concluiu, em sua pesquisa sobre falantes topostáticos e topodinâmicos para o Tocantins, é que a presença de migrantes, sobretudo nordestinos, influencia na realização das vogais médias pretônicas, como também é de se esperar em toda a região norte do país. Porém, mesmo não sendo essa a realização predominante, em Tocantins registram-se percentuais de abaixamento maiores em relação aos apresentados no atlas do Amazonas e do Pará, ALAM e ALISPA, respectivamente. Tal comportamento na fala do morador de Tocantins é explicado por Silva (2018) como resultado de fluxos migratórios recentes, como uma condição para a manutenção da variante de origem. Também o uso do /R/ glotal em menor proporção aos demais estados nortistas, embora predominante, vinculando-o às normas do norte e nordeste, dá-se ao lado de variantes possivelmente migradas, como a fricativa velar, na região de divisa com Pará, e tepe e retroflexo, de uso mais frequente ao sul do estado tocaninense, além da frequência de 70% de apagamento dos róticos na coda final, principalmente em verbos.

Enquanto, nas variáveis fonético-fonológicas, o estudo de Silva (2018) aponta para uma influência significativa de outras variáveis sociais (acompanhada de baixa incidência na dimensão diatópico-cinética), em relação aos usos lexicais observou-se que as dimensões diageracional e diagenérica exercem papel determinante na oposição entre o meio rural e urbano. Homens ainda dominam um maior conhecimento do léxico rural em

relação às mulheres, enquanto na faixa etária dos mais velhos, tanto homens quanto mulheres apresentam, diferentemente dos jovens, ambos os repertórios linguísticos.

O estudo de Silva (2018) alerta para o problema metodológico de definir um critério preciso e objetivo para o falante topodinâmico, o qual pode ser nascido no estado do Tocantins. Esse parâmetro misturou os falantes topostáticos e topodinâmicos, regionalmente, e comprometeu possíveis comparações na dimensão diatópico-cinética. Por se tratar de um estado delimitado recentemente, também é possível que muitos falantes sejam nascidos no atual território de Goiás (variedade sulista). Mesmo assim, o estudo contribuiu para evidenciar que a norma falada em Tocantins situa-se em um espaço de transição no contínuo variacional de contato entre as variedades baiana, sulista, nordestina e amazônica. Em relação à questão do Território Incaracterístico, os estudos igualmente convergem, uma vez que Cuba (2015) delimita pela dimensão diatópico-cinética a parte tocantinense com migrações anteriores à migração sulista, apontando a presença das variedades paulista e mineira como dominante nessa área oeste dos estados de Tocantins e Goiás.

No estudo *O falar dos nordestinos em contato no sul do Mato Grosso do Sul: um estudo topodinâmico*, de Marins (2019), descreveu-se a fala de migrantes, na perspectiva inversa, não de sulistas em direção ao norte, mas de nortistas em direção ao sul, semelhante ao que Santos-Ikeuchi (2014) havia feito em sua tese. Marins realizou sua pesquisa em cinco localidades do oeste do Mato Grosso do Sul, pertencentes a uma antiga colônia agrícola fundada em Dourados, em 1943, durante o governo de Getúlio Vargas.

O estudo de Marins (2019) pesquisou a variedade do português falado por nordestinos topodinâmicos e seus descendentes topostáticos em contato com outras variedades presentes no Mato Grosso do Sul, principalmente a variedade paulista. Nas dimensões diageracional e diastrática, o estudo selecionou falantes mais velhos, com idade acima dos 50 anos, e falantes mais jovens, entre 18 e 38 anos divididos em grupos, com ensino básico e superior.

O questionário utilizado por Marins (2019) também foi o questionário de Figueiredo (2014), com adaptações na seção linguística, em que foram consideradas perguntas dos atlas regionais do Mato Grosso do Sul e das áreas de partida dos migrantes nordestinos – Bahia, Paraíba, Sergipe e Ceará (havia pernambucanos também). As variáveis linguísticas analisadas foram as consoantes palato-dentais com

vogal alta, a vibrante e a sibilante em coda, as vogais médias pretônicas e postônicas, vogal alta anterior e vogal média posterior, antecedidas de nasais, ditongos mediais e finais, assim como também consoantes com metaplasmos. As perguntas para obtenção de dados de variação semântico-lexical circunscreveram-se aos campos associativos de atividades agropastoris, fenômenos atmosféricos, fauna, alimentação e cozinha, corpo humano, brincadeiras infantis, convívio e comportamento social e vida urbana. No questionário morfossintático, verificaram-se os usos pronominais, o uso do artigo diante de nome próprio, formas de negação e interjeição.

Os resultados mostraram que os falantes topodinâmicos (migrantes nordestinos) mantêm com mais frequência as marcas nordestinas, principalmente, variantes fonético-fonológicas, como o abaixamento da vogal média anterior, e morfossintáticas, como no uso de vocativos e interjeições regionais bem marcadas. Tal comportamento confirma o que já vimos em outros estudos, de que o perfil de falante mais velho, migrante de origem, comporta-se como o mais resistente à mudança linguística, apresentando, portanto marcas que atestam uma fala mais conservadora. Marins acrescenta que, além da origem regional, mesmo depois de várias décadas, o repertório dos falantes topodinâmicos está ligado essencialmente à ruralidade e religiosidade da matriz de origem, ainda muito presente na memória desses falantes. Esse comportamento não deixa de apresentar coincidências com o perfil do migrante do interior paulista, reforçando inclusive tais aspectos nas variedades sul mato-grossenses. Os falantes topostáticos (descendentes de nordestinos nascidos no lugar) apresentam, contrariamente, uma mescla entre as variedades regionais, palatalizando ou não as dentais diante de vogal alta, realizando alçamentos da média pretônica posterior ou não e substituindo o /R/ fricativo glotal pelo retroflexo. O repertório linguístico do grupo de falantes segue, por fim, a mesma tendência no léxico, apresentando menor frequência de tokens regionais originários do português brasileiro do Nordeste.

Como se vê, os estudos desenvolvidos até o momento que realizam macroanálises pluridimensionais com ênfase na topodinâmica, isto é, na migração de uma variedade regional em contato para outra área regional do português, embora em menor quantidade, lançam já uma base relevante para o estudo desenvolvido nesta tese. Curiosamente, a maioria se concentra em áreas novas do centro-oeste do país. Chama a atenção, além disso, que os resultados apontam para tendências muito parecidas, em que os migrantes originais, atuais membros da geração mais velha, mostraram um comportamento mais

conservador, mantendo marcas regionais de origem, enquanto os jovens – em uma mudança em progresso – tendem a adotar com mais frequência marcas linguísticas regionais novas, do entorno regional. Isso vale especialmente para os níveis fonético-fonológico e morfosintático. No léxico, os falantes mais velhos covariam formas de origem e inovações do novo meio (campos social e cultural), enquanto entre os mais jovens já caem em desuso formas da matriz de origem pouco identificadas com a cultura do novo meio.

Do ponto de vista teórico, vê-se assim a pertinência da dimensão diatópico-cinética no estudo da variação e mudança linguística na sua relação com migrações, das quais resultam contatos linguísticos. Estes envolvem uma série de processos e variáveis sobre os quais trata a seção a seguir.

2.5 Variação e repertórios linguísticos em contato

“Wherever speakers of different languages or dialects meet, there is language contact”. (HAUGEN; WEINREICH, 1954)

Conforme Thomason (2001, p. 1), “*in the simplest definition, language contact is the use of more than one language in the same place at the same time*”.¹⁴⁷ Em termos teóricos, porém, cabe ter em mente que

- 1) O que de fato entra em contato são, na verdade, variedades de uma língua, usadas especialmente na interação oral (cf. ALTENHOFEN, 2008, p. 130);
- 2) A variação linguística é inerente a toda língua, a qual engloba e pressupõe um “contínuo variacional” ao longo do qual se ordenam suas variantes conforme sua proximidade da norma standard ou distância dialetal (ver seção 1.1, especialmente os esquemas de Auer (2005) e Bagno (2012));
- 3) A constatação de que, a partir de suas migrações (por onde passam e onde vivem) e dos contatos linguísticos derivados (das línguas e variantes que

¹⁴⁷ Tradução minha: “na definição mais simples, o contato linguístico é o uso de mais de uma língua ao mesmo tempo no mesmo lugar” (THOMASON, 2001, p. 1).

encontram pelo caminho), os indivíduos reúnem um repertório linguístico (PÜTZ, 1996) – com variantes de uso ativo ou passivo – que equivale aos conhecimentos globais adquiridos durante esse processo, ao longo da vida (ALTENHOFEN, 2019).

Assim, a variação ou mesmo a constatação da mudança linguística de uma língua ou variedade, por meio do contato linguístico em contextos de migração, pressupõe modalidades de contatos entre línguas (interlinguais) e variedades de uma língua (intervarietais). O contato linguístico dá-se na perspectiva da coexistência de línguas ou dialetos pertencentes a sistemas diferenciados da mesma língua histórica, no sentido de Coseriu (2017 [1980]), como um “conjunto de variedades”. Toda língua é nesse sentido uma variedade de um sistema linguístico comum, historicamente construído. O que é diferente é o grau de proximidade e distância linguística – por exemplo, entre variedades regionais do português ou entre português e espanhol enquanto variedades autônomas desenvolvidas a partir da matriz, a língua histórica “o latim”.

Se o contato ocorre entre dois ou mais sistemas linguísticos, independentemente se são línguas, dialetos da mesma língua ou variedades do mesmo dialeto, é o menos relevante do ponto de vista linguístico. O que entra em contato são variedades linguísticas que podem fazer parte de um repertório mais ou menos homogêneo ou heterogêneo, mono- ou plurivarietal. No enfoque tradicional dos estudos de *bilingualism and languages in contact* (WEINREICH, 1974), se enfatizava uma visão binária de duas línguas mais ou menos estanques que podem “interferir” uma na outra. Entretanto, essa concepção centrada na noção de “interferência” em todos os níveis do sistema fônico, sintático e lexical, não dá conta da pluralidade e complexidade da variação linguística que caracteriza as línguas.

Weinreich (1974) chama essa relação de sistemas geneticamente próximos de “fórmula de conversão automática”, como no exemplo de localidades vizinhas que usam o mesmo vocábulo com pequenas variações e de compreensão mútua. Essa convergência pode evoluir paralelamente em ambas as línguas pelo processo de empréstimo linguístico e acomodação fônica ou morfológica no outro sistema. Por isso, para verificar diferenças entre línguas, alguns pesquisadores propõem, por exemplo, medir a proporção de vocabulário comum entre os sistemas ou medir a mútua inteligibilidade entre eles, segundo o autor de *Languages in Contact: findings and problems* (p.2).

Os fatores que condicionam a variação vão além das diferenças estruturais da língua. Há que considerar adicionalmente as variáveis sociais ou extralinguísticas. Cada variante carrega um *status* e significado social associado a determinado grupo e que é levado em conta no contato linguístico. Considerando especificamente o contato intervareietal e dialetal, tem-se como resultado comum o “nivelamento linguístico” em torno de uma variante e variedade de fala de compromisso, coletivamente aceita e dominante nas relações sociais entre os diferentes membros da comunidade. Daí resulta uma forma de mescla linguística que se tem chamado na literatura de “coiné”¹⁴⁸. Uma coiné é “is the stabilized result of mixing of linguistic subsystems such as regional or literary dialects”¹⁴⁹ (SIEGEL, 1985, p. 363).

Para se compreender a terminologia *coiné*, é preciso ir além do conceito comum e cristalizado de *pidgin*, e ver como funcionam os diferentes tipos de coiné, especialmente a *coiné de migração*, que de acordo com Siegel (1985, p. 364),

The second type of koine is the immigrant koine. It may also result from contact between regional dialects; however, the contact takes place not in the region where the dialects originate, but in another location where large numbers of speakers of different regional dialects have migrated. Furthermore, it often becomes the primary language of the immigrant community and eventually supersedes the contributing dialects. Fiji Hindustani (Siegel 1975, 1983) is an example of such an immigrant koine. Various literary dialects and/or sociosociolects may also contribute to an immigrant koine; thus, Israeli Hebrew is also an example. What Reinecke (1969:8) calls "colonial dialects," such as Hawaiian Japanese, could also be considered immigrant koines¹⁵⁰.

¹⁴⁸ O exemplo mais claro do que Dillard (1972: 300 *apud* SIEGEL, 1985) chama de “nova fase de contato” é o da migração. Gambhir (1981: 183) descreve a situação para as comunidades de imigrantes: “Quando falantes de diferentes dialetos ou mesmo línguas se encontram em um ponto geográfico, eles tendem a formar uma comunidade de fala, como uma coiné que se desenvolve e que substitui os dialetos anteriores”. Domingue (1981: 150) também descreveu o nivelamento das diferenças dialetais resultantes da “necessidade de unificação entre falantes de dialetos diferentes em um novo ambiente” (SIEGEL, 1985, p. 366, tradução de Jussara Habel, 2017).

¹⁴⁹ Tradução minha: “é o resultado estabilizado da mistura de subsistemas [sistemas da mesma língua] tais como dialetos regionais ou literários” [inserção minha].

¹⁵⁰ O segundo tipo é a coiné de imigrantes. Também pode resultar do contato entre dialetos regionais; no entanto, o contato não ocorre na região onde os dialetos se originaram, mas em outro local, para onde um grande número de falantes de diferentes dialetos regionais migrou. Além disso, muitas vezes se torna a primeira língua da comunidade migrante e, eventualmente, substitui os dialetos contribuintes. Fiji Hindustani (SIEGEL, 1975; 1983) é um exemplo de tal coiné de imigrantes. Dialetos literários e/ou sociolectos também podem contribuir para uma coiné de imigrantes; assim, o hebraico israelense também é um exemplo. O que Reinecke (1969: 8) chama de "dialetos coloniais", como o japonês havaiano, também pode ser considerado uma "coiné de imigrantes" (SIEGEL, 1985, p. 364).

Nesse tipo de contato linguístico, Siegel (1985) menciona que Dillard (1972: 300) usa o termo "nivelamento de dialetos" em vez de coineização, mas ele deixa claro que "o caso extremo do nivelamento de dialetos é uma coiné". Assim, para esse autor, "o nivelamento do dialeto é o processo de eliminar características proeminentes estereotipáveis da diferença entre os dialetos. Esse processo ocorre regularmente quando falantes de diferentes dialetos entram em contato, como na migração" (DILLARD, 1972, p. 300 *apud* SIEGEL, 1985, p. 364)¹⁵¹.

Os contatos intervaretais – entre variedades regionais do português – abordados nesta tese circunscrevem-se no rol de possibilidades de nivelamento, mescla, manutenção e substituição linguística e varietal (*variety shift*), comuns também nos estudos do plurilinguismo. O contato linguístico, é verdade, pode ser mais bem compreendido por amplas características socioculturais e psicológicas. De acordo com Weinreich (1974. p. 4), "*what is needed is a more exact treatment of the conditions under which... an influence [of one language or another] is possible and the ways it would work*".¹⁵² Contudo, sendo o foco a *variação linguística em situação de migração e contato entre variedades regionais do português*, não há necessidade de estender a discussão teórica para questões mais amplas do conceito de plurilinguismo, embora ele esteja presente como pano de fundo, por meio de contato anterior com línguas de imigração (sobretudo alemão e italiano). Por essa razão, nos focamos nos aspectos mais voltados à variação e aos contatos entre variedades da mesma língua.

As variedades linguísticas que são mutuamente intercompreensíveis entre si em algum grau e que entram em contato configuram um contato intervareital. E, como bem lembra Trudgill (1986, p. 2), "*when two speakers of diferent varieties of the same language which are completely mutually intelligible come into contact and converse, items may be transferred from one of the varieties to the other*".¹⁵³ Tomemos uma situação em que um migrante sulista, ao conversar com um balconista balsense, se

¹⁵¹ Tradução de Jussara Habel, 2017.

¹⁵² *Tradução minha*: "O que é preciso é um tratamento mais exato das condições sob as quais... uma influência [de uma língua ou outra] é possível e a forma como isso funcionaria" (op. cit.).

¹⁵³ *Tradução minha*: "quando dois falantes de variedades diferentes da mesma língua que são completamente e mutuamente inteligíveis entram em contato e conversam, itens podem ser transferidos de uma variedade para a outra" (op. cit.).

certifica que não há *chimia* de uva para comprar naquele mercado da cidade, e o balconista mesmo assim confirmar que só tem doce de goiabada e marmelada, enquanto o falante sulista se justifica dizendo que esses “*doces*”, ele já os tem em casa. Embora o referente seja parcialmente diferente (a fruta da qual é feito), o designativo em si é o mesmo, *chimia* ou *doce*. Porém, o migrante, certamente, não repetirá a variante *chimia* durante a conversa, e sim continuará falando *doce*, pelo fato de o balsense não falar *chimia*¹⁵⁴ (e, ainda, no caso, está se considerando que a variante *chimia* seja do conhecimento do balconista, o que é uma probabilidade bem rara no contexto local).

O exemplo acima ilustra uma das primeiras diferenciações percebidas entre os falantes de variedades regionais, isso porque

Lexical differences are highly salient, and are readily apparent to all speakers of the varieties concerned without any linguistic training or analysis. They are also (mostly) non-systematic, and susceptible to being learned one at a time. Crucially, they can also cause severe, and obvious, comprehension difficulties (TRUDGILL, 1986, p. 25).¹⁵⁵

As dificuldades de compreensão no contato intervarietal não se restringem somente ao léxico diferente em uma variedade ou outra, mas também ao léxico compartilhado e que apresenta diferenças estilísticas e mesmo semânticas em cada comunidade de fala. Determinadas palavras usadas no sul do país não são usadas no norte e vice-versa, justamente por não coincidir a acepção mais frequente em ambas as regiões.

O contato intervarietal pode, em certo sentido, ser classificado como *short-term accomodation*, em que a mudança de variedade sinaliza que o falante deseja a adesão do interlocutor ou pelo menos deseja reduzir as dissimilaridades linguísticas, nesse caso, no léxico. No entanto, se esse falante acomoda sua fala diante do interlocutor local, mas volta a usar com frequência o léxico de sua variedade de origem com interlocutores

¹⁵⁴ Nos dados de campo, encontramos falantes balsenses que conhecem a variante regional *chimia* como pertencente ao léxico sulista (dos gaúchos). Isso devido ao perfil de ambos os entrevistados, um era comerciante e tinha uma clientela sulista que pedia *chimia* para comprar. E o outro, um técnico agrícola que conviveu com a comunidade sulista prestando assistência técnica aos agricultores da localidade.

¹⁵⁵ *Tradução minha*: “Diferenças lexicais são altamente salientes e são facilmente aparentes para todos os falantes de variedades interessados sem nenhum treinamento linguístico ou de análise. Elas então são (predominantemente) não sistemáticas, e suscetíveis a serem aprendidas a tempo. Crucialmente, elas podem então causar severas, e óbvias, dificuldades de compreensão” (op. cit.).

sulistas, pode-se ver esse comportamento como semelhante ao de um bilíngue que fala línguas diferentes, em que este saberá o contexto situacional adequado para o uso de cada variedade linguística e estará sempre fazendo as adequações estilísticas, ora para convergir, ou até mesmo, para divergir, intencionalmente ou não. Esse tipo de acomodação à fala do outro pode ocorrer em diferentes níveis linguísticos, na fonética, na morfossintaxe, no semântico-lexical e no discursivo-pragmático.

A convergência ou divergência estilística foi explicada pela *CAT*, *Communication Accomodation Theory* (GILES, 1973 e autores posteriores) postulando que os falantes se comportam linguisticamente por meio da adesão/proximidade ou distanciamento durante a interação. Esse comportamento é visto pela perspectiva da comunicação na teoria *Audience Design* (BELL, 1984) que explica que um falante seleciona variantes do repertório linguístico de acordo com a projeção das características que constrói na interação com seu interlocutor. Nesse caso, o falante assume o duplo papel de locutor e ouvinte de seus próprios enunciados e, adicionalmente, os avalia na função de um terceiro papel (*referee design*)¹⁵⁶, o de um falante que apresenta uma identidade ligada a um determinado grupo social.

A teoria da acomodação, assim, agrega a intencionalidade como processo consciente/inconsciente para a troca de estilo, incluindo a convergência e a divergência linguística como função de distanciamento social. Isso, certamente, vai além das questões de pertencimento e identidade entre os diferentes grupos sociais, pressupondo também o tópico relacionado ao background de cada falante, o papel do grau de intercompreensão dos *atos de fala* (AUSTIN, 1990) e do contexto pragmático ou sociointerativo, como *atos de identidade* (Le PAGE, 1985), somados a fatores psicolinguísticos e sociais mais profundos.

De acordo com Trudgill (1986), a acomodação é automática, ou seja, é uma característica do comportamento humano, portanto, universal, porque todos os que participam de um processo interativo acomodam. O próprio pesquisador/entrevistador realiza acomodação diante de seu(s) entrevistado(s), principalmente, nos aspectos considerados mais diferenciados ou salientes da sua variedade linguística. No estudo de Trudgill (2008) sobre a formação de novas variedades nas línguas europeias como

¹⁵⁶ Tradução minha: “Modelo de referência” (BELL, 1984).

resultado do contato dialetal, esse argumenta que “*accomodation is not only a subconscious but also a deeply automatic process*”¹⁵⁷ (idem, p. 252). Com isso, as identidades sociais não teriam influência na acomodação; ao contrário, elas seriam o resultado de laços sociais fomentados pela acomodação linguística, como na aquisição/aprendizagem de línguas (BABEL, 2010). Nesse caso, as redes sociais de Milroy (1985) demonstrariam o grau de integração entre membros de grupos sociais diferenciados, como consequência da ocorrência de acomodação linguística entre esses falantes indicando quem acomodou quem e para qual variedade.

Essa constatação tem sido questionada por outros estudos do tipo *short-term accomodation*, por meio de experimentos em laboratório e testes de percepção (BOURHIS; GILES, 1977 *apud* BABEL, 2010, entre outros). O mesmo vale para estudos do tipo *long-term accomodation*, que analisaram discursos gravados ao longo dos anos – *como os da rainha Elizabeth* –, ou com migrantes (EVANS; IVERSON, 2007, entre outros). Os resultados apontam que há acomodação linguística desencadeada tanto por fatores sociais e questões de identidade, como automática pela simples imitação inconsciente, como em um processo de alinhamento denominado de *priming* (PICKERING; GARROD, 2004).

Conforme Babel (2010), em um estudo de reduplicação do experimento de Bourhis e Giles (1977), a acomodação e a convergência é um comportamento padrão com probabilidades de ser desencadeado por mecanismos psicológicos decorrentes da organização de sistemas linguísticos. Babel também verificou que a acomodação de formantes de vogais comporta-se de forma seletiva. Assim, fatores sociolinguísticos como distanciamento e preconceitos sociais, bem como questões de filiação (identidade), podem influenciar o grau de acomodação.

Nessa perspectiva, tanto Trudgill (1979) como Giles (1973) não deixam de ter razão, quando dizem que a acomodação entre dialetos é automática (inconsciente), mas Trudgill (2008) percebeu, muito claramente, a complexidade dessa acomodação e suas diferenças entre *short-term* e *long-term*. Neste último tipo de acomodação, a questão relevante da idade do contato relacionada à aquisição da variedade, como já prevista em

¹⁵⁷ *Tradução minha*: a acomodação não é somente um processo subconsciente, mas também um processo profundamente automático” (TRUDGILL, 2008, p. 252).

Labov (1972) exerce algum papel.

Some pioneering work in this field by Payne (1976, 1980) has indicated that there is a close correlation between how old speakers are when they move to a new area and the degree to which they accommodate successfully. More interestingly, however, her work also shows that, in some respects, even children of eight years old may be too old to acquire certain linguistic features during long-term accommodation (TRUDGILL, 1986, p. 34).¹⁵⁸

Também a heterogeneidade familiar interna exerce importante papel na manutenção ou variação linguística de crianças e jovens¹⁵⁹, como das famílias migrantes em Detroit (DESER, 1989 *apud* HAZEN, 2002), ou do contato dialetal nas duas famílias da Virgínia do Oeste, pesquisadas por Hazen e Hall (1999). A influência da estrutura familiar, como o número de filhos, na manutenção ou variação linguística dá-se, por exemplo, quando filhos mais velhos seguem os padrões linguísticos dos pais, porém na interação com irmãos mais novos exercem papel semelhante ao dos *teenagers* da comunidade de fala, conforme Romaine (1984, *apud* HAZEN, 2002). A variedade linguística intra-familiar predominante pode também gerar forte restrição de usos linguísticos percebidos pelos membros como diferentes do meio e que, por isso, são percebidos como socialmente ou etnicamente marcados, como é de se esperar no contato entre falantes de variedades regionais diferentes. É o caso, por exemplo, já citado da pesquisa sobre as migrações de sulistas no norte de Mato Grosso por Figueiredo (2014, p. 142), da substituição da variante regional *auto* pela forma menos marcada *carro* (veículo).

Na próxima seção, serão apresentados alguns fatores pragmáticos presentes nos usos linguísticos de falantes topodinâmicos oriundos de uma região no contato com falantes de outra variedade regional. São pressupostos que, embora não sejam aprofundados na análise, ao menos como se desejaria, precisam ser levados em conta na interpretação do comportamento linguístico dos migrantes pesquisados.

¹⁵⁸ Tradução minha: “Alguns trabalhos pioneiros de Payne (1976, 1980) indicaram que há uma correlação próxima entre como falantes mais velhos são quando eles se mudam para uma nova área e o grau para o qual eles acomodam com sucesso. Mais interessante, entretanto, que o trabalho dela mostra, em alguns aspectos, crianças de oito anos ainda podem estar adquirindo certos traços linguísticos durante a acomodação de longa duração.” (op. cit.).

¹⁵⁹ Semelhante à aquisição da língua materna por crianças (ALTENHOFEN, 2002; ROMAINE, 1985).

2.6 Usos linguísticos, atitudes e percepções por falantes topodinâmicos e topostáticos

Onde, quando e em que circunstância cada língua é usada revela a função que desempenha na vida do indivíduo. No domínio da família, a língua ou variedade falada em casa pode diferir dos padrões de fala do entorno. No caso de uma família migrante que se muda para a área de outra língua ou variedade linguística, certamente o contato com a variedade linguística local irá progressivamente ocupar espaços da variedade migrada.

Se uma língua ou variedade materna somente é usada no domínio familiar, quando a criança for à escola e tiver que aprender outra variedade de língua e passar a usar essa nova língua com seus colegas de aula, e sendo essa língua dominante também nas relações sociais da comunidade e de conhecimento dos pais e irmãos, a tendência é que essa língua ou variedade materna, a língua de casa, seja paulatinamente substituída por um padrão de fala mais amplo. Isso pode iniciar bem cedo, incluindo, por exemplo, a influência de babás, cuidadores, pessoas da comunidade em relação de trabalho com a família, dentro de casa ou na profissão dos pais. Depois, no domínio da escola, a inserção dos filhos na rede escolar local, o contato com professores, o círculo de amizades infantis e na adolescência, se há relações mais amplas com as famílias dos colegas de escola ou não, os namoros e casamentos endogâmicos ou exogâmicos. No domínio comunitário, a participação em um grupo de jovens, ou algum clube, cursos paralelos, a rede de comunicação no emprego, os colegas de trabalho, os clientes da comunidade, todas essas situações comunicativas permeiam de algum modo os contatos linguísticos, tanto interlinguais quanto intervaretais.

No caso de casamentos endogâmicos, as línguas ou variedades faladas dentro de casa tendem a se manter, isso porque tanto o pai quanto a mãe falam a mesma variedade e geralmente cultivam um “modo de falar” comum nas relações pessoais. A língua ou variedade de origem, da tradição da família é, por outro lado, usada em momentos de interação mais íntima normalmente entre os mais velhos. O mesmo não ocorre nos casamentos exogâmicos, em que pai e mãe não falam a mesma língua ou variedade. Percebe-se aí uma pressão externa da comunidade exercida por um dos cônjuges, para assimilar a língua ou variedade local. Tal pode ser observado no excerto a seguir, no contato intervareital do português do Sul e do Norte:

- <F1 – E os filhos de vocês, vocês acham que falam mais parecido com o pai, ou com a mãe?>
- f1 – Acho que parece mais comigo...
- m1 – parecer, parece, mas a expressão deles é:: é gaúcho...nã:o
- f2 – é assim, eu tenho, eu tenho quatro filhos que...o ((*nome*)) que é mais velho...o ((*nome do 1º*)) é muito tradicionalista por parte do pai, o ((*nome do 1º*)) é internacional, o ((*nome do 1º*)) gosta do do, do churrasco, o ((*nome do 1º*)) gosta da cuca, gosta do salame, gosta do pão caseiro. O ((*nome do 2º*)) já é mais misturado...
- <MK – acho que até bombacha eu já vi ele (*o filho mais velho*) de bombacha ou não?>
- f3 – quando era criança o ((*nome do 1º*)) gostava, o ((*nome do 2º*)) já é misturado entre eu e o ((*nome esposo*)), o ((*nome do 3º*)) que é o caçula dos meninos, dos filhos homens, esse já é eu todinha, o ((*nome do 3º*)) é totalmente diferente dos outros dois, e a ((*nome da filha caçula*)) é a minha mistura... associada a mim e a ele assim que... é morena, não é branca igual os outros, é mais clara...
- <F2 – eles conhecem o Sul?>
- f4 – todos conhecem, nós já fomos duas vezes e conhecem... mas a ((*nome da filha caçula*)) era assim como eu te falei, que era chupinho, a negrinha... a ((*nome dos dois filhos caçulas*)), já os outros dois não, os outros dois por serem os mais velhos, já puxaram mais ele... então, eu digo assim que puxam mais pra mim... nesse costume de eu viver com eles mais tempo, porque o ((*nome do esposo*)) sempre trabalhando, quem conviveu mais com eles fui eu, então, de certa forma eles pegam o costume mais da mãe que está mais presente do que do pai, até no linguajar é... às vezes é obrigado a gente até corrigir certas coisas... ele pensa que...
- <F3 – mas por que você acha de corrigir, por que você acha que eles falam mais parecido com quem?>
- f5 – com ele! Aí eu corrigia, eu corrigia pelo fato de... pronunciar algumas coisas que não eram do meu estilo, eu dizia - não é assim, é assim! –Ah, mas o pai chama assim, eu digo – mas é o pai chama assim, não é: não é o:: certo, então...((risos)) por isso que eu digo que puxava mais a mim...porque eu corrigia, às vezes eu via a palavra errada e eu corrigia, mas o ((*nome do 1º*)) é::... tradicionalista da cultura gaúcha total.../
- m2 – o ((*nome do 1º*)) é.../
- f6 – o ((*nome do 1º*)) é... totalmente, ((*nome do 1º*)) é totalmente, aquele dali se fosse nascido no Rio Grande do Sul, ele era totalmente gauchesco mesmo, já os outros não, os outros são mais maranhensezinho mesmo... ((risos)) puxaram mais pra mim...

(Entrevista CabGI-NS_fm)¹⁶⁰

Como é possível verificar nos comentários finais da entrevista, há na interação desse casal (misto > nortista + sulista), uma concorrência dentro de casa, na educação

¹⁶⁰ Subespecificação: participantes de escolaridade alta e baixa, da geração mais jovem, nortista e sulista, mulher e homem (nesse caso, cônjuges).

dos filhos, para fazer prevalecer a sua variedade linguística regional na transmissão intergeracional, valorando a variedade falada pelo cônjuge como “errada”, ou “deturpada”. Em trecho gravado à parte, um dos cônjuges chega inclusive a confirmar que conseguiu “corrigir” seu R:

- <F1 – você acha que depois que passou a conviver com ((nome do esposo)), você acha que não mudou tua fala?>
- f1 – não, mudou um pouco sim, lógico, isso daí é notório que muda, a convivência faz mudar, mas...
- <F2 – e a dele, você acha que mudou?>
- f2 – também, também...
- <F3 – você acha também que mudou?> ((*dirigindo-se ao esposo*))
- m1 – ah, com certeza...eu arrastava muito pra falar...eu arrastava o R.../
- f3 – muita coisa... eu corrigia muitas vezes ele, quando ele ia chamar <areia>, que ele chamava <arreia>
- m2 – arrastava dema::is...
- f4 – eu digo, mas não é <arreia>, é <areia>... que nós chamamos <areia> e ele chamava <arreia>... então eu, eu aprendi a corrigi-lo e também a absorver muitas coisas errada que eles falavam e que eu achava que era certo, como por exemplo, chamar ele de pai, mãe...
- m3 – é o costume...
- f5 – é o costume que tem no Sul e que a gente ensina pros filho da gente, a gente chama mãe, pai, uma forma carinhosa de tratar o marido, pai, ele chama a gente, mãe, assim, algumas coisa a gente aprende... assim sem perceber a gente pega esse sotaque e...

(Entrevista CabGI-NS_fm)

O falar “arrastado” ou “erro” que o casal expressa em seus comentários não é visto como outra variedade de português falada também pelos brasileiros, mas como “erro”. O desconhecimento por parte do próprio falante sulista atribuindo a si uma “fala arrastada”, “um R arrastado”, demonstra que há juízos de valor sobre o que se imagina que é certo e o que se imagina que não é. Ou seja, provavelmente por identificar que em lugar do /R/ realizado por ele como vibrante múltipla na palavra <areia>, onde na fala padrão do português se realiza um tepe, esse falante realmente quisesse apagar as marcas do português de contato que traz de sua origem no sul, das áreas bilíngues do estado do Rio Grande do Sul. Como enfatizam Frosi (2000) e Altenhofen e Margotti (2011), é comum falantes bilíngues em alemão-português e italiano-português “trocarem” a vibrante pelo tepe e vice-versa. Frosi (2000) cita a pronúncia do r-forte na palavra <areia> como exemplo de interferência das variedades vênetas (italianas) no português da RCI (ver cap. 1). Isso se

confirma, quando esse falante sulista, que não é bilíngue, diz não ter aprendido a falar alemão, porque apenas o pai era descendente bilíngue, e a mãe era descendente de italianos.

Sendo assim, o padrão de transmissão da língua ou variedade de casa aos filhos repete-se¹⁶¹, tanto por bilíngues como por falantes bivarietais, quando os pais são de origens étnicas diferentes. Um dos cônjuges pode inibir a fala do outro, por pressão do entorno, da comunidade. No exemplo citado, o pai é originário do sul (migrante sulista, perfil topodinâmico), e a mãe é de origem local (nortista, perfil topostático); os filhos nasceram e sempre viveram em Balsas, no sul do Maranhão.

Cabe frisar, de outro lado, que tais comportamentos podem estar relacionados não apenas à variação regional, mas também a uma variação de classe social¹⁶², em que se saliente o entendimento de que, sendo ele (o pai) menos escolarizado do que ela (a mãe), ela como falante de uma variedade de prestígio teria o *status* requerido para corrigi-lo. Por outro lado, mesmo ele usando a variedade sulista e ela a nortista, o tempo de contato dos filhos com a variedade linguística da mãe é maior do que o do pai (por “ele viver sempre trabalhando” fora de casa). Além disso, há o cerceamento da mãe (pressão) para que eles não adquiram a variedade linguística do pai, equivalente a um português de contato desviante do padrão de fala da comunidade, onde estão inseridos¹⁶³. “*In language change, what role does the family play? Could the children in a family have exactly the same*

¹⁶¹ Roberts (2013 *apud* ROBERTS (1997b) e LABOV (1990)), sobre os *inputs* maternos influenciarem a aquisição da linguagem das crianças do que os *inputs* paternos.

¹⁶² Ash (2013, p. 361) cita Labov (1966, p. 331) e diz que, “the linguistic variants that may be involved in stable variation or change from above may be prestige forms or stigmatized forms. In change from below, “there is no important distinction between stigmatized and prestige forms the speech form assumed by each group may be taken as an unconscious mark of self-identification.” *Tradução minha*: “as variantes linguísticas que podem estar envolvidas em variação estável ou mudança de cima podem ser formas de prestígio ou estigmatizadas. Na mudança de baixo, “não há distinção importante entre formas estigmatizadas e de prestígio na forma de fala assumida por cada grupo que pode ser tomada como uma marca inconsciente de auto-identificação” (id. *ibid.*)

¹⁶³ Surek-Clark (2000 *apud* HAZEN, 2002) discute a importância relativa da importância dos pais e dos traços de prestígio adquiridos em um estudo com 41 informantes do português brasileiro de Curitiba, no Paraná, quanto à elevação da vogal média pretônica /e/ para [I] e a palatalização diante de /d/ e /t/. Os resultados indicaram que ambos os pais teriam que ter a mesma variedade regional para que a criança seguisse esse padrão, caso contrário ela tenderia a optar pelo padrão com mais prestígio. Isso mostra que os casamentos endogâmicos exercem influência muito forte na aquisição dos padrões linguísticos da criança. Talvez isso explique a manutenção da variedade sulista da pesquisadora desta tese, que também teve experiência semelhante, ao migrar para o Mato Grosso, com 7 anos de idade.

language variation patterns as the parents?” (HAZEN 2002, p. 502).¹⁶⁴

Os dados socioculturais desse migrante sulista mostram uma situação de contato intervarietal inversa: a variedade de casa predominante não é a sua, que é a variedade nortista, mas a variedade linguística predominante no trabalho e no lazer é a sua, a variedade sulista, apesar do contexto macrorregional situado em área nortista. Isto significa que a configuração dos contatos linguísticos muda quando a configuração familiar do migrante também muda, ou seja, é mista: falante topostático e falante topodinâmico. Essa constelação de variedades em contato, derivada do casamento exogâmico, comprova quão complexos podem ser os contatos linguísticos. Sejam eles interlinguais ou intervarietais, estão sujeitos a diversas variáveis, como duração do contato, frequência e pressão, de acordo com a sua função externa.

O que fica demonstrado é que o contato intervarietal se assemelha ao contato interlingual, ou, bilinguismo. O que difere é que, com base no senso comum, tende-se a pensar que variedades de uma mesma língua apenas variam, mas não entram em contato. Novamente se retoma a questão, línguas intercompreensíveis como espanhol e português também entram em contato, assim como inglês e alemão podem variar. O que há entre se admitir contato ou variação é que, além de entrar no campo político-ideológico e o *status* atribuído a diferentes *modos de falar*, a variação é uma das consequências do contato linguístico.

¹⁶⁴ *Tradução minha*: “Na mudança linguística, qual papel a família exerce? As crianças poderiam na família ter exatamente o mesmo padrão de variação linguística como os pais?” (op. cit.).

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 Delimitação do objeto de estudo

Conforme já foi apresentado, este estudo aborda a variação e mudança do português falado por migrantes sulistas no sul do Maranhão, em contato com a variedade nordestina (inserida dentro da variedade nortista¹⁶⁵). Os migrantes pioneiros, provenientes do sul do país, migraram em famílias, portanto com filhos em idade infanto-juvenil. Hoje, depois de quase quatro décadas em contato com o português do novo meio, no sul do Maranhão, diageracionalmente, ambos fazem parte dos grupos de falantes mais velhos (GII) e mais jovens (GI), respectivamente, para efeitos de diferenciação entre as gerações, levando-se em consideração a faixa etária em que ambos os grupos se encontravam quando migraram e entraram em contato intervarietal.

Nessa perspectiva metodológica, os sulistas participantes da presente pesquisa integram o grupo topodinâmico, pois todos migraram da região Sul do país, e considerando-se o contexto de migração, diferenciam-se apenas na faixa etária em que entraram em contato intervarietal, com idade acima e abaixo de 18 anos. Os falantes nortistas (nordestinos) nascidos no Maranhão integram, assim, o grupo topostático que é a referência da variedade nortista. A topodinâmica da língua trazida pelos migrantes – tanto na relação entre os migrantes GII e seus descendentes GI (dimensão diageracional), quanto na relação com os falantes topostáticos de origem nortista e, portanto, falantes da variedade nordestina (dimensão dialingual) – suscita a pergunta central desta tese sobre a manutenção, substituição, ou perda de marcas linguísticas originais, sobretudo na geração migrante mais jovem.

O português levado pelos migrantes sulistas ao nordeste guarda marcas do português rio-grandense falado em áreas de uso de línguas de imigração, denominado de *português de contato*. Essa variedade se relaciona com a matriz de origem dos

¹⁶⁵ Ou do Norte, de acordo com a divisão das variedades regionais propostas por Nascentes (1953).

migrantes sulistas pioneiros das décadas de 1970 e início dos anos 80, que migraram diretamente da região Sul para o Nordeste¹⁶⁶. Mais precisamente, como vimos na seção 1.4.1, o contato intervarietal abordado neste estudo coloca lado a lado, compartilhando o espaço social e geográfico em questão, a variedade regional dos migrantes vindos do noroeste do Rio Grande do Sul e a variedade regional do português, “tradicionalmente”, falado no sul do Maranhão pela população que já vivia na região, desde o século XIX.

A complexidade das variedades linguísticas regionais em contato exige um tratamento metodológico que permita fazer relações em termos de *temporalidade* (no início da migração e no momento sincrônico atual) e de *espacialidade* (de um espaço de fala regional sulista para outro, de fala nortista). Nesse sentido, comparar a variedade linguística desses migrantes, quase 40 anos depois de se deslocarem do sul do país em direção ao norte, com a variedade da matriz de origem no sul, para reconstruir um padrão de fala hipoteticamente mais próximo do que seria a variedade falada pelos migrantes, caso não tivessem se deslocado de uma região para outra, torna-se um dos requisitos para verificar se houve uma mudança na variedade regional falada por esse grupo, hoje, considerando o recorte sincrônico do estudo.

A presente pesquisa de tese teve o projeto aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, sob CAAE nº. 30376620.1.0000.5334, parecer nº. 4.013.964, de 07 de maio de 2020. Adaptações ao projeto inicial foram necessárias devido ao contexto sanitário exigido no período de pandemia, principalmente as relacionadas à pesquisa de campo. A seguir, descrevemos a metodologia iniciando com uma breve descrição sociogeográfica da localidade sobre dados relativos à comunicação com centros maiores, estruturas locais presentes na área de educação, religião, lazer e cultura, considerando o que já foi exposto no cap. 1, na seção 1.4.2. Na sequência, foram analisadas informações sobre o repertório linguístico dos participantes, a partir de informações do questionário sociocultural, bem como o perfil social desses falantes. Por último, descrevem-se os instrumentos de coleta de dados para esta pesquisa; além disso, apresentam-se outras fontes de dados linguísticos de relevância para a comparação topodinâmica com o português da matriz de origem. Antes, porém, vale lembrar as perguntas de pesquisa e

¹⁶⁶ Em levantamento feito no ano de 2003 para a monografia da autora, (BAÚ; SANDRI, 2008) sobre a procedência dos primeiros migrantes sulistas para o sul do Maranhão, constatou-se um número em torno de cem famílias vindas nas décadas de 1970 e 80, sendo majoritariamente de migrantes do estado do Rio Grande do Sul.

os objetivos que orientam este estudo.

Para verificar a variação e mudança de marcas regionais do português falado pelos migrantes sulistas em contato com a variedade regional nordestina no sul do Maranhão, elaboraram-se as seguintes **perguntas de pesquisa**:

- 1) Em que medida a variedade sulista mantém marcas da matriz de origem, ou as substitui por outras variantes em contato? Ou seja, pode-se constatar indícios de uma possível mudança linguística no sentido de uma substituição ou perda de marcas sulistas?
- 2) Há covariação entre marcas regionais distintas? Ou seja, há alternância de uso de variantes de ambas as variedades regionais em contato?
- 3) O que o comportamento linguístico dos falantes no contexto de contato PB sulista e PB nortista revela sobre as relações sociais dos falantes, considerando que um é o “filho da terra” e o outro, o “forasteiro”?

Para responder a esses questionamentos, estabeleceu-se como **objetivo principal**, desta tese, descrever com base nas variáveis linguísticas a variação e mudança do português sulista em contato com a variedade regional nordestina na localidade de Balsas, sul do Maranhão, identificando as variáveis sociais que influenciam os processos de manutenção, alternância ou substituição das marcas regionais por falantes topodinâmicos sulistas em contato intervarietal com a comunidade topostática nortista. Dessa perspectiva de estudo, decorrem os seguintes **objetivos específicos**:

- 1) Comparar as variedades linguísticas em uma simulação de *tempo real* (do início da migração e no momento atual), na análise da *dimensão diatópico-cinética*, do português de falantes topodinâmicos em relação à matriz de origem;
- 2) Verificar, na análise da *dimensão diageracional*, elementos de um comportamento variável que sinalizem para uma mudança em curso, em *tempo aparente*, no uso de marcas intervarietais [+sulistas] ou [+nortistas];
- 3) Na *dimensão dialingual*, observar a direção das influências de marcas [+sulistas] ou [+nortistas] ou de variantes comuns (menos marcadas), na configuração do português de contato intervarietal;

- 4) Contribuir, na análise da *dimensão diastrática e diagenérica*, para a interpretação do comportamento variável dos falantes, quanto ao papel da escolaridade e ocupação profissional, relacionados ao gênero;
- 5) Relacionar os contextos de *migração e contatos linguísticos* aos estudos da variação e mudança linguística regional do português brasileiro, no sentido de incluir uma base de pesquisa dos processos de nivelamento linguístico no contato intervarectal.

Esses objetivos, como o próprio objeto de estudo – na relação entre a variedade regional e sua migração e o contato com outra variedade – inserem alguns desafios à metodologia, para os quais cabe antes uma breve reflexão. Vejamos.

3.2 Desafios da pesquisa empírica em função da extensão territorial

O estudo de variedades regionais do português brasileiro impõe, antes de tudo, um desafio de natureza empírica: como controlar a relação entre temporalidade e espacialidade dessas variedades considerando os contextos de uso – sua estrutura social, distâncias e localização? Há mapeamentos linguísticos regionais que cobrem as variedades existentes? Se esses mapeamentos existem, que critérios de pesquisa foram utilizados? É possível comparar as variedades do português brasileiro com cientificidade, adotando sistematicamente os mesmos métodos de pesquisa e critérios de análise?

Uma variedade linguística, na concepção de Beruto (2010, p. 229),

“[...] is conceivable as a set of co-occurring variants; it is identified simultaneously by both such a co-occurrence of variants, from the linguistic viewpoint, and the co-occurrence of these variants with extralinguistic, social features, from the external, societal viewpoint. Thus, a linguistic variety bears a double characterization, as a linguistic as well as a social entity, it is made of linguistic variants together with their social value”.¹⁶⁷

¹⁶⁷ Tradução minha: “é concebível como um conjunto de variantes coocorrentes; ela é identificada simultaneamente tanto por tal coocorrência de variantes, do ponto de vista linguístico, quanto pela coocorrência dessas variantes com características extralinguísticas, sociais, do ponto de vista externo, social. Assim, uma variedade linguística tem uma dupla caracterização, enquanto entidade linguística e social, é composta de variantes linguísticas juntamente com o seu valor social.

Assim, o *continuum dialetal geográfico* que se estabelece (CHAMBERS; TRUDGILL, [1998], 2004, p. 6) apresenta-se como um arranjo de variedades no espaço geográfico, isto é, um conjunto ordenado de elementos organizados que não admitem limites nítidos entre duas variedades adjacentes, mas sim limites de transição gradual e difusa, em que cada uma das variedades compartilha determinadas marcas e variantes. E segundo Beruto (2010), o contínuo geográfico vai se diferenciando com a distância. “*In other words, linguistic distance between local dialects seems to be a function of their geographical distance, no clear-cut boundaries being perceived between contiguous dialects*” (BERUTO, 2010, p. 235-6)¹⁶⁸.

A questão da dimensão territorial do Brasil, cujos estados equivalem ao território de alguns países, é e sempre foi a justificativa para que não chegássemos a um mapeamento mais objetivo e empiricamente comprovado das variedades regionais. Ao delimitar os projetos de atlas linguísticos regionais, com base nos limites estaduais, projeta-se uma variação diatópica que se confunde com a delimitação política dos estados. A delimitação de áreas que transpõem esses limites é comprovada, por exemplo, no ALERS, único atlas linguístico regional brasileiro que se estende para além de um estado federativo apenas. E mesmo no ALERS, tem-se a sensação de um vazio pela falta de dados para além de seus limites, tanto para São Paulo e outros estados com migração sulista, quanto para fora dos limites nacionais, no norte do Uruguai e em Misiones.

Além disso, Coseriu (1982, p. 38) alerta, nesse sentido, que,

“Para establecer límites efectivos y proporcionar materiales diatópicamente comparables, la investigación dialectal de una región cualquiera debe realizarse, en cada punto considerado, en el mismo nivel y con respecto al mismo estilo de lengua. De otro modo, se corre el riesgo de interpretar como diatópicas diferencias que no lo son (o que no son sólo diatópicas) y, al revés, de ignorar otras diferencias, efectivamente diatópicas.”

Assim, por exemplo, tomando por base a escolarização da população brasileira nas diferentes regiões, tem-se um acesso variado à denominada “norma culta” que não implica necessariamente em uma variação de ordem regional, mas mais uma variação

¹⁶⁸ Tradução minha: “Em outras palavras, a distância linguística entre os dialetos locais parece ser uma função de sua distância geográfica, não sendo percebidos limites nítidos entre os dialetos contíguos” (BERUTO, 2010, p. 235-6).

diassocial (considerando escolaridade, idade e gênero, entre outros fatores) regionalmente distinta. Trata-se de comparar, nesse caso, as variáveis sociais de Brasil e de Portugal, por exemplo, tamanhas são as dissimilaridades sócio-históricas e culturais.

Então, a geolinguística brasileira tem um enorme desafio na identificação, ou melhor, delimitação das variedades regionais, e esta é uma tarefa que antecede a descrição e o estudo da topodinâmica dessas variedades no Brasil. Precisariamos saber com mais clareza “quais variedades considerar”. Estando essa tarefa ainda inconclusa e com muitas lacunas, apesar das tentativas levantadas (ver seção 1.2.1) e das pesquisas em andamento do ALiB, é preciso controlar de outra maneira o que de fato entra em contato que pode ser delimitado como variedade regional. No caso dos migrantes sulistas analisados neste estudo, adotamos – como já foi dito na seção 1.3.2 – o ALERS como fonte de referência.¹⁶⁹

Vejamos, agora, a metodologia de coleta dos dados adotada no presente estudo, na caracterização do *locus* da pesquisa, Balsas, no sul do Maranhão, descrito na seção 1.4.2.

3.3 Dimensões de análise intra- e interindividuais

Na mobilidade espacial dos migrantes, de um espaço geográfico com uma história de contatos linguísticos diferente da história de contatos da região de destino, determinaram-se, neste estudo, a verificar, de forma contrastiva, tanto as variedades regionais diferenciadas (escopo linguístico), quanto o comportamento de falantes (escopo social), dos mais móveis em contraste com falantes mais fixos e qual a relação entre eles.

Desta forma, foram selecionadas para a pesquisa as dimensões e os parâmetros mais relevantes aos objetivos da tese, conforme o quadro a seguir.

¹⁶⁹A variedade sulista, ou melhor, as variedades faladas nos três estados sulinos são uma exceção. Vale lembrar os estudos dialetológicos (ALERS) e sociolinguísticos (VARISUL) aí desenvolvidos.

Quadro 4 – Dimensões de análise consideradas neste estudo

DIMENSÕES	PARÂMETROS	CRITÉRIOS	BASE DE DADOS
Diatópico	Sul (=noroeste do RS) e Norte (= sul do MA)	Regiões ou áreas linguísticas ¹⁷⁰	ALERS e A* ¹⁷¹ , além do ALiB e de outros estudos de variação linguística do português
Diatópico-cinético	Topodinâmicos (migrantes sulistas) vs. Topostáticos (sulistas na matriz de origem)	Nascidos no RS que migraram para o sul do MA vs. nascidos no RS que permanecem no RS	ALERS (fonte para reconstrução da variedade de partida dos migrantes sulistas) vs. entrevistas (fonte da sua variedade na sincronia da pesquisa)
Dialingual	Topodinâmicos / migrantes sulistas falantes da variedade sulista vs. Topostáticos / nordestinos falantes da variedade nortista	Português de contato do grupo migrante sulista vs. português em contato do grupo local nordestino	Entrevistas
Diageracional	GI – mais jovens GII – mais velhos	De 48 a 58 anos Acima de 60 anos	Entrevistas
Diastrática	Ca: classe alta + ocupação Cb: classe baixa + ocupação	Ensino superior Ensino básico	Entrevistas
Diagenérica	Homem Mulher	Gênero masculino Gênero feminino	Entrevistas (na pluralidade de informantes)
Diarreferencial	Respostas objetivas Comentários metalinguísticos	Comentários metalinguísticos	Entrevistas, por meio da técnica em três tempos (perguntar, insistir e sugerir)

Fonte: Altenhofen (2020)

Como se pode depreender do quadro acima, os parâmetros pressupõem uma oposição entre dois grupos de fala definidos pelos respectivos critérios. Esses critérios nem sempre são de simples definição, pois requerem uma análise acurada da sociologia local. É o caso, por exemplo, da dimensão diastrática.

Para podermos descrever a sociedade local, de forma mais geral, observamos na dimensão diastrática como a comunidade está estruturada em termos de classes sociais, com foco no perfil político-econômico. Há uma classe alta formada, de um lado, por famílias tradicionais, geralmente proprietárias de imóveis urbanos, que atuam em

¹⁷⁰ A pesquisa não faz uma comparação entre variedades regionais, mas sim descreve o comportamento do grupo proveniente da variedade regional sulista no contato com a variedade regional nortista. As diferenças regionais são abordadas, desse modo, em termos de sua variação diatópico-cinética, isto é, considerando a influência do processo migratório e do contato intervarietal daí resultante.

¹⁷¹ Para efeitos de referência regional, não dispomos da publicação do Atlas Linguístico do Maranhão.

diversos setores comerciais e possuem grandes propriedades destinadas à criação de gado, além de deterem o capital político na região. E, de outro lado, há também migrantes sulistas proprietários de empresas na zona urbana ligadas ao setor do agronegócio e grandes propriedades agrícolas na zona rural, os chamados empresários do agronegócio, que detém o movimento do capital econômico. São os dois grupos dominantes locais, sendo que a força migrante sulista se destaca na economia agrícola, e a nordestina na política com base econômica no latifúndio da pecuária.

A comunidade balsense também é formada por uma classe média formada por funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais, funcionários do comércio local, de empresas e fazendas, médios agricultores e criadores de gado. E, também, uma classe baixa formada por balconistas do comércio em geral, trabalhadores da construção civil, vendedores de feiras livres e ambulantes, trabalhadores do setor agrícola e de transportes, e prestadores autônomos de serviços. Basicamente, esses três níveis socioeconômicos compõem a comunidade pesquisada, sendo necessário levar em consideração a escolaridade de cada falante aliada à ocupação e formação profissional para fins de um perfil diastrático mais completo¹⁷².

A localidade de Balsas conta com uma rede educacional ampla, sendo uma das Unidades Regionais de Educação do Estado, que compreende 14 municípios. O ensino é ofertado nas esferas municipal, estadual e federal, além das escolas particulares. Segundo dados de 2020, a rede pública compõe-se de 68 escolas, com 16.550 alunos matriculados e em torno de 950 professores¹⁷³. Funcionam na localidade também universidades públicas e particulares, sendo uma estadual (UEMA), uma federal (UFMA) e três particulares, entre elas, a UNIBALSAS, fundada por migrantes sulistas, além de outras redes de ensino superior com tutores locais franqueados na educação à distância. O ensino superior foi implantado em Balsas a partir de 1995, quando a universidade pioneira, UEMA, instalou os cursos de licenciatura em Letras e Matemática¹⁷⁴. Atualmente,

¹⁷² De acordo com Sharon Ash (2002).

¹⁷³ Censo INEP 2020.

¹⁷⁴ Há números pesquisados sobre a mudança do perfil do professor na região sul maranhense, antes e depois da implantação dos cursos de licenciatura da UEMA e seu papel social de transformação da educação nos últimos anos no estado do Maranhão.

encontra-se em fase de implantação o IEMA (Instituto de Educação do Maranhão).

Nas décadas do início da migração sulista, a localidade contava apenas com ensino básico e ofertava cursos de ensino médio como científico ou propedêutico, normal (formação de professor), contabilidade e administração. Havia internatos também confessionais e públicos. Atualmente, existem na localidade, além disso, escolas de idiomas, como Rockfeller (antiga Fisk), Wizard, CCAA, com predominância do ensino de inglês e espanhol, além de colégios particulares de redes de ensino franqueadas como Positivo, Objetivo e Dom Bosco.

Como se vê, em pouco tempo desenvolveu-se em uma região originalmente isolada e afastada, no sul do Maranhão, uma ampla rede de acesso à educação, em diferentes níveis. Para a definição dos parâmetros para a distinção diastrática, entretanto, utilizamos uma oposição simplificada – falante com ensino superior e ensino básico. Essa opção se justifica pelas dificuldades metodológicas para dar conta de uma descrição mais complexa de classe social, aplicável nas condições de realização da pesquisa.

Há, porém, outros fatores de ordem sociológica que podem influenciar a constituição da língua comum regional. Balsas teve também, durante vários anos, quando da chegada dos migrantes, uma emissora da Rede Globo, TV Rio Balsas, com jornais e publicidade local, bem como uma rádio. Havia um programa com locutores sulistas que difundiam a cultura gaúcha no sul do Maranhão, pela Rádio Rio Balsas. A emissora foi vendida, depois dos anos 2000, e passou a ser apenas repetidora da TV Mirante, da capital. A rádio Rio Balsas AM ainda é ativa, mas o programa de cultura gaúcha se extinguiu com a morte de um ícone da cultura sulista e da educação na localidade, a professora Bernadete Toniazzo¹⁷⁵. Na época, também havia uma emissora do SBT local, de propriedade de outro político e que até recentemente tinha um programa de cultura gaúcha. Também o idealizador desse programa, João Teixeira, já falecido, difundiu e incentivou a cultura e a união dos migrantes em torno do CTG durante muitos anos. Como epitáfio do seu túmulo consta:

¹⁷⁵ Falecida precocemente em um acidente de carro, em 2004, em uma de suas inúmeras viagens a trabalho para a distante capital São Luís.

*“Quando eu me for quero ir pilchado...
 [...] Mas se não houver campo aberto
 Lá em cima quando eu me for
 Um galpão acolhedor
 De santa fé bem coberto
 Um pingo pastando perto
 Só de pensar me comovo
 Eu juro pelo meu povo
 Nem todo o céu me segura
 Retorno a velha planura
 Pra ser **gaúcho** de novo”.*
 (versos de Jaime C. Braun, Galpão Nativo)

Havia também jornais impressos que circularam durante muitas décadas na localidade e que foram fechados. Moradores relatam que, no passado, antes dos anos 1980, a energia elétrica era fornecida por um gerador e que havia um único aparelho televisor instalado na praça da cidade, onde as pessoas se reuniam para assistir TV. Com a ligação da rede elétrica na localidade, instalaram-se também as concessões de TV e rádio, durante o governo Luís Rocha, político da região sul do Estado e que coincidia com a interligação da localidade, graças à pavimentação da rodovia Transamazônica. Esses fatos demonstram como a localidade era bastante isolada até a chegada dos migrantes sulistas, na década de 1970.

Haveria ainda a considerar a dimensão diarreligiosa, que, no entanto, não será levada em conta aqui, ao menos objetivamente. Como variável para subsidiar uma análise de ordem mais qualitativa, porém, valem algumas observações, visto que via religiosidade tem-se acesso a práticas sociais e redes de comunicação específicas. Balsas é essencialmente uma diocese da igreja católica, tendo sido implantada pelos irmãos Capuchinhos, que tiveram uma grande participação na educação da localidade, e a partir da década de 1950 pelos missionários Combonianos¹⁷⁶. Também os Irmãos Maristas fundaram o Colégio Marista de Balsas, referência na região. Há várias congregações religiosas na localidade entre elas, as mais antigas são a Igreja Batista de Balsas, a Igreja Presbiteriana e a Igreja Luterana. Esta última foi implantada pela migração sulista. E também se fazem presentes, de forma ativa, vários outros templos neopentecostais que possuem participação no letramento religioso e nos hábitos da população da localidade.

¹⁷⁶ *Missionários Combonianos* é uma congregação religiosa da Igreja Católica, fundada por São Daniel Comboni, em 1867. Esses missionários fundaram a Escola de Ensino Médio Dom Daniel Comboni, em Balsas, tendo à direção, por muitos anos, a educadora Marlene Garcez, e sendo, ao lado do Colégio Marista, coordenado pelos Irmãos Maristas (Congregação Marcelino Champagnat), uma escola referência na região sul-maranhense. Disponível em www.combonianos.org.br.

Em termos de socialização e integração de diferentes grupos sociais, no que diz respeito a espaços de lazer, a localidade oferece um clube recreativo no centro da cidade, o mais antigo frequentado pela elite balsense, a AABB, o BNB, e o CTG, além do Clube Recreativo Rio Coco, da Comunidade Rio Coco. Estes dois últimos clubes foram fundados pelos migrantes sulistas. Atualmente, há outros clubes como o da Polícia Militar e o Clube de Tiro, também este último fundado pelos migrantes sulistas.

Quando iniciou a migração sulista para o Nordeste do Brasil, nos anos de 1970, pela intermediação de colonizadoras com sede em Goiânia, Goiás, e políticos da localidade de Balsas, que fazem contato com agricultores no Rio Grande do Sul, havia conflitos de terra no noroeste gaúcho que mobilizaram inúmeras famílias a deixar a região Sul (TEDESCO *et al*, 2017). O atrativo principal para que essas famílias migrassem era o valor da terra muito abaixo do valor cobrado no Rio Grande do Sul (de acordo com várias entrevistas desses migrantes em jornais e revistas, nas décadas de 1980 e 1990)¹⁷⁷, assim muitas famílias, com vários filhos, migraram na esperança de mudar de vida e ainda garantir o acesso dos filhos à terra. Novamente é o acesso à posse da terra o que move populações de uma localidade a outra, mesmo que essas localidades ficassem a aproximadamente três mil quilômetros de distância.

Figura 33 – Migrantes sulistas chegando à localidade em 1982



Fonte: Foto pública Facebook – Família Hendges.

¹⁷⁷ Revista Globo Rural, Revista Valor Econômico, Revista Isto É (ver edições sobre novas fronteiras agrícolas, nas décadas dos anos 1990 e 2000).

A família que aparece na foto acima é uma das fundadoras da Comunidade Rio Coco, na zona rural de Balsas, e assim como as primeiras famílias que vieram e se instalaram na zona urbana, nos anos 1970, vieram famílias inteiras, com vários irmãos já casados e com filhos e geralmente levando os pais ou só a matriarca já viúva para o Maranhão. Além disso, vizinhos e amigos também migraram no mesmo período. Isto significa que é uma migração coletiva, em grupos familiares¹⁷⁸. Não só para o sul do Maranhão se dirigiram esses migrantes, mas também para outros estados do leque do Norte, do Maranhão ao Acre. Na próxima seção, delimitamos o perfil dos participantes do presente estudo e que representam a amostra considerada na pesquisa.

3.4 Perfil dos participantes da pesquisa

Para a realização da pesquisa, foram entrevistados falantes topodinâmicos (migrantes sulistas) e topostáticos (falantes locais nortistas), para comparar variantes na dimensão dialingual (ou diacontatual). O intuito é verificar a produção linguística do grupo topodinâmico, mas observando-se as produções do grupo topostático. Assim é possível constatar o que é próprio ou influenciado pela variedade regional em contato (*intervarietal*). Contemplando essa dimensão, chegou-se a um grupo de entrevista de perfil topodinâmico e um grupo topostático.

No grupo topodinâmico foram reunidos três homens e duas mulheres e no grupo topostático foram reunidos dois homens e três mulheres, perfazendo cinco falantes em cada grupo. Essa disparidade entre a quantidade de homens e mulheres em cada grupo ocorreu por se tratar de cinco casais, sendo dois casais topodinâmicos, dois topostáticos e um casal misto. Todos foram entrevistados em pluralidade simultânea com um homem e uma mulher (o casal na mesma entrevista), obtendo-se assim dados separados para

¹⁷⁸ Tive a oportunidade de visitar comunidades no Rio Grande do Sul, em 2015, matriz de origem dos primeiros migrantes sulistas do Maranhão, e o que vi foram casas fechadas e abandonadas no meio do mato, depois de mais de 30 anos da migração, com igrejas e clubes fechados, campos de futebol abandonados, e raras moradias isoladas na região de Nonoai. Em geral, os migrantes sulistas pioneiros do sul do Maranhão são oriundos da região do Alto Jacuí e da região de Ijuí englobando toda a bacia noroeste do rio Uruguai do estado gaúcho, a denominada região do Alto Uruguai (Ver TEDESCO, 2019).

cada gênero. No entanto, a dimensão diagenérica será contemplada apenas como análise qualitativa complementar deste estudo.

Os grupos de entrevista – um homem e uma mulher – topodinâmicos, topostáticos e mistos, foram compostos conforme a idade (geração velha GII e jovem GI) e escolaridade (superior Ca e básica Cb). Seguindo esses parâmetros para análise da dimensão diageracional, que busca identificar mudanças em tempo aparente, os participantes da geração mais velha (GII) têm acima de 60 anos, e a geração mais jovem (GI), entre 48 e 58 anos. A razão para essa faixa etária mais alta dos jovens se deu por se buscar migrantes nascidos no Rio Grande do Sul e que migraram com seus pais durante o período auge das correntes migratórias sulistas no país em direção ao norte, durante os anos de 1970 e 1980 (migrantes pioneiros). O grupo de participantes nortistas (topostáticos) segue o mesmo perfil etário dos sulistas, dessa forma, é possível verificar se há algum comportamento que possa ter sido alterado tanto pelo contato mais restrito, o linguístico, como no contato mais amplo, o cultural, em ambos os grupos regionais. O grupo de entrevista misto, por sua vez, será um dado relevante para avaliar a direção das influências de uma variedade na outra, em uma situação de contato direto, por meio do matrimônio.

O quadro a seguir sintetiza o perfil sociocultural dos participantes da pesquisa, a partir das respostas coletadas na primeira parte do questionário dialetológico. Com isso, tem-se uma visão geral das variáveis sociais controladas na análise dos dados.

Quadro 5 – Perfil dos participantes (topostáticos x topodinâmicos)

GRUPO PERFIL	MATRIZ ORIGEM	FEZ ESCALA MIGRAÇÃO?	TEMPO NA LOCALIDADE	IDADE QUANDO MIGROU
Topodinâmico	Sul (S)	Não	37 anos 37 anos 40 anos 38 anos 38 anos	28 anos 25 anos 17 anos 12 anos 10 anos
Topostático	Nordeste (N)	- -	a vida inteira	- - - -

Fonte: dados levantados pela autora.

Conforme o quadro acima, os dados socioculturais dos dois grupos S e N comprovam que os participantes nortistas (N) podem ser caracterizados como topostáticos, porque nasceram na mesma região e estado da federação, nesse caso o Maranhão, mesmo que alguns tenham nascido em localidades vizinhas. O grupo de participantes sulistas (S) pode ser caracterizado como topodinâmico, pois os indivíduos migraram de um ponto geográfico a outro, regionalmente diferentes e distantes (como já mencionado).

Daí resulta o quadro seguinte, que sintetiza o perfil diageracional (idade GI e GII) e o perfil diastrático dos participantes (escolaridade + ocupação em Ca e Cb). Observe-se que os participantes estão agrupados por casais, o que possibilitaria ainda dados para análise da variação diagenérica. A amostra, contudo, é quantitativamente limitada e insuficiente para aprofundamentos nessa análise. A escolha de um casal para a realização de entrevistas atende muito mais ao desejo de aumentar a representatividade do grupo, com olhares distintos de membros de mesma idade e escolaridade. Além disso, foi uma forma de contornar as dificuldades em continuar com as entrevistas em um período pandêmico, senão vejamos o perfil desses falantes:

Quadro 6 – Quadro geral das entrevistas realizadas, conforme as dimensões e parâmetros utilizados

GERAÇÃO	PERFIL DE GÊNERO	PERFIL DIATÓPICO-CINÉTICO	DIASTRÁTICO		PERFIL DIASTRÁTICO
			ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	
GII_S	H1 M1	Topodinâmicos	Ensino superior Ensino básico	Agricultor Dona de casa	Cab
GI_S	H2 M2	Topodinâmicos	Ensino básico Ensino básico	Comerciante Dona de casa	Cb
GI_SN	H3 M3	Topodinâmico Topostático	Ensino básico Ensino superior	Vendedor Func. pública	Cab
GI_N	H4 M4	Topostáticos	Ensino superior Ensino superior	Empresário Comerciante	Ca
GII_N	H5 M5	Topostáticos	Ensino superior Ensino básico	Comerciante Dona de casa	Cab

Fonte: dados levantados nas entrevistas.

Levando-se em consideração o perfil diageracional de falantes mais velhos e mais jovens, a comparação entre os dados possibilita verificar se está havendo alguma mudança em progresso, na fala tanto de sulistas como de nortistas em contato. Por outro lado, o perfil diastrático dos participantes permite identificar melhor o papel do letramento ou da cultura escrita, como possível influência para formas inovadoras em

direção à língua standard. Nesse caso, a classificação em classes sociais Ca e Cb não se relaciona diretamente com a renda do participante, mas com a sua experiência com a língua escrita, tanto pela escolaridade, como pela ocupação profissional, que pode envolver um contato maior ou menor com as práticas escritas.

É preciso acrescentar que todos os casais participantes da pesquisa possuem alguma relação com a pesquisadora¹⁷⁹, seja de forma direta ou indireta. Além de esperar, por essa razão, uma fala mais espontânea nas entrevistas, também o contato inicial para que participassem da pesquisa foi, com isso, facilitado.

Dos casais participantes, todos foram contatados com antecedência, sendo agendado dia e horário para as visitas nas residências, de acordo com a disponibilidade de cada um, para uma conversa com duração entre uma hora a uma hora e meia. Apenas um dos casais foi entrevistado no local de trabalho, no escritório, no primeiro andar do prédio logo acima de sua loja. Todos os casais previamente visitados e agendados foram revisitados no dia e hora marcados (nesta pesquisa, de dezembro de 2018 a janeiro de 2020, durante os retornos da pesquisadora ao MA), para entrevista; nesse momento, também foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos da conversa semi-dirigida (questionários), e explicado que poderiam recusar ou desistir no momento que quisessem. Por fim, foi lido e entregue aos participantes cópias do TCLE – termo de consentimento livre e esclarecido¹⁸⁰ para, em caso de concordância, ser por eles assinado, autorizando desse modo o uso das gravações das entrevistas, para fins de pesquisa acadêmica.

No dia de cada entrevista, a pesquisadora teve a companhia de uma aluna orientanda de iniciação científica do curso de Letras da UEMA, Campus Balsas, que a auxiliou no papel de entrevistadora. Além de ter sido também uma orientação de pesquisa, a aluna do curso de Letras fez o contraponto para atenuar os efeitos do *paradoxo do observador* (LABOV, 1972; ver também o que diz THUN, 2005 [2017]), considerando os perfis de origem das entrevistadoras, em parte sulista e nortista.

¹⁷⁹ São migrantes que já se conheciam desde a chegada ao Maranhão, embora não tivessem ultimamente muito contato direto com a pesquisadora, mas com outras pessoas do círculo familiar.

¹⁸⁰ Modelo do TCLE utilizado incluído ao final do texto, no apêndice.

Houve, no início das entrevistas, com os dois primeiros casais, alguns contratemplos, ao ligar o aparelho e colocá-lo no modo de gravação¹⁸¹. Apesar de já ter treinado esse procedimento dias antes, por falta de experiência e sem o momento propício, a situação gerou um pouco de apreensão às entrevistadoras. Depois de tudo pronto, geralmente iniciava-se com muitos risos e alguns comentários de descontração por parte de todos (como uma espécie de “quebra-gelo”), entre os entrevistados e as entrevistadoras.

Por fim, é preciso identificar o perfil necessário dos participantes para a análise da variação diatópico-cinética, como os dados da matriz de origem (de onde os topodinâmicos migraram para o norte).

Quadro 7 – Repertório linguístico dos participantes

GERAÇÃO	GÊNERO	ORIGEM DIATÓPICO-CINÉTICA	PERFIL MONO- OU PLURILÍNGUE	PLURILINGUISMO
GII_S	H1 M1	Vítor Graeb-RS Não-me-Toque-RS	Bilíngue Bilíngue	Alemão-português Alemão-português
GI_S	H2 M2	Chapada-RS Carazinho-RS	Bilíngue Monolíngue	Alemão-português Português
GI_SN	H3 M3	P. Missões-RS Balsas -MA	Monolíngue Monolíngue	Português Português
GI_N	H4 M4	Carolina -MA S.R. Mang.-MA	Bilíngue Monolíngue	Português-inglês Português
GII_N	H5 M5	São Félix-MA N. Iorque-MA	Monolíngue Monolíngue	Português Português

Dados fornecidos pelos participantes (Fonte: *elaboração própria*).

O quadro mostra o perfil linguístico dos participantes da pesquisa em uma perspectiva linguístico-diatópica. No grupo dos participantes sulistas, embora se tenha mais falantes com ensino básico, há três bilíngues nativos de línguas de imigração alemã e português (dois homens e uma mulher) e dois monolíngues (homem e mulher). No grupo dos participantes nortistas, embora se tenha mais falantes com ensino superior, a situação se inverte, há mais falantes monolíngues em português e apenas um bilíngue não nativo em inglês.

A diferenciação entre o perfil dos bilíngues nativos e o bilíngue de língua

¹⁸¹ Para as gravações das entrevistas, foi utilizado um gravador da marca Coby USB Digital Voice Recorder 4GB, modelo CVR20, com dois microfones, um embutido e um microfone de lapela.

adquirida via escolarização (língua estrangeira) é que a presença de línguas nativas propicia o contato linguístico em imersão social, gerando competências linguísticas diferenciadas. Isso vale tanto para a diversidade regional (variação diatópica do português), quanto para a diversidade plurilíngue, incluindo o contato do português com as línguas de imigração. O mapa a seguir identifica a *matriz de origem* dos falantes topodinâmicos, com base nas localidades informadas no quadro anterior:

Figura 34 – Área de partida e matriz de origem dos participantes da pesquisa



Fonte: Adaptado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Locator_map

No mapa acima estão representadas as cinco localidades de origem dos participantes sulistas deste estudo: *Palmeira das Missões*, *Chapada*, *Carazinho*, *Não me Toque* e *Vitor Graeff*, no estado do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil. Essas localidades são pequenas e médias cidades do noroeste gaúcho e receberam, antes do século XIX, a colonização lusa em territórios indígenas (*Missões*) com a formação das chamadas estâncias, grandes fazendas de pecuária extensiva e lavouras de erva-mate. A partir do final do século XIX inicia a formação de novas colônias de imigrantes (NEUMANN, 2006) com a vinda de mais alemães, italianos e poloneses, principalmente para essa região do Rio Grande do Sul, transformando a paisagem em lotes de terras que se transformariam em lavouras de diversas culturas, como arroz, trigo, cevada, milho e também a erva-mate, entre outras (TEDESCO, 2017; ZANELLA, 2018).

Mesmo com a migração para uma região considerada “monolíngue” em português, precisa ser levado em conta o *background* bilíngue dos falantes topodinâmicos, em que três dos cinco entrevistados falam a língua de imigração alemã (Hunsrückisch). Mas mesmo os monolíngues desse grupo estiveram expostos de algum modo à influência do adstrato do alemão, por exemplo, como bilíngues passivos, que compreendem ou identificam elementos da língua minoritária, mas não a falam. Ao mesmo tempo, com o processo migratório, entraram em contato com outra variedade regional. Esses perfis se enquadram no âmbito da dimensão dialingual ou que podemos chamar aqui de *diavarietal*.

As línguas de imigração convivem com o português, inclusive servindo-se mutuamente de empréstimos, realizando *code-switching*, *code-mixing*, enfim, colorindo-se com o português brasileiro. Ora usando o vocabulário do português com a pronúncia do alemão, ora usando o vocabulário do alemão com a sintaxe e a pronúncia do português, a simplificação nas declinações e os fonemas do português que não existem no alemão, como o r-fraco, as dentais palatalizadas, a nasalização, etc. O fato é que esses fonemas são adaptados ao português brasileiro na forma da alternância do r-fraco com r-forte, na não palatalização das dentais com vogais altas, no acento mais marcado das vogais orais com as oclusivas, etc., colorindo o português de contato, a variedade do PB falado em zonas de bilinguismo no sul do Brasil (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). Essas questões também foram levadas em conta na seleção das variáveis linguísticas do estudo, como veremos a seguir.

3.5 Variáveis linguísticas selecionadas

Para os objetivos deste estudo, foi necessário selecionar variáveis que visualizassem uma oposição de comportamento linguístico de manutenção ou perda/substituição de marcas sulistas e/ou adoção/substituição por marcas nortistas. As variáveis linguísticas constituem-se, por isso, em “meio” para sinalizar tendências da variedade regional dos migrantes no contato com outra variedade regional, no novo meio, e não como “fim em si”, em que se pretende descrever a variação linguística e as motivações para que ela aconteça. Em outras palavras, busca-se descrever o que a variação linguística diz sobre o grupo de fala, e não propriamente por que a variação linguística ocorre e o que a influencia. Essa

perspectiva é fundamental para compreender a análise e interpretação dos dados a seguir e os fundamentos do estudo dialetológico pluridimensional e contatual.

Com essa perspectiva de estudo, chegou-se ao seguinte quadro de variáveis linguísticas para análise do contato intervareial nas variedades sulista e nortista:

Quadro 8 - Variáveis linguísticas do estudo

Variáveis	Processos de variação	VAR + SULISTA	VAR +NORTISTA
/E/, /O/	<i>Abaixamento e alçamento em vogais médias pretônicas anterior e posterior</i>	[se'renu] [to'matr] [de'zertu] [prosi'sã ^w] [pe'tekə] [bo'nitu] [me'lekə] [so'xizu]	[se'renu] [to'matʃɪ] [de'zehu] [prɔsi'sã ^w] [pe'tekə] [bu'nitu] [me'lekə] [so'xizu]
/R/	<i>Fricatização da vibrante em sílaba inicial, intervocálica e em coda interna</i>	[re'vɔ ^w vi] ['raβu] [a'roz] [ka'riɲu de 'mã ^w] ['arvɔres] ['taɾde] ['kɔɾdɐ]	[xe'vɔ ^w vi] ['xabu] [a'xoɟz] [ka'xiɲu di 'mã ^w] ['afivɔres] ['taɣdʒɪ] ['kɔɣdɐ]
/s/	<i>Palatalização de /s/ em coda precedendo dentais /t/ e /d/</i>	[no ^d des'tʃinu] [istʃi'li ⁿ ɡɪ]	[nofideʃ'tʃinu] [ɪʃtʃi'li ⁿ ɡɪ]
/l/	<i>Vocalização da lateral em coda</i>	[agrikuʃtor] [re'vɔ ^w vi]	[agriku ^w toh] [xe'vɔ ^w vi]
/b/, /d/, /g/	<i>Sonorização das oclusivas</i>	[βu'degɐ] [βala'derɐ] [uru'βu] [βo'litɐ]	[bu'degɐ] [bala'derɐ] [uru'bu] [bɔ'litɐ]
<i>Lexicais</i>	<i>Vocabulário diferenciado</i>	[βerɣa'mɔtɐ] [aspɐ] [gwa ^m pɐ] [kɔlɐ] [azɐ] [βajli] [fã'dãɣu] [ko'lonu] [ka'βoklu] [pi'a] [gu'ri] [pa'xerɔ] [βo'dɔki] [βo'litɐ] [ku:kɐ] [ʃi'miɐ] [ʒe'leja]	[mixɪ'rikɐ] ['ʃifɪɪ] [se'dɛ'n] [ga' 'erɔ] [ʃɛ'tɐ] [fɔ'xɔ] [a'xa'tɐ 'pe] [sextɔ'nezɔ] [mɔrɛnu] [mɔ'lekɪ] [pi'xalu] [pɔ'xɔnkɐ] [bala'derɐ] [pe'tekɐ] [pãw di 'dosɪ] [dosɪ] [pa'ʃtɐ]

Fonte: Elaborado pela Autora¹⁸².

¹⁸² A transcrição fonética segue o padrão do IPA-Kiel do Projeto de pesquisa do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata, ver em <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

Pelas razões expostas acima, iremos nos poupar de uma revisão minuciosa dos estudos de cada variável; e apenas justificar que elas são fruto de análise preliminar em contato com a comunidade, visando à percepção das oposições que pudessem ser significativas, para sinalizar uma mudança de comportamento linguístico. Elas também emergem de uma análise prévia dos resultados do questionário aplicado e que discutiremos na seção a seguir.

3.6 Instrumentos de coleta dos dados

A definição dos instrumentos de coleta de dados estava embasada em duas fases, uma exploratória de pesquisa e análise de dados preliminares, e outra na elaboração de questionário próprio, baseado em perguntas dos atlas linguísticos que servem de fonte de comparação e análise da variação e mudança entre a matriz de origem e o novo meio dos migrantes pesquisados, como o ALERS e o ALiB. Cada contexto regional apresenta particularidades que podem ser mais bem exploradas, quando se executam essas etapas de sondagem inicial e de adequação dos instrumentos à realidade local.

No entanto, uma vez findada a primeira fase exploratória e sondagem, tivemos que nos adequar às contingências do contexto de pandemia, sobretudo à exigência de distanciamento social. Aguardaram-se alguns meses para ver se prosseguíamos com a pesquisa de campo, mas isso se tornou impossível com o avanço de casos da doença e o atraso na aplicação da vacina no país. Optou-se por restringir a pesquisa de campo aos dados já coletados presencialmente e não descartá-los e substituí-los por entrevistas remotas (garantindo a padronização da coleta em um corpus menor) e prosseguir com o tratamento desses dados, catalogação, transcrição e análise, abrindo mão da segunda etapa.

Dessa forma, além da pesquisa bibliográfica, de conversas informais, anotações de observação de campo, pesquisa de iconografia, utilizou-se o questionário elaborado por Figueiredo (2014). O questionário tem, por base, perguntas selecionadas do ALERS e do ALiB e algumas perguntas de elaboração própria da autora, e foi aplicado em levantamentos no norte do estado do Mato Grosso (cf. descrito no capítulo 2).

O questionário está estruturado em três partes: a primeira parte A compreende o questionário sociocultural e abrange duas partes, parte A1 com a identificação dos informantes, e parte A2 com os hábitos culturais dos participantes. Nessa parte, foram

coletadas as informações pessoais dos participantes, como nome, idade, procedência, escolaridade, ocupação, se fala outras línguas, etc. Na parte dos hábitos culturais, foram coletados dados sobre culinária, preferências de música, lazer, times de futebol e cultura.

Na parte B, pesquisaram-se informações sobre a localidade e realizaram-se anotações de observação de campo. Nas informações sobre a localidade, foram levantados dados como toponímia e história, origem da toponímia, nomes anteriores, ocupação demográfica, localização do ponto pesquisado, história da localidade, etc. Essa parte foi bastante pesquisada e explorada no capítulo 1 - *Contextualização do estudo*, tanto sobre dados da localidade como do estado do Maranhão.

Alguns dados de observação de campo foram descritos no início deste capítulo metodológico, como espaços sociais dos grupos, clubes, associações, CTG, estrutura educacional, ensino de línguas, alguma iconografia local e dos migrantes (mais imagens ao final do texto em anexos), mídia e cultura local, etc. Eles atendem ao propósito de entender e jogar luz sobre a relação entre migrações, contatos e variação e mudança linguística.

Cabe frisar que as variáveis selecionadas são apenas parte do questionário. O questionário engloba mais perguntas, justamente porque a seleção das variáveis considerou também as perguntas que apresentaram os melhores resultados, para os objetivos estabelecidos na tese. Para melhor compreensão do todo, vejamos o quadro a seguir, que visualiza a estrutura do questionário aplicado:

Quadro 9 – Estrutura do questionário utilizado a partir de Figueiredo (2014)

QUESTIONÁRIO	
SEÇÃO A	A1. Identificação dos informantes
	A2. Hábitos culturais dos informantes
SEÇÃO B	B1. Informações sobre a localidade
	B2. Dados de observação de campo
SEÇÃO C	C1. Questionário Fonético-fonológico - QFF
	C2. Questionário Semântico-lexical - QSL
	C3. Questionário Morfossintático – QMS

Fonte: Com base em Figueiredo (2014, p. 87)

A parte C do questionário constitui-se no instrumento de coleta de dados linguísticos específicos, sendo dividida em três partes. A primeira parte C1 compreende o questionário fonético-fonológico – QFF, composto de 47 perguntas, sendo 25 questões selecionadas do ALiB, 20 questões do ALERS e duas questões elaboradas pela autora. As perguntas dialetológicas são do tipo “*Aquilo que usa (mímica) para acender o fogo?*”, ou, “*O que é preciso colocar na carne para temperar?*”. Na primeira questão, o foco é a palavra *fósforo* e suas variações fonético-fonológicas de alçamento vocálico e síncope, e, na segunda pergunta, o foco recai sobre a palavra *sal*, com suas variações de vocalização da consoante final ou velarização. Tais perguntas, embora direcionadas, não são fechadas, coletando-se também variações lexicais, como na primeira questão (além da forma *fósforo*, obtiveram-se respostas como *isqueiro* e suas variações). O mesmo acontece com a segunda questão; há variação lexical e concomitante variação fonético-fonológica.

O questionário Semântico-lexical QSL, na parte C2, também está constituído de 47 perguntas, sendo 31 questões selecionadas do ALERS, 14 questões elaboradas pela autora e 02 questões do ALiB. As perguntas incluem sugestões, como no exemplo “*De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama? a) orvalho; b) sereno*”. Essas perguntas são abertas, podem por isso gerar um espectro de variantes diferentes. A primeira resposta do participante é considerada espontânea, mesmo tendo mais de uma variante. E, embora a pergunta ofereça alternativas de respostas, o entrevistador também pode adaptar ao contexto local, incluindo variantes de seu conhecimento para fazer as sugestões na técnica em três tempos, *perguntar – insistir - sugerir*.

A última parte do questionário linguístico, C3 (com apenas 06 perguntas), ocupa-se com variáveis morfossintáticas. Três perguntas foram selecionadas do ALiB e três elaboradas pela autora. Nessa seção são levantados dados como usos pronominais e de tratamento, *nós/a gente, tu/você*, negação simples, dupla ou posposta, interjeições, etc.

Na aplicação desse questionário em um contexto diferente como na região Nordeste, algumas perguntas não se aplicavam à realidade local, isso porque não foram entrevistados apenas os migrantes mais velhos e mais jovens, como fez Figueiredo (2014), mas também falantes topostáticos locais. Essa foi uma diferença importante a considerar na análise dos dados. Inicialmente, o questionário foi pensado apenas para focalizar a fala dos migrantes sulistas, topodinâmicos, e seus filhos nascidos no local,

como falantes topostáticos. Contudo, sentiu-se a necessidade de reunir dados sobre o grupo em contato. Sem essa amostragem, mesmo que mínima, ficaria uma lacuna. Por isso, a aplicação se deu nos dois grupos de falantes, o sulista e o nortista.

3.7 Outras fontes de dados para a análise da variação topodinâmica

Para a análise da variação topodinâmica do português dos migrantes sulistas, utilizou-se como base de dados, como já postulado, os dados do ALERS. Com isso, foi possível comparar a fala dos migrantes sulistas no Maranhão com sua provável variedade de partida, na matriz de origem, há cerca de 40 anos, com o que falam hoje, os falantes entrevistados, no novo meio. Vale lembrar que o ALERS entrevistou falantes topostáticos da área rural, nascidos no local, com pais também nascidos no lugar e com idade entre 28 e 58 anos, se casado com cônjuge do mesmo lugar, com escolaridade mínima, até a 4ª série, que viveram a maior parte da sua vida na localidade em estudo, além de nunca terem migrado e nem serem muito viajados. São, portanto o oposto de nosso estudo, porém representam o estado mais próximo do português, ao início da migração para o sul do Maranhão.

Além disso, o ALERS seguiu uma perspectiva monodimensional que privilegiou a variação diatópica, com pouca ou nenhuma sondagem na dimensão diastrática (prospecção urbana) e na dimensão diassexual (com casais na zona rural, quando não havia outro participante do sexo masculino). Entretanto, em pontos onde predominavam falantes bilíngues de imigração, optou-se por esse falante de português (de contato) como mais representativo da variedade local.

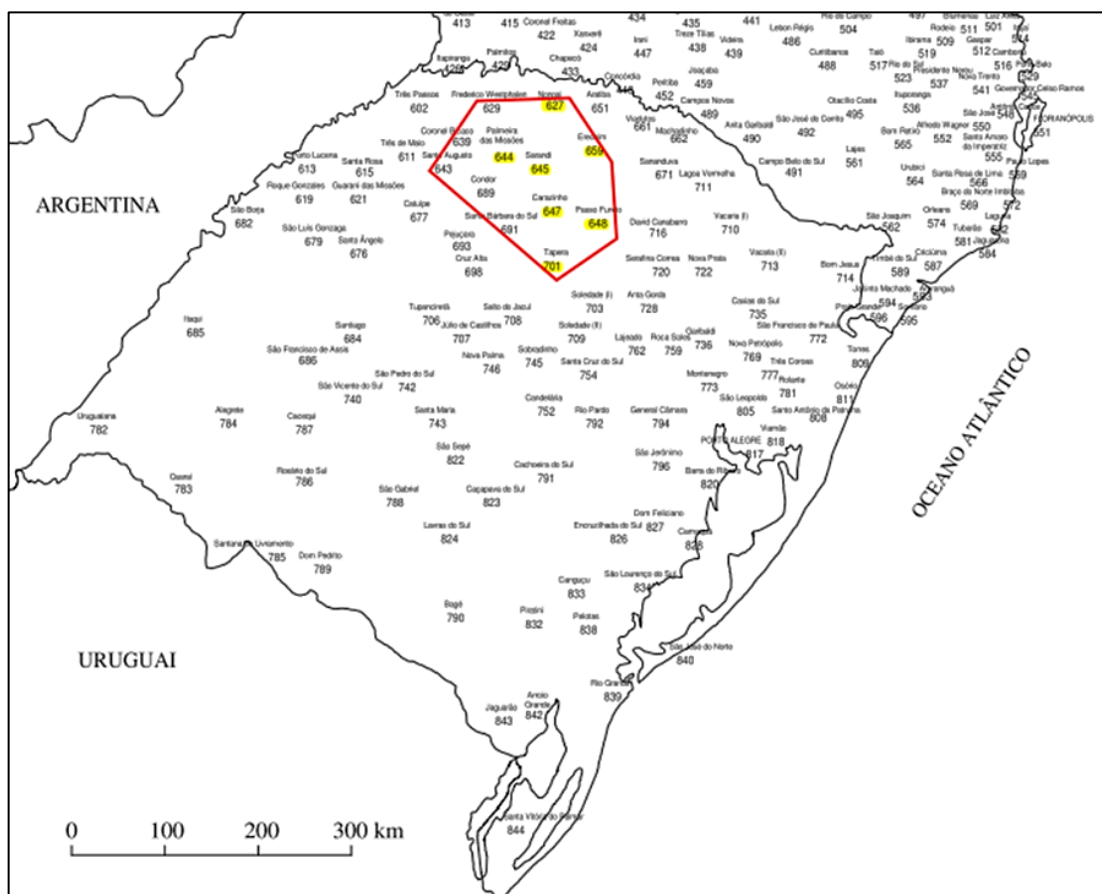
No tratamento de dados, embora a transcrição fonética não seja restrita, foram transcritos não somente o questionário fonético-fonológico, mas também o semântico-lexical (que é o maior questionário) e que possibilita ampliar as comparações fonético-fonológicas para além das 50 perguntas específicas iniciais do QFF. Os mapas publicados (ALERS, 2011a; 2011b) são acompanhados de quadros de variantes que funcionam como um banco de dados auxiliar a ser explorado pelo pesquisador.

Os pontos de interesse e comparação para o objetivo deste estudo situam-se na área já delimitada das localidades onde nasceram os entrevistados (ver mapas das figuras 35 e 36). São seis os pontos de pesquisa que abrangem a matriz de origem dos entrevistados:

- PONTO 644 – Palmeira das Missões
- PONTO 645 – Sarandi (em substituição à Chapada que não conta no ALERS)
- PONTO 647 – Carazinho
- PONTO 648 – Passo Fundo (apenas como centro irradiador para as localidades próximas)
- PONTO 698 – Cruz Alta (apenas como centro irradiador para as localidades próximas)
- PONTO 701 – Tapera (apenas como localidade que fecha o círculo das localidades)

Os pontos listados acima fecham um polígono em torno da matriz de origem dos entrevistados deste estudo, incluindo localidades como Chapada, Não-me-Toque e Vítor Graeff.

Figura 35 – Pontos do ALERS situados no entorno da matriz de origem dos migrantes sulistas do Maranhão



Fonte: Adaptado a partir do Mapa Auxiliar I – Rede de pontos da zona rural (ALERS, 2011b, p. 59)

Como já mencionado, alguns pontos abrangidos por essa delimitação são de origem mais antiga, do período colonial imperial do século XIX, como Cruz Alta (fundada em 1833), que na sequência acolheu uma população lusa, italiana e alemã. Segue-se Passo Fundo (fundado em 1857), Santo Ângelo (1873), não incluído na pesquisa, e Palmeira das Missões (1874), com uma configuração étnica semelhante, predominando descendentes de lusos, alemães e italianos. As demais localidades que constam como pontos do ALERS, na área do polígono, foram fundadas no século XX, portanto, após a República, que fomentou explicitamente a fundação de *colônias mistas*, como lembram Altenhofen & Thun (2016).

Um levantamento de variantes desses pontos do ALERS que podem ser consideradas na comparação com os dados levantados para as variáveis selecionadas para o presente estudo, no sul do Maranhão, pode ser visto e previsto através do quadro a seguir, ao qual voltaremos no cap. 4 da análise dos dados.

Quadro 10 – Quadro de variantes do ALERS, para comparação com as variáveis linguísticas deste estudo

Pergunta*	Ponto 643	Ponto 644	Ponto 645	Ponto 647	Ponto 648	Ponto 698
01/059	[or'va'jɔ]	[se'renɔ]	[or'vaɔ]	[or'va'jɔ]	[or'vaɔ]	[se'renɔ]
02/126	[verga'mɔtɛ]	[berga'mɔtɛ]	[verga'mɔtɛ]	[verga'mɔtɛ]	[berga'mɔtɛ]	[verga'mɔtɛ]
04/179	[ka'riɲɔ di 'mũw]	[ka'riɲɔ de 'mũw]	[ka'riɔlɛ]	['karɔ de 'mũw]	['ka'rɔ dʒi 'mũw]	['ka'rɔ de 'mũw]
05/149	[la'vra]	['lavrɛ]	[la'vra]	['lavrɛ]	['lavrɛ]	['lavrɛ]
06/146	[ka'ɾpi]	[ka'ɾpi]	[ka'ɾpiɾ]	[ka'ɾina]	[ka'ɾina]	[ka'ɾpi]
08/201a	['korvɔ]	['korvɔ]	['korvɔ]	['korvɔ]	['korvɔ]	['korvɔ]
09/201c	[ʒwũw de 'barɔ]	[ʒoũw dʒi 'barɔ]	[ʒoũw de 'barɔ]	[ʒwũw de 'ba'rɔ]	[ʒo'auw dʒi 'barɔ]	[ʒuũw de 'barɔ]
10/208a	['aspɛ]	['jifri]	['aspɛ]	['jifri]	['jifri]	['gwo'pɛ]
11/208c	['rabɔ]	rp	['rabɔ]	['rabɔ]	['kɔlɛ]	['kɔla]
12/306	[ta'tu]	[kata'rɔ]	[tatu'ziɲɔ]	['kaske]	[ta'tu]	[ta'tu]
13/327	[so'vakɔ]	[so'vakɔ]	[so'vakɔ]	[so'vakɔ]	[so'vakɔ]	[so'vakɔ]
14/328	['azɛ]	[so'vakɔ]	rp	['ferɔ di 'azɛ]	[ka'tʃi'gɛ]	['azɛ]
15/266	[ga'rũw]	[ga'rũw]	[kalkapar]	[ga'rũw]	[ga'rũw]	[ga'rũw]
24/366	['pretɔ]	['negrɔ]	['negrɔ]	['negrɔ]	['negrɔ]	['negrɔ]
25/367	[mo'renɔ]	[mu'latɔ]	['kor 'kujɛ]	[mo'renɔ]	[mo'renɔ]	[mo'renɔ]
26/369	[i'dʒiw]	['i'dʒɔ]	[in'dʒɔ]	['i'dʒɔ]	['i'dʒɔ]	['bugri]
27/276a	['lojɾɔ]	['lojɾɔ]	['lojɾɔ]	['lorɔ]	rp	['lojɾɔ]
28/443-4	rp [gu'ri]	[gu'ri] [pja]	[me'ninɔ] [gu'ri]	[gu'ri] [mi'ninɔ]	[pja] [mi'ninɔ]	[ga'rotɔ] [pi'a]
29/500	[sa'si pe're'e]	rp	[ne'griɲɔ do pasto'r e'jɔ]	[sa'si]	[sa'si]	[sa'si]
30/491	[to'ka'jɔ]	[to'ka'jɔ]	[to'ka'jɔ]	[to'ka'jɔ]	[to'ka'jɔ]	[fa'ra]

Fonte: elaborado pela Autora

Para a análise dos dados na área de estudos no sul do Maranhão, foram elaboradas planilhas em que essas variantes foram inseridas ao lado das variantes coletadas com os migrantes sulistas (topodinâmicos) e dos participantes de fala nortista. Para a atribuição das marcas [+sulista] ou [+nortista], foram levadas em consideração as seguintes análises contrastivas:

- i) comparação da produção atual dos migrantes com as variantes da matriz de origem (variação diatópica-cinética);
- ii) comparação com as variantes entre duas gerações de sulistas (variação diageracional ou *tempo aparente*);
- iii) comparação entre as variedades sulista e nortista (variação diavarietal ou diacontatual).

Nestas etapas de comparação temporal e espacial (diacronia/sincronia), depreende-se o que pode ser considerada uma variante com marcas pertencentes à variedade sulista (delimitada no português de contato/região noroeste do RS) e, portanto, uma variedade que não assimilou traços de outras variedades regionais do português, ou seja, mais conservadora, em contraste com a variedade dos falantes da pesquisa, em situação de contato com os nortistas (nordestinos), para a qual se espera uma mudança ao longo do tempo. Isso vale tanto para a variedade linguística dos falantes mais velhos (GII) quanto dos mais jovens (GI), migrantes sulistas. Por outro lado, é possível ainda verificar marcas [+sulistas] também no sentido inverso, na variedade nortista, como mudança de comportamento por influência do contato com a variedade sulista. Com isso, tem-se a seguinte escala de variação:

- [Var. +sulista], variante de uso no Sul¹⁸³;
- [Var. coocorrente], variantes alternantes Norte e Sul¹⁸⁴;
- [Var. comum], variante suprarregional ou menos marcada¹⁸⁵;
- [Var. +nortista], variante de uso no Norte (Nordeste)¹⁸⁶.

Evidentemente, é preciso contar com a variação intrarregional, porque a variação é inerente a toda língua e variedade. Para a realização das vogais médias pretônicas /E/ e /O/, anterior e posterior, a carta 7 do QFF-ALERS traz os resultados da realização da

¹⁸³ Variante que consta no ALERS (noroeste do RS) e produzida pelos migrantes sulistas;

¹⁸⁴ Variantes alternando-se entre a variante que consta no ALERS (noroeste do RS) e produzida pelos migrantes sulistas com a variante que não consta no ALERS (noroeste do RS), nem no restante do estado do RS, embora às vezes presente a partir do norte do PR e produzida pelos nortistas;

¹⁸⁵ Variante que consta no ALERS (noroeste do RS e em toda a região Sul), produzida pelos migrantes sulistas assim como também produzida pelos nortistas e outras regiões do país;

¹⁸⁶ Variante que não consta no ALERS (noroeste do RS), assim como no restante do RS, embora às vezes presente a partir do norte do PR, e produzida pelos nortistas.

vogal média anterior /E/ em posição pretônica, na palavra (am)e(ricano): uma ocorrência de abaixamento em falante bilíngue (ponto 777, português de contato), e mais uma ocorrência em falante monolíngue (ponto 786, português de fronteira), todos os demais pontos pesquisados no Rio Grande do Sul não realizaram o abaixamento da vogal média pretônica anterior. O resultado é a realização predominante da vogal média alta anterior em posição pretônica, tanto na variedade do português de contato, como no português da fronteira.

Quanto à realização da vogal média pretônica posterior /O/, o QFF-ALERS apresenta duas cartas, a carta 11 com a palavra (g)o(rdura), e a carta 12 com a palavra (pr)o(cissão). Na realização da palavra *gordura* teve quatro ocorrências com a vogal média pretônica posterior semi-baixa ou semi-aberta [ɔ] ou no símbolo IPA [ɔ̃], sendo apenas uma realização por falante bilíngue, as demais monolíngues. Desses monolíngues, um falante é da área do português de contato, os outros dois falantes, um é da área metropolitana Porto Alegre, e o outro falante pertence ao ponto próximo à divisa com Santa Catarina, na direção de Lages, em todas as demais ocorrências houve predominância da vogal média alta [o] e uma menor frequência de alçamento em [u].

Na carta 12, com a palavra (pr)o(cissão), também houve a mesma realização esporádica da vogal média pretônica posterior semi-baixa ou semi-aberta [ɔ] ou pelo símbolo do IPA [ɔ̃], realizadas por três falantes bilíngues e três monolíngues. Dos bilíngues, um é da fronteira, região das Missões, e os outros dois falantes da área central do estado, bilíngues em variedades do italiano, a mesma região do falante bilíngue também em italiano da palavra *gordura*. Os monolíngues, dois são da fronteira com Santa Catarina, um a leste e o outro a oeste, o terceiro também na região das Missões. Todas as demais realizações da palavra *procissão* apresentam a vogal média pretônica alta [o], havendo cinco ocorrências de metátese, que não se verificou nesta análise se são realizadas por bilíngues ou não.

O que esses resultados cartografados no ALERS apresentam, para a realização das vogais médias pretônicas no Rio Grande do Sul, é que há uma realização categórica das vogais médias altas anterior [e] e posterior [o]. Os casos isolados podem ser explicados, entre outros fatores, no caso da vogal média anterior pela estrutura da palavra (am)e(ricano). Além de ser uma palavra polissílaba, a vogal é nasalizada o que dificulta a diferenciação da qualidade da vogal. No caso da realização das vogais médias posteriores em (g)o(rdura) e (pr)o(cissão), os raros casos não foram de abaixamento ou

abertura completa da vogal, mas parcial, e uma possível assimilação de sonoridade na composição da sílaba deve ser considerada pela presença da consoante líquida, o tepe em coda na primeira palavra, e no encontro tautossilábico na segunda. Fatores extralinguísticos como o perfil bilíngue dos falantes parece não se aplicar nesses casos.

Os falantes que migraram do Rio Grande do Sul, bilíngues ou não, têm em sua variedade a realização das vogais médias pretônicas altas, e estão em contato com a variedade nordestina que realiza o abaixamento ou alçamento. Este estudo verificou se a variedade sulista, em contato intervarietal há quase quatro décadas no Nordeste do Brasil, continua fazendo a manutenção dessa variante sulista, ou já há alternância nessa realização, com abaixamentos ou alçamentos esporádicos ou não, ou ainda, se já houve mudança, tendo substituído pela variante nordestina.

Quanto à palatalização do /S/ em coda precedendo consoante alveolar, o ALERS não levantou esse dado. O atlas apresenta realizações de /S/ em coda na palavra (le)s(ma), QFF 21, com realizações categóricas da sibilante sonora, e não há nenhuma ocorrência palatalizada nos pontos pesquisados no Rio Grande do Sul, há realizações em Santa Catarina. Também foram pesquisados dados de palatalização em monossílabos com /S/ em coda, carta 01-06 do QFF, e os resultados mostram que não houve nenhuma ocorrência no Rio Grande do Sul. Embora a pesquisa desta tese se limite à realização do /S/ em coda precedendo consoante alveolar, a realização em coda final levantada pelo ALERS poderia indicar a presença da variante palatalizada, e isso seria um marcador regional a ser considerado na comparação com a variedade nordestina que realiza esta variação no contexto da coda interna. O ALERS apresenta realizações palatalizadas da sibilante em coda apenas na variedade açoriana catarinense.

Na variável /R/, o ALERS levantou dados de realização em diferentes posições na palavra. Na posição início de sílaba, a carta 44 do QFF mostra que, na palavra r(evólver), a variante gaúcha predominante é a vibrante alveolar sonora, o r-forte. Há realizações de menor frequência do tepe no português de contato, e realizações da fricativa velar surda e vibrante uvular sonora no português da fronteira. Na posição intervocálica, como na palavra (ca)rr(o), carta 46 do QFF, as ocorrências predominantes no estado gaúcho também são da variante vibrante alveolar sonora [r], r-forte, seguida do tepe [r], r-fraco, em áreas do português de contato, e em menor frequência da vibrante uvular sonora, e da fricativa velar surda no português metropolitano e da fronteira. Na posição de coda interna e final, cartas 51 e 53, a variante categórica é a realização do tepe com baixa

variação para a retroflexa ou apagamento. O ALERS não apresenta fricativação da vibrante em coda no Rio Grande do Sul.

Essas análises indicam que, na variedade sulista do *português de contato*, região com presença do bilinguismo das línguas de imigração, a predominância é a não fricativação da vibrante nessas posições na palavra. Incluindo-se até a alternância entre vibrante múltipla, o r-forte, com a vibrante simples, o r-fraco, em contexto de r-forte e r-fraco, conforme já mencionado por Altenhofen e Margotti (2011).

Essas observações dos dados levantados pelo ALERS, do português sul-riograndense, exemplificam as análises comparativas das realizações das variantes linguísticas produzidas dentro do estado gaúcho em relação às produções atuais dos migrantes sulistas que deixaram essa matriz de origem nos anos 1970 e 1980.

3.8 Procedimentos de análise dos dados

Vale lembrar o que já foi explicitado, de que, para identificar os participantes da pesquisa, utilizamos letras e números, que indicam a faixa etária na dimensão diageracional (**GII/GI**), grupos dos mais velhos e grupos dos mais jovens, a escolaridade/ocupação (ou classe social), na dimensão diastrática (**Ca/Cb**), (classe) escolaridade superior e básica, assim como também a matriz de origem regional Sul (**S**) e Norte (**N**), na dimensão diatópico-cinética. Assim, por exemplo, um migrante sulista mais velho do sexo masculino, com escolaridade básica, será representado como **CbGII_Sm**, ou uma nortista mais jovem, do sexo feminino, com escolaridade superior, **CaGI_Nf**.

Mesmo sendo todos os participantes pertencentes ao grupo acima dos 48 anos, o que na classificação de Thun (2010a) era uma fase intermediária entre GI (de 18 a 36 anos) e GII (acima de 60 anos), depois revista para 55 anos em Altenhofen e Thun (2016) e, por último, 50 anos em Altenhofen e Thun (2021), há uma diferenciação mais específica neste grupo que é de extrema relevância: a idade dos participantes topodinâmicos, no momento da migração inicial (*migrantes pioneiros*). Dos cinco participantes sulistas (**GII_S** e **GI_S**), apenas dois migraram na fase adulta, os outros três participantes migraram na adolescência e início da fase adulta, sendo dois homens (**m**) e uma mulher (**f**). Sendo assim, teremos perfis diferentes dentro do grupo topodinâmico e que devem ser levados em consideração na análise linguística.

Outra questão preliminar importante a se destacar é a técnica de entrevista, que reuniu um homem e uma mulher que é cônjuge um do outro. Ou seja, a convivência em virtude do matrimônio coloca ambos em um contato permanente, no domínio da família, que se estende por anos. Forçados pelas condições de pesquisa já mencionadas, foram misturados cônjuges com escolaridades diferentes e inclusive um casal com um participante topodinâmico e outro topostático. Contornamos essa situação enfocando fundamentalmente as dimensões diatópico-cinética e diavarietal, com ênfase na fala de participantes topodinâmicos e topostáticos das gerações GII e GI (mudança em tempo aparente na dimensão diageracional). A variação diagenérica e diastrática cumpre, por isso, função subsidiária e auxiliar, sendo analisada quando possível de forma qualitativa, a partir de comentários e respostas das entrevistas realizadas.

Por fim, como este estudo se centra em um ponto único, de entrevistados da área urbana de Balsas, abdicamos da elaboração de mapas, como é a prática corrente em estudos dessa natureza. A análise dos dados, no capítulo a seguir, será de ordem qualitativo-interpretativa, adequada à amostragem limitada dos dados e ao objetivo de identificar mudanças no uso de marcas sulistas no comportamento linguístico dos entrevistados. Vejamos.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo dedica-se à análise de dados nas diferentes dimensões e parâmetros selecionados como “lentes de visualização” das relações sociais entre as variedades regionais em contato e seu uso no contexto pesquisado. Tendo por foco a variedade falada pelos migrantes sulistas e seus descendentes em contato com o português nortista falado em Balsas, no sul do Maranhão, desde a sua chegada há cerca de 40 anos, busca-se identificar o grau de manutenção ou resistência, alternância ou coocorrência das marcas linguísticas da matriz regional de origem, assim como possíveis substituições/mudanças, em que há assimilação de aspectos da variedade nortista do novo meio.

O capítulo estrutura-se, iniciando com a análise da dimensão diatópico-cinética, para situar a conjuntura macrolinguística de onde e para onde se localizam e, conseqüentemente, mantêm/substituem marcas das variedades regionais em contato. Em seguida, é analisada a variação diageracional e dialingual ou diacontatual, comparando respectivamente a fala das gerações GII e GI, bem como as variedades faladas pelos migrantes sulistas e nortistas em contato. São analisadas, além disso, de forma complementar – essencialmente qualitativa, em virtude do que é possível a partir da base de dados – as dimensões diagenérica, diastrática e diarreferencial. Com isso, buscou-se reunir subsídios para auxiliar na interpretação dos dados linguísticos, como indícios de comportamentos sociais dos grupos regionais de fala em contato.

Antes, porém, vejamos os indicadores de marcas linguísticas regionais que diferenciam as variedades do português brasileiro do Norte e do Sul analisadas neste estudo. Vale lembrar que as variáveis linguísticas selecionadas precisaram preencher o requisito de contrapor, frente à frente, variantes com marca [+sulista] *versus* [+nortista] que possam sinalizar uma manutenção ou mudança do padrão de fala dos grupos entrevistados. Vejamos.

4.1 Variáveis indicadoras de diferenças do português regional

Houve, como se viu em 1.2.1, uma série de tentativas de delimitação das variedades do português brasileiro e talvez por suas dimensões geográficas, a maioria das pesquisas optou por descrições localizadas que, quando comparadas diatopicamente, são também pontos bastante limitados, geralmente dentro do mesmo estado. Para o objetivo de se verificar contrastes entre variedades macrorregionais como norte e sul do país, a tarefa é um grande desafio.

Neste estudo, como já explicado no capítulo metodológico, o contato intervareietal resultante da migração inter-regional de falantes da variedade sulista do português brasileiro para outra área regional é abordado através, especialmente, das seguintes correlações:

- variedade da matriz de origem *versus* variedade migrante atual;
- variedade da geração mais velha *versus* variedade da geração mais jovem dos migrantes;
- e, por fim, variedade regional sulista *versus* variedade nortista.

Para abarcar essas oposições e permitir identificar tendências [+sulistas] ou [+nortistas] no uso do português, segundo a metodologia estabelecida, as seguintes variáveis linguísticas se mostraram adequadas, corroborando estudos já publicados sobre a variação regional do português brasileiro meridional e setentrional (NASCENTES, 1953; CALLOU; LEITE, 2002; NOLL, 2008; ALTENHOFEN, 2013; BATTISTI; BISOL, 2014; BRANDÃO, 2015; CALLOU; BRANDÃO, 2016; SILVA 2021):

Tabela 1 – Ocorrências coletadas por meio do questionário fonético-fonológico (QFF)

VARIÁVEL	VAR +SULISTA	VAR + NORTISTA	OCORRÊNCIA (sulista)	OCORRÊNCIA (nortista)	VAR MATRIZ RS ALERS - Noroeste	FREQUÊNCIA ALERS [+RS]
/E/ pretônico	[e]	[ɛ]	[ber'mudɐ] [fe'ridɐ] [se'renu] [de'zehtu] [pe'tekɐ] [me'lekɐ]	[befi'mudɐ] [fe'ridɐ] [se'renu] [de'zehtu] [pe'tekɐ] [me'lekɐ]	sem/amostra [se'renɔ] sem/amostra	[se'renɔ]
/O/ pretônico	[o]	[ɔ]	[prosi'sãw] [so'xizu] [or'vaɫu] [mo'rɛnu] [fɔ'rɔ] [fɔ'rɔ] [pɔ'xɔnkɐ]	[prɔsi'sãw] [so'xizu] [ɔɣ'vaɫu] [mo'rɛnu] [fɔ'xɔ] [pɔ'xɔnkɐ]	[prosi'sãw] [or'vaɫɔ] [mo'renɔ] sem/amostra sem/amostra	[prosi'sãw] [or'vaɫɔ] [mo'renɔ]

/R/ Intervoc.	[r]	[x]	[a'xoz] [bu'xa]ɸ [so'xizu] [mo'xeu] [kaxu di 'mãw] [karu di 'mãw] [ka'riɸu de 'mãw] [zo'ãw dʒi baxu] [si'garu di 'paɸe] [fo'rɔ] [fo'rɔ] [pɔ'xɔnkɸ]	[a'xojz] [bu'xa]ɸ [so'xizu] [mo'xeu] [kaxu dʒi 'mãw] [ka'xiɸu di 'mãw] [zo'ãw dʒi baxu] [si'gaxu di 'paɸe] [fo'xo] [pɔ'xɔnkɸ]	[karɔ de 'mãw] [ka'ro dʒi 'mãw] [zo'ãw de 'barɔ] sem/amostra sem/amostra	[karɔ de 'mãw] [zo'ãw di 'barɔ] [si'garɔ di 'paɸe]
/R/ coda	[r, ɾ]	[h, Ø]	['arvɔres] ['taɾde] ['kɔɾde] [fe'r'vẽndɔ] [ber'mudɸ] [kɔ'ɸer] [mu'ɸer] [agɾiku'ɸtor]	[kɔ'ɸe:] [mu'ɸeh] [agɾiku'woh]	['arvɔri] [kɔɾde] [fe'r'vẽndɔ] sem/amostra	
/R/ inicial	[r]	[x, h]	[re'vɔwvi] [raɸu] [rapɸ di 'taɸu]	[xe'vɔwvi] [xabu] [xapa du 'taɸu]	[re'vɔlver] [rabɔ] [rabɔ]	[re'vɔlvi] [re'vɔlver] [rabɔ]
/S/ em coda	[st] [sd]	[ʃt] [ʒd]	[no'deʃtʃinu] [no'destʃinu] [ɪstʃi'liɸgi] [ɪʃtʃi'liɸgi]	[noʃideʃtʃinu] [ɪʃtʃi'liɸgi] [feʃtɸ] [a'xaʃtɸ 'pe] [mes'tʃisu] [paʃtɸ]	sem/amostra sem/amostra sem/amostra	
/l/ em coda	[l]	[ʃ]	[agɾiku'ɸtor] [re'vɔwvi]	[agɾiku'woh] [xe'vɔwvi]	[re'vɔlver]	[re'vɔlver]
/b/ /d/ /g/	[b], [d], [g]	[b], [d], [g]	[berɸa'mɔtɸ] [uru'bu] [ˈbajli] [fã'dãɸu] [ka'boɸkɔ] [bɔ'degɸ] [bɔ'degɸ] [bɔ'dɔki] [ˈbala'derɸ] [ˈbala'derɸ] [fũdɸ] [bo'litɸ]	[uru'bu] [bɔ'degɸ] [ˈbala'derɸ]	[berɸa'mɔtɸ] [ˈbajli] [fã'dãɸu] [bu'degɸ] [bo'degɸ] [bo'dɔki] sem/amostra sem/amostra [fũndɸ] [bo'litɸ]	[berɸa'mɔtɸ] [uru'bu] [bo'degɸ] [bo'dɔki] [fũnda] [bo'litɸ]
/i/ e /j/**	[i] e [j]	[u] e [w]	[piku'mã] [ˈlojɾo] [ˈlojɾu]	[puku'mã] [ˈloɾo] [ˈlo'ɾo]	[pikɔ'mã] [ˈlojɾɔ]	[piku'mã] [ˈlojɾɔ]

* O ALERS não registrou a transcrição de consoantes dessonorizadas do português de contato.

** A variável vogal alta foi apenas acrescentada como complemento nas análises lexicais.

Fonte: Elaboração própria.

Vale acrescentar que a atribuição das marcas regionais às variantes opositivas de cada variável não é categórica, e sim serve para fins exclusivamente analíticos. Ela se baseia em estudos prévios (especialmente do ALERS, 1990 [2011]) e em observações feitas na localidade, tanto como pesquisadora, quanto como *insider* que viveu boa parte da sua vida no *locus* da pesquisa. As sete variáveis da tabela acima foram escolhidas,

porque mostraram grande produtividade e saliência linguística, para serem percebidas como marcas regionais pelos falantes. Apesar de parecer uma amostra bastante reduzida, ela é suficiente como “meio” de visualização de comportamentos linguísticos opostos. Ou seja, para os fins deste estudo, importa a sua realização como “sinal de algo”, ou melhor, como sinalização de uma tendência no comportamento linguístico dos falantes em contato.

Por outro lado, o léxico aciona o critério da intercompreensão no contato intervareietal. Vale frisar que essa variação não ocorre apenas entre vocábulos, mas no uso específico que se faz dos mesmos vocábulos de uma língua, ou seja, na relação com determinados referentes regionalmente diferentes. A tabela seguinte apresenta as ocorrências (respostas) ao questionário semântico-lexical (QSL) em contraste com as ocorrências coletadas pelo ALERS na matriz de origem dos migrantes (região noroeste do RS), enfatizando a variante mais frequente no Rio Grande do Sul, nesse atlas.

Tabela 2 – Ocorrências coletadas por meio do questionário semântico-lexical (QSL)

Quest.	Carta/ Quest.	Variável/ lexema	Ocorrências [sulistas]	Ocorrências [nortistas]	Ocorrências ALERS Matriz de origem (Noroeste do RS)	Variante + frequente ALERS (RS)
QSL-01	032	Orvalho	[se'renɔ] [oɣ'vaɫɔ]	[oɣ'vaɫɔ] [se'renɔ]	[se'renɔ] [or'vaɫɔ]	[se'renɔ] [or'vaɫɔ]
QSL-02	62	Tangerina	[tãʒe'rinɐ] [bɛrgã'mɔtɐ]	[tãʒe'rinɐ] [mixi'rikɐ]	[bergã'mɔtɐ] [vergã'mɔtɐ]	[vergã'mɔtɐ] [bergã'mɔtɐ]
QSL-03	ALiB	Mandioca	[maka'ʃerɐ] [mã ⁿ dʒ'ɔkɐ] [ar'pi ⁿ]	[maka'ʃerɐ] [mã ⁿ dʒ'ɔkɐ]	-	-
QSL-04	131	Carrinho de mão	['kaxɔ dɪ 'mã ^w] ['karɔ dɪ 'mã ^w] [ka'rijɔ de 'mã ^w]	['kaxɔ dʒɪ 'mã ^w] [ka'xiɲɔ dʒɪ 'mã ^w]	[ka'rijɔ de 'mã ^w] ['karɔ de 'mã ^w] [ka'ɾɔ dʒɪ 'mã ^w] [ka'ɾɔlɐ]	['karɔ de 'mã ^w] [ka'rijɔ de 'mã ^w]
QSL-05	109	Arar	[la'vɾar] [a'rar]	[a'rar] [gra'deah]	['lavɾɐ] [la'vɾa]	[la'vɾa]
QSL-06	107	Capinar	[kapi'nar] [x.h,ɔ]	[kapi'nar] [x.h,ɔ] [lim'pa:]	[kar'pi] [kapi'na] [kar'pir]	[kapi'na] [kar'pi]
QSL-07	Figueiredo (2014)	Cavalo velho	[ma'tũ ⁿ gɔ] [ka'valɔ 'vej ^o]	[ka'valɔ 'veɫɔ]	-	-
QSL-08	67	Urubu	['kɔrvɔ] [uru'bu] [uru'bu]	[uru'bu]	['kɔrvɔ]	['kɔrvɔ] [uru'bu]
QSL-09	71	João-de- barro	[ʒo'ã ^w dʒɪ baxɔ] [ʒo'ã ^w de 'barɔ]	[ʒo'ã ^w dʒɪ baxɔ] [ma'ria-pɔbɾɪ]	[ʒo'ã ^w de 'barɔ] [ʒo'ã ^w dʒɪ 'barɔ]	[ʒo'ã ^w dɪ 'barɔ]

QSL-10	79	Chifre	[ˈʃifɾi] [ˈaspɐ] [ˈgwɑ̃mpɐ]	[ˈʃifɾi]	[ˈʃifɾi] [ˈaspɐ] [ˈgwɑ̃mpɐ]	[ˈaspɐ] [ˈgwɑ̃mpɐ]
QSL-11	78	Cauda	[ˈkɔlə][ˈrabu] [ˈkawdɐ]	[ˈxabu] [h] [seˈdɛ̃n] [ˈkawdɐ]	[ˈkɔla] [ˈrabu] [ˈrabu]	[ˈkɔlə] [ˈrabu]
QSL-12	204	Secreção nasal	[taˈtu] [mɛˈlekɐ]	[kataˈrɔ] [xu] [mɛˈlekɐ]	[taˈtu] [tatuˈzjɔ] [kataˈrɔ] [ˈkaskɐ]	[taˈtu]
QSL - 13	215	Axila	[akˈsilɐ] [suˈvaku]	[akɾˈsilɐs] [suˈvaku]	[soˈvaku]	[soˈvaku] [suˈvaku]
QSL-14	216	Odor nas axilas	[ˈazɐ] [ˈferu di suˈvaku] [ˈazɐ veia] [seˈse] [gaˈˈerɔ]	[gaˈˈerɔ] [suvaˈkerɐ] [fedoˈrɛ̃tu] [seˈse] [iˈnakɐ]	[ˈazɐ] [ˈferu di ˈazɐ] [soˈvaku] [kaˈtʃiˈgɐ]	[ˈazɐ]
QSL-15	183	Calcanhar	[kalkaˈnar] [t, ɫ] [toˈnoˈzɛlu]	[kawkɐˈna] [toˈnoˈzɛlu]	[gaˈrɔw̃] [kalkaˈnar]	[gaˈrɔw̃]
QSL-16	Figueiredo (2014)	Fandango	[ˈbajɾi] [fãˈdãgu] [vaneˈrɔw̃] [foˈrɔ] [foˈrɔ]	[ˈfeʃtɐ] [foˈxɔ] [aˈxaʃtɐ ˈpe] [ˈxiskɐ ˈfakɐ]	-	-
QSL-17	Figueiredo (2014)	Colono	[koˈlonu] [sextɔˈnezu] [agrikuˈtor] [maˈtutu] [fazɛˈderu]	[sextɔˈnezu] [maˈtutu] [agrikuˈtoh] [kaʃˈpire]	-	-
QSL-18	Figueiredo (2014)	Gaúcho	[ˈrio grãˈdɛsɪ] [miˈgrãtis] [forasˈteʃɾos]	[gaˈuʃu] [ˈtʃeː]	-	-
QSL-19	Figueiredo (2014)	Tipos de imigrantes	vários	varios	-	-
QSL-20	Figueiredo (2014)	Italiano (nomes)	gringo	s/aplic.	-	-
QSL-21	Figueiredo (2014)	Alemão (nomes)	polaco alemão gringo	s/aplic.	-	-
QSL-22	Figueiredo (2014)	Polonês (nomes)	polonês polaco	s/aplic.	-	-
QSL-23	Figueiredo (2014)	Nortista	[noˈdeʃˈtʃinu] [noˈdestʃinu]	[noʃideʃˈtʃinu]	-	-
QSL 24	238	Negro	-	-	-	-
QSL-25	239	Mulato	[kaˈbɔklɔ] [muˈlatu] [mɔˈrɛnu]	[mɔˈrɛnu] [muˈlatu] [mestʃisu] [mɛˈlado]	[moˈrenu] [muˈlatu] [ˈkor ˈkujɐ]	[moˈrenu] [moˈreno] [muˈlatu]
QSL-26	240	Índio	[ˈĩndʒju] [kaˈbɔklɔ] [ˈbugɾi]	[ˈĩndʒju]	[iˈndʒju] [inˈdʒu] [ˈbugɾi]	-
QSL-27	193	Loiro	[ˈlojɾo] [ˈlojɾu] [kasˈtɔnu]	[ˈloro] [ˈloˈro] [ˈfoguʃu]	[ˈlojɾu] [ˈloru]	[ˈlojɾu]

				['xuɣvu] [ka'besə 'brãnkə]		
QSL-28	270, 271	Menino	[pi'a] [gu'ri] [mɾ'ninɔ] [e]	[mɔ'leki] [o] [pi'xalɔ] [mɾ'ninɔ] [e]	[gu'ri] [pja] [me'ninɔ] [mi'ninɔ] [ga'rotɔ]	[gu'ri] [mi'ninɔ] [pi'a]
QSL-29	296	Saci- pererê	-	-	-	-
QSL-30	292	Xará	[ʃa'ra] [to'kaɣo]	[ʃa'ra]	[to'kaɣɔ] [to'kaɣo] [ʃa'ra]	[to'kaɣo]
QSL-31	355	Bar	[bɔ'teku] [bɔ'degɐ] [bɔ'degɐ] [vẽndɐ] ['baɫ] [butʃɾkiʔ]	[bɔ'teku] ['bah] [kitãdɐ] [butʃɾkiʔ] [bɔ'degɐ]	[bo'degɐ] [bu'degɐ] [bɔ'liʃɔ] ['bar]	[bo'degɐ] ['bar] [bu'tekɔ]
QSL-32	350	Bêbado	[kaʃa'seɻu] [pɾin'guso] [aʷkɔlatɾɐ]	['bebadu] [pɛ ɪn'fadu] [pɾin'guso] [aʷkɔlatɾɐ]	[bebe'rãw] [bo'raʃɔ]	['bebadɔ] [bebe'xãw] [bebe'rãw]
QSL-33	352	Cigarro de palha	[pa'leru] [pa'jeru] [si'garu dɪ 'paɫɐ] [kri'olu] [pɔ'xɔnkɐ] [ʃa'ruto]	[pɔ'xɔnkɐ] [si'gaxu dɪ 'paɫɐ] [ʃa'ruto]	[pa'jerɔ] [pa'lerɔ] [paɣɾɔ]	[pa'lerɔ] [kri'olu]
QSL-34	303	Estilingue	[bɔ'dɔki] [ɪstʃi'liɳgi] [ɪtʃi'liɳgi] [bala'dere] [bala'dere] [fũdɐ]	[bala'dere] [ɪtʃi'liɳgi]	[bɔ'dɔki] [bu'dɔke] [fũdɐ]	[bɔ'dɔki] [fũndɐ]
QSL-35	302	Bolinha de gude	[bɔ'litɐ] [bɔ'litɐ] [pe'tekɐ] [bɔ'liɳɐ de 'gudʃɪ] [bɔ'liɳɐ dʒɪ 'gudʒɪ]	[pe'tekɐ] [bɔɫɐ dʒɪ 'gudʒɪ] [bɔ'liʃɪ] [bɔ'liɳɐ dʒɪ 'vidɾu]	[bu'litɐ] [bɔ'litɐ] bɔ'liɳɐ dɪ 'gude]	[bu'litɐ] [bɔ'litɐ] [bɔ'liɳɐ dɪ 'gude]
QSL-36	306	Cabra- cega	[gatɐ 'segɐ] [gatu 'segu]	['kɔbra 'segɐ]	[gatɐ 'segɐ]	[gatɐ 'segɐ] [gatu 'segɔ]
QSL-37	311	Amarelinha	[amare'liɳɐ] [bɔ'nekɐ] [sa'patɐ]	[bɔ'nekɐ] [pu'la: bɔ'nekɐ] [amare'liɳɐ] [bɔ'nekɐ dɪ 'xisku]	[sa'patɐ] [pu'la sa'patɐ]	[sa'patɐ] [pule sa'pato]
QSL-38	323	Jogo do osso	[da 'telijɐ]	-	[ʒogɔ dɔ 'osɔ]	-
QSL-39	337	Fuligem	[fu'lizɛjn] [piku'mã]	[fu'masɐ] [sɪnza]	[piku'mã] [piku'mã]	[piku'mã] [kar'vãw]

			[ˈsɪnza] [kaˈvov]	[pukuˈmã]	[kaˈvõw̃] [kaˈluʒẽj]	
QSL-40	Figueiredo (2014)	Wandscho- -ner	[ˈvãɖʒo:nɐ] [ˈvãɖʒo:nɐ]	-	-	-
QSL-41	Figueiredo (2014)	Cuca	[ˈku:kɐ]	[ˈpõw di ˈdosɪ] [ˈpõw xeʃradu] [paneˈtõni]	[ˈku:kɐ] kuchen	-
QSL-42	357	Geleia	[ˈjimiɐ] [ʒeˈleja]	[ˈdosɪ] [ˈpa[tɐ]	[ˈjimiɐ] [ˈjimiɐ] [ʒeˈlejɐ]	[ˈjimiɐ] [ˈjimier]
QSL-43	Figueiredo (2014)	Chimarrão	[ˈjimaˈrõw] [ˈmate] [tereˈre:]	[tereˈre:]	-	-
QSL-44	267	Caçula	[kaˈsulɐ] [ˈrapɐ di ˈtaʃu]	[kaˈsulɐ] [ˈxapa du ˈtaʃu] [ˈmajz ˈnovu] [neˈne] [ˈpõtɐ da ˈxama]	[kaˈsulɐ] [neˈne] [ˈmajz ˈnovu]	[kaˈsulɐ] [neˈne]
QSL-45	Figueiredo (2014)	Lugar distante	[lõˈʒiˈkˈwõ] [afastadu] [dizˈtãtɪ] [peˈdew as ˈbotɐ] [deˈzehtu] [kaʃɐ ˈpregu] [ˈfɪˈn du ˈmuõdu]	[ˈfɪˈn du ˈmuõdu] [nas ˈbreɲɐ] [ˈoku du ˈmatu] [deˈzehtu]	-	-
QSL-46	ALiB	Semáforo	[seˈmaforu] [seˈmafΛru] [sinaˈle:rɐ] [sɪˈnaw]	[seˈmafΛru] [sɪˈnaw] [sinaˈle:rɐ]	-	-
QSL-47	Figueiredo (2014)	Carona	[kaˈronɐ]	[kaˈronɐ]	-	-

* As perguntas da tabela acima que mostram serem oriundas do ALiB ou elaboradas por Figueiredo (2014) não são comparáveis com os dados da matriz de origem dos migrantes.

Fonte: Elaboração própria.

As ocorrências registradas por meio do questionário semântico-lexical (QSL) forneceram uma ideia de como as produções linguísticas das variedades regionais do português brasileiro meridional e setentrional se comportam em seus grupos de fala. Na seleção lexical apresentada no quadro acima, contrapõem-se variantes claramente identificadas como [+sulistas] ou [+nortistas], como, por exemplo, os pares opostos, *cola/sedém*, *bodoque/baladeira*, *asa/galheiro*, *palheiro/porronca*, *chimia/pasta*, *gato-cego/cobra-cega*, entre outros. Algumas dessas formas podem ser totalmente desconhecidas entre as variedades regionais, como no caso de *sedém*, *aspa*, *setra*, *guampa*, *borracho*, *galheiro*, *tocaio*, etc. Há, contudo, também formas coocorrentes

usadas tanto na variedade sulista quanto na nortista, alternadamente. Ou ainda, formas de uso mais generalizado, poderíamos dizer suprarregional, como *menino*, *semáforo*, *tangerina*, *chifre*, *caçula*, *xará*, *bêbado*, etc. Por fim, é preciso ainda considerar formas aparentemente comuns, porém com variação semântica para designar outro referente, como no caso de exemplos como *pasta*, *funda*, *cola*, *peteca*, *mandioca*, *asa*, *tatu*, *melado*, *quitanda*, *deserto*, *boliche*, etc. Não se trata, enfim, de levar a cabo, aqui, um levantamento exaustivo do léxico que distingue as duas variedades em contato. O que importa enfatizar é que determinadas variantes lexicais são socialmente associadas a determinado grupo de fala e, por isso, se prestam igualmente ao propósito desta tese de servir de meio de sinalização de tendências na manutenção e mudança da variedade dos migrantes sulistas e dos falantes nortistas.

Para compreender melhor como essas produções linguísticas se apresentam no contato intervareital, iniciemos a análise da variação linguística na dimensão diatópico-cinética, correlacionando a variedade regional do português na matriz de origem e no ponto de chegada.

4.2 Dimensão diatópico-cinética: > 30 anos após as primeiras migrações

Verificar a produção linguística dos migrantes sulistas mais de 30 anos¹⁸⁷ depois de terem deixado a região Sul do país e estarem inseridos no novo meio de domínio das variedades do Norte, em especial, a variedade nordestina, é algo instigante e que suscita uma série de hipóteses. Como o foco da tese recai na variedade regional dos migrantes, nos referimos ao português regional do Norte simplesmente como “nortista”, adotando a perspectiva do migrante, portanto sem uma distinção regional minuciosa, e sim apenas como o português em contato da população não sulista.

¹⁸⁷ Destaco aqui a opção por “mais de 30 anos”, justamente para aproximar o tempo de coleta do ALERS com o tempo de saída desses migrantes do RS. Eles migraram entre 1976 e 1986 (quase 40 anos) e o ALERS coletou os dados no fim dessa década, por volta de 1989 a 1993. Daí há esse curto período compreendido entre o tempo da migração e o tempo da coleta do atlas. Obviamente que o ideal era selecionar entrevistados do mesmo período da coleta e que tivessem a mesma faixa etária dos falantes do ALERS, para uma análise de tendência em tempo real (o que não condiz com a exequibilidade desta pesquisa, devido à avançada idade dos falantes do ALERS e o tempo decorrido da migração).

Não temos gravações da fala desses migrantes, no momento da saída da matriz de origem no Sul. Ou seja, não dispomos de dados que permitam um estudo em painel da fala desses migrantes, no momento da saída do Rio Grande do Sul e a chegada no novo meio, no sul do Maranhão. Mas podemos contar com registros de fala do português rural nessa mesma área, realizados no mesmo período em que iniciaram as migrações sulistas pioneiras para diferentes regiões do país. O ALERS (2002; 2011a; 2011b [1990]) registrou, em levantamentos que podemos caracterizar como bidimensionais,¹⁸⁸ a fala de populações rurais dos três estados sulinos, entre os anos de 1989 e 1993. Por essa razão, é viável conceber, mesmo de forma hipotética, a descrição do ALERS como o registro mais próximo do que pode ter sido o “modo de falar português” dos migrantes saídos nesse período para o sul do Maranhão. Isso possibilita correlacionar com uma base de comparação objetiva as falas dos migrantes sulistas moradores de outras regiões do país com a matriz de origem desses migrantes na região Sul, pois o perfil predominante dos pioneiros é o de falantes de origem rural, com pouca escolaridade, que se dedicam, portanto, à atividade agrícola, considerando a motivação primordial da migração: o acesso à terra (v. cap. 1).

Como critérios de análise nessa correlação entre a variedade falada no espaço e tempo do início da migração (dados do ALERS) e a variedade atual falada pelos migrantes no destino da mobilidade, a dimensão diatópico-cinética cumpre esse papel de acompanhar a mudança linguística de falantes topodinâmicos sob influência do novo meio de domínio de falantes topostáticos. Essa dupla perspectiva de análise de dados evita equívocos ao se delinear as variantes representativas da variedade sulista do início das migrações em comparação com a variedade falada pelos migrantes sulistas 30 anos depois.

Assim sendo, com base em uma análise de tempo real¹⁸⁹, o perfil dos falantes dos pontos da matriz de origem no noroeste do Rio Grande do Sul, nas microrregiões de Carazinho e Não me Toque, coincide com o perfil dos migrantes deste estudo, conforme

¹⁸⁸ Levantando a fala de falantes monolíngues, em área monolíngue e bilingue, e bilíngues em áreas de domínio da respectiva segunda língua. Tem-se, assim, ao lado da dimensão diatópica, a dimensão dialingual, mesmo que atrelada à caracterização de cada ponto ou área de pesquisa.

¹⁸⁹ Neste caso, realizamos uma ‘análise em tempo real’ com o tempo decorrido entre os dados coletados previamente na literatura dialetológica (atlas linguístico) com os dados da atual pesquisa (LABOV, 1994, p. 75-76).

se pode depreender a partir do quadro a seguir, que apresenta o perfil dos falantes entrevistados pelo ALERS:

Quadro 11 – Perfil dos falantes topostáticos entrevistados pelo ALERS entre 1989 e 1993

Pontos matriz de origem (zona rural)			Perfil dos falantes entrevistados pelo ALERS				Ano
<i>Ponto</i>	<i>Localidades</i>	<i>Etnias presentes</i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Línguas que fala</i>	<i>Coleta</i>
644	<i>Palmeira das Missões (1874)</i>	lus./ale./ita.	52 anos	1º. grau inc.	Agricultor	-	1991
645	<i>Sarandi (1939)</i>	bras./ale./ita./pol.	62 anos	3º. ano primário	Agricultor	português e italiano	1992
647	<i>Carazinho (1931)</i>	lus./ita./ale./pol.	56 anos	1º. grau inc.	Agricultor	brasileiro, ale./ita. (pouco)	1993
648	<i>Passo Fundo (1857)</i>	lus./ale./ita.	48 anos	1º. grau inc.	motorista	português	1991
698	<i>Cruz Alta (1833)</i>	lus./ita./ale.	72 anos	1º. grau inc.	Agricultor	brasileiro	1992
701	<i>Tapera (1954)</i>	lus./ale.	63 anos	1º. grau inc.	agricultor	brasileiro	1989

Fonte: Elaboração própria com base no ALERS

Como mostra o quadro, os falantes entrevistados na coleta do atlas têm o perfil semelhante aos migrantes sulistas pioneiros, ou seja, coincidem o perfil étnico-linguístico, a escolaridade e a ocupação, porém a faixa etária se assemelha às idades atuais desses migrantes e não a idade de quando migraram de uma região para a outra. Naquele período da migração, eles eram mais jovens, conforme o quadro 5, da seção 3.4, do capítulo metodológico, e alguns ainda eram adolescentes, filhos dos migrantes.

Nesse caso, o perfil etário impossibilita realizar também uma análise de tendência em tempo real, então optamos por realizar também uma análise diageracional em tempo aparente, dentro do grupo topodinâmico, como veremos adiante. Obviamente que há um tempo decorrido (> 30 anos) e que certamente também já houve mudanças na variedade de matriz de origem dos migrantes, portanto, como dizem Cukor-Avila e Bailey (2013, p. 254), na perspectiva das duas opções de análise em tempo real, seja analisar dados preexistentes com dados atuais, seja reanalisar dados da mesma comunidade (análise de tendência) ou com o mesmo grupo (análise de painel) depois de um tempo decorrido, em *“neither option is without problems, but both can offer*

valuable insight into language change”¹⁹⁰. São sempre tentativas ou aproximações de detectar/constatar variações dentro da perspectiva de mudança linguística na variedade regional materna.

Prosseguindo com a descrição do quadro 11 acima, o ano na coluna à direita indica o período em que a entrevista foi realizada, portanto, em um espaço de tempo próximo à data de migração do grupo de falantes para o Norte, ocorrida entre 1976 e 1986. Já em 1989, o ALERS iniciava a coleta de dados nas localidades rurais, incluindo-se os pontos de origem dos migrantes sulistas do sul do Maranhão.

Dessa forma, para compreender as análises empreendidas entre a variedade linguística da matriz e a variedade linguística dos migrantes que pertenciam ao mesmo grupo de fala sulista, em duas gerações, adultos e adolescentes, destacamos as análises fonético-fonológicas, subsistema linguístico menos sujeito a mudanças do que o morfossintático ou o semântico lexical, embora tenham inter-relações sistêmicas. Nesse aspecto, foram observadas as variáveis que apresentavam maior saliência em detrimento da variedade regional do entorno dos migrantes no Nordeste do Brasil.

A princípio, imaginou-se que, por se tratar, na origem, de um português de contato com línguas de imigração, as principais variações e possíveis mudanças se dariam na perda ou substituição dos traços desse português de contato. Entre as principais características do português de contato com línguas de imigração, principalmente alemão e italiano¹⁹¹, poderíamos citar a dessonorização das oclusivas vozeadas, a estabilidade no uso das vogais médias altas pretônicas e postônicas, a não palatalização das dentais t/d diante de vogal alta, o uso da vibrante múltipla em sílaba inicial, a alternância entre vibrante múltipla e tepe na posição intervocálica, o uso do tepe em coda, a velarização da lateral em coda, até traços mais característicos de adstratos do alemão e do italiano, como a alternância de palatalização da sibilante em coda precedendo a dental /t/, a alternância entre fricativas, etc.

Porém, na diferenciação regional das variedades do português brasileiro, entre as variedades do Sul e do Norte, é preciso levar em consideração os traços que

¹⁹⁰ Tradução minha: “Nenhuma opção é sem problemas, mas ambas podem oferecer *insights* valiosos dentro da mudança linguística”.

¹⁹¹ Ver Variação regional do português sulista, seção 1.3.2, p. 102.

predominam e por isso caracterizam a variedade sulista em relação às demais variedades regionais no país. Nesse caso, entram em cena as variáveis diferenciadoras entre norte e sul postuladas a princípio por Antenor Nascentes (1953), Cardoso (1986), também por Callou e Leite (2002), Noll (2008) e outros, que são as vogais médias pretônicas, o uso do /R/ inicial, intervocálico e em coda, o uso do /S/ em coda interna e da lateral /l/ em coda, assim como a variação lexical.

Inicialmente, cogitou-se em selecionar e apresentar os dados do ALERS, produzidos pelos falantes topostáticos dos pontos da matriz de origem dos migrantes instalados em Balsas, no sul do Maranhão, em forma de nuvem de palavras transcritas foneticamente. Simbolicamente, essa forma representaria o que esses falantes poderiam ter na memória, ao migrar do sul para o norte. A figura a seguir exemplifica uma dessas tentativas:

Figura 36 – Nuvem de variantes da matriz de origem



Fonte: elaboração própria com base em dados do ALERS

A falta de uma orientação geográfica da localização e distribuição das variantes na forma de nuvem e, em contrapartida, a disponibilização de cartas linguísticas do ALERS, nos levou a uma alternativa que combinasse a visualização em forma de nuvens de variantes e o mapa de distribuição e localização das variantes na matriz de origem dos migrantes de Balsas. Assim, inseriram-se as variantes documentadas pelo ALERS na zona rural dos respectivos pontos de origem: 644 – Palmeira das Missões, 645 – Sarandi (*Chapada*), 647 – Carazinho, 648 – Passo Fundo (*Vitor Graeff*), e 701 – Tapera (*Não me Toque*). Cabe frisar, contudo, que esses são apenas pontos de referência para as zonas rurais de origem dos falantes topodinâmicos, representadas aqui por informantes topostáticos entrevistados pelo ALERS. Havíamos inserido, a princípio, também o ponto 698 – Cruz Alta, por se tratar de um centro regional ou colônia velha mais próxima da região em questão. Para maior clareza, entretanto, restringimos a análise aos cinco pontos selecionados, equivalentes à matriz de cada migrante entrevistado para a tese, sem deixar de observar o que se registrou no entorno dessa

arealidade, assim como a frequência da variante predominante no mapa do estado do Rio Grande do Sul, e no mapa inteiro do ALERS (estados de SC e PR).

Para se verificar a realização da variável vogal média pretônica anterior [E] e posterior [O], observamos todas as questões onde havia o ambiente fonético-fonológico favorável ao abaixamento. As questões do ALERS destinadas especificamente para a análise da realização da vogal média pretônica contemplam três perguntas do questionário fonético-fonológico (cartas 07, 11 e 12) e dessas perguntas, uma delas consta no questionário de Figueiredo (2014)¹⁹², utilizado aqui nesta pesquisa, a carta 12, <procissão>, conforme segue:

Quadro 12 – Cartas do ALERS para a realização de /E/ e /O/

b) Realização de /e/ e /o/	
Carta 07 – QFF 07 (AM)E(RICANO)	139
Carta 08 – QMS 6.7.a (SET)E	141
Carta 09 – QFF 02.a (H)O(MEM)	143
Carta 10 – QFF 24.c (SANTO ANT)Ô(NIO)	145
Carta 11 – QFF 19.a (G)O(RDURA)	147
Carta 12 – QFF 25.a (PR)O(CISSÃO)	149

Fonte: Sumário, Cartas Fonéticas – vocalismo (ALERS, 2002, p.9)

Em função disso, para observar o comportamento das vogais médias pretônicas com as perguntas do questionário de Figueiredo (2014), foram consideradas todas as perguntas/respostas que contemplassem o ambiente fonético-fonológico de variação (abaixamento) da vogal média pretônica. São elas:

¹⁹² Lembrando que o questionário da Figueiredo (2014) não tinha por objetivo pesquisar o comportamento das vogais médias pretônicas com os migrantes sulistas no MT. Por isso, ampliamos a observação dessa variável em respostas que contemplassem o ambiente fonético-fonológico nas outras perguntas do questionário, inclusive o semântico-lexical. O mesmo procedimento foi feito com o ALERS. Assim, é possível se verificar essa variável com os mesmos dados.

Quadro 13 – Perguntas selecionadas com a variável vogal média pretônica

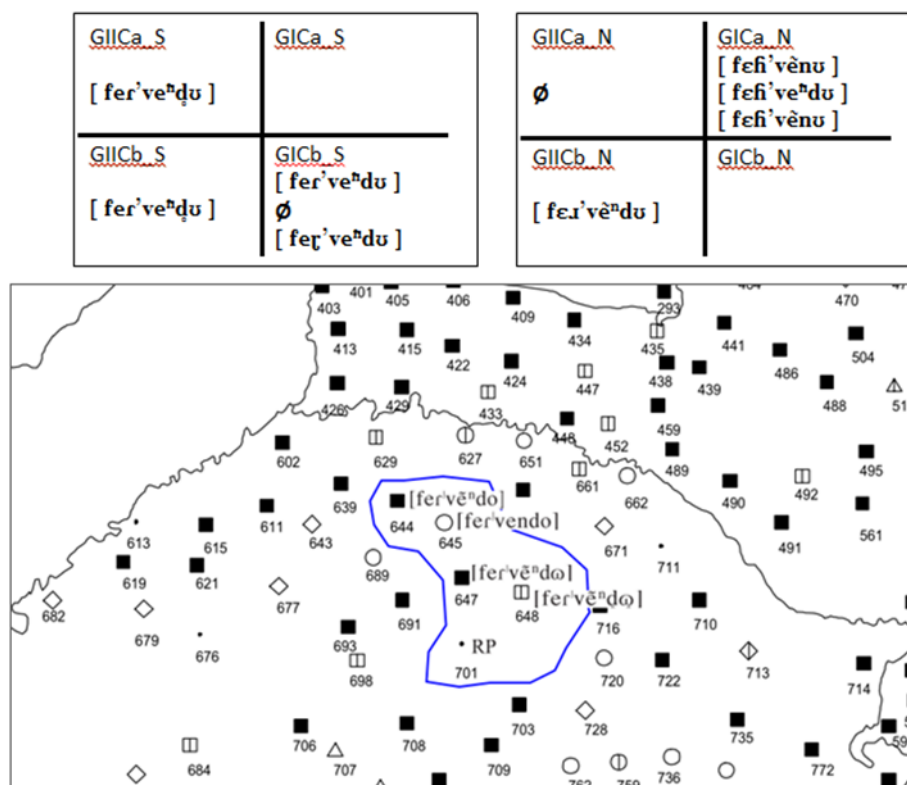
Questionário QFF			Questionário QSL		
Perguntas	Questionário origem	Respostas (lexemas)	Perguntas	Questionário origem	Respostas (lexemas)
Nº 6	ALERS	mentira	Nº 1	ALERS	sereno, orvalho
Nº 14	ALERS	compadre	Nº 2	ALERS	bergamota
Nº 15	ALERS	revólver	Nº 2	ALERS	tangerina
Nº 16	ALERS	procissão	Nº 12	ALERS	meleca
Nº 21	ALERS	fervendo	Nº 16	ALERS	forró
Nº 25	ALiB*	tesoura*	Nº 17	ALERS	colono
Nº 26	ALiB	tomate	Nº 23	ALERS	nortista
Nº 28	ALiB	bonito	Nº 28	ALERS	menino
Nº 32	ALiB	prefeito	Nº 28	ALERS	moleque
Nº 34	ALiB	borracha	Nº 31	ALERS	bodega
Nº 39	ALiB	ferida	Nº 31	ALERS	boteco
Nº 44	ALiB	sorriso	Nº 42	ALERS	geleia
Nº 47	ALiB	morreu	Nº 46	ALERS	semáforo

* Respostas apenas adicionadas quantitativamente, sem comparação com o ALERS.

Fonte: elaboração própria com base no questionário de Figueiredo (2014)

Do quadro acima, no questionário QFF, selecionamos as perguntas/respostas <revólver>, <procissão> e <fervendo>. Porém, também outras perguntas/respostas, registradas ao longo da análise, podem contemplar a realização da vogal média pretônica e mostrar as variantes pesquisadas pelo ALERS (falantes topostáticos) e pelos migrantes sulistas, falantes topodinâmicos do sul do Maranhão. A seguir, apresentamos a variação da vogal média pretônica anterior /E/ no verbete *fervendo* e da vogal média pretônica posterior /O/ na palavra *procissão*. Na mesma sequência, verificou-se a variação do uso do /R/, na palavra *revólver*, que ao mesmo tempo serve para descrever o uso da vogal média pretônica anterior em outra classe de palavra. A análise diatópico-cinética segue, assim, o seguinte esquema de análise que compara 1) as variantes registradas nos pontos de origem (pelo ALERS, v. recorte do mapa) e nas entrevistas da tese (esquemas em cruz na parte superior); 2) as variantes dos migrantes da geração mais velha (GII) e dos jovens (GI), no esquema em cruz à esquerda; e, por fim, 3) as realizações desses falantes topodinâmicos (G_S) (esquema em cruz à esquerda) em relação aos topostáticos nortistas (G_N) (esquema em cruz à direita).

Figura 37 – Variação da vogal média pretônica anterior /E/ nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



Fonte: Recorte adaptado da carta 52 do ALERS – (fe)r(endo) (1990 [2002, 2011a], p. 251)

A correlação diatópico-cinética dos dados do ALERS, na matriz de origem no RS (mapa abaixo), com os dados das entrevistas para a tese, nos grupos topodinâmicos e topostáticos permite comparar as duas situações – de partida, no Sul [1990], e de chegada, no Norte [cerca de 30 anos depois da migração], – e observar a manutenção ou substituição das variantes [+sulistas]. Como é possível observar na produção linguística dos falantes topodinâmicos (G-S) em seus sub-grupos CaGII_S (grupo socioculturalmente alto, mais velho) e CbGII_S (grupo socioculturalmente baixo, mais velho) e seus grupos correspondentes à geração mais jovem (CaGI e CbGI) no quadro à esquerda acima, não temos falantes no grupo CaGI_S (ou, grupo socioculturalmente alto, mais jovem) pelos motivos já arrolados no cap. 3, da metodologia. Embora o único falante CaGII tenha o ensino médio técnico profissionalizante (técnico agrícola) e pudesse ser considerado Cb (classe baixa), levou-se em consideração a ocupação e

atividades diárias no contato com a língua escrita (letramento). Conforme já se aludiu, nenhum dos sulistas topodinâmicos entrevistados possui o ensino superior¹⁹³ e, por isso, podem ser comparados aos sulistas topostáticos do ALERS.

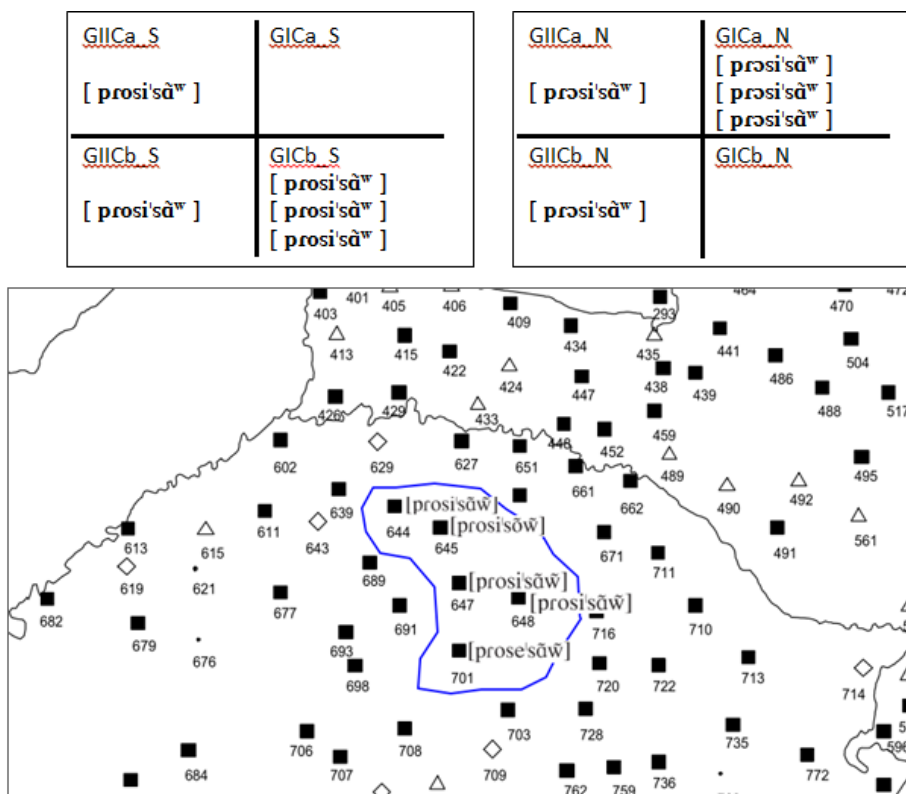
Observamos, então, a carta 52 do ALERS (acima) que cartografa a realização de <r> em <ferendo>. A partir da transcrição completa da palavra, pode-se constatar, contudo, que a vogal média pretônica anterior /E/ apresenta-se em sua variante vogal média alta [e] em todas as realizações dos falantes topostáticos do ALERS. O mesmo ocorre com as realizações dos falantes topodinâmicos no MA (esquema em cruz à esquerda), o que demonstra estar havendo a manutenção da vogal média alta nessa posição na palavra <ferendo>, ainda que estejam em contato intervietal com o grupo de fala da vogal média baixa [ɛ], de uso generalizado pelo grupo nortista (ver resultados obtidos, no esquema em cruz à direita). Tem-se, com isso, um comportamento de resistência à influência da variante regional nortista, possivelmente amparado pela pronúncia da norma standard suprarregional, que prioriza o uso de [e] em posição pretônica.

O mesmo esquema de análise diatópico-cinética dá indícios de mudança linguística, ao menos em tempo aparente, no uso da vibrante em coda silábica. O tepe, de uso generalizado na matriz de origem do RS, começa a ser substituído, mesmo parcialmente, pela vibrante retroflexa na fala dos mais jovens. É curioso notar que, entre os falantes nortistas, a ocorrência da aproximante tepe é registrada na entrevista GIICb_N, pois fazem uso, contrariamente, da fricativa glotal [ɦ] sonora, nesse caso.

O mesmo comportamento linguístico de manutenção da vogal média fechada, em posição pretônica, pode ser observado em relação à vogal média posterior /O/, como mostra o esquema a seguir:

¹⁹³ Quando foram selecionados para a entrevista levou-se em consideração apenas que fossem nascidos no RS e que fossem migrantes dos anos 1970 e 1980, homens e mulheres. A escolaridade, a princípio, não foi observada, e coincidentemente o grupo topodinâmico tem o mesmo perfil dos entrevistados pelo ALERS.

Figura 38 – Variação da vogal média pretônica posterior /O/ nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



Fonte: Recorte adaptado da carta 12 do ALERS – (pr)o(cissão) (1990 [2011a], p. 149)

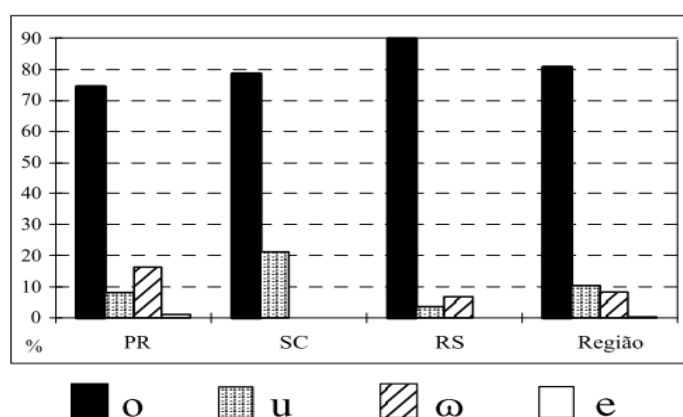
Os dados dos falantes topodinâmicos em comparação com os falantes topostáticos, relativos à vogal média pretônica posterior /O/, tomando por base sua ocorrência na palavra *procissão*, corroboram a mesma tendência observada em relação à vogal média [e], ou seja, a variante [+sulista] mantém-se com grande resistência, no contato intervietal com a variedade [+nortista]. A partir da carta 12 do ALERS, é possível também observar uma ocorrência de realização do ditongo nasal *ão* como [õ̃w], no ponto 645, o que denota a presença de uma língua de imigração, no caso de uma variedade do italiano, como mostra o quadro 11. O mesmo não se pode dizer do abaixamento da vogal alta [i] para [e], no ponto 701, possivelmente influências do italiano *processione* ou *prossession*¹⁹⁴ do Talian (vêneto rio-grandense), ou do espanhol fronteiriço *procesión*, ou ainda um resquício de homonímia do português arcaico

¹⁹⁴ Dicionário Vêneto Sul-riograndense-Português (STAWINSKI, 1987, p. 185).

(*processão*, derivação de processo do latim *processus*, avanço, marcha, progressão)¹⁹⁵.

O gráfico de frequência das 294 realizações da palavra *procissão*, na carta 12 do ALERS, reforça a ampla dominância da variante [o] não apenas na matriz de origem dos migrantes deste estudo, como também no conjunto da área do sul do Brasil. E não só isso, também atesta a ausência geral da sua realização como [ɔ] aberto em posição pretônica, contrastando os resultados obtidos para a fala dos informantes nortistas do sul do Maranhão, onde, ao contrário, predomina em todos os grupos – GII e GI – a vogal média aberta.

Gráfico 5 – Variação da vogal média pretônica /O/ na palavra <procissão>



Fonte: Gráfico de frequência das variantes da carta 12 do ALERS – (pr)o(cissão) (1990 [2011a], p. 149)

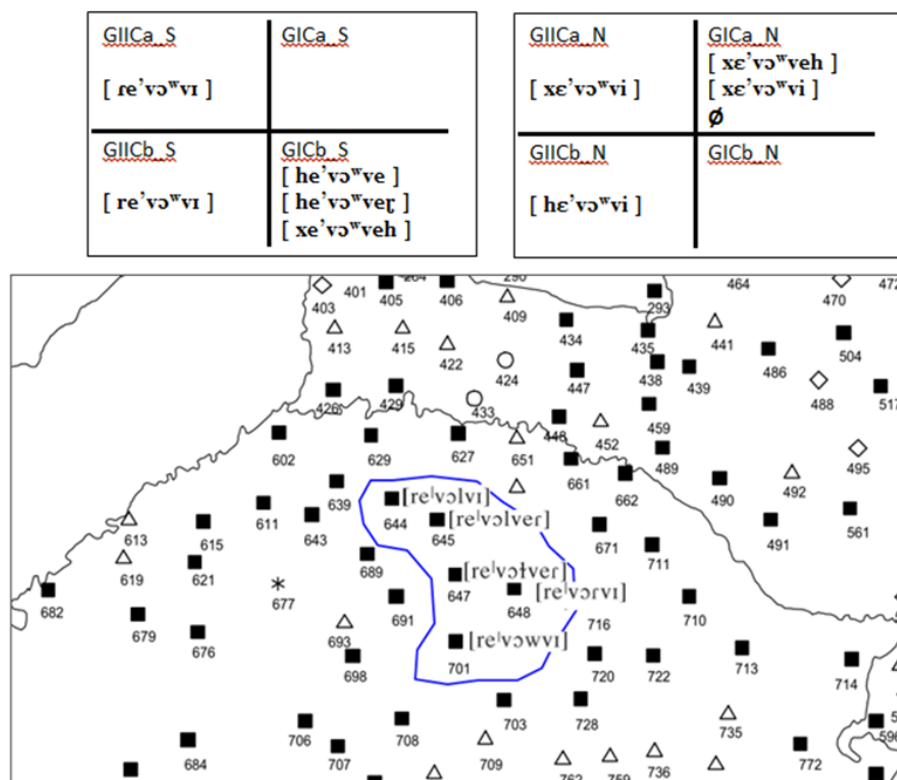
Não se trata, aqui, de entrar em minúcias na análise do acontece na macroárea do ALERS, e sim destacar a predominância de [o] não só no recorte da matriz de origem no RS, como também na maior parte do espaço sulista. O que o espectro de variantes do gráfico mostra é uma tendência contrária no português do Sul não de abaixamento da vogal média para [O] e supostamente também [E], e sim de alçamento da pretônica para [u] ou [ω]¹⁹⁶, o que se diferencia contrastivamente da variedade nortista.

Vejamos o que ocorre com a vogal média pretônica também na realização da palavra <revólver>, em que o ALERS (carta 44 – R[evolver]) mapeia a variação no uso do /R/ em contexto inicial de sílaba.

¹⁹⁵ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online).

¹⁹⁶ Lembrando que o símbolo ômega /ω/ do ALERS refere-se ao [ɔ] vogal alta posterior semiaberta do IPA-Kiel.

Figura 39 – Variação de /R/ em *onset* nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



Fonte: Recorte adaptado do mapa 44 do ALERS (1990 [2011a], p. 235)

O esquema acima, de análise de /E/ pretônico na pronúncia da palavra *revólver* confirma novamente as tendências observadas, de manutenção da marca sulista e, conseqüentemente, de resistência ao abaixamento para [ɛ], dominante na variedade regional em contato, do português dos falantes do Norte (ver dados do esquema superior em cruz à direita).

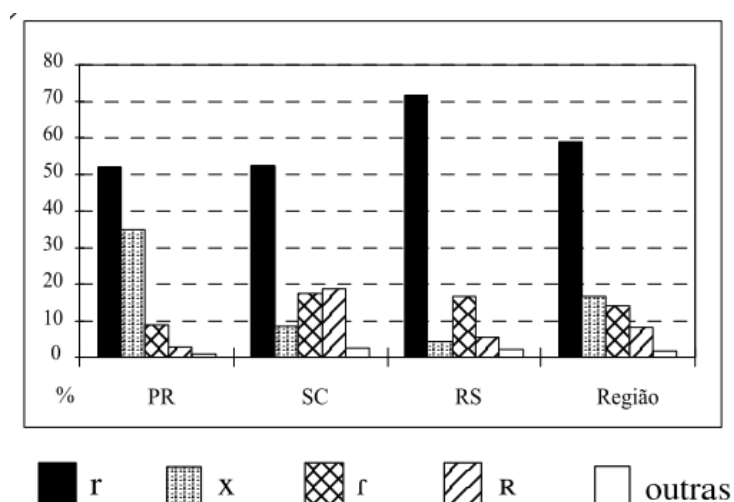
Mais variação diatópico-cinética ocorre em relação à variável /R/ em *onset* ou início de sílaba. Na matriz de origem, no noroeste do RS e em seu entorno, predomina a vibrante múltipla [r] – sinalizada no ALERS com o símbolo ■. No ponto de destino dos migrantes, em Balsas, no sul do Maranhão, está em curso uma mudança em tempo aparente na direção da variante fricativa dominante na variedade do Norte – [x, h], que já é adotada pelos jovens GI descendentes de migrantes sulistas. A GII mostra-se ainda resistente a essa mudança, mantendo a vibrante, seja o [r] múltiplo, seja o tepe que pode estar associado à influência de uma língua de imigração alemã ou italiana. Igualmente variável é a realização da lateral alveolar /l/ ou velarizada em coda silábica, que no Sul, nos dados do ALERS, aparece ainda majoritariamente preservada, com exceção dos

pontos 648 e 701. No contato com a variedade do português regional do Norte, pelo contrário, há uma mudança generalizada, em todos os grupos, para a vocalização.

Como se vê, nas realizações dos falantes topodinâmicos no MA, não há, de modo geral, a mesma homogeneidade relativa observada nos pontos da matriz de origem rio-grandense. O contato intervareietal ainda relativamente recente encontra-se em processo de estabilização, ou seja, o nivelamento em torno de uma variedade mais ou menos estável e comum ainda não está concluído, porque a GII migrante ainda mantém seu padrão de fala da variedade materna, enquanto as GI que entraram em contato mais cedo com outra variedade regional estão definindo seu “modo de falar”, no contato com a população original do Norte. Há, por exemplo, na fala dos sulistas GII, a realização da vibrante múltipla e do tepe ou r-fraco no lugar do r-forte ou em *onset* – que no mapa do ALERS aparece na área limítrofe com o símbolo Δ – e que é substituído pela fricativa, na geração jovem (GI).

O baixo uso da fricativa velar [x] especialmente no português rural de áreas do Rio Grande do Sul, para a variável /R/ em *onset* na palavra *revólver*, é confirmado pelo gráfico de frequência que complementa a carta 44 do ALERS:

Gráfico 6 – Variação de /R/ em *onset* na palavra <revólver>



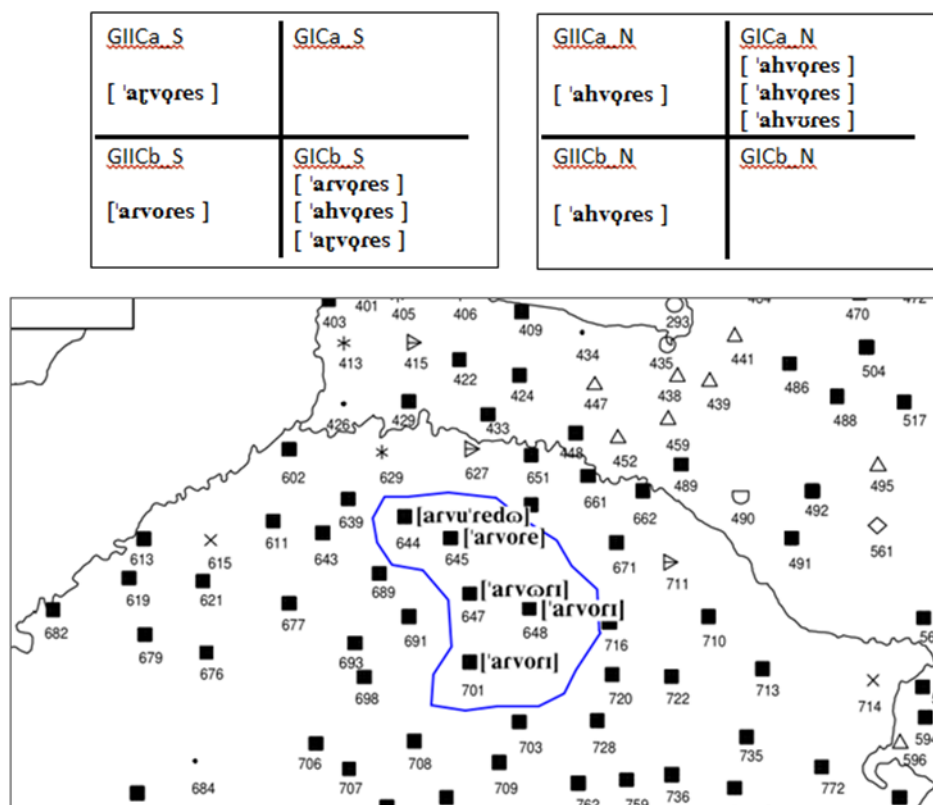
Fonte: Gráfico de frequência das variantes da carta 44 do ALERS – R(evólver) (1990 [2011a], p. 235)

Como se pode observar no gráfico acima, a realização da fricativa [x] teve uma proeminência maior até do que o tepe na região Sul, ao lado da vibrante [r], por causa dos dados quantitativos da variedade paranaense, em sua variedade paulista (*norte paranaense* cf. KOCH, 2000). Em geral, a fricativa como r-forte é a variante prestigiada

dos centros urbanos e de grupos étnicos não descendentes da imigração do século XIX (CURIOLLETTI, 2021). A vibrante múltipla alternada com o tepe é considerada marca dos contatos de línguas de imigração alemã e italiana, principalmente (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011; STEFFEN, 2013), mas não só, parece também ser uma extensão dos contatos linguísticos do passado com as variedades do espanhol até a antiga província de São Paulo (v. cap. 1).

Para as realizações do /R/ em coda interna pelos falantes sulistas topostáticos (ALERS) em comparação com os falantes sulistas topodinâmicos, encontramos a carta 055, referente ao /r/ em coda silábica na palavra *árvore*:

Figura 40 – Variação de /R/ em coda interna nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS¹⁹⁷

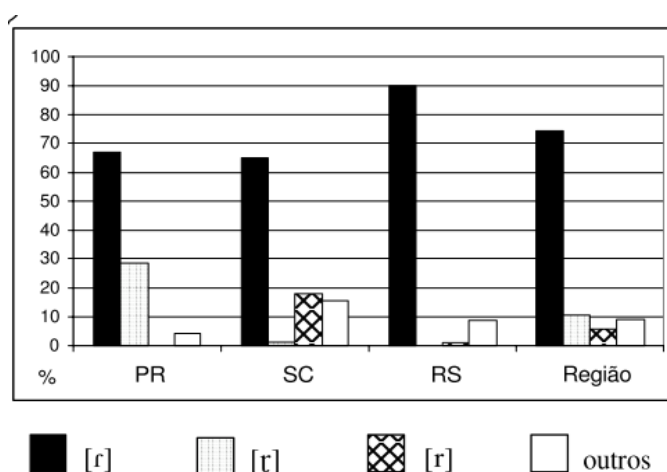


Fonte: Recorte adaptado da carta 055 do ALERS – (Á)r(vore) (1990 [2011a], p. 187)

¹⁹⁷ Utilizamos a transcrição fonética do IPA-Kiel em que o símbolo ômega [ω] é substituído pelo diacrítico [̥] embaixo do fone vocálico como em [o̥] apresentando a elevação parcial da vogal média, como aparece no esquema em cruz da figura 40. Não confundir com o diacrítico de abaixamento do IPA.

Deixando de lado os contextos morfológicos, por exemplo, de uso do plural ou de derivação para a palavra *arvoredo*, o que se tem é que o uso da variante tepe [r] pelos falantes topostáticos do ALERS, na matriz de origem, é generalizado, enquanto entre os falantes topodinâmicos no Maranhão, sobretudo GI, mas não só, o tepe aparece em covariação com a aproximante retroflexa [ɾ] e a fricativa glotal [h]. Esta predomina em 100% das ocorrências registradas para os falantes nortistas, logo é de se supor que também venha daí seu uso pelos falantes GI do grupo migrante sulista. Intrigante é, no entanto, a procedência da vibrante aproximante retroflexa. Sua ocorrência pode ser uma fase intermediária de posteriorização da vibrante simples, portanto, um fator interno de mudança linguística, mas também pode ser resultado de contatos mais recentes com outras variedades regionais, com as quais o grupo entrou em contato em Balsas, como por exemplo, a goiana, a mato-grossense e/ou a paranaense que nos dados do ALERS aponta para um uso relativo dessa variante. É o que mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 7 – Variação de /R/ em coda interna na palavra <árvore>



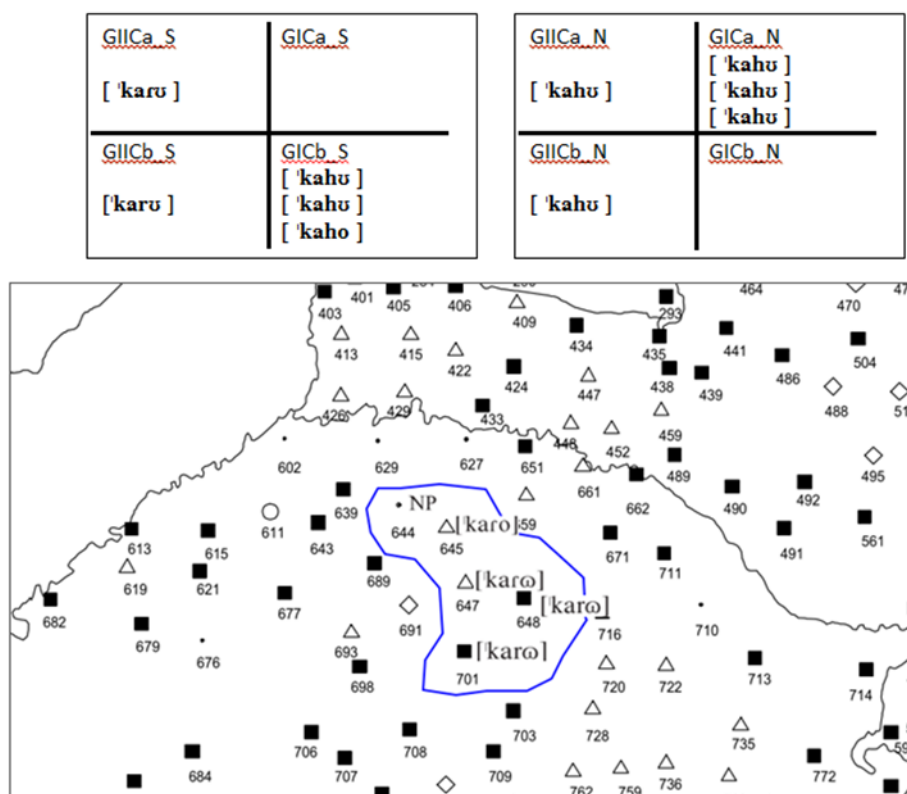
Fonte: Gráfico de frequência das variantes da carta 055 do ALERS – (Á)r(vore) (1990 [2011a], p. 187)

O gráfico acima mostra que o tepe em coda é o padrão da variedade sulista. Apesar de não mostrar uma possível variação com a fricativa, que poderia estar inclusa na variante ‘outros’, assim como também o uso da variante do /R/ uvular, os resultados do ALERS naquele período, anos 1990, apontam a dominância quase generalizada do tepe em coda, especialmente no Rio Grande do Sul. O que parece desviar dessa tendência de modo mais saliente é a ocorrência significativa, nos resultados para o Paraná, justamente da aproximante retroflexa [ɾ], a qual aparece especialmente no norte do Paraná, no chamado “Paraná Moderno”, para onde migrou um contingente considerável

de paulistas e nordestinos. Obviamente que os condicionadores sociais, como a migração urbana, e os processos de difusão de variedades do Norte em direção às variedades do Sul, presentes em cartas do ALERS (*cf. cartas nas análises seguintes*) podem estar contribuindo para a presença também da fricativa em coda, principalmente em sílaba final, que em caso de verbos no infinitivo, costuma sofrer apagamento. Vale lembrar, no entanto, que o ALERS mapeia a fala do português rural, enquanto muitas das migrações do Norte para o Sul se dão, majoritariamente, para contextos urbanos.

As tendências observadas em relação à vibrante em coda interna podem ser corroboradas com a análise do uso do /R/, ou r-forte, intervocálico. Vejamos sua variação na palavra *carro*, com base no seguinte esquema de análise diatópico-cinética baseado na carta 46 do ALERS – (ca)rr(o):

Figura 41 – Variação do uso do /R/ intervocálico nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



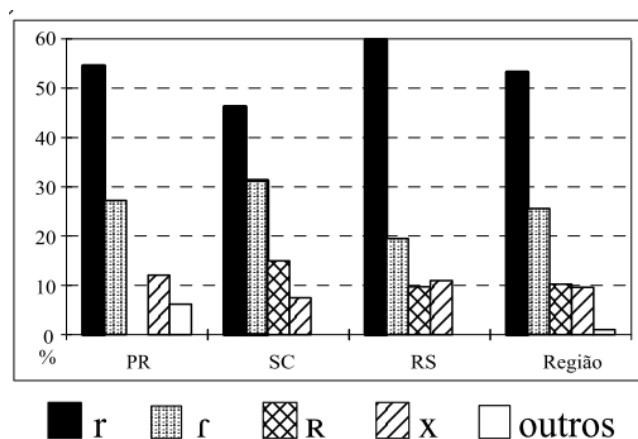
Fonte: Recorte adaptado da carta 46 do ALERS (ca)rr(o) (1990 [2011a], p. 239)

O recorte da carta 46 do ALERS na matriz de origem dos migrantes sulistas mostra a ocorrência do tepe, nos pontos 645 e 647, e de vibrante múltipla, nos pontos 648 e 701. A mesma variação ou alternância entre tepe e vibrante ocorre nas produções

dos falantes topodinâmicos mais velhos (GII_S), o que assinala que foram essas as variantes originais levadas para o Norte. No entanto, as realizações do grupo mais jovem (GI_S) sinalizam uma substituição do tepe e da vibrante múltipla pela fricativa glotal [h] que é a variante regional dominante no Norte, como mostram os resultados das entrevistas com os falantes nortistas (ver o esquema em cruz à direita). Há, como se vê, novamente um indício de mudança em progresso, na fala da geração mais jovem topodinâmica em contato com a variedade regional do português do Norte, no sul do Maranhão, que em posição intervocálica favorece o uso da fricativa [h] em substituição às variantes [r] e [r̥], levadas pelos migrantes do Sul. Fica evidente, assim, que essa substituição é resultante do contato intervarietal com a variedade dos falantes nortistas.

Ao analisar o gráfico de frequência das variantes da carta 46, apresentado a seguir, confirma-se a tendência de domínio da vibrante múltipla, seguida de tepe, no português rural da região. Presume-se que o alto índice de tepe, mesmo em posição intervocálica, se deva à influência das línguas de imigração alemã e italiana, presentes em uma área considerável da região Sul. De uso mais reduzido, aparecem a vibrante uvular (exceto no PR) e a fricativa velar, com uso regional localizado, possivelmente de áreas mais urbanizadas.

Gráfico 8 – Variação de /R/ intervocálico na palavra *carro*



Fonte: Gráfico de frequência das variantes da carta 46 do ALERS – (ca)rr(o) (1990 [2011a], p. 239)

Em suma, pode-se concluir que a realização padrão do /R/ em contexto intervocálico, na região Sul, e principalmente, no Rio Grande do Sul, é a vibrante múltipla seguida do tepe. Isso por si só já explica a diferenciação entre as variedades do Sul e do Norte. Levando em consideração que o perfil dos entrevistados do ALERS coincide com o perfil dos migrantes sulistas no Nordeste, havia, no momento da

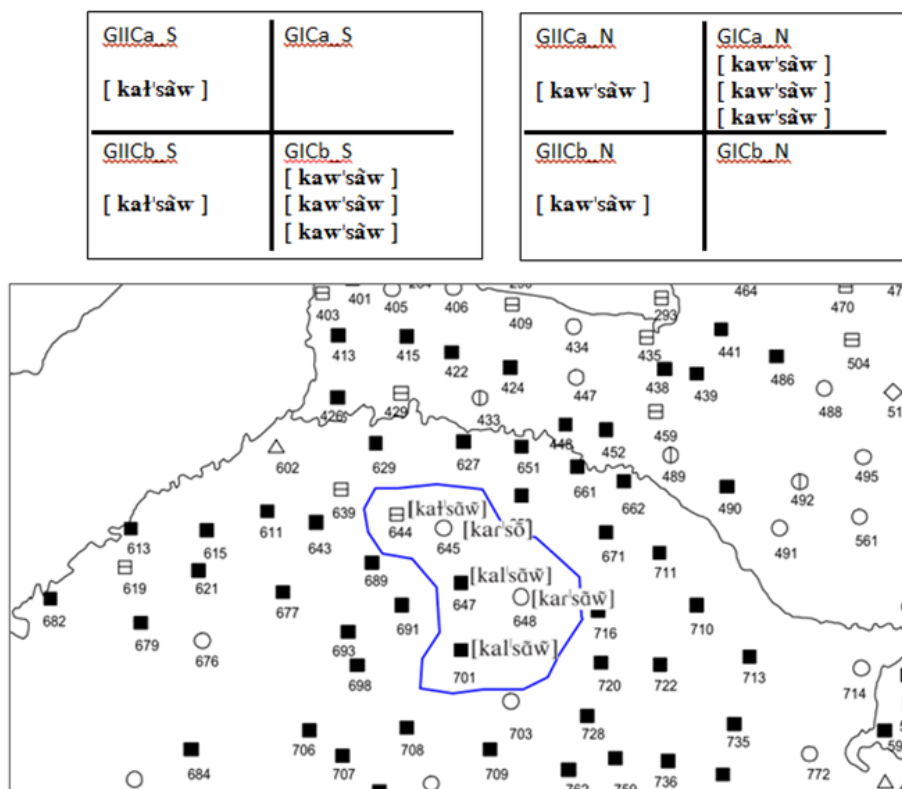
migração, uma menor variação no sul do país com o uso da fricativa, como atestam diferentes estudos (MONARETTO, 1997; MARGOTTI, 2004; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; CURIOLETTI, 2021), sendo ainda restritos aos centros urbanos maiores. Na região do português de contato, o bilinguismo exerce o seu papel de manutenção da vibrante e do tepe, conforme atestam Altenhofen e Margotti (2011). Vale lembrar que, nesta tese, os falantes topodinâmicos mais velhos (GII) são também bilíngues em português e alemão, havendo apenas um jovem (GI) bilíngue em português e alemão, o qual substituiu a vibrante ou tepe intervocálico pela fricativa.

Esse caso de prestígio ou estigmatização da vibrante *versus* fricativa parece demonstrar que o bilinguismo isolado português/alemão não é inibidor/restritivo ao uso da fricativa, como já observado pela presente pesquisadora em falantes do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e em falantes de variedades do alemão que vivem na região Nordeste. Pelo contrário, esse contato bilíngue parece ser favorecedor do uso da fricativa no lugar da vibrante e do tepe, também na fala de imigrantes de línguas neerlandesas que moram no sul do Maranhão. O fator condicionante à manutenção da vibrante e do tepe pode possivelmente estar ligado à presença de um multilinguismo envolvendo mais línguas de imigração românicas em contato com o português. A fricativa, assim, se destacaria como variante mais saliente socialmente e, por essa razão, desviante do padrão geral dos falantes da comunidade, incluindo os próprios bilíngues de fala alemã que perceberiam seus usos como "formas erradas" ou fora do padrão fonético-fonológico de uso da fricativa a que estariam habituados¹⁹⁸. Nesse caso, o uso da fricativa se torna, contrariamente, uma marca estigmatizada ou estereotipada. Eis uma possível interpretação para a dinâmica dos contatos linguísticos na manutenção da vibrante e do tepe em contexto de r-forte, em zonas de *português de contato* com línguas de imigração, no sul do Brasil, mas que ainda requer estudos mais aprofundados. Tem-se, com isso para essa forma um *status* linguístico bem diferente dos usos atuais prestigiados da fricativa como r-forte, considerados mais prestigiados ou urbanizados (*nivelamento*) do português brasileiro, principalmente frente às variedades fluminense e nordestina em oposição à fala paulista, por exemplo.

¹⁹⁸ Basta lembrar do estereótipo da fala de língua alemã dublada em português na cinematografia.

Outra variável que se presta à análise diatópico-cinética da variedade regional do português de migrantes sulistas em contato com o português do Norte, no sul do Maranhão, é o uso da lateral /l/ em coda. Para tanto, a carta 37 do ALERS, referente à variação de /l/ na palavra *calção*, traz resultados bastante sintomáticos. Vejamos:

Figura 42 – Variação do uso da lateral /l/ em coda nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



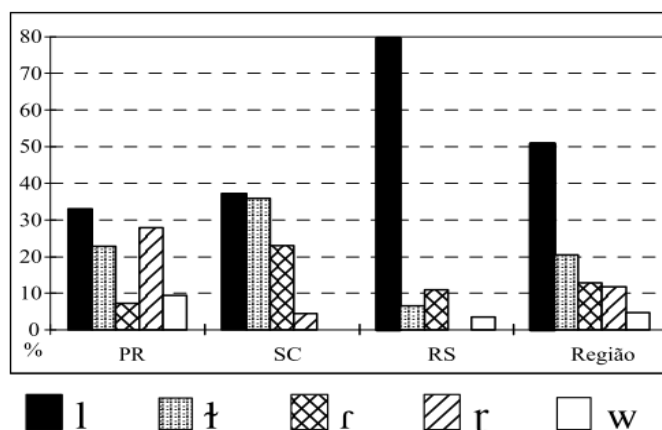
Fonte: Recorte adaptado da carta 37 do ALERS – (ca)l(ção) (1990 [2011a], p. 213)

Conforme o mapa do ALERS, na matriz de origem dos migrantes sulistas no noroeste do Rio Grande do Sul, predomina a manutenção da lateral, seja como lateral alveolar [l] (pontos 647 e 701), seja velarizada para [ʎ] (ponto 644), porém com possibilidade de rotacismo nos pontos 645 e 648. Curiosamente, contudo, não se registra nenhuma ocorrência de vocalização de /l/ nessa área, contrastando com os resultados das entrevistas com os falantes nortistas, no sul do Maranhão, onde a vocalização ocorreu em 100% dos falantes. Ao correlacionar os resultados de GII_S e GI_S, fica evidente novamente uma mudança em progresso na fala dos jovens, que aderem ao uso da variante [+nortista], isto é, com vocalização do /l/.

A variante lateral velarizada [ɫ], em coda, embora localmente estigmatizada, ocorre ainda na fala de migrantes mais velhos vindos da região Sul em idade adulta (acima de 20 anos)¹⁹⁹. Seu uso pode ser resultante da influência do bilinguismo alemão e português ou do português fronteiriço mais antigo, anterior aos contatos linguísticos com línguas de imigração, ou mesmo substrato do espanhol anterior à demarcação de fronteiras, reforçado por adstrato do espanhol e de outras línguas do século XIX.

Tomando por base o gráfico de frequência das variantes de uma carta similar do ALERS, referente à variação da lateral na palavra *calça*, chama a atenção a manutenção de /l/ em mais de 80% dos pontos do Rio Grande do Sul, contrastando com a divergência de formas no Paraná e em Santa Catarina, onde também são mais elevados os índices de rotacismo e vocalização.

Gráfico 9 – Variação da lateral /l/ na palavra *calça*



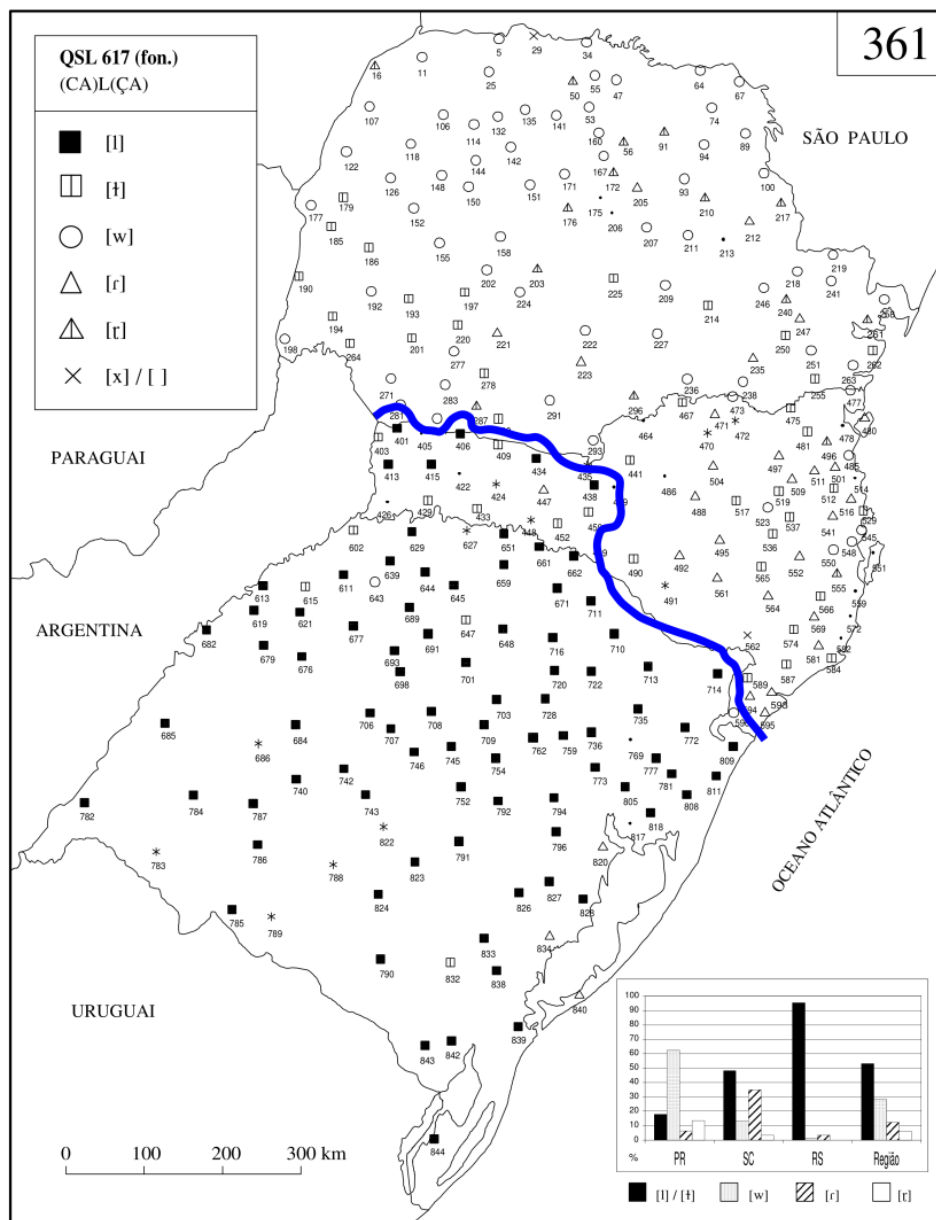
Fonte: Gráfico de frequência das variantes da carta 361 do ALERS – (ca)l(ça) (1990 [2011b], p. 820)

É interessante constatar que as realizações da lateral alveolar predominam no Rio Grande do Sul, enquanto as realizações da lateral velarizada apresentam menor frequência do que se observou no uso do tepe. Como já mostrou o gráfico, a vocalização da lateral (com o maior índice em PR) parece ser uma inovação que se estende do Norte para o Sul, sendo a manutenção da lateral um fenômeno à parte, característico do extremo sul. Tal é corroborado pela mesma carta do ALERS, reproduzida na íntegra na figura a seguir. Mas também os resultados das entrevistas com os falantes nortistas do

¹⁹⁹ No português falado pelos “gaúchos da fronteira”, no Mato Grosso, ou “dos pampas”.

Maranhão sugere que a vocalização de /l/ para [w] se estende para além do Paraná acima.

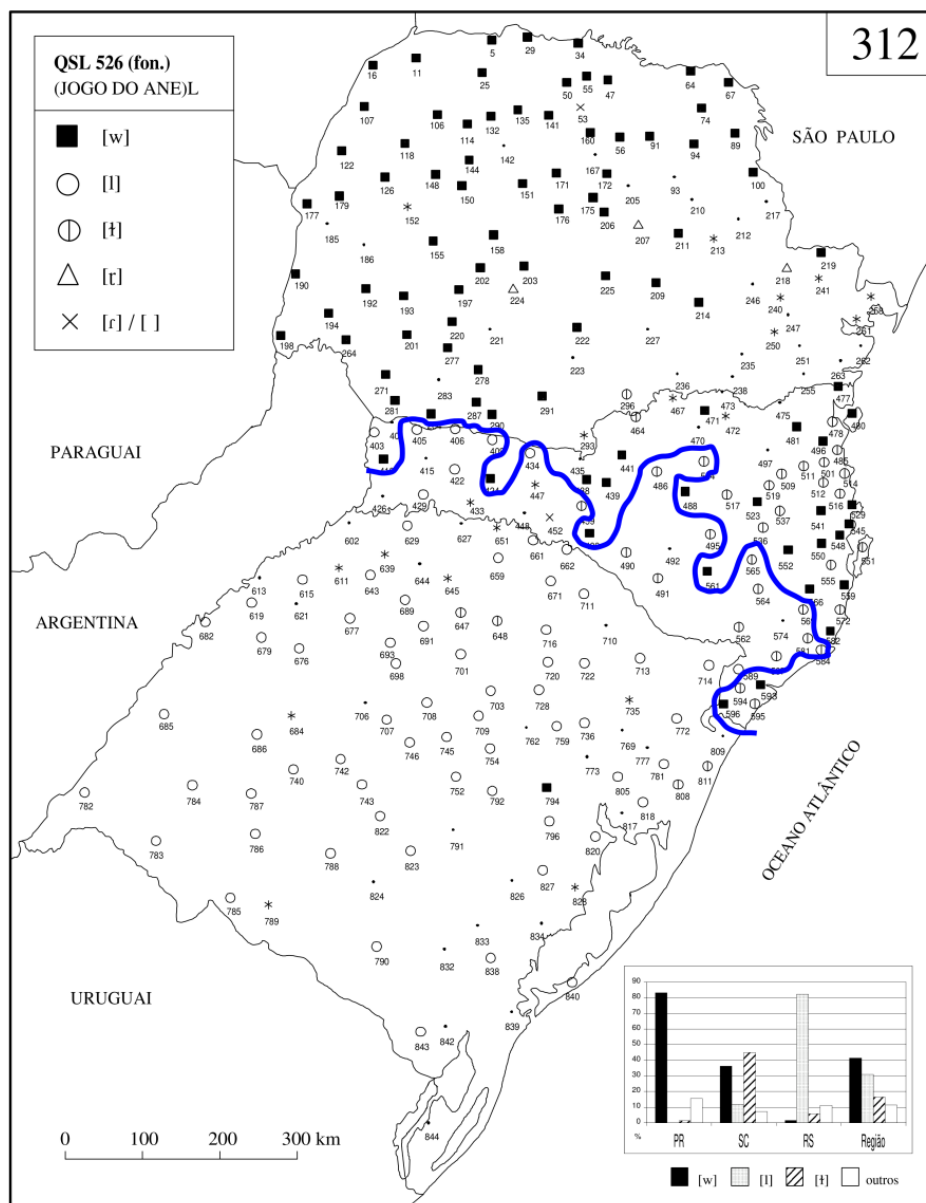
Figura 43 – Variação da lateral /l/ na palavra *calça*



Fonte: Carta 361 – (Ca)l(ça) (ALERS, 1990 [2011b], p. 820)

O mapa acima deixa evidente que a manutenção da lateral /l/ em coda interna é uma marca essencialmente do português rio-grandense que se estende até o oeste de Santa Catarina. Mas já no sudoeste do Paraná perde força. Em contrapartida, a vocalização de /l/ concentra-se basicamente no Paraná e, em parte, no falar açoriano-catarinense do litoral de Santa Catarina. Esse resultado é corroborado pelo mapeamento de outras variáveis do ALERS, como na carta 312 a seguir, na designação para o (*jogo do ane*)l.

Figura 44 – Variação de /l/ final na designação <jogo do anel> na região Sul



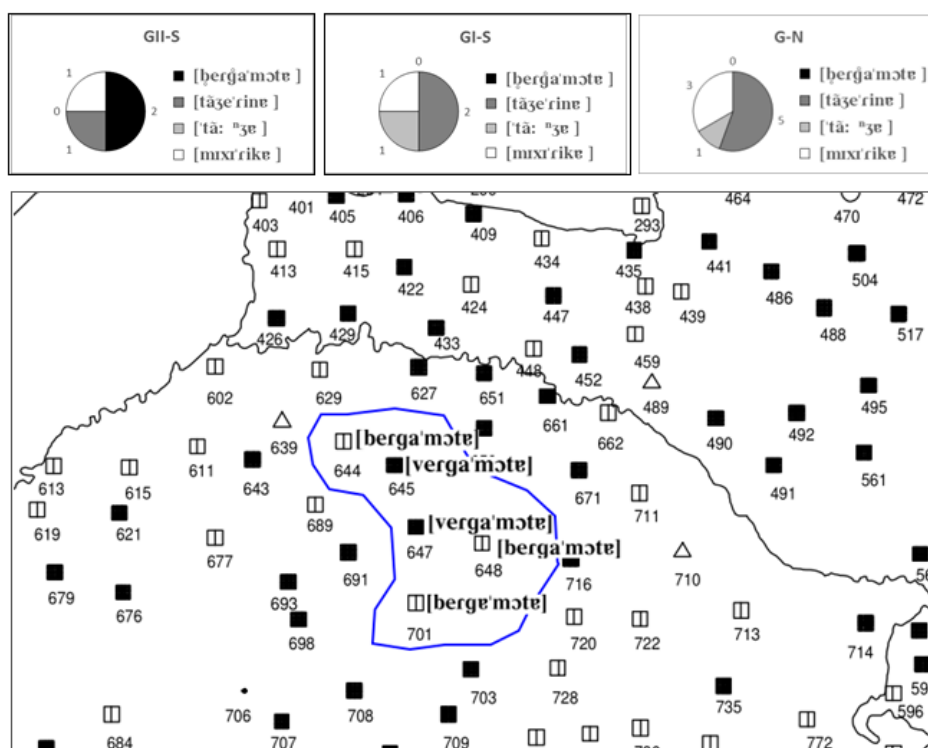
Fonte: Carta 312 – (Jogo do ane)l (ALERS, 1990 [2011b], p. 717)

O que se pode concluir ao observar os gráficos e cartas sobre a variação da lateral, em coda, na região Sul e, principalmente, no Rio Grande do Sul, é que parece haver estágios de arealização das variantes ainda não propagadas há poucas décadas, refletido na oposição entre o português no Paraná (próximo a São Paulo) e no extremo sul. Os vestígios registrados pelo ALERS na evolução do português meridional corroboram fatos históricos de povoamento mais recente (ver cap. 1), por falantes de português e de outras línguas, em relação ao norte do país. Dessa forma, é perfeitamente natural que pessoas mais idosas mantenham a realização da lateral, mesmo que tenham

migrado para outras regiões, onde predominava a vocalização para [w], como no caso dos migrantes sulistas no sul do Maranhão.

A análise de variáveis semântico-lexicais, na correlação entre a variedade migrada, no presente (>30 anos depois), e a variedade da matriz de origem, no momento da migração (saída) da região Sul, resultou, neste estudo, na seleção de cartas que visibilizam a distinção entre o português dos falantes topodinâmicos vindos do Sul e dos falantes topostáticos em contato no Norte. A primeira variável selecionada diz respeito à pergunta 126 do QSL do ALERS, “... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?” As respostas espontâneas²⁰⁰ dos falantes topodinâmicos (G-S) no MA em comparação com os falantes topostáticos da matriz de origem no RS (mapa ALERS), foram as seguintes:

Figura 45 – Variação de <bergamota> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



Fonte: Recorte adaptado da carta 062 do ALERS – designações para bergamota (1990 [2011b], p. 201)

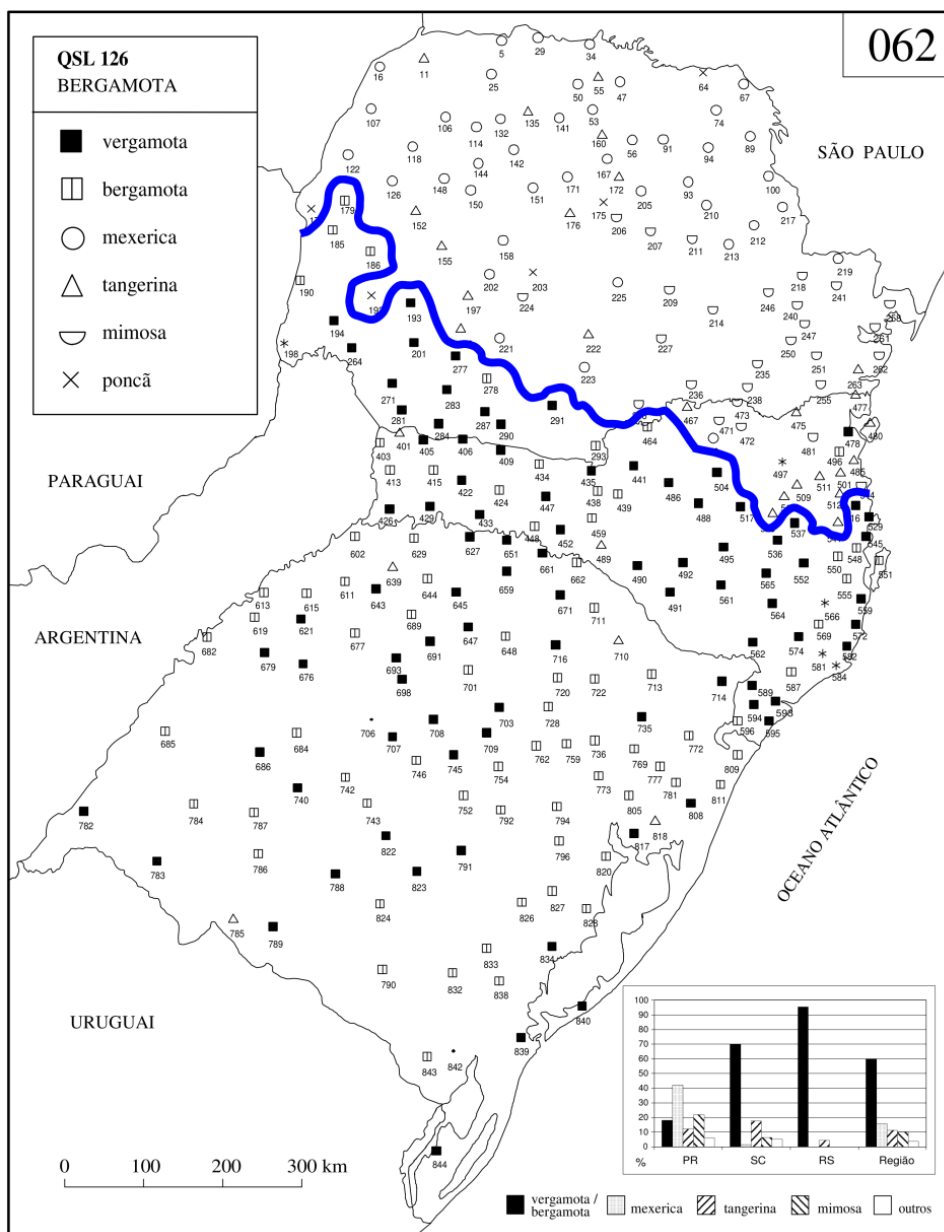
²⁰⁰ Embora se tenha aplicada a técnica em três tempos postuladas pela Dialectologia Pluridimensional, *perguntar* – *insistir* – *sugerir*, foram consideradas apenas as respostas espontâneas e isso inclui mais de um lexema para o mesmo referente, ou referentes semelhantes produzidos pelo mesmo falante. Os dados obtidos na insistência e na sugerência são analisadas na dimensão diarreferencial.

A carta 062 do ALERS mostra o predomínio quase exclusivo da forma *bergamota* e sua variante fonética *vergamota*, na área de partida dos migrantes sulistas para o Norte. O contato com a variedade do português do Norte faz os falantes topodinâmicos, inclusive os mais velhos (da GII-S), emprestarem as variantes [+nortistas] *tangerina*, *tanja* e *mexerica*. A variante *bergamota* mantém-se nesse grupo, porém chega a cair em desuso, na fala dos mais jovens (GI-S). Na correlação dialingual/diacontatual, também chama a atenção que não se registra nenhuma ocorrência da variante sulista *bergamota* nas respostas do grupo nortista. O que isso significa? Ou melhor, o que a ausência de palavras que não pertencem e são mesmo desconhecidas revela de diferente da variação fonética sobre a dinâmica do contato intervareietal e inter-regional desses grupos de fala?

Compreende-se, assim, que o léxico está muito mais intimamente ligado ao novo meio e exige do migrante um esforço de integração maior. Esse esforço aumenta na geração jovem (GI-S) que, como se acentuou, chega a abandonar a variante de origem “dos pais”. Pode ser, além disso, que uma variante do Sul como no caso de *bergamota*, ausente no português do sul do Maranhão, seja tão saliente identitariamente que os falantes optam por evitá-la, para não comprometer a intercompreensão. Se entre os mais velhos ela ainda subsiste ou é conhecida, entre os jovens é abandonada e cai em desuso. Tem-se, dessa forma, um comportamento diferenciado no contato intervareietal, quando o que está em questão é o léxico, uma vez que também contrasta tradições e contextos culturais diferentes.

Diferente é a arealização da variante *bergamota* no trajeto das migrações rio-grandenses para áreas próximas do sul do Brasil. A carta 062, a seguir, do ALERS mostra, nesse sentido, a expansão dos falantes do Sul para o oeste de Santa Catarina (aqui, também centro e sudeste), bem como para o sudoeste do Paraná:

Figura 46 – Variação lexical de <bergamota> na região Sul



Fonte: Carta 062 (ALERS, 1990 [2011], p. 201)

A carta 062 acima mostra uma isoglossa com arealidades bem definidas. Na porção sul, predominam as variantes *vergamota* e *bergamota*, e um ou outro ponto isolado de uso da forma *tangerina*, enquanto, na porção norte, há a ocorrência das variantes *mexerica*, *tangerina* e *mimosa*. Curiosamente, as variantes produzidas espontaneamente pelo grupo de controle, os falantes do português setentrional, são justamente *tangerina* e *mexerica*, que aparecem na fala do Norte, cf. figura 45.

Cabe, de outro lado, uma observação em relação à variação semântica, pois há diferentes lexias para denominar a fruta, com especificidades botânicas de tipos e

tamanhos característicos. Com isso, é comum a tendência de confundir entre os tipos da fruta e as denominações na língua, o que é natural, se pensarmos nas questões de intercompreensão nos contatos e usos linguísticos típicos em cada comunidade de fala. Como se pode observar, as designações mais usuais entre as variedades do português meridional e setentrional são *tangerina* e *mexerica*. As demais variantes – entre as quais *bergamota*, *mimosa* e *poncã* – são designações de alcance diatópico restrito.

Consultando os dicionários (v. Dicionário Priberam – *online*)²⁰¹, tem-se que, etimologicamente, *tangerina* provém de um nome composto “laranja tangerina”, isto é, “laranja de Tânger” (proveniente da cidade de Marrocos). Já a designação *bergamota* é originária do turco *beg armudi* “pera do príncipe”, provavelmente emprestada através do italiano *bergamotta* ou do francês *bergamotte* (ver Dicionário Houaiss, 2009), e essa variante parece ser desconhecida no português setentrional. Como os entrevistados, também a entrevistadora auxiliar não sabia pronunciar a palavra *bergamota*, quando fez a pergunta pela primeira vez, logo no início da pesquisa de campo. Por outro lado, a denominação *mexerica* parece provir do verbo *mexericar*, com origem no verbo *mexer* (Dic. Houaiss, 2009). Por fim, a variante *poncã*, que tem uma variação de uso frequente por apofonia sem a nasalização da vogal média pretônica e, portanto, sem a consoante nasal em coda [po'kã], em um processo fonético-fonológico inverso da apofonia de nasalização que ocorre na palavra *muito*, parece ter origem etimológica no japonês *ponkan* (ver Dic. Caldas Aulete – *online*). Tal se explica possivelmente por um processo de contato linguístico, em que os descendentes bilíngues de língua japonesa e os falantes monolíngues em português não percebiam a mesma correspondência fonética na designação do fruto, ocorrendo diferenciação entre o fone e a respectiva grafia no português brasileiro.

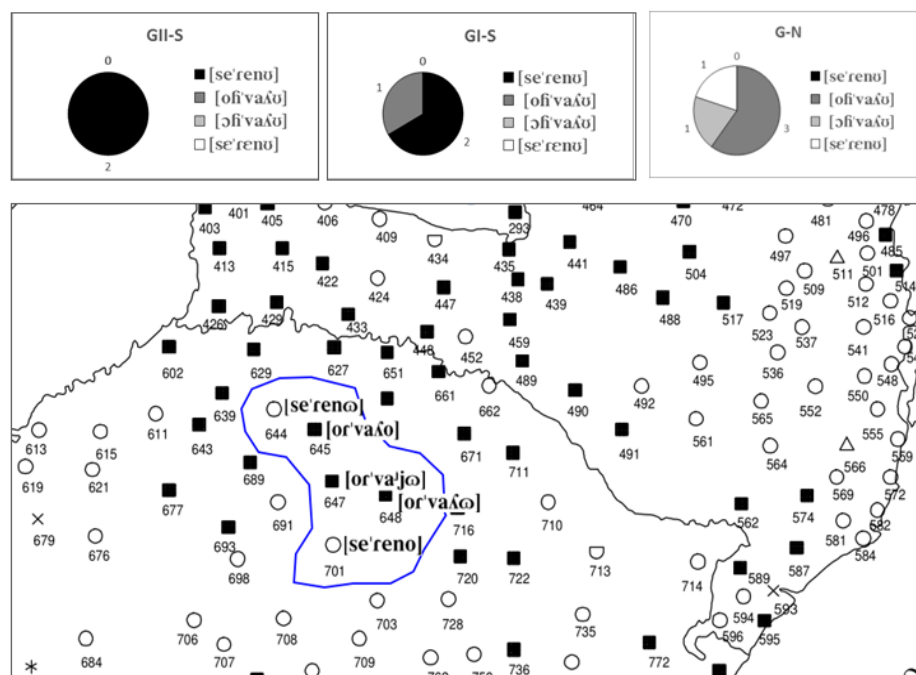
O fato é que a variação em questão não existe apenas na forma usada para designar a fruta, mas também no referente, sendo os diferentes tipos como o fruto menor da casca fina e verde, geralmente nomeados como *mexerica*, na variedade do Sul; o tipo maior de casca fina e cor laranja recebe, assim, a designação *tangerina*, enquanto o fruto grande da casca grossa e solta, tanto na cor verde quanto laranja, é denominado de *poncã*, isso para citar os principais tipos desse fruto mais populares e seus nomes no português sulista. Em outras variedades regionais do português brasileiro parece

²⁰¹ Disponível em <https://dicionario.priberam.org/tangerina>. Acesso em 20/07/2022.

igualmente haver diferentes designações para esses referentes, como ocorre no português nortista. Há ainda outros tipos dessa mesma fruta, menos conhecidos, que também recebem outras designações. A característica comum a todos esses tipos é que, como frutas cítricas que podem ser descascadas apenas com as mãos, “deixam um cheiro característico na mão”.

Outro exemplo de variável lexical que pode nos ajudar no objetivo da tese, de identificar mudanças de comportamento na manutenção ou substituição de marcas regionais do português, é dado pela pergunta da carta 032 do ALERS, “De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?” O esquema de análise diatópico-cinética com os dados obtidos por meio dessa pergunta na matriz de origem, nos dados do ALERS, e na área de chegada, nas entrevistas da tese, é apresentado a seguir:

Figura 47 – Variação de <orvalho> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



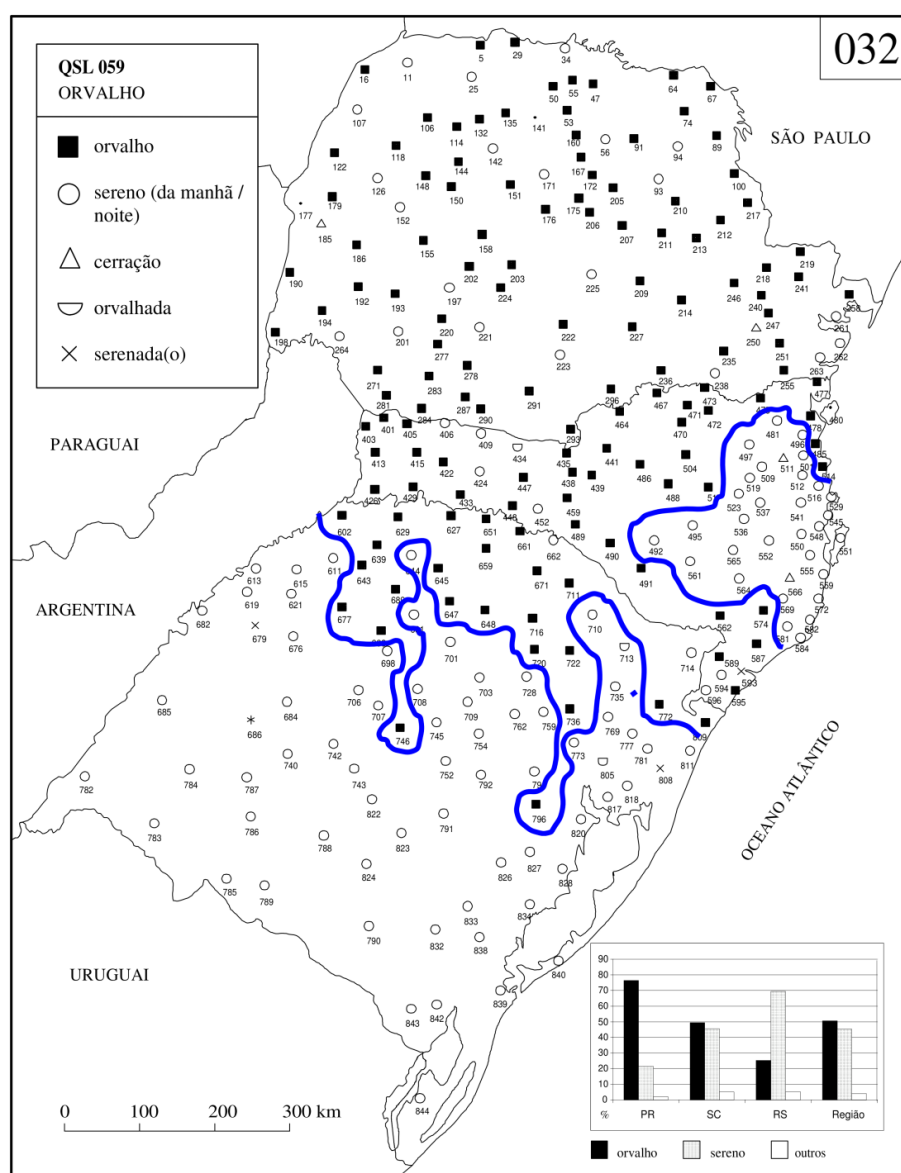
Fonte: Recorte adaptado da carta 032 do ALERS – orvalho (1990 [2011b], p. 137)

O esquema de análise acima aponta, que, embora a variante *orvalho* esteja presente nos pontos da matriz de origem, ao lado da variante *sereno*, os falantes topodinâmicos no Maranhão priorizam a variante *sereno*, com 100% de ocorrência no grupo GII-S, o que é curioso, pois poderia sugerir uma homogeneização ou nivelamento interno. Entre os jovens GI-S, já se observa novamente indícios da influência da variedade do norte, reforçada pela pronúncia da variante *orvalho*, com a fricativa glotal

em coda interna. O mesmo comportamento pode ser observado no abaixamento da vogal média /e/ pretônica, na pronúncia da palavra *sereno*.

Para ampliar a visão sobre a macroárea da região Sul, observa-se, na carta 032 do ALERS, como já ocorreu em outras variáveis analisadas, uma oposição entre sul e norte, embora com uma configuração diferente dos limites que havíamos traçado em outros mapas, e que sugere um processo mais antigo, anterior às migrações iniciadas no final do séc. XIX:

Figura 48 - Variação lexical de <orvalho>, na região Sul



Fonte: Carta 032 – Orvalho (ALERS, 1990 [2011], p. 137)

Considerando as isoglossas acima, pode-se conjecturar por que razão os falantes sulistas topodinâmicos preferem a variante *sereno*, e os nortistas, a variante *orvalho*. As

delimitações apresentadas na pesquisa do ALERS não parecem ser ao acaso. Havia uma difusão da variante *orvalho* vinda do norte da região Sul e que avançava sobre a arealidade da variante *sereno*, ainda nos anos de 1990. Atualmente, talvez tal constatação não seja mais possível, uma vez que essa difusão pode ter se generalizado, ou, espreado por toda a região Sul. Esse processo pode ter ocorrido com outros lexemas regionais ao longo da segunda metade do século XX, período em que houve as maiores correntes migratórias internas no país, mobilizando comunidades de fala nas duas direções, norte e sul, e vice-versa (ver cap. 1).

Quanto à variação semântica em questão, pergunta-se sobre a “umidade fria do ar e penetrante ou vapor da atmosfera que geralmente cai em gotículas no período noturno”²⁰². São designações conhecidas para tal fenômeno da natureza no português brasileiro as formas *orvalho*, *sereno* e *relento*, podendo haver variação por associação com outro referente semelhante que é a *neblina* ou a *cerração*.

Orvalho apresenta etimologia desconhecida nos dicionários consultados, porém, há muita semelhança com o asturiano *orbayu*, que tem o mesmo significado para o referido fenômeno da natureza. *Sereno* vem do latim *serenus* e também do castelhano *sereno* atribuído ao guarda noturno que anunciava as horas e o estado do tempo pelas ruas. Talvez por metonímia, houve extensão ou substituição semântica do nome atribuído ao informante sobre o fenômeno da natureza para o próprio fenômeno em si, que ocorria durante o anúncio das horas e do tempo. *Relento* vem, por fim, do latim *lentus*, *re* + *lento*, com sentido de maleável, viscoso, calmo, etc. Essa última acepção também se aplica ao adjetivo *sereno*, significando ‘calmo, tranquilo, manso, ordeiro’. Também o dicionário Houaiss (2009) registra a forma *sereno* com acepção de ‘vigia e guarda-noturno’, como um regionalismo do Rio Grande do Sul. Essa semelhança ou associação semântico-lexical com o uso no castelhano, para designar a função de um trabalhador noturno, não parece ser fortuita. Já *orvalho* tem sentido mais restrito, e a extensão semântica diferencia-se de *sereno* e *relento*, aplicando-se apenas para designar ‘alívio, bálsamo, desabafo, consolação’.

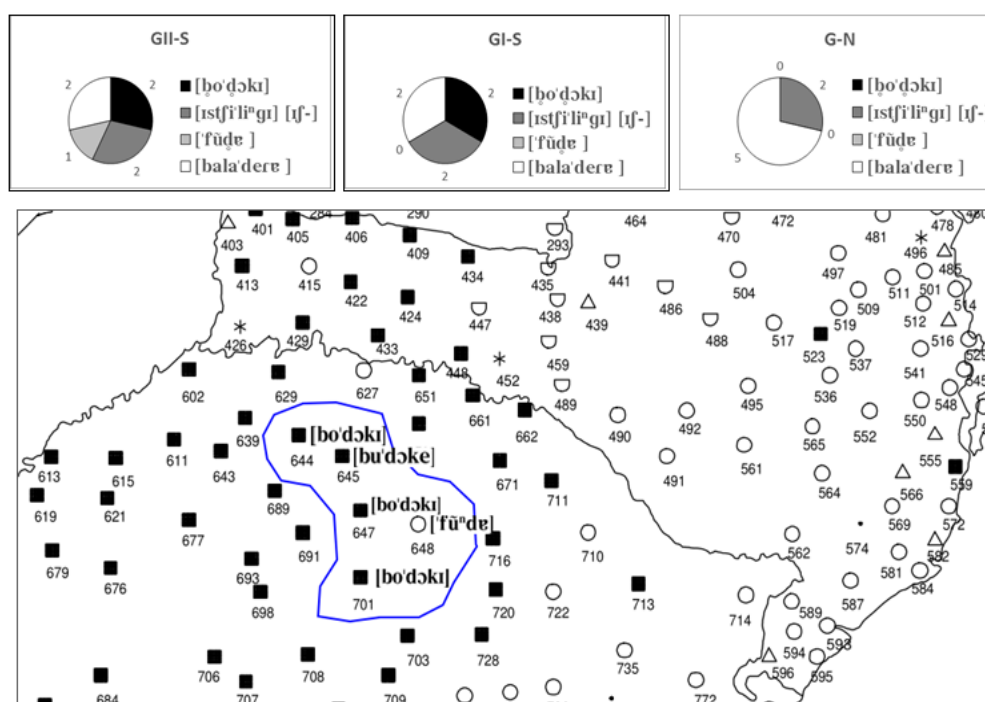
Como se vê, talvez a análise semântica e etimológica explique a arealidade das variantes *orvalho* e *sereno* na região Sul, assim como também as respostas espontâneas

²⁰² De acordo com as acepções dos dicionários Caldas Aulete, Priberam e Houaiss.

dos falantes topodinâmicos mais velhos (GII) em relação ao grupo de fala setentrional.

Um terceiro exemplo de análise semântico-lexical que se mostrou oportuno para os objetivos desta tese relaciona-se à pergunta da carta 303 do ALERS, “...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?”, cujas respostas produzidas pelos falantes topodinâmicos foram as seguintes:

Figura 49 – Variação de <estilingue> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



Fonte: Recorte adaptado da carta 303 do ALERS – Estilingue (1990 [2011b], p. 699)

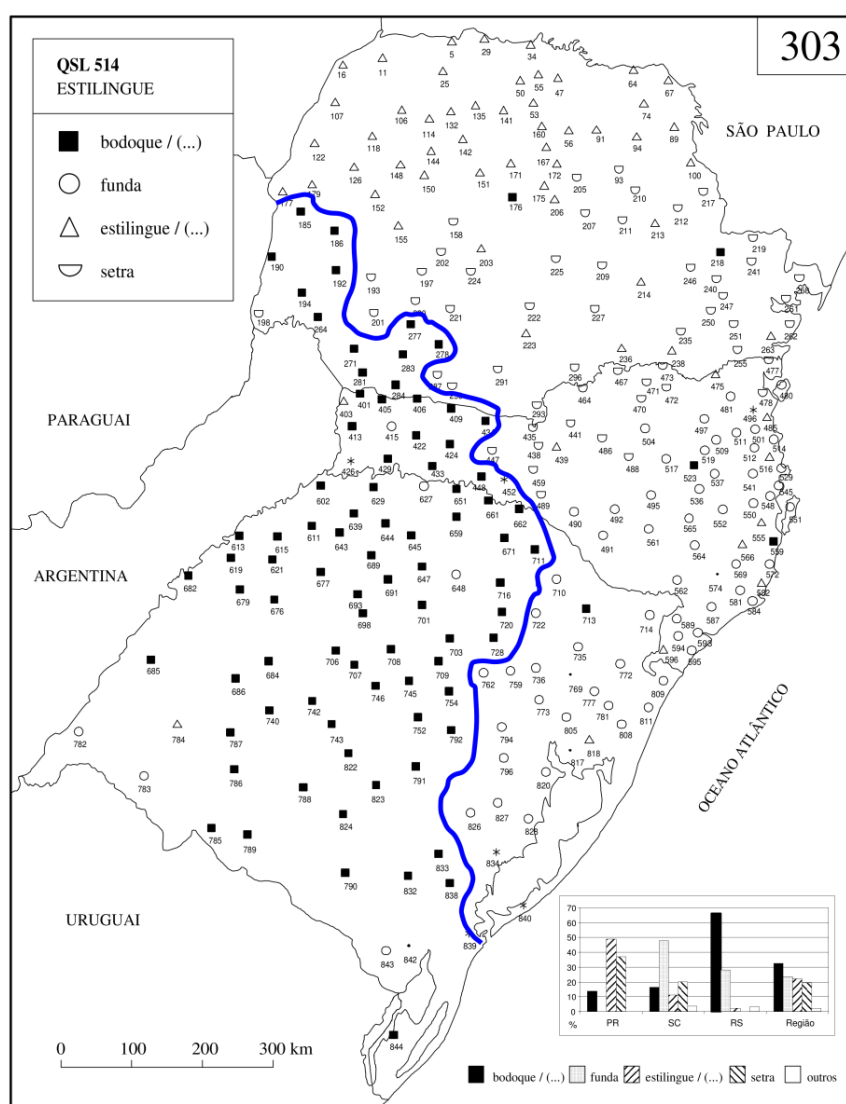
Em relação à designação de <estilingue>, temos novamente um comportamento parecido ao da variação para *bergamota*, ou seja, uniformidade (apesar de uma ocorrência de *funda*), na matriz de origem, em torno de uma forma dominante, no caso *bodoque*, e grande variação na área de contato em estudo, no sul do Maranhão, mesmo entre os falantes sulistas mais velhos (da GII-S). Novamente, estamos diante de um elemento de interfaces com a cultura. Comparando a variedade atual dos falantes topodinâmicos com a variedade de três décadas atrás nos pontos da matriz de origem, constata-se que a variante dominante no noroeste do Rio Grande do Sul *bodoque* se mantém no repertório de fala do grupo migrante. Porém, há uma concorrência com a forma mais genérica *estilingue* e o correlato setentrional *baladeira*, tanto pela geração GII quanto pela GI.

Observando o grupo de controle (*esquema em cruz à direita*) de fala nortista, há dominância das respostas com a variante *baladeira*, ocorrência da variante *estilingue* e

ausência do lexema *bodoque*, ocorrendo apenas na insistência uma variação de *badogue*²⁰³. Novamente, se percebe que o grupo migrado é forçado a adotar formas do novo meio, para se integrar e fazer compreender; o grupo topostático, pelo contrário não possui a necessidade de adotar as denominações externas, afinal encontra-se em seus domínios. Verifica-se, assim, que o contato intervarietal pode explicar a variação semântico-lexical no grupo de fala topodinâmico.

Para uma visão geral do contexto macroanalítico de distribuição das variantes para <estilingue>, na região Sul, tomemos a carta 303, com os resultados obtidos pelo ALERS:

Figura 50 - Variação lexical de <estilingue>, na região Sul



Fonte: Carta 303 – Estilingue (ALERS, 1990 [2011b], p. 669)

²⁰³ Constatado também no *Dicionário do Nordeste*, de Fred Navarro (2013, p. 88).

Verificando a carta acima com atenção, constatamos mais uma vez a presença de uma isoglossa com arealidades que remete às cartas das análises anteriores, e que lembra a antiga fronteira do Brasil por mais de três séculos²⁰⁴ com os países vizinhos hispânicos. Nessa arealidade, a variante *bodoque* predomina no corredor oeste (ver KOCH, 2000) e está geograficamente distante da arealidade da variante *estilingue*, concentrada no norte do Paraná, sob a influência da fala paulista e nordestina. Mais uma vez, parece que a variante *estilingue* está adentrando a região Sul pelo norte do Paraná, além de apresentar uma ocorrência relativa na faixa do litoral leste-catarinense, de domínio do falar açoriano-catarinense (FURLAN, 1989).

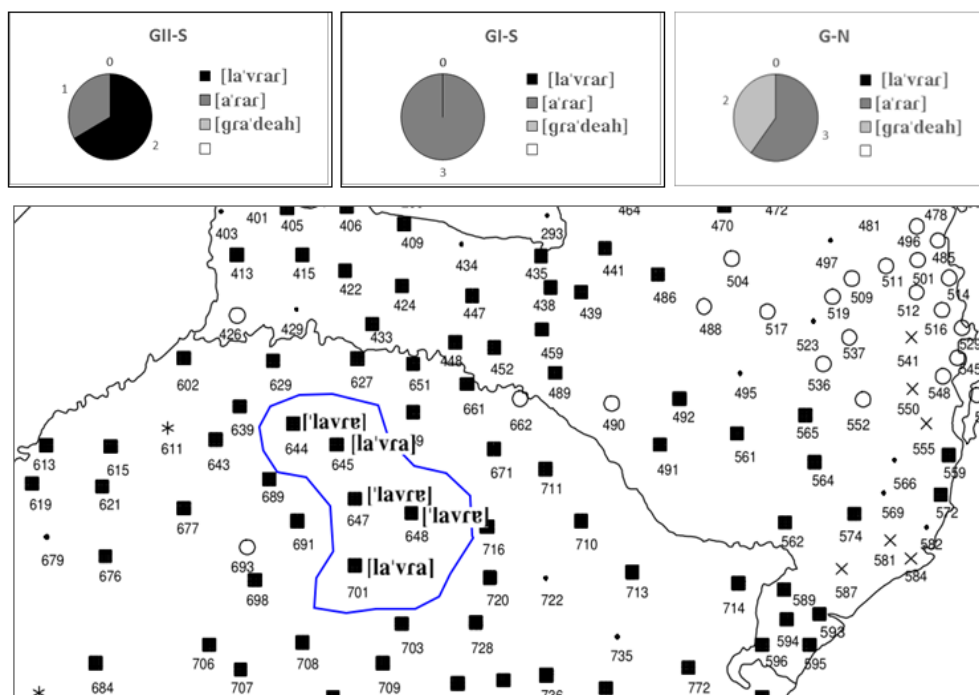
Em relação à pesquisa semântica e etimológica, a variante *bodoque* e suas variações entrou no português em 1712, vindo do árabe *bunduq*, enquanto que a variante *estilingue* entrou no português em 1928, vindo do inglês *sling* com origem no nórdico antigo *slyngja*, *slyngva* que significa atirar, arremessar²⁰⁵. É surpreendente que a variante *estilingue* seja um empréstimo tão recente no português, aliado às especificidades da arealização do ALERS. O atlas parece confirmar isso ao demonstrar que é uma variante nova adentrando a região Sul do país. Para as demais variantes *funda* e *setra* não foram feitas buscas em dicionário.

O próximo exemplo de variação semântico-lexical revelador para a análise diatópico-cinética do português dos migrantes sulistas no sul do Maranhão é a carta 109 do ALERS, em que se mapeia as variantes para a pergunta sobre o “que faz o homem do campo, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo?”

²⁰⁴ Altenhofen (2006; 2014) já havia apontado para indícios de arealização de variantes no português brasileiro “coincidirem” com antigas fronteiras e rotas de tropeiros na região Sul.

²⁰⁵ Houaiss (2009), Caldas Aulete online, Michaelis online e Wiktionary online.

Figura 51 – Variação de <lavrar> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS

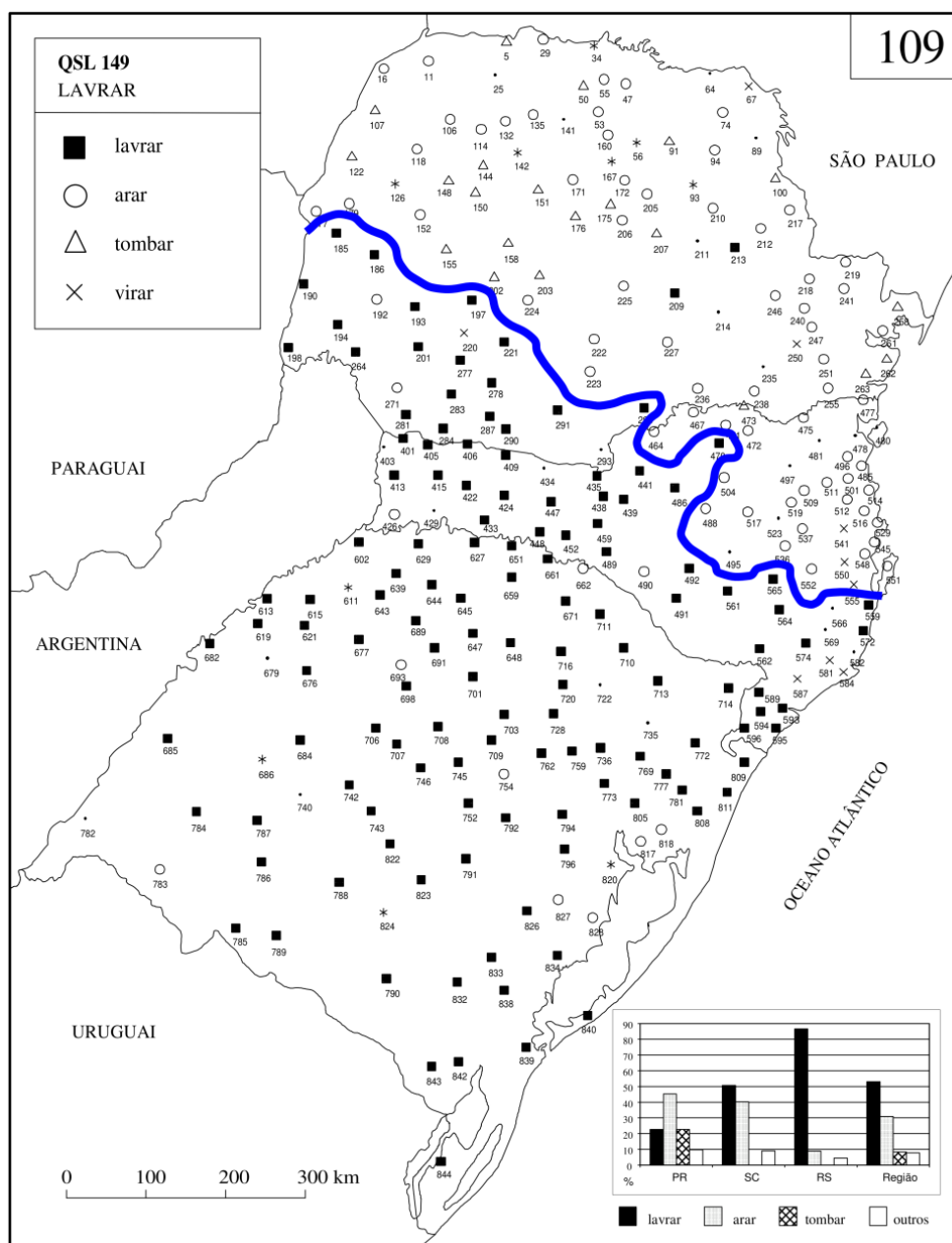


Fonte: Recorte adaptado da carta 109 do ALERS – Lavrar (1990 [2011b], p. 301)

A partir do esquema de análise acima, confirmam-se as mesmas tendências já observadas: neste caso, constata-se, na matriz de origem no noroeste do Rio Grande do Sul, uma homogeneidade em torno do uso da variante lexical *lavrar*. No ponto de chegada, no sul do Maranhão, contudo, somente o grupo GII-S (mais velho) mostra ainda uso ativo dessa variante. O grupo dos jovens GI-S emprega a variante *arar*, possivelmente adotada no contato com outras variedades regionais, como a catarinense e a paranaense, que como objeto de uma prática agrícola que evoluiu da tração animal (*lavrar*) ao arado e à grade (trator), já está incorporada também à fala dos nortistas, onde varia com a forma *gradear*. Observamos, portanto, nesse caso, um comportamento de substituição lexical em função das práticas sociais ao longo do tempo, como constatou Philippsen (2013) também com os migrantes no Mato Grosso, e a influência inversa da variedade minoritária [+sulista] sobre a fala local [+nortista].

Ao observar as arealidades da variante *lavrar* na carta 109 do ALERS, constata-se que esta segue o traçado de expansão das migrações rio-grandenses, sendo a variante *arar* restrita à área mais setentrional da região, ao lado de *tombar*, que ocorre em pontos isolados do Paraná e do leste catarinense.

Figura 52 - Variação lexical de <lavrar>, na região Sul



Fonte: Carta 109 – Lavrar (ALERS, 1990 [2011b], p. 301)

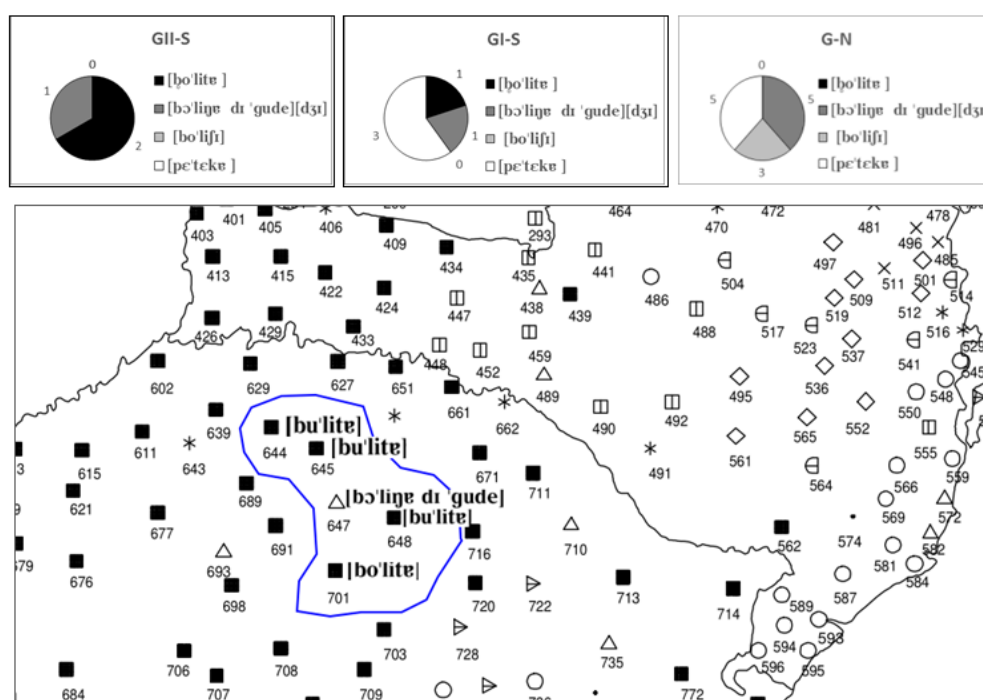
Essa pergunta do ALERS instiga o pesquisador a buscar não só dados linguísticos, mas também etnográficos já mencionados. Por ser uma questão que trata de práticas de trabalho, e sendo relativa ao meio rural, o tópico pode ser abordado tanto para falantes urbanos quanto falantes que ainda vivem na zona rural. Isso decorre, conforme já se aludiu, do perfil social do falante de português brasileiro; seja do Sul ou do Norte, sua origem é eminentemente rural até meados do século XX. Estamos na fase final do processo de transição, com as gerações de migrantes mais velhos da zona rural vivendo em localidades urbanas e com filhos nascidos no meio rural que fizeram esse percurso de

migração ainda quando crianças ou muito jovens. Por isso, é comum uma grande parcela da população ter vivido parte de sua vida no campo e outra parte nas cidades.

Embora vivam na atualidade em ambientes urbanos, esses falantes têm uma cultura e hábitos arraigados de vida rural e muitos ainda estão ligados à atividade agrícola que, ao inserir a mecanização no campo, aliada à construção de estradas e acesso aos meios de transporte, deslocou essa população para as áreas urbanas em busca de emprego para quem não tinha a posse da terra, e de mais qualidade de vida e escolarização de seus filhos, para quem já era proprietário. Assim, perguntar sobre qualquer prática social do meio rural para falantes urbanos revela todo esse processo pelo qual passou e ainda passa grande parte da população do Brasil.

Ampliando a análise, tem-se também a pergunta sobre “as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?”. Os resultados seguem novamente tendências bem próximas às já observadas: 1) homogeneidade na matriz de origem; 2) variante sulista ainda dominante na GII-S do grupo migrante pesquisado, porém em covariação com variante local de contato; 3) variante local de contato dominante na GI-S, com conhecimento parcial da variante de origem sulista; por fim, 4) ausência da variante sulista na fala do grupo nortista em contato.

Figura 53 – Variação de <bolinha de gude> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS

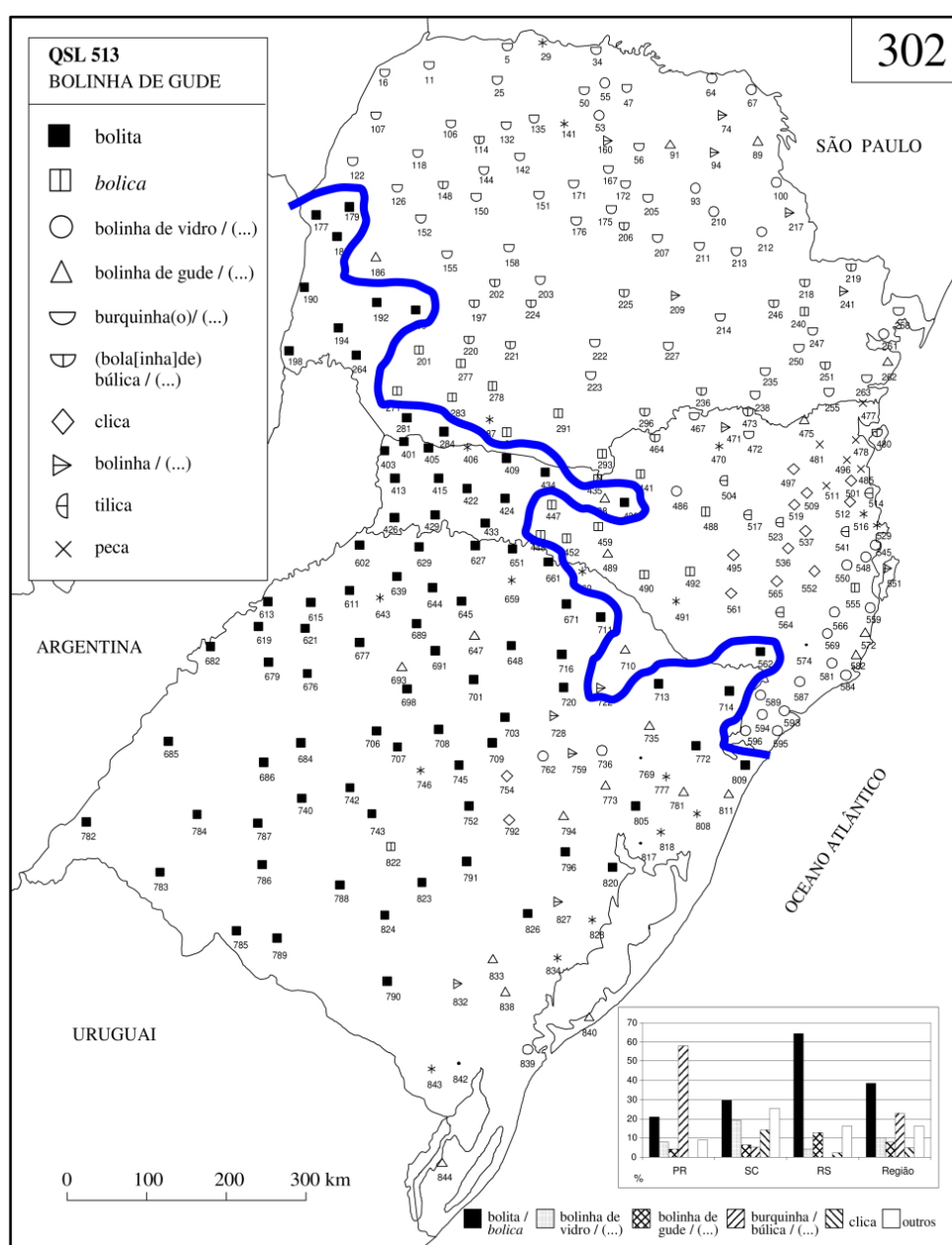


Fonte: Recorte adaptado da carta 302 do ALERS – Bolinha de gude (1990 [2011b], p. 697)

Verifica-se nas produções linguísticas dos falantes topostáticos do ALERS, na matriz de origem, uma homogeneidade quanto ao uso da variante *bolita*, com apenas uma variante divergente, no ponto 647, de uso da forma *bolinha de gude*. Passadas mais de três décadas, os falantes topodinâmicos GII mantêm as variantes da variedade linguística do espaço geográfico de origem. No entanto, os topodinâmicos GI usam as mesmas variantes lexicais, mas já apresentam coocorrência com a designação *peteca*.

Vejamos como se distribuem essas variantes na macroárea de arealidades da região Sul:

Figura 54 - Variação lexical de <bolinha de gude>, na região Sul



Fonte: Carta 302 – Bolinha de gude (ALERS, 1990 [2011], p. 697)

Novamente, se observa um traçado semelhante das variantes de domínio rio-grandense que se estende especialmente pelo Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. Tal já é destacado por Altenhofen (2013) e Koch (2000). Neste caso, porém, a variante *peteca* não ocorre na região Sul²⁰⁶. A variante mais semelhante na carta seria *peca*²⁰⁷, com pronúncia acentuadamente fechada da vogal média e arealidade delimitada no litoral norte de Santa Catarina.

Observando as produções do grupo de controle (falantes nortistas), há realizações da variante *peteca* coocorrendo com a variante *bolinha de gude*. Também há a ocorrência de mais uma variante não contemplada pelos falantes topodinâmicos, nem presente nas realizações coletadas pelo ALERS, a forma *boliche*. Porém, *boliche* parece ter referentes diferentes no português meridional e no setentrional.

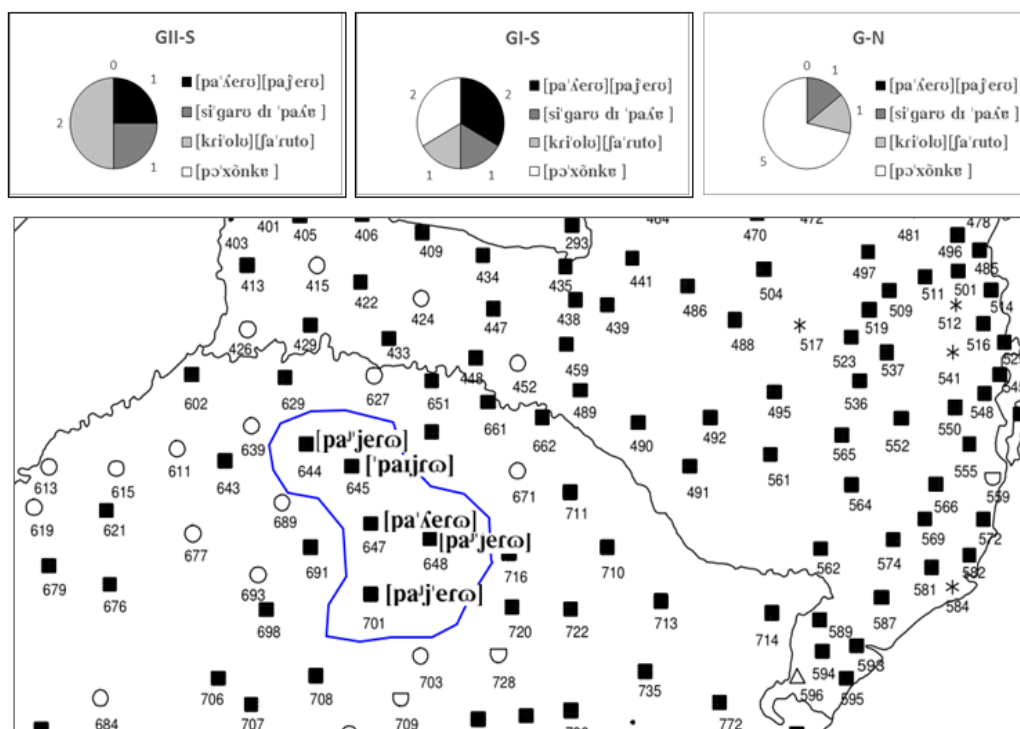
O que os dados revelam é que, mais uma vez, os falantes topodinâmicos mais velhos fazem a manutenção da variante [+sulista], enquanto os mais jovens já aderem à variedade [+nortista] do sul do Maranhão.

Para finalizar, a carta 352 do ALERS mapeia as variantes lexicais coletadas por meio da pergunta “que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?”. Vejamos o respectivo esquema de análise.

²⁰⁶ A variante *peteca* tem referentes diferentes entre as variedades do Sul e do Norte, assim como *boliche*. Pergunta-se: de que forma um léxico (aparentemente igual, e por isso discreto, porém com ocorrências muito mais amplas) chegou a ser difundido nomeando diferentes referentes (objetos) desconhecidos para os falantes de ambas as variedades do português brasileiro meridional e setentrional?

²⁰⁷ Variante que fez parte do meu repertório linguístico infantil.

Figura 55 – Variação de <cigarro de palha> nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS

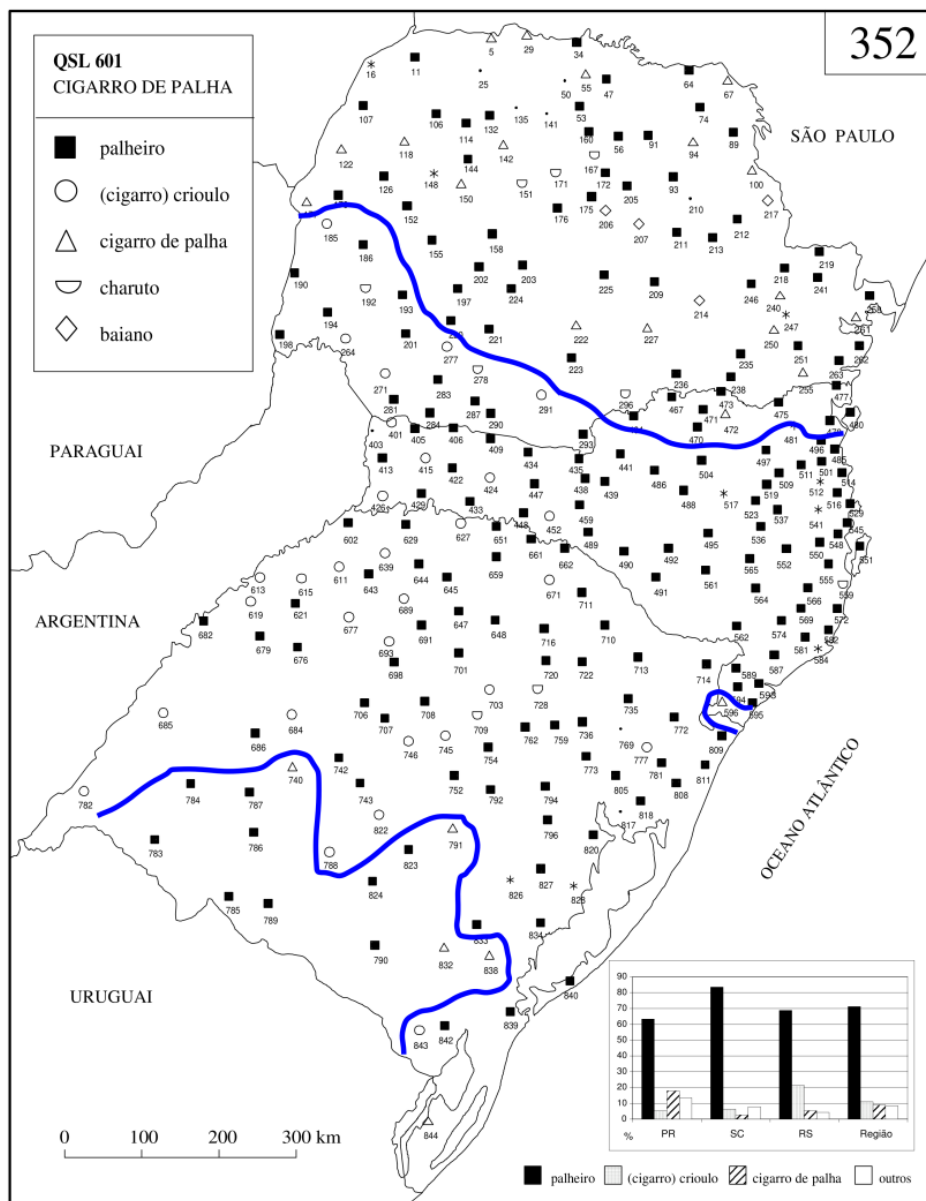


Fonte: Recorte adaptado da carta 352 – Cigarro de palha, do ALERS (1990 [2011b], p. 801)

A comparação diatópico-cinética entre as variantes do ALERS, no Sul, e as variantes coletadas nas entrevistas desta tese, no Norte, mostra que a variante *palheiro*, de domínio absoluto ao menos na matriz de origem e em seu entorno, cede lugar a variantes novas, possivelmente de influência da variedade em contato, no sul do Maranhão. Os falantes topodinâmicos (GII-S e GI-S) apresentam, atualmente, um repertório mais variável do que no momento da migração. Além da variante *palheiro*, pelos falantes topodinâmicos, também ocorreram as variantes *cigarro de palha*, *charuto*, *crioulo* e *porronca*²⁰⁸, ausente no Sul, como mostra a carta do ALERS.

²⁰⁸ A variante *porronca* aparece no Dicionário do Nordeste (NAVARRO, 2013, p. 571).

Figura 56 - Variação lexical de <cigarro de palha>, na região Sul



Fonte: Carta 352 – Cigarro de palha (ALERS, 1990 [2011b], p. 801)

Diferentemente dos outros mapas analisados, *palheiro* não apresenta uma arealização clara; pelo contrário, distribui-se por toda a área da região Sul, o que leva a crer que essas variantes coocorrem como um espectro variacional local, ou seja, os falantes conhecem e fazem uso de mais de uma variante, sendo *palheiro* a mais frequente. Não podemos esquecer que novamente estamos tratando de um elemento da cultura e da interação social, portanto afeito a usos locais mais arraigados. A carta 352 traz novamente uma isoglossa discreta entre as variantes, *cigarro crioulo* ou *crioulo* e *cigarro de palha*. Também aqui a variante *cigarro de palha* parece estar adentrando a arealidade da variante *crioulo*, com ocorrências que atingem os extremos norte e sul de toda a região Sul.

Com esse último exemplo de variação lexical, podemos ver, em síntese, que a variação diatópico-cinética segue uma tendência de manutenção de variantes da matriz de origem, no Sul, na GII-S, no Norte, porém estas vão gradualmente sendo substituídas por variantes do grupo de contato da variedade [+nortista], principalmente na GI-S. Enquanto a variedade local do grupo topostático no sul do Maranhão tende a manter suas marcas originais, a variedade do grupo migrante tende a mudar ao longo do tempo, de uma geração a outra. Comparativamente, o léxico parece mais vulnerável do que a variação fonética a essa substituição e mudança, devido à sua ligação com a cultura. Vejamos, contudo, em que medida se dá essa mudança linguística de uma geração a outra.

4.3 Análise da variação diageracional: mudanças em curso?

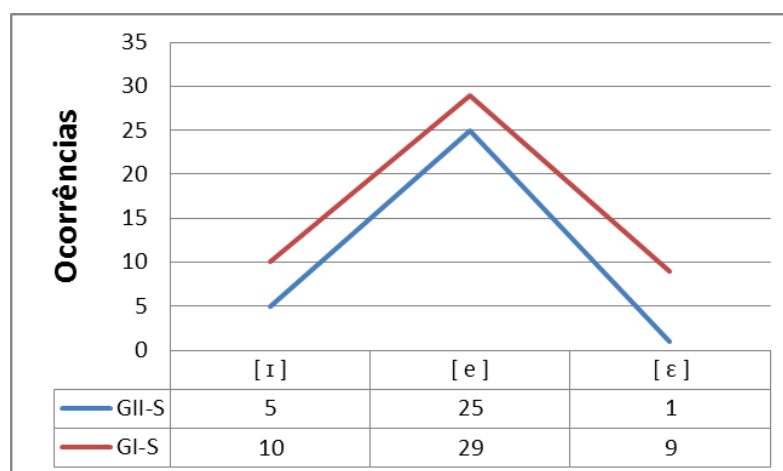
A análise diageracional contempla duas faixas etárias, a geração dos mais velhos (GII) e a geração dos mais jovens (GI). Concretamente, os mais velhos, grupo GII, compreendem falantes com idade acima dos 60 anos, e o grupo dos mais jovens, GI, com idade entre 48 e 58 anos, conforme já explicitado no capítulo referente à metodologia. Vale lembrar que a variação entre GII e GI pode apontar uma mudança em progresso, daí a relevância em analisar mais atentamente o comportamento linguístico em ambos os grupos²⁰⁹.

Entre as variáveis linguísticas selecionadas, os processos fonético-fonológicos que apresentaram maior variação foram os abaixamentos e alçamentos vocálicos, a fricativação do /R/ em diferentes posições na palavra, a palatalização do /S/ em coda precedida por consoantes palatais, os usos lexicais, assim como também particularidades do ritmo prosódico, que igualmente variam e englobam apagamentos nas realizações linguísticas entre ambos os grupos em questão.

Iniciemos com a análise das vogais médias pretônicas. O gráfico a seguir contrasta os resultados da GII-S (linha em cor azul) e GI-S (linha em vermelho):

²⁰⁹ O critério de separação desses dois grupos se baseou na idade do falante quando migrou e entrou em contato intervareital e não na idade atual (havia adultos e adolescentes).

Gráfico 10 – Realização da vogal média pretônica anterior nos grupos GI e GII



Fonte: elaboração própria

O gráfico acima mostra as ocorrências levantadas para as variantes [ɪ], [e] e [ɛ] para a variável /E/ em posição pretônica, nas respostas dadas às perguntas dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical. Dado o contexto da vogal pretônica, contabilizaram-se todas as respostas produzidas pelos falantes. No caso do questionário semântico-lexical em que pode haver mais variantes para denominar o mesmo objeto ou atividade, além das respostas espontâneas também se contabilizaram as respostas produzidas por insistência, assim como as realizadas por sugestão.

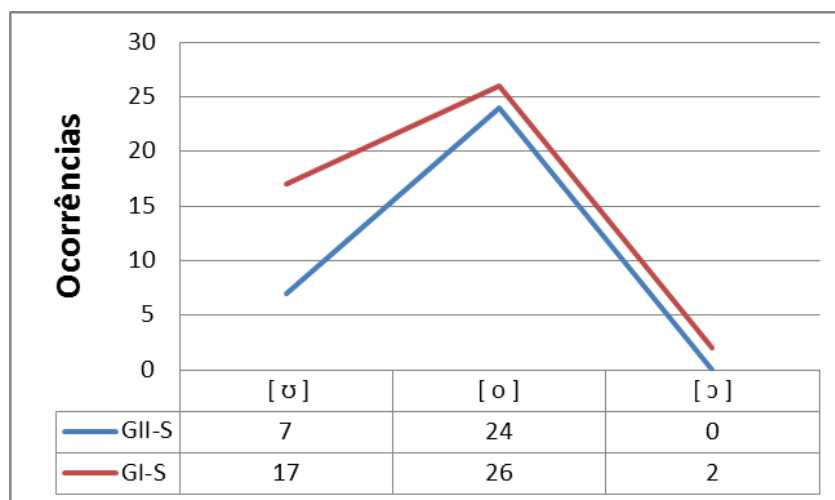
Conforme o gráfico, a vogal média [e] predomina claramente, tanto na geração mais velha (GII) como na geração jovem (GI). Esse resultado demonstra que os migrantes sulistas, GII e GI, mantêm a marca [+sulista]. Contudo, embora praticamente ausente na GII, já se observam indícios da vogal aberta [ɛ] entre os jovens, na proporção de 1 para 9. De modo geral, porém o grupo GI segue a tendência de GII, de manutenção da variante [+sulista], porém já alternando marcas das respectivas variedades em contato, conforme mostra o seguinte excerto de entrevista:

- <F - Como se chama quem nasce no nordeste?>
- f1 - [noˈdeʃˈtʃinu] • m1 - é [noˈdeʃˈtʃinɐ]

(Entrevista GI-S_mf)

Na realização da vogal média pretônica posterior, observaram-se resultados muito próximos desses. Do mesmo modo, a vogal média pretônica posterior mantém a marca [+sulista], em proporção até maior. O alçamento do /O/ também chama a atenção pelo elevado número de ocorrências na GI, comparativamente maior do que em relação a /E/. É um resultado que mereceria um estudo mais aprofundado.

Gráfico 11 – Realização da vogal média pretônica posterior pelos grupos GI e GII



Fonte: elaboração própria

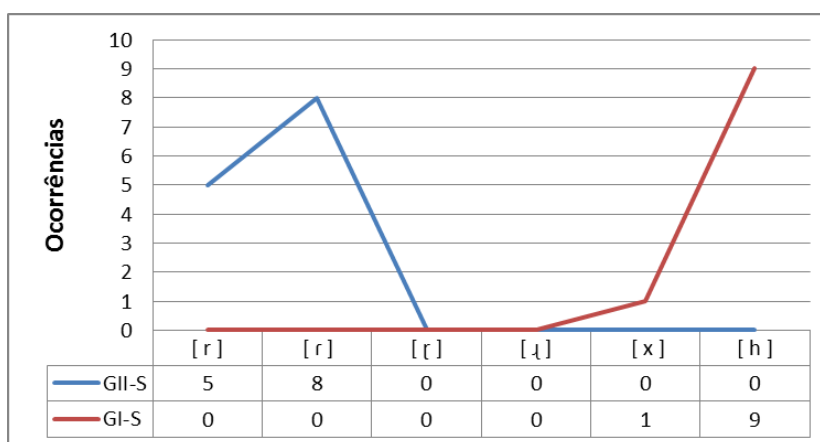
Para os objetivos deste estudo, não se pergunta especificamente sobre os condicionamentos linguísticos, mas antes mais sobre as tendências que o uso das diferentes variantes apontam em relação às escolhas dos falantes e a configuração de sua variedade do português. Em relação à variável <vogal média anterior e posterior em posição pretônica>, fica evidente um comportamento ainda conservador que mantém as marcas [+sulistas], de predomínio respectivamente de [e] e [o]. É possível que esse comportamento se deva à saliência da variante de pronúncia mais aberta [ɛ, ɔ], identificada como marca de identidade regional que – diferente de outras variáveis – é associada, ao menos perceptualmente, à região Nordeste. Fica a pergunta sobre o alçamento da vogal média posterior, que é bastante frequente, na posição pretônica, na fala da geração mais jovem, onde muitas vezes aparece em coocorrência com a vogal média alta [o < ʊ], em palavras como *procissão*, *sorriso*, *orvalho*, *nortista* (respostas às perguntas QFF 16, 44 e QSL 01, 23). Já em relação à vogal média anterior, a coocorrência se dá entre as três alturas vocálicas [ɪ < e < ɛ], em palavras como *ferida*, *sereno*, *tangerina*, *nordestino* (QFF 39 e QSL 01, 02, 23). É possível que, em casos específicos, o alçamento decorra de harmonização vocálica.

Outra variável linguística considerada como marca regional é o uso do /R/. Seu uso, porém, não está atrelado a uma região específica. A fricativação da vibrante é um processo fonético-fonológico suprarregional, no entanto, a variação regional ocorre por exclusão, ou seja, não há a “desfricativação”. Ou seja, os falantes do /R/ fricativo nas posições de r-forte, seja em *onset* e intervocálico, não realizam a vibrante múltipla, mas

uma das variantes fricativas. Já falantes da variedade regional, que apresentam a vibrante como r-forte, podem alternar com a fricativa.

Para a realização da vibrante em *onset*, o questionário contemplou perguntas que tiveram como respostas as palavras *revólver*, *rodo*, *rapa do tacho*, *rabo* (respostas às perguntas QFF 02, 15 e QSL 11, 44). Esses dados foram, entretanto, complementados com dados de outras partes do questionário, bem como de conversas livres e narrativas curtas.

Gráfico 12 – Realização do /R/ inicial ou r-forte em *onset* pelos grupos GI e GII

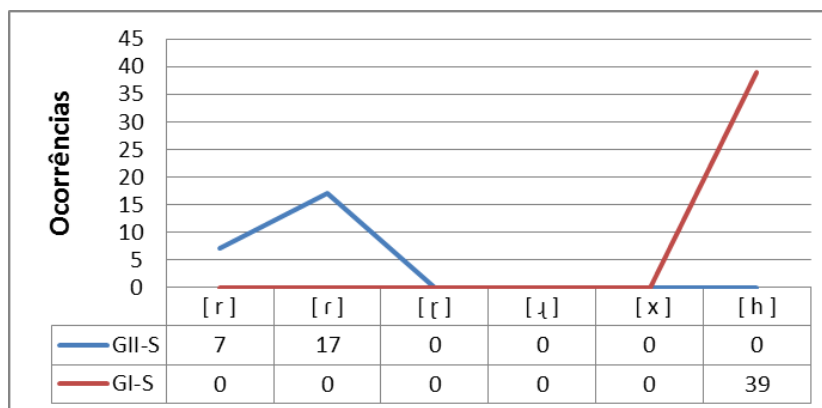


Fonte: elaboração própria

O gráfico 12 acima mostra, para nossa surpresa, dois comportamentos totalmente opostos. Enquanto os falantes mais velhos, GII-S, mantêm a vibrante múltipla e tepe em *onset*, os falantes jovens, GI-S, adotam quase categoricamente a variante fricativa, dominante na variedade do português do Norte. Ou seja, observa-se uma mudança em progresso na direção da variante [+nortista]. Além disso, chama atenção que, na fala de GII-S, o tepe seja proporcionalmente ainda mais frequente do que a vibrante múltipla. A vibrante múltipla é considerada o r-forte, em que a língua toca os alvéolos mais de uma vez, produzindo a vibração, enquanto o tepe é considerado o r-fraco, em que a mesma articulação ocorre com menos vibração. No processo fonético-fonológico de fricativização, o r-fraco seria uma variante intermediária que iniciou com a vibrante múltipla, diminuindo a intensidade da ação articulatória, que por sua vez irá mudar os articuladores em direção a debucalização (v. CURIOLETTI; SANDRI 2019), no caso das fricativas glotais, como mostrado no gráfico acima. Por isso, ocorre a neutralização na realização entre r-forte e r-fraco em *onset* e intervocálico no português de contato falado pelos sulistas (cf. ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011).

A realização do r-forte intervocálico pelos migrantes sulistas como tepe ou r-fraco, no gráfico abaixo, confirma isso. O contato intervarietal com o padrão fricativo dos róticos parece ter essa influência sobre a realização da vibrante múltipla da variedade sulista.

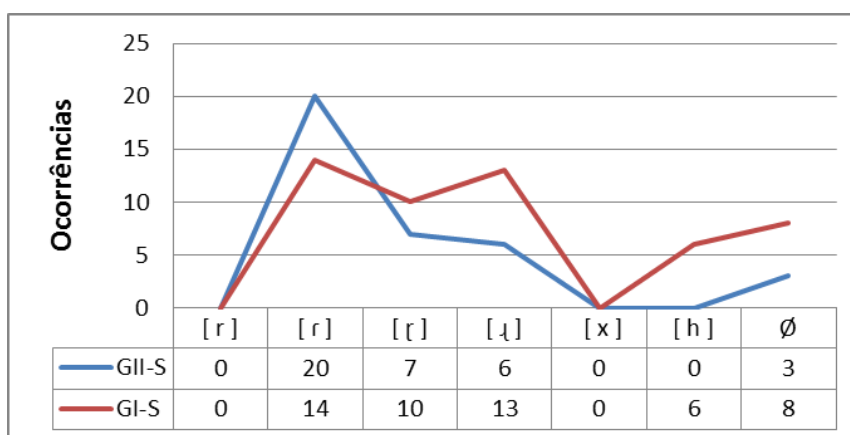
Gráfico 13 – Realização do /R/ intervocálico pelos grupos GI e GII



Fonte: elaboração própria

O gráfico 13 acima reproduz as mesmas tendências já observadas na correlação entre GI e GII em relação ao /R/ intervocálico, em palavras como *arroz*, *carro*, *borracha*, *sorriso*, *chimarrão* (respostas às perguntas do QFF 03, 19, 34, 44 e QSL 43), entre outras. Novamente, GII mantém as variantes trazidas do Sul, a saber vibrante múltipla e tepe, enquanto GI faz uso crescente da variante fricativa, predominantes no novo meio, no sul do Maranhão. Considerando a mudança linguística no uso da vibrante pelos mais jovens, normalmente filhos que também migraram do sul do Brasil, é comum falantes mais velhos, grupo GII, tenderem a suavizar a pronúncia do r-forte, considerado mais marcado do que o tepe em relação à outra variedade regional, que não possui o r-forte em sua variante rótica. Vale lembrar, além disso, o que aconteceu com o /R/ em coda final, após quase 40 anos de contato intervarietal.

Gráfico 14 – Realização do /R/ em coda silábica pelos grupos GI e GII



Fonte: elaboração própria

O uso do /R/ em coda medial e final teve uma desestabilização das formas, do padrão da variante sulista representada pelo r-fraco ou tepe em coocorrência com o padrão da fricativa da variante nordestina na localidade de Balsas. O grupo GII ainda apresenta o tepe como a variante predominante, portanto, havendo resistência da variante regional [+sulista]. Porém, a predominância dessa variante [+sulista] já começa a concorrer com as formas da aproximante tepe, uma forma ainda mais enfraquecida da vibrante simples, ao lado da vibrante retroflexa, que neste caso, não se trata exatamente do retroflexo, mas de uma aproximante retroflexa, uma forma intermediária final do apagamento das vibrantes, indo até o apagamento total do uso do /R/, como nas únicas palavras com /R/ em coda final, a saber *colher* (subst.), *capinar* e *calcanhar* (QFF 04, 06 e 15). O uso retroflexo parece ser mais marcado ainda do que a vibrante múltipla diante do padrão nordestino, isto é, seu uso parece ser evitado por ser bastante saliente ao lado da fricativa glotal.

O grupo de falantes GI já demonstra fazer uso da fricativa glotal em coda, mas também realiza apagamentos seguindo, aliás, uma tendência suprarregional em determinadas classes de palavras, como nos verbos no infinitivo. No entanto, os usos concomitantes das variantes tepe, aproximante tepe e aproximante retroflexa, fricativa glotal ou apagamento pelo grupo mais jovem, mostram que há interinfluência de uma variedade regional em outra, com uma possível mudança em curso.

Pela minha própria experiência como falante de ambas as variedades regionais, e contribuindo com as minhas percepções ao longo desses anos de contato intervareietal, o uso do /R/ realizado como vibrante múltipla e simples, em *onset* e coda, parecem

desfavorecer a aquisição do ritmo de fala da variedade [+ nortista] ou nordestina. A minha própria mudança linguística no uso do /R/ em coda interna e externa deslocou-se do tepe em coocorrência com a retroflexa da minha variedade mato-grossense para uma aproximante de ambas as variantes em coda interna, e a predominância do apagamento total em coda final, de forma consciente, deliberada. Isso parecia ser necessário para atingir a mesma *performance* no ritmo de fala da variedade nordestina²¹⁰. E essa minha percepção formada, ao longo do tempo, se confirma agora com o resultado mostrado no gráfico acima.

Nos primeiros anos após a migração, o meu modo de falar parecia travado em relação à variedade falada pela minha rede de comunicação no Maranhão, e por isso, havia uma tendência cada vez maior ao uso da retroflexa. Porém, a retroflexa, assim como a vibrante múltipla, é uma variante muito saliente diante da fala nortista no sul do Maranhão. Essa mudança linguística ocorreu alguns anos depois, ao longo do contato com a variedade do português do Norte, num processo de “acomodação consciente”, pois literalmente deixava de articular o /R/ em coda final, ignorando-o, o que facilitava a articulação inicial de fronteira de palavra e conseqüente mudança no ritmo de fala. Mudando o ritmo de fala, assim como a vogal passa a exercer o papel da coda perdida²¹¹, encurtando e recebendo toda a intensidade e timbre do acento tônico, o passo para o uso da fricativa é facilitado, e muito provavelmente outras vogais independentemente de posição silábica passam a fazer esse mesmo papel de travamento, o que pode estar associado a uma possível relação com o segundo acento das vogais pretônicas, principalmente diante do uso de /R/, conforme já comprovado em várias pesquisas (CHAVES, 2013). Esta hipótese requer, sem dúvida, mais estudos, para

²¹⁰ De acordo com a minha percepção, há mais possibilidades a serem investigadas. Parece que esse “destravamento” da fala pela ausência de vibrante em coda e que depois vai também influenciar outras posições de vibrantes na palavra com o uso da fricativa glotal pode influenciar o sistema rítmico como um todo, fazendo com que as vogais adquiram um comportamento diferente. A princípio, talvez se apresentando dispersas, como verificado por Sandalo, Abaurre e Madruga (2013), que a nosso ver, são indícios de formas desestabilizadas por influências de traços diferenciados como consequência dos contatos linguísticos, em que não houve reforço de adstratos linguísticos similares para fazer a manutenção, (como por exemplo, outras línguas românicas), no passado da colonização do Nordeste.

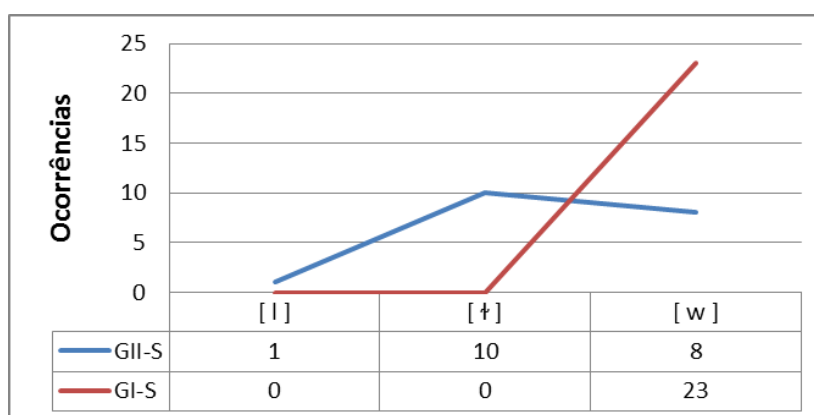
²¹¹ Nas variedades de língua alemã, o /R/ em coda átono cai, abaixa e centraliza a vogal média anterior produzindo um schwa [ə], como em *Lehrer, Lerner, Fahrer, Vater, Mutter*, segundo Altenhofen (1996), e nas sílabas tônicas ou monossílabos, o /R/ é pronunciado como uma vogal baixa em fusão com a média [æ], como *sehr, mehr, Meer, eher, Wehr, Seher*, etc. É possível prever algum resultado do contato linguístico do passado entre o português arcaico com o neerlandês, na variedade do português brasileiro setentrional?

verificar uma possível correlação entre o papel das vibrantes e o abaixamento das vogais pretônicas.

O fato é que, em relação ao uso do /R/, os migrantes sulistas mais jovens GI, não falantes nativos da variedade nordestina, já mudaram o uso do /R/ em *onset* e em posição intervocálica substituindo-o pela fricativa; além disso, há uma mudança em curso do /R/ em coda. A coexistência do tepe em coda pode ter relação com uma possível manutenção nessa posição, relacionada aos usos na posição intervocálica ou no chamado *-r de ligação* (*-r em coda final com vogal inicial do próximo vocábulo*).

Quanto aos usos da lateral vocalizada em coda [l < w], conforme observado nas palavras, *sol, sal, milharal, calça, Brasil, anel*, que apareceram como respostas às perguntas QFF 05, 23, 24, 29, 33 e 43, a realização é suprarregional. No entanto, a velarização da lateral²¹² ainda ocorre, atualmente, na variedade sulista, diferenciando-a das demais variedades pelo país.

Gráfico 15 – Realização da lateral em coda silábica pelos grupos GI e GII



Fonte: elaboração própria

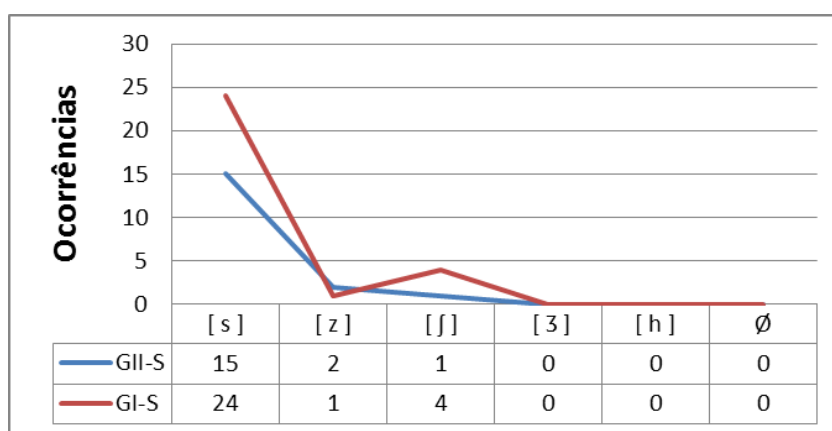
O gráfico 15 acima mostra novamente um comportamento oposto na fala dos migrantes sulistas da GII e a geração jovem GI. Os falantes GII ainda mantém a lateral em coda majoritariamente velarizada, a qual aparece em coocorrência com a vocalizada.

²¹² Há indícios de que a velarização da lateral do português europeu possa ter sido um estágio do português brasileiro, talvez presente ainda em algumas pronúncias nordestinas remanescentes com paragoge, como *sal < sali, sol < soli*, etc., ou vestígios do português arcaico e até mesmo herança do galego-português. Por isso, torna-se necessário observar os contatos linguísticos do passado e do presente, como a realização *standard* velar da lateral nas variedades do espanhol e nas variedades de línguas alemãs presentes no bilinguismo do Sul do Brasil.

Vemos, portanto, uma resistência menor da lateral do que da vibrante; enquanto uma admite já na GII influxos da variante em contato, a outra resiste na sua forma original. Entre os jovens, novamente, é categórica a adesão à variante suprarregional que, neste caso, equivale à vocalização [w].

Outra realização fonético-fonológica portadora de marca regional é a sibilante em coda, como se pode observar nas palavras *isqueiro, paz, dez, festa, pasta* (respostas às perguntas QFF 01, 30, 46 e QSL 16, 42) e em outras produções disponíveis no *corpus*.

Gráfico 16 – Realização do /S/ em coda silábica pelos grupos GI e GII



Fonte: elaboração própria

Os resultados apresentados no gráfico para a análise diageracional apontam um traçado muito similar entre falantes GI e GII. Observa-se uma manutenção generalizada da sibilante alveolar [s] e reduzido número de palatalizações. Estas ocorrem de forma incipiente na fala da GI, em palavras como *festa, arrasta pé, nordestino, estilingue e pasta* (QSL 16, 23, 34 e 42), portanto predominantemente diante de consoantes dentais. As realizações vozeadas [z] ou sonoras se explicam pela coda precedida de consoante sonora. Já a palatalização do /S/ apresenta o contexto fonético-fonológico em comum nas palavras mencionadas, qual seja, preceder uma consoante palatal [t]. Há, além disso, a assimilação regressiva do traço palatal, fricativando a sibilante em coda.

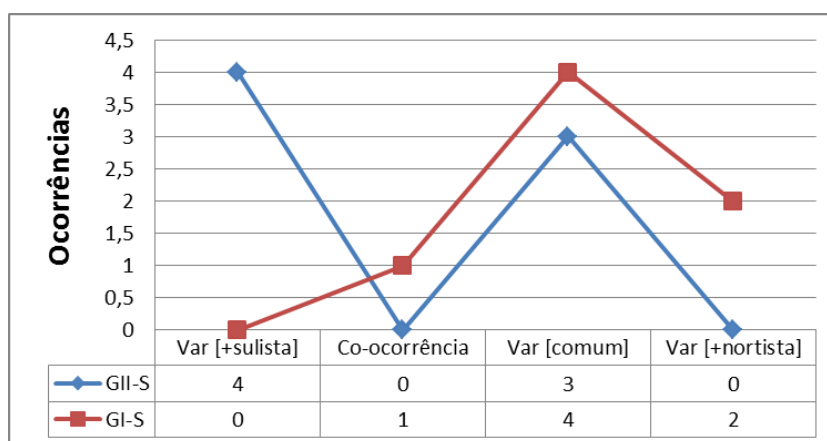
Essa palatalização difere da palatalização em coda final, verificada nas variedades do Rio de Janeiro e de Belém, as quais independem do traço palatal, podendo ocorrer em palavras como *paz, dez, três* e onde houver a presença da sibilante. A palatalização apresentada nesse resultado com os falantes balsenses é a palatalização presente na variedade nordestina, ocorrendo somente no /S/ em coda precedida de consoantes palatais t/d.

É importante lembrar que, em relação aos contatos linguísticos, há no grupo falantes bilíngues - português e alemão. As variedades de língua alemã apresentam a palatalização de sibilantes precedidas por consoantes palatais, como em *Stadt, frühstücken, Straße, stehen, stellen, steigen*, entre outras. Entretanto, registrou-se apenas um caso de palatalização no grupo GII, que é bilíngue, como se pode verificar no gráfico. Já no grupo GI, há apenas um bilíngue, no entanto houve palatalização também na realização dos monolíngues em português. Portanto, verifica-se que essa palatalização não parece ser resultado de influência de uma língua de imigração, pelo menos não de contato recente. Trata-se de uma característica da variedade nordestina falada em Balsas, a coocorrência da sibilante nesse contexto fonético-fonológico, como ocorre em outras localidades da região Nordeste (CALLOU; LEITE, 2009; MACEDO, 2004; CHACON, 2012). Tal realização também é verificada no norte de Tocantins pelo atlas ALITTETO, pesquisada por Silva (2018), como influência da migração maranhense para Araguaína, Palmas e arredores.

A palatalização de /S/ precedido de t/d na fala dos sulistas que migraram antes da estabilização de uma variedade regional materna, ou seja, na faixa etária antes dos 18 anos, é bastante perceptível em Balsas. Como já mencionado, essa foi mais uma característica percebida como uma diferenciação entre as variedades sulistas migradas, mato-grossense e maranhense.

Como síntese das análises realizadas no questionário fonético-fonológico (QFF), na dimensão diageracional, comparando a fala da geração de migrantes mais velhos (GII) com o português da geração de migrantes mais jovens (GI), os resultados mostraram que:

Gráfico 17 - Síntese dos resultados na dimensão diageracional (QFF)




























Fonte: elaboração própria

Os resultados das análises fonético-fonológicas na dimensão diageracional, contrastando as variantes de uso das gerações GII e GI de sulistas, apontam que os migrantes mais velhos resistem com as variantes que carregam marcas [+sulistas], mas também empregam variantes menos marcadas, comuns às duas variedades regionais, porém sem aderir ao uso das variantes [+nortistas]. Os migrantes mais jovens, por outro lado, tendem ao abandono das variantes com marcas [+sulistas], substituindo-as ou por variantes menos marcadas e mais comuns às variedades do Norte e do Sul, ou por variantes de uso no português dos falantes locais do Norte.

Para corroborar essa tendência de mudança em progresso no uso do português entre falantes GII e GI do grupo sulista, vejamos agora o que ocorre com variáveis do nível semântico-lexical. A tabela a seguir reúne as respostas dadas ao questionário semântico lexical (QSL), além de servir de base para tirar algumas conclusões sobre o comportamento das gerações migrantes no uso de variantes lexicais:

Tabela 3 – Primeiro quadro de variáveis lexicais para análise da variação diageracional

Pergunta			Variação Diageracional			Tendência na GI
	Var. [+sulista]	Var. [+nortista]	GII	GI	Var. [+comum]	
QSL 02	bergamota vergamota	mexerica tanja			tangerina poncã	Var. [+comum]
QSL 03	aipim	macaxeira			mandioca	Var. [+nortista]
QSL 05	lavar	gradear			arar	Var. [+sulista]
QSL 06	carpir	limpar			capinar	Var. [+comum]
QSL 08	corvo	urubu			abutre	Var. [+nortista]
QSL 10	guampa aspa	-			chifre	Var. [+comum]
QSL 11	cola	sedém			rabo cauda	Var. [+comum]
QSL 12	tatu	meleca			catarro casca	Coocorrência
QSL 14	asa	gaiero			sovaco	Var. [+sulista]
QSL 15	garrão	-			calcanhar	Var. [+comum]
QSL 16	fandango baile	forró festa				Var. [+sulista]

Fonte: elaboração própria

O quadro de variantes acima pode ser usado para analisar ou medir a proporção de manutenção, na GI, de variantes [+sulistas], ou sua covariação e substituição por variantes [+comuns] (de uso geral e sem conotação regional) e [+nortistas]. Assim, em apenas 3 das 11 variáveis, predomina ainda, mesmo na GI, uma variante marcada como [+sulista]. A maioria, 5/11, tende ao uso de uma variante [+comum] e em 2/11 variáveis registra-se o avanço das variantes [+nortistas] *macaxeira* e *urubu*. De modo geral, contudo, é preciso considerar que mesmo os falantes da GII tendem a adotar o léxico do novo meio no Norte, ou abandonar suas formas regionais muito salientes, para se integrar na cultura local que esse léxico exprime.

Cabe assinalar que as respostas ao questionário semântico-lexical compreendem as produções obtidas nas duas primeiras fases da técnica em três tempos (perguntar – insistir – sugerir). Quando se formula uma pergunta, vale dizer, a primeira resposta pode não corresponder ao repertório de uso ativo do falante, que pode ainda incluir um espectro de outras variantes que normalmente emergem em diferentes contextos de interação do falante (THUN, 2017 [2005]). Nesse caso, a resposta espontânea equivale, via de regra, à forma mais usual, mas também pode representar a variante eleita para a situação específica da entrevista para fins de pesquisa acadêmica. O estilo exerce o seu papel em cada situação, de acordo com o contexto interativo, o que Thun (2017 [2005], p. 95) chama de “*língua apresentante*”.

Tomando como exemplo a pergunta sobre “uma festividade com música para dançar, que geralmente acontece à noite”, obtiveram-se as seguintes respostas dos falantes GII-S:

- m1 - ó, nós na nossa região chamava de baile ou fandango né, não me lembro outro...acho que baile e fandango, né
- f1 - baile e fandango é
- <I1 - recorda de algum outro?>
- m2 - aqui na região chama de forró muitas vezes, né, lá tem um forró hoje à noite
- <S - lembra de entrevero?>
- m3- entrevero? Entrevero é uma briga, né...uma discussão, uma briga
- <I2 - não é uma festa?>
- m4- não, entrevero é...é... já é, são contendias né, discussões, entrevero geralmente era de faca de coisa, lá no sul eles falavam né, hoje se fala entrevero de= de comer.../

- f2 - de comer é
- m5 - tudo picadinho, misturado, tudo quanto é carne e coisa - vamos fazer um entrevero! ((risos)) Já é pacífico...

(Entrevista CabGII-S_mf)

O entrevistado emprega as formas *baile* e *fandango*, porém afirma que “na nossa região chamava...”, o que significa que pode não chamar mais, no sentido de nomear o evento instigado na pergunta. A falante confirma as mesmas denominações, “*baile e fandango, é*”. Em suma, são as respostas que vieram à mente dos entrevistados, naquele momento. No entanto, quando se parte para a segunda fase da técnica – *insistir* – instigando com a pergunta “*recorda de algum outro?*” ou seja, se o entrevistado se lembra de algum outro nome para o evento, obtém-se a resposta “*aqui na região chama de forró muitas vezes...*”. Então, o entrevistado faz uso dos dêiticos novamente para situar os espaços onde os nomes são empregados, “lá e aqui”, “na nossa região” ou “lá” se fala assim, “aqui” se fala com essa outra denominação.

Constata-se que, em nenhum momento, os falantes dizem qual é ou são os nomes usados por eles para nomear o tal evento. O entrevistador mais experiente certamente perguntaria, “mas como vocês chamam essa festividade com música à noite aqui na localidade?”. Talvez se depreendesse mais nuances sobre o contato intervarietal entre as variedades do norte e do sul do país. Por que, no fim, a hipótese do que se poderia depreender, é que eles diriam que são eventos diferentes. Um baile ou fandango é diferente de um forró, mesmo que seja “uma festividade com música para dançar à noite”. As diferenças não residem somente no estilo de música e instrumentos utilizados para animar o evento. As diferenças residem nos dançantes e seus gostos com suas habilidades para cada tipo de dança, no tipo de roupa ou traje utilizado para o estilo de dança, no ritmo, no comportamento, e no principal, a variedade linguística utilizada tanto nas letras das músicas quanto no contexto interativo proporcionado pelo evento. Portanto, um fandango é um fandango e um forró é um forró. Aqui, A não é B²¹³. Não se trata de valorar nem um nem outro evento, trata-se de observar e perceber que são eventos culturais diferentes.

²¹³ No CTG da localidade há fandangos animados por bandas do sul do país e que animam o evento com um repertório musical eclético, alternando músicas sulistas e nortistas, principalmente as do ícone do forró, Luís Gonzaga, em ritmo adaptado de vanerão. A sanfona que no Sul é chamada de *gaita* agrada a todos os dançantes, sulistas e nordestinos. Esse evento adaptado para as duas culturas ocorre por parte dos sulistas, nunca o contrário, daí o caráter de grupo minoritário, linguística e culturalmente, dos migrantes sulistas no Nordeste.

Já a terceira etapa da técnica em três tempos – *sugerir* – não faz parte do quadro apresentado acima. Na pergunta do *corpus* da pesquisa inserida aqui, o entrevistador sugere a forma *entrevero*, constante como uma das variantes no questionário (QSL), para ver o que os entrevistados diziam, e então eles comentam que se trata de outra coisa, e não uma festividade. Pela lógica do questionário, *entrevero* também designa o evento, talvez no sul do país ou em outra região, mas como são comunidades de fala sulistas regionalmente localizadas, os usos linguísticos podem ter adquirido diferentes acepções ao longo do tempo²¹⁴.

Isso foi depreendido nas respostas dos mais velhos, GII. O que, contudo, os mais jovens, GI, teriam respondido à essa mesma pergunta?

- <F - ... uma festividade com música para dançar, que acontece geralmente à noite?>
- m1 - festividade com... baile...
- f1 - baile
- m2 - um vanerão, um baile
- f2 – boate
- <S - fandango, já ouviram também essa expressão?>
- f3 - sim, fandango

(Entrevista CbGI-S_mf)

Os entrevistados sulistas GI do excerto acima respondem com a mesma denominação dada pelos GII, *baile*, para denominar o evento, mas não se lembram da forma *fandango*, usando no lugar um hipônimo, *vanerão*, que é um estilo/ritmo geralmente executado no fandango. Assim, a entrevistadora não faz a etapa da insistência perguntando por outras denominações, mas ela aguarda os falantes se lembrarem de mais alguma palavra, até que a falante menciona a metonímia *boate*, o que na verdade não é o evento em si, mas o local onde se executa músicas para dançar. Por essa razão, a entrevistadora passa direto à terceira etapa que é a sugestão: “*fandango*, já ouviram também essa expressão?” A entrevistada confirma que sim, sem fazer mais comentários.

²¹⁴ *Entrevero* no Dicionário de Porto-Alegre (FISCHER, 2011, p. 119) significa confusão, briga, desordem, pega. Do espanhol platino.

O outro falante sulista mais jovem (m1) foi entrevistado junto com sua esposa (f1), que é nortista. Vejamos quais foram as denominações que eles deram para o mesmo evento:

- f1 - eu chamo festa
- m1 – baile
- f2 - se for à noite é baile, se for de dia é vesperal, como a gente chamava ((risos)) e::ra...matina
- <I1 - outros nomes?>
- m2 - como é que chama aquelas/
- f3 – tertúlia, que vocês chamam lá no sul, né, tem as tertúlia/
- m3 – matiné, matiné, matiné era a dança gauchesca depois do almoço, depois do almoço tinha matiné
- <I2 - e à noite?>
- m4 - à noite era baile, baile, fandango
- f4 - aqui é festa!
- <S1 - lembra da palavra entrevero?>
- m5 - entrevero é:: entrevero, a gente perde muito a...a...as origem
- <MK1 - vai esquecendo as palavras>
- m6 - vai esquecendo as palavras...

(Entrevista CabGI-SN_mf)






















A resposta espontânea do informante sulista foi *baile* e da nortista, *festa*. Após o esposo, porém, chamar o evento de *baile*, a falante insere uma explicação diferenciando os eventos realizados durante o dia e os realizados à noite, com as denominações *matina* e *baile*, respectivamente. Com a intervenção da entrevistadora que insiste perguntando por outras denominações conhecidas por eles, o falante sulista tenta lembrar e pergunta “*como é que chama aquelas...*”, ao que é interrompido pela esposa que se lembra da palavra *tertúlia*, mencionando o comentário metalinguístico, “*tertúlia, que vocês chamam lá no sul, né, tem as tertúlia.*” Nisso o falante migrante sulista se lembra de uma variante de *matina*, que a esposa já havia dito, a palavra *matiné*, explicando tratar-se de um evento realizado logo após o almoço. A palavra *matiné*, com a última vogal média baixa é pronunciada assim no português europeu, *matiné*, e vem do francês *matinée* que significa *matinal*, diferente de *matiné*, com vogal média alta no português brasileiro.









A entrevistadora aproveita o turno do falante sulista e insiste por mais nomes, perguntando “e à noite?”. Com isso, busca verificar se há mais variantes sulistas ou

nortistas no repertório dos entrevistados. O migrante volta a mencionar a forma *baile* e acrescenta a variante *fandango*. Esta última provavelmente foi lembrada no *frame* de *matiné*. A entrevistada nortista volta a reiterar a nomeação espontânea dela: “*aqui é festa!*” que pronuncia com palatalização de /s/ em coda, para não deixar dúvidas de que “aqui” se fala diferente. Em seguida, a entrevistadora faz a sugestão também da palavra *entrevero*, que o migrante sulista recebe com surpresa, como se estivesse constatando algo esquecido na memória, e sem falar da acepção de termo menciona que “*são palavras que dificilmente... a não ser que você pegue um livro lá... de um escritor de lá que usa as palavras colocando elas da forma da... da expressão, mas eu...*”, para não dizer que já não faz mais parte de seu vocabulário no Nordeste do Brasil.

Outra parte do questionário semântico lexical, na dimensão diageracional, é apresentada na tabela a seguir:

Tabela 4 – Segundo quadro de variáveis lexicais para análise da variação diageracional

Pergunta			Variação Diageracional			Tendência na GI
	Var. [+sulista]	Var. [+nortista]	GII	GI	Var. [comum]	
QSL 17	colono	sertanejo			agricultor matuto	Var. [+nortista]
QSL 28	piá / guri	piralho			menino moleque	Var. [+nortista]
QSL 31	bodega bolicho	boteco quitanda			bar venda	Var. [+nortista]
QSL 32	borracho beberrão	pé-inchado			bêbado alcoólatra cachaceiro pinguço	Var. [+comum]
QSL 33	palheiro	porronca			cigarro de palha	Coocorrência
QSL 34	bodoque	baladeira			estilingue funda*	Coocorrência
QSL 35	bolita	peteca*			bolinha de gude boliche*	Var. [+nortista]
QSL 36	gata cega	cobra cega				Var. [+sulista]
QSL 39	picumã	fumaça*			fuligem cinza carvão	Var. [+sulista]

QSL 41	cuca	pão de doce			pão recheado panetone	Var. [+sulista]
QSL 42	chimia	doce			geleia pasta	Var. [+comum]
QSL 44	nenê	xodó ponta da rama			caçula rapa do tacho o mais novo	Var. [+comum]
QSL 45	cafundó	deserto caixa prego			fim do mundo	Var. [+comum]

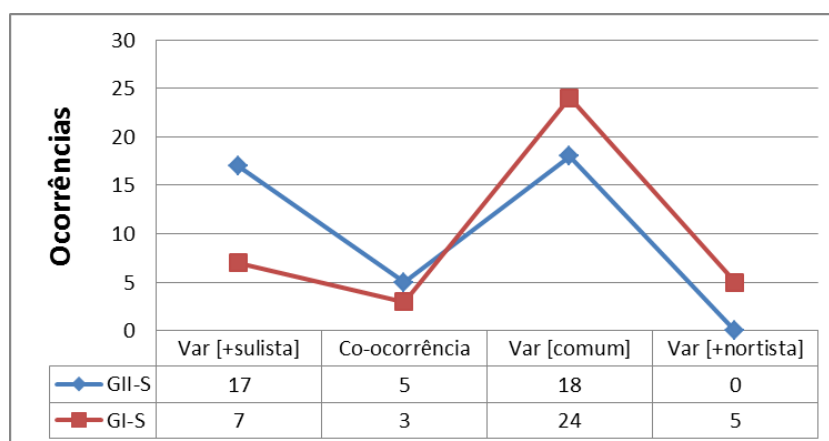
* Variantes com acepções diferentes entre as variedades do sul e do norte.

Fonte: elaboração própria

Como no primeiro quadro de variáveis lexicais, também esse segundo dá pistas sobre a proporção de manutenção ou substituição de variantes [+sulistas] na GI. Das 13 variáveis selecionadas, em apenas 3 predomina ainda, mesmo na GI, uma variante marcada como [+sulista]. A maioria tende ao uso ou de uma variante [+comum] – 4/13 – ou [+nortista] – igualmente, 4/13 variáveis, sendo dois casos de coocorrência, interpretada aqui como um comportamento variável mais tolerável. Curiosamente, são dois objetos da cultura – o *cigarro de palha* e o *estilingue*. De modo geral, novamente, se observa que mesmo os falantes da GII tendem a variar o léxico entre a origem sulista e o novo meio no Norte, ou a abandonar suas formas regionais muito salientes, que aos poucos vão caindo em desuso. Certamente, a escolha lexical está atrelada a fatores de interação mais microlinguísticos, em que se considera o tópico, a situação e os participantes da interação.

O quadro de variantes acima, como já observamos no primeiro, apresenta denominações para os mesmos objetos com diferenças regionais bastante instigantes, às quais se voltará na seção de análise dialingual, quando se irá correlacionar as variedades do Sul e do Norte. Para a análise diageracional, que é o foco desta seção, cabe fazer uma síntese geral do repertório linguístico e usos semântico-lexicais dos resultados de GII-S e GI-S, para identificar em que medida há uma mudança no léxico que afeta a própria cultura regional do grupo migrante:

Gráfico 18 - Síntese dos resultados da análise na dimensão diageracional - QSL



Fonte: elaboração própria

O resultado desse gráfico, que sintetiza os resultados das variáveis lexicais na dimensão diageracional mostra que a GI quase não usa variantes lexicais sulistas e nem mesmo nortistas, mas prefere uma variante comum menos marcada, que não a associe nem à variedade sulista e nem à nortista. Quer dizer, por já terem a consciência das formas marcadas para ambas as variedades regionais do português brasileiro, esses falantes originários da migração regional fazem uso contextualizado da variante regional de cada grupo de fala, sulista ou nortista, minimizando a percepção de suas marcas regionais. Talvez os primeiros contatos intervaretales guardados na memória também tenham influência sobre esse comportamento.

Como se pode verificar, do questionário semântico-lexical com 47 perguntas foram selecionadas 40 variáveis lexicais²¹⁵ com as quais se elaborou o gráfico acima. As demais perguntas do questionário não incluídas nas tabelas acima tiveram respostas comuns ou apenas uma ou outra resposta individual diferenciada, não sendo por isso possível identificar se se tratava de uma provável variante regional ou de uma forma idioletal.

A geração GII-S, vale destacar, parece estar resistindo às variantes consideradas [+nortistas] e tentando manter as variantes [+sulistas], ao lado de um número de itens lexicais comuns às duas variedades regionais. Isso, de alguma forma, faz com que esses migrantes mais velhos continuem a manter a variedade regional da matriz de origem, assim como a cultura e os costumes sulistas. Ao mesmo tempo, fazendo uso maior de variantes comuns à fala sulista e nortista, que seriam teoricamente formas regionalmente

²¹⁵ As demais questões não foram incluídas por não apresentarem respostas de todos os entrevistados.

menos marcadas, conseguem participar dos dois grupos de falantes regionais sem se sentirem tão diferentes ou excluídos.

A geração GI, dos sulistas migrantes mais jovens – portanto, com idade inferior a 20 anos – e que migraram com seus pais para o Maranhão, entrou em contato com a variedade nortista (nordestina) antes mesmo de ter estabilizado a sua variedade regional materna (SIEGEL, 1985). Com isso, os *inputs* da variedade regional do destino de certo modo se sobrepuseram à variedade sulista falada em casa, no domínio da família (cf. conceito de “língua materna”, no cap.2). Essa geração, em conversas informais, chegou a relatar que sofria *bullying* na escola, logo após a migração, e tinha muita vergonha de falar diante dos colegas e professores falantes da variedade nortista, pois sua variedade sulista era motivo de correção por parte dos docentes e servia de chacota dos colegas de escola. Migrantes relataram terem sofrido esse tipo de discriminação linguística, implorando aos pais²¹⁶ para abandonar a escola e ir morar no interior. Infelizmente, a cultura da discriminação está muito presente no país; ainda a presenciamos diariamente com os grupos minoritários, seja de que natureza e contexto for.

O contato intervarietal – entre variedades regionais do português – coloca lado a lado duas comunidades de fala. Fica a pergunta sobre quem puxa o processo de nivelamento e qual a direção das mudanças, ou melhor, qual grupo se aproxima mais da fala do outro. Essa é uma pergunta que nos remete à variação diacontatual – entre as variedades do português do Sul e do Norte, como veremos a seguir.

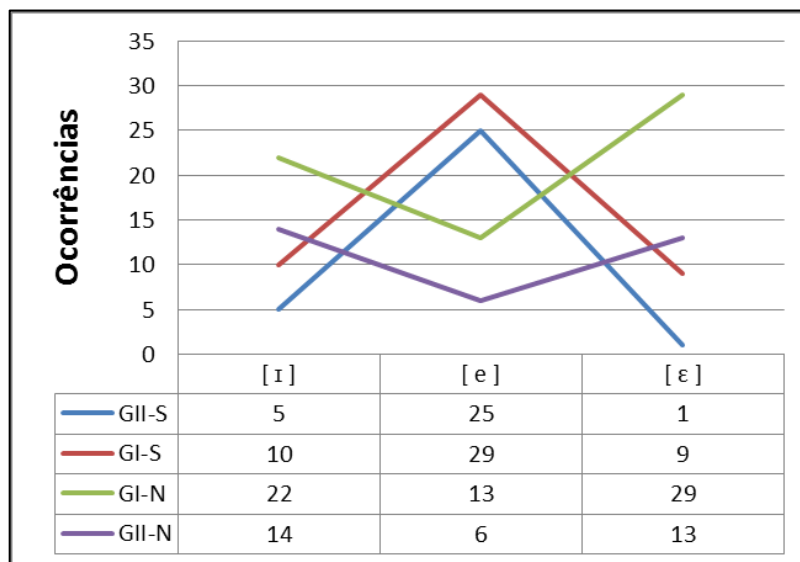
4.4 A dimensão diavarietal (dialingual): português sulista vs. nortista

Para a análise das **vogais médias pretônicas**, foram selecionadas 13 perguntas do QFF com palavras como *colher*, *procissão*, *ferendo*, *tomate*, *ferida*, *sorriso*, etc. e 18 perguntas do QSL, contendo palavras como *sereno*, *orvalho*, *menino*, *bodega*,

²¹⁶ Há relatos de que no início da migração sulista, filhos de várias famílias ficavam na zona urbana da localidade para estudar, em internatos, na casa de parentes ou amigos, enquanto os pais moravam no interior, nas fazendas. E como não havia pavimentação nas estradas, cada viagem à cidade era sempre longa e dispendiosa. Essa memória relatada por migrantes no sul do Maranhão não se diferencia de experiências semelhantes vivenciadas em outros lugares do país pelos migrantes regionais, seja o migrante do sul ou do norte. Há grande dificuldade em se aceitar o diferente, a cultura e a língua falada de forma diferente, gerando *preconceito linguístico* (cf. Bagno, 2007).

peteca, boneca, etc. Ao todo, somam-se, portanto, 31 perguntas e 35 respostas com palavras contendo vogal média pretônica. Os resultados obtidos com a vogal média pretônica anterior, na correlação entre os resultados de GII e GI sulistas (-S) e nortistas (-N) podem ser visualizados através do gráfico seguinte:

Gráfico 19 – Vogal média pretônica anterior no português balsense



-S: Sulistas; -N: Nortistas

Fonte: elaboração própria

Os resultados do gráfico deixam evidente o contraste na fala de ambos os grupos regionais, de origem sulista e nortista, no uso das vogais médias pretônicas, que se comportam de forma completamente diferente no português brasileiro do Norte e do Sul (BRANDÃO, 2015). Vale lembrar que esses falantes estão em contato há quase quarenta anos, na comunidade balsense, no sul do Maranhão. O critério opositivo estabelecido pela *Geolinguística Pluridimensional e Contatual* (ALTENHOFEN, 2013) com falantes migrantes e locais, tendo por base a *Dialetologia Pluridimensional e Relacional* (THUN, 1998) de falantes topodinâmicos e topostáticos, possibilita desvelar os comportamentos linguísticos dos grupos de fala em contato.

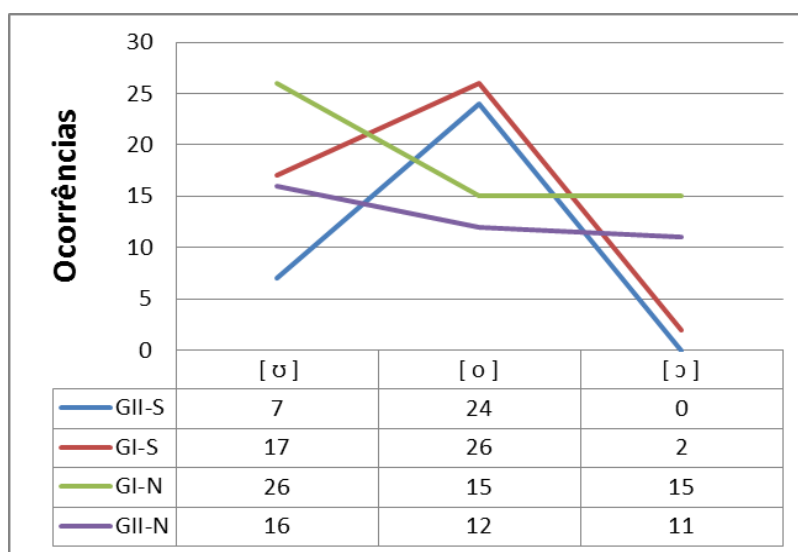
Para isso, os conhecimentos históricos, antropológicos e sociais de formação de uma localidade são imprescindíveis para auxiliar nos critérios a serem aplicados na dimensão diatópico cinética, assim como na dimensão dialingual/diavarietal em uma pesquisa geolinguística (ALTENHOFEN, 2006; THUN, 2009). Senão como identificar e caracterizar variedades regionais?

Conforme já se observou na análise da variação diatópico-cinética (v. 4.2) e diageracional (v. 4.3), os resultados apontam a tendência a uma mudança linguística na fala de G-S (sulistas) em direção às marcas de G-N (nortistas). Essa constatação requer, contudo, ainda um olhar mais atento para o comportamento de ambos os grupos, topodinâmicos e topostáticos. De acordo com o quantitativo de ocorrências para essa primeira variável (<vogais médias pretônicas>), em cada grupo, a correlação entre as variáveis sociais e linguísticas apresenta dois comportamentos opostos no português do Sul e do Norte.

O grupo de migrantes sulistas, em contato intervareietal há quase 40 anos, com o português nortista (nordestino), apresenta a manutenção da variante sulista com predominância da vogal média alta [e] na maior parte dos usos restritos ao ambiente fonético-fonológico para a variação de abaixamento ou alçamento. Conforme baixos índices de frequência de abaixamentos no português meridional e índices elevados no português setentrional (BISOL, 1988; 2014; CARMO, 2014; BRANDÃO, 2015; MOTA; LOPES, 2018), a variedade dos migrantes sulistas no nordeste sinaliza, neste caso, uma estabilidade relativa, apesar de já se constatar um número progressivo de ocorrências de abaixamento e alçamento. Já no grupo dos nortistas (G-N), as produções linguísticas são bastante variadas, dispersando-se entre o alçamento e o abaixamento da vogal média pretônica. Ao mesmo tempo, verifica-se também uma menor frequência de usos da vogal média alta, em comparação com os sulistas. Isso diferencia ambas as variedades do português brasileiro meridional e setentrional (NASCENTES, 1953; CARDOSO, 1986; CALLOU; LEITE, 2002; NOLL, 2008; ALTENHOFEN, 2013; BATTISTI; BISOL, 2014; BRANDÃO, 2015; CALLOU; BRANDÃO, 2016; SILVA 2021).

O processo fonético-fonológico do abaixamento é a forma marcada entre as variedades do Sul e do Norte, segundo Nascentes (1953), enquanto os alçamentos são considerados variações suprarregionais. Também o resultado da vogal média pretônica posterior aponta um comportamento similar, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 20 – Vogal média pretônica posterior no português balsense



-S: Sulistas; -N: Nortistas

Fonte: elaboração própria

O gráfico acima mostra que o comportamento das vogais médias posteriores em pauta pretônica se assemelha ao das vogais anteriores, na relação da dimensão diavarietal. Novamente, falantes topodinâmicos apresentam um comportamento inverso ao dos falantes topostáticos. A predominância das vogais médias altas ou fechadas em relação à vogal alta e à vogal média baixa nas produções linguísticas dos falantes topodinâmicos evidencia que a variedade sulista continua resistindo, mas já começa a apresentar indícios de variação em progresso em direção à variedade nortista (nordestina).

As ocorrências de alçamento, como um uso suprarregional, predominam em ambas as variedades, em relação ao abaixamento, porém se mostram variáveis. O contexto da vogal média pretônica anterior parece favorecer mais o abaixamento [e < ε] em relação ao alçamento [e < ɪ] do que no contexto da vogal média pretônica posterior, tanto para falantes topodinâmicos quanto topostáticos, sulistas e nortistas respectivamente. É possível relacionar essas realizações fonético-fonológicas das vogais médias pretônicas mais recorrentes, abaixamento da anterior [ε] e alçamento da posterior [ʊ], como um processo de variação e mudança fisiologicamente motivadas (VIEGAS, 1987).

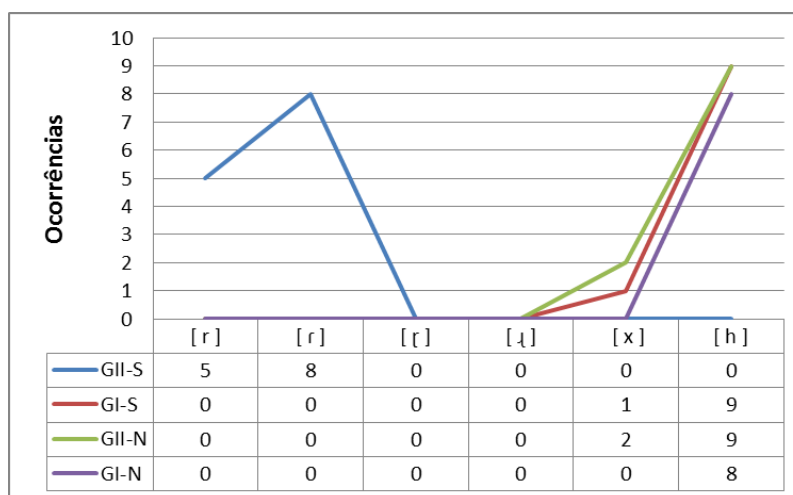
Observando ainda os contextos fonético-fonológicos, precedente e seguinte, as ocorrências de abaixamento aparecem sendo precedidas por labiais, coronais, dorsais e nasais sem predominância, e seguidas por palatal, velar e rótica com predominância da

última. Esses dados não são suficientes para corroborar nem refutar pesquisas realizadas quanto ao contexto fonético-fonológico, apenas possibilita descrever indícios que levem a mais estudos e análises.

Outra variável linguística considerada como marca regional é o uso do /R/. Dados do ALERS e do VARSUL “indicam que a variável vibrante está condicionada principalmente pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na sílaba” (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). Neste caso, a fricativização da vibrante é que representa o processo fonético-fonológico suprarregional, no entanto, a variação regional ocorre por exclusão, isto é, não há a “desfricativização”. Os falantes do /R/ fricativo nas posições de r-forte, sendo em *onset* e intervocálico não realizam a vibrante múltipla, mas sim uma das variantes fricativas. Já falantes da variedade regional que possuem a vibrante como r-forte podem alternar com a fricativa.

Para a análise da vibrante em *onset*, o questionário contemplou perguntas que tiveram como respostas as palavras *revólver*, *rodo*, *rapa do tacho*, *rabo* (respostas às perguntas QFF 02, 15 e QSL 11, 44). Essas foram complementadas com dados de conversas livres e narrativas curtas. Vejamos, porém, o seguinte gráfico que sintetiza os resultados para o conjunto de respostas dos quatro grupos de entrevista:

Gráfico 21 – O uso do /R/ inicial no português balsense



-S: Sulistas; -N: Nortistas

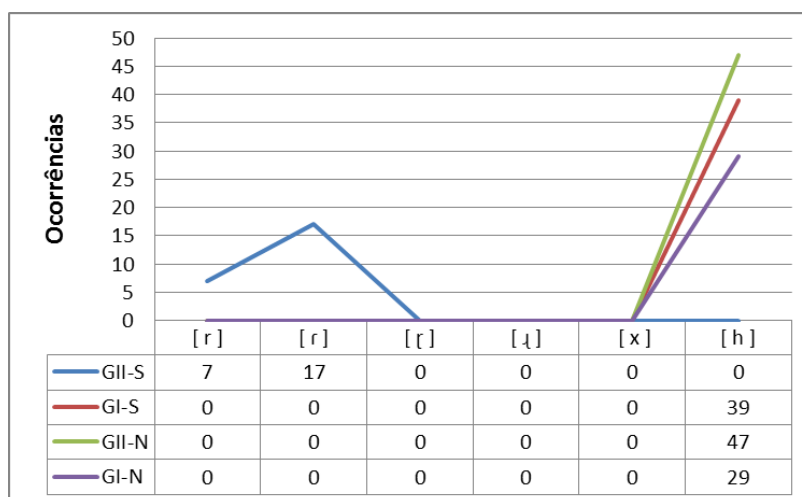
Fonte: elaboração própria

Fica evidente, a partir do gráfico, a variação “opositiva” no uso da vibrante em posição inicial, entre os grupos dos migrantes sulistas e nortistas. O grupo GII-S realiza em *onset* a vibrante múltipla e o tepe, enquanto na variedade do português nortista essas

variantes permanecem ausentes, em posição inicial de palavra. O grupo nortista realiza categoricamente as variantes fricativas. Uma possível influência da variedade sulista sobre a nortista é bastante improvável, uma vez que a fricativação é um processo fonético-fonológico suprarregional. Já o contrário é possível, entre os jovens GI-S que realizam as fricativas em *onset*.

Pode-se ainda observar que o quantitativo de realizações do tepe é superior à realização da vibrante múltipla no grupo G-S. O contato intervietal com o padrão fricativo dos róticos parece ter essa influência sobre a realização da vibrante múltipla da variedade sulista.

Gráfico 22 – O uso do /R/ intervocálico no português balsense



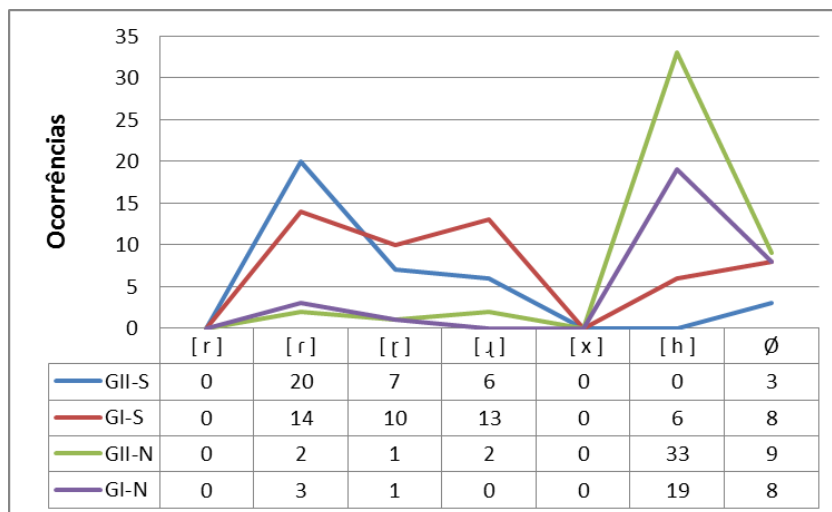
-S: Sulistas; -N: Nortistas

Fonte: elaboração própria

Os resultados corroboram a inversão no uso das variantes entre os grupos de falantes topodinâmicos e topostáticos em contato. O que chama a atenção é que os jovens GI-S adotam o padrão de fala do Norte, empregando em 100% das realizações a fricativa, em palavras como *arroz*, *carro*, *borracha*, *sorriso*, *chimarrão* (respostas às perguntas do QFF 03, 19, 34, 44 e QSL 43). Fica evidente a relevância da dimensão diageracional, que mostra uma mudança linguística em progresso, pois processos fonético-fonológicos como a debucalização (ABAURRE; SANDALO, 2003) e variáveis sociais como a origem étnica e regional contribuem para isso. Vale lembrar que o uso da vibrante múltipla é estigmatizado no sul do Maranhão, pois, quando se ouve um nortista imitando um sulista, é o r-forte vibrante que ele acentua no contexto intervocálico, devido a sua saliência fônica e pronúncia no léxico regional sulista, por exemplo, em palavras como *churrasco* ou *chimarrão*.

Em relação ao /R/ em coda, vejamos como se apresenta seu uso na correlação entre a variedade do Sul e do Norte:

Gráfico 23 – O uso do /R/ em coda no português balsense



-S: Sulistas; -N: Nortistas

Fonte: elaboração própria

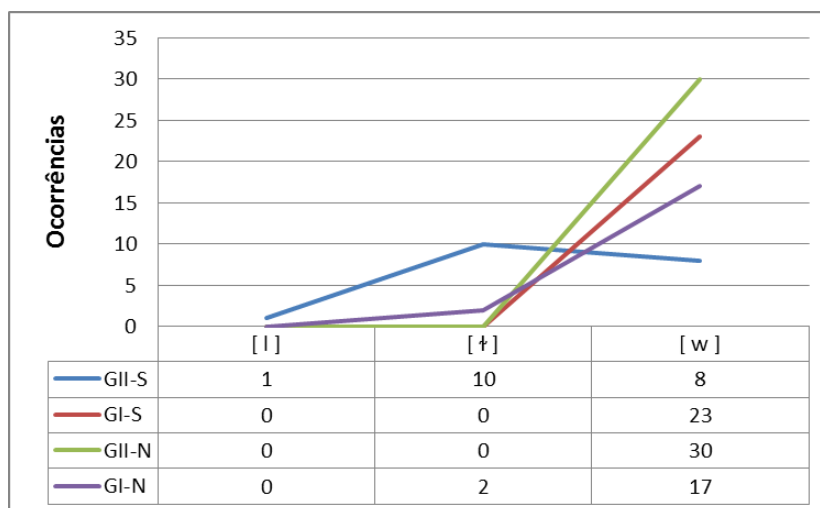
O uso do /R/ em coda medial e final apresenta uma desestabilização das formas do padrão da variante sulista, equivalente ao r-fraco ou tepe, em coocorrência com o padrão da fricativa da variante nordestina na localidade de Balsas, que prioriza o uso da fricativa glotal. O grupo G-S ainda emprega o tepe como variante predominante, mesmo no grupo GI, isto é, constata-se neste caso uma resistência relativa da variante regional [+sulista]. Porém, essa variante [+sulista] já começa a concorrer com as formas da aproximante tepe, uma forma ainda mais enfraquecida da vibrante simples, e a aproximante retroflexa, uma forma intermediária que avança ainda mais para uma articulação recuada, indo até o apagamento total do uso do /R/, conforme observado nas únicas palavras com /R/ em coda final analisadas acima, ou seja, *colher* (subst.), *capinar* e *calcanhar* (QFF 04, 06 e 15). Nessa posição, a variante retroflexa parece ser mais estigmatizada no contato com o padrão nortista (BRANDÃO, 2007), que prioriza a fricativa glotal e o apagamento (como norma local), do /R/ em coda.

O grupo de falantes GI-S já demonstra fazer uso da fricativa glotal em coda, mas também realiza apagamentos, seguindo uma tendência suprarregional em determinadas classes de palavras, especialmente dos verbos no infinitivo (CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015; OLIVEIRA, 2018). No entanto, os usos concomitantes das variantes tepe, aproximante tepe e aproximante retroflexa, fricativa glotal ou apagamento pelo

grupo mais jovem, mostram que há interinfluência de uma variedade regional em outra, uma possível mudança em curso.

Quanto aos usos da lateral em coda em palavras como *sol*, *sal*, *milharal*, *calça*, *Brasil*, *anel*, respostas às perguntas QFF 05, 23, 24, 29, 33 e 43, a vocalização parece representar um fenômeno suprarregional (MARGOTTI; PINHO, 2012). Sua expansão, no contato entre as variedades deste estudo, é notória, como mostra o gráfico abaixo. No entanto, a velarização da lateral²¹⁷ ainda ocorre, atualmente, na variedade sulista, diferenciando-a das demais variedades pelo país. Battisti e Moras (2017) afirmam que a vocalização depende de certos itens lexicais dependentes de restrições linguísticas e sociais nas amostras que analisaram.

Gráfico 24 – O uso da coda lateral no português balsense



-S: Sulistas; -N: Nortistas

Fonte: elaboração própria

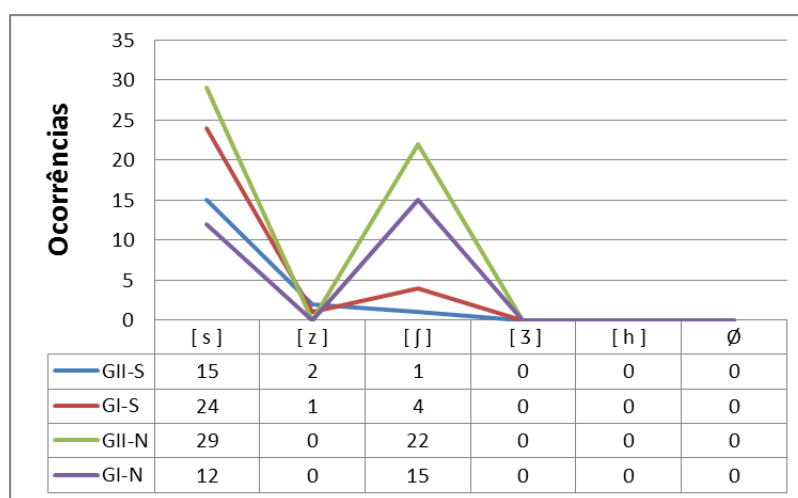
O gráfico mostra que o grupo GII-S ainda mantém a lateral, sobretudo velarizada, mas os jovens GI-S já aderiram, de forma generalizada, conforme já se viu em outras análises, à vocalização. Nesse caso, no grupo GI-N se observa um indício de

²¹⁷ Há indícios de que a velarização da lateral possa ter sido resultado do contato com o português de açorianos, como verificado por Furlan (1989), no litoral catarinense, e também presente ainda em algumas pronúncias nordestinas remanescentes da geração mais velha, como em *sal* < *sali*, *sol* < *solí*, já percebido de oitiva pela autora desse texto, também na localidade de Balsas. Porém, ficamos no senso comum se observarmos só os contatos linguísticos do passado e não os do presente, como a realização da lateral nas variedades do espanhol (ESPIGA, 1997) e nas variedades de línguas alemãs brasileiras (QUEDNAU, 1993), presentes no bilinguismo do Sul do Brasil (TASCA, 1999), nos dias atuais.

adoção da variante “do outro” em contato, com duas ocorrências de lateral velarizada. Isso demonstra que mesmo em contato com a variedade dos mais jovens e mesmo o padrão local de uma variedade nordestina que realiza a vocalização, a lateral velar ainda resiste, talvez como um padrão de fala mais antigo, mesmo que, esporadicamente, ou indício de variação por contato intervarietal.

Outra realização fonético-fonológica portadora de marca regional é a sibilante em coda, como verificado nas palavras *isqueiro, paz, dez, festa, pasta* (respostas às perguntas QFF 01, 30, 46 e QSL 16, 42) e em outras produções constantes no *corpus*.

Gráfico 25 – O uso do /S/ em coda no português balsense



-S: Sulistas; -N: Nortistas

Fonte: elaboração própria

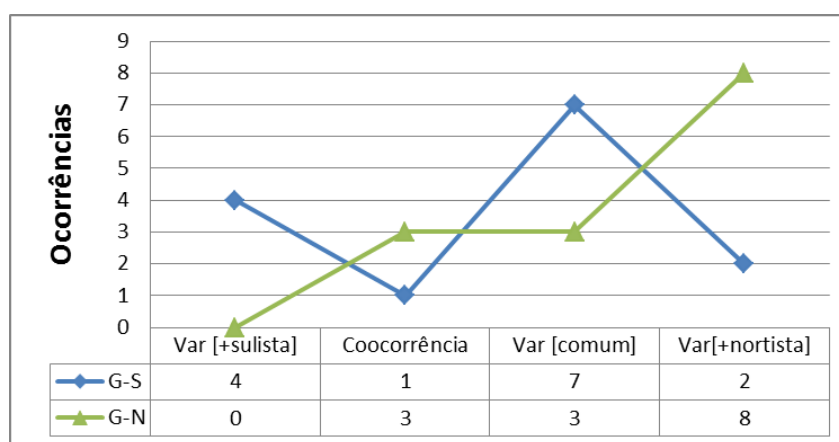
Os resultados na dimensão diavarietal mostram que a realização da sibilante /S/ predomina nos dois grupos, G-S e G-N, embora a palatalização diante de consoante dental t/d seja uma marca regional característica da fala do grupo nortista. Nesse particular, foram observadas algumas realizações de palatalização inclusive entre falantes do grupo G-S, sobretudo GI, em palavras como *festa, arrasta pé, nordestino, estilingue* e *pasta* (QSL 16, 23, 34 e 42), conforme apresentado no gráfico. As realizações vozeadas [z] ou sonoras se explicam pela coda precedida de consoante sonora. Já a palatalização do /S/ apresenta o contexto fonético-fonológico em comum nas palavras mencionadas, qual seja, preceder uma consoante t/d. Há a assimilação regressiva do traço palatal da sibilante em coda.

É importante mencionar que, atrás do contato intervarietal entre variedades regionais do português, há ainda – mesmo que de forma remanescente – o contato entre línguas, português e alemão, trazido pelo grupo migrante sulista (cf. quadro 1, na seção

1.3.2). Há, assim, probabilidade de intercurso de traços fonético-fonológicos entre as línguas²¹⁸ ou mesmo de reforço positivo por identidade com a variedade do português nordestino, que tem o mesmo traço da palatalização de sibilantes precedidas por consoantes palatais. Mesmo constatando uma baixa ocorrência de palatalização no grupo G-S, conforme mostra o gráfico acima, é possível ouvir realizações frequentes de sibilantes palatalizadas no grupo de migrantes, principalmente dos mais jovens, mesmo monolíngues. Estes estão em contato com ambas as variedades, que apresentam a marca palatalizada, a variedade alemã, falada pelos pais ou avós na família, e a variedade do português nordestino junto de seus pares. Não é exagero afirmar que essa palatalização parece ser resultado de contatos linguísticos muito mais complexos, do que os aventados aqui.

Como síntese dos resultados visando uma correlação entre a fala de migrantes sulistas e falantes locais do Norte, analisemos o gráfico a seguir que visualiza o número de vezes em que prevaleceram variantes com marcas de uma e outra variedade:

Gráfico 26 – Síntese: resultados das variáveis linguísticas selecionadas, no contato do português de falantes topodinâmicos e topostáticos no sul do Maranhão



-S: Sulistas; -N: Nortistas

Fonte: elaboração própria

Observando os resultados das análises fonético-fonológicas entre os grupos G-S e G-N, percebe-se que os participantes topodinâmicos resistem com as variantes que são marcas [+sulistas], mas preferem variantes menos marcadas, comuns às duas variedades

²¹⁸ Palavras como *Stadt*, *Straße*, *stehen*, *stellen*, *steigen*, *frühstücken*, e tantas outras fazem parte do repertório linguístico desses migrantes sulistas bilíngues no sul do Maranhão, cuja realização do /st/ é palatalizada [ʃt] também nas variedades do alemão brasileiro, como herança do alemão europeu, segundo Altenhofen e Morello (2018).

regionais, com menor adesão às variantes nortistas que sabemos aumenta entre os falantes jovens. Talvez por isso, o grupo G-S apresentou baixa coocorrência de variantes sulistas e nortistas em igual proporção. Os falantes topostáticos, por sua vez, o grupo G-N permanece com predominância em sua variedade regional nortista, com nenhuma adesão a variantes sulistas, como também apresenta menor uso de variantes comuns. Mesmo no número maior de coocorrências do grupo G-N em relação ao grupo G-S, estas se referem ao uso alternado entre a variante comum e a nortista, diferente do grupo G-S que alterna entre variantes [+sulistas] e [+nortistas] em igual proporção nas produções das distintas variáveis linguísticas selecionadas.

4.5 Considerações na dimensão diastrática e diagenérica

A presente pesquisa também contemplou dados linguísticos nas dimensões, diastrática e diagenérica, como variáveis que influenciam nos papéis sociais desempenhados pelos seus falantes na comunidade. A estratificação social em classe alta, média e baixa envolve mais do que condições socioeconômicas como ocupação e renda, mas, e principalmente, o grau de escolaridade ou de letramento, que se relaciona com os repertórios linguísticos na dimensão diamésica (contato entre linguagem falada e linguagem escrita). Para uma visão geral da comunidade pesquisada em Balsas, no sul do Maranhão, ver o cap. 3, seção 3.3.

Desta parte em diante realizamos análises apenas qualitativas e por isso, passamos também a agregar mais informações, observando além dos dados linguísticos obtidos em entrevistas, os dados de conversas informais aliados aos dados anotados no caderno de campo, assim como a observação etnográfica dos momentos de interação com os participantes, além da memória etnográfica da própria pesquisadora como participante das comunidades de fala em estudo. Tudo isso é relacionado a um contexto sócio-histórico mais amplo, em que o sentido se constrói no processo reflexivo e relacional, ou seja,

Para Geertz, importam não só o encontro intersubjetivo (pesquisador/ informantes), mas também o contexto do encontro histórico em si e a explicitação do(s) processo(s) de construção de interpretações. Segundo seus pressupostos, “é o sentido que proporciona um entendimento sobre o mundo, e a racionalidade é apenas uma expressão desse entendimento. A racionalidade, também ela, está mesmo inserida dentro de um ponto de vista. Assim, só há racionalidade se houver sentido” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 113).

Para se analisar as ocorrências linguísticas de falantes dos grupos Ca (*classe socioculturalmente alta*) e Cb (*classe socioculturalmente baixa*), ambas as taxionomias estão relacionadas ao grau de escolaridade; sendo Ca o falante com ensino superior completo ou incompleto (incluindo-se técnico e tecnólogo) aliado à ocupação que exija contato com a cultura escrita, e Cb o falante com ensino básico completo ou incompleto (ensino fundamental ou médio). Essa classificação segue os critérios da Dialetologia Pluridimensional que considera parâmetros em oposições binárias e o cruzamento de várias dimensões sociais, linguísticas e pragmáticas.

Os falantes topodinâmicos que são os migrantes sulistas foram agrupados como Cb (*classe socioculturalmente baixa*), salvo um dos falantes que tem formação como técnico agrícola (mas não exerce a profissão, é agricultor) e participava junto com a esposa das atividades da igreja luterana em Balsas. Mesmo por terem deixado de frequentar a igreja luterana e se tornado kardecistas, o casal participa de grupos sociais e eventos solidários junto à comunidade balsense. Também em conversas informais durante a entrevista, esse participante demonstrou ter contato diário com a cultura escrita, o que já pode influenciar seu perfil sociocultural como para Ca. Os demais falantes topodinâmicos têm apenas o ensino médio ou fundamental.

Os falantes topostáticos, que são os falantes nortistas, foram agrupados como Ca (*classe socioculturalmente alta*), porque todos têm ensino superior completo ou incompleto, salvo também uma das falantes que tem o ensino médio e é aposentada, como esposa de um ex-comerciante aposentado, ela exerce atividades em casa. Essa falante demonstrou, na sua fala sobre hábitos culturais e de lazer (parte inicial da entrevista), não ter tanto contato com a cultura escrita, embora tenha expressado que gosta de participar dos eventos da igreja (católica). A participação dos falantes em atividades religiosas pode ser mais um fator condicionante para a variação e mudança linguística no contato com a cultura escrita, como o hábito de ler a bíblia, por exemplo, frequentar templos e cultos, evangelizar, ouvir e proferir sermões, etc. A comunidade balsense dispõe de inúmeros templos religiosos de diferentes correntes e práticas teológicas.

Temos assim também, na perspectiva da dimensão diagenérica, cinco homens e cinco mulheres, sendo três homens e duas mulheres topodinâmicos, e dois homens e três mulheres topostáticos. Portanto, temos mais homens no grupo de falantes sulistas e mais mulheres no grupo de falantes nortistas. Isso ocorreu por causa da participação do casal

misto na pesquisa, o homem é sulista e a mulher é nortista. Dessa maneira, analisamos as dimensões, diastrática e diagenérica, de forma associada desvelando os papéis sociais que cada participante exerce na comunidade balsense.

Um dado interessante a ser ressaltado, com base nas observações da pesquisa de campo, é que nas entrevistas realizadas com os casais, de forma simultânea, homem e mulher (cônjuges), em que a pergunta (tópico) era realizada uma única vez ao casal, os homens topodinâmicos quase sempre tomavam o papel agentivo, iniciando o turno da resposta-conversa e a mulher repetia a resposta em sinal de concordância ou discordava, produzindo outras variantes faladas pelo esposo. Em contrapartida, no grupo dos falantes topostáticos, quase sempre as mulheres assumiam a agentividade, enquanto os homens repetiam o mesmo comportamento verificado pelas mulheres sulistas, concordavam dando a mesma resposta ou discordavam lembrando-se de outras variantes linguísticas de uso na comunidade de fala do grupo ao qual pertence.

Esse procedimento gerou questionamentos quanto ao método aplicado nesta pesquisa e que se diferencia da metodologia proposta pela Dialectologia Pluridimensional. Dois casais tinham o perfil Cab, isto é, a escolaridade era mista, em um deles, o casal sulista, o homem tem mais escolaridade que a esposa, e o outro, o casal misto, sulista e nortista, a mulher tem mais escolaridade que o marido. Então, pergunta-se, até que ponto a fala de um influenciou a fala do outro e vice-versa, considerando que até o próprio entrevistador pode convergir com os falantes? É difícil saber, no entanto, e por outra perspectiva, o método da entrevista simultânea com mais de um participante favorece a conversa espontânea e, portanto, a produção de uma fala mais natural. E na presente pesquisa, foram conversas muito produtivas e instigantes.

Por exemplo, na pergunta 02 do QFF, que tinha por objetivo verificar a variação no verbo <varrer>, cuja formulação era “para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica)?”, as respostas foram as mais variadas possíveis, dificultando a obtenção do dado relativo à variável pretendida. Alguns exemplos foram os seguintes:

• <F> • m1 - limpar o chão? da casa? Ah: eu ainda costumo ajuda: a passa: um pano d na casa né ((risos)) eu ainda ajudo • <I1- e o que mais?> • m1 - ah:: [vasorɐ] [roðu] né essas coisa né (.) ferramentaida • fl - eu me:: eu nasci e me criei, que a [ʒête] tinha que limpa: o chão de joelho pra passa: o pano sim, era assim lá a [ʒête] no sul eu tinha a... ((sobreposição)) eu eu [d]ep=depois foi muito [d]uro eu apren[d]e: a li[d]a: com [roðu] porque [ʒête] ficava de joelho vai indo com joelho vai indo pra tra[jz] e tu vai limpando e fica [b]om ((sobreposição)) mas pra limpa: os cantu isso eu ainda faço hoje me joelho e tiro as coisa fora do lugar lavo [b]em e lava com [roðu] com [vasorɐ] (Entrevista CabGII_S).

Como se constata na fala do casal topodinâmico mais velho, o verbo <varrer> não foi produzido pelo casal. “Varrer” não é a ação principal do processo de “limpar o chão”, mas, “passar pano ou lavar”. A relação no âmbito cultural se dá, quando se considera que para conter o excesso de poeira em um lugar que fica até seis meses sem chover no “período do verão” ou também chamado “período da seca”, só mesmo o uso da água para limpar. Daí o relato da falante sulista de que “no Sul não se lava tanto”, porque ela mesma não sabia usar o rodo, passava o pano no chão com as mãos. Nesse casal mais velho, a atividade doméstica é compartilhada por ambos, homem e mulher. Vejamos o outro casal mais jovem também sulista:

• <F> • f1 - de lava: o chão mhm? (---) • m1 - pra limpá o chão ((nome)), é contigo ((nome)), tu que limpa o chão, então limpa lá • f2 - ['xodu] panu e água, isso? ((risos))
 • <I1 - limpar (-) o que mais que a gente faz?> • f3 - esfrega: • <I2 - esfregar e o que mais?> • f4 - é:: • m2 - depende o tipo de sujeira, tem que joga: água, joga: sabão, esfrega: / • <I3 - com a vassoura é o quê?> • m3 - com a vassora [va'xe:] tudo isso pra limpa: o chão • f5 - é: (.) esfrega: joga: água/ • <I4 - e com a vassoura?> • f6 - e com a vassoura (.) lavando e: depois passando um ['xodu] isso. (Entrevista CbGI_S)

Nesse excerto acima, do casal topodinâmico mais jovem, o verbo <varrer> é produzido, porém por quem não faz a atividade, quando o homem diz à mulher “é contigo....., tu que limpa o chão...”, então ela descreve o processo, ‘descontraidamente’. Os primeiros lexemas produzidos pela falante são rodo, pano e água, confirmando a tendência cultural de que <varrer> não corresponde a limpar. Verifiquemos também o excerto do casal misto, topodinâmico e topostático, a seguir, para constatar se limpar não corresponde a <varrer>.

• <F> • f1 - ter uma água, um sabão, um ['xodu] e um pano • <I1 - e o que mais, alguma outra coisa, antes de tudo isso/o nome do processo?> • f2 - ah::: a aquele puxa puxa da água, cumo é que sim? • <I2 - não antes porque geralmente pra: /> • f3 - primeiro tem que [va'xe::], pra depois você limpa:: • m1 - eu concordo com o que ela falou. (Entrevista CabGI_SN)

Também na fala desse terceiro casal se constatou a variação semântico-lexical de que limpar o chão não corresponde exatamente a <varrer>, nem mesmo como parte da atividade, porque na insistência da pergunta “o que se faz antes do processo de lavar”, a mulher responde que “primeiro varre, depois limpa”. Então limpar o chão para esses falantes equivale a lavar, não varrer. Porém, quando se observa o excerto de mais um casal, esse topostático, o verbo <varrer> aparece espontaneamente:

• <F> • f1 - lá em/ o que é preciso fazer? né: o que eu uso eu (fico) faço o seguinte, eu ['vaxu] ['vaxu] a casa aí panhu o lixo aí tiro a poeira aí eu boto sabã:u um d[e]tergente aí eu boto um pouco de água sanitária ou de azulim aí limpo, aí depois eu passo outra água com desinfetante pra fica: cheiroso o chão • m1 - eu não sei não ((risos)) eu só/ • f2 - ele não faz essas coisa • m2 - quando ela pedi eu ['vaxu] lá: (.) eu não sei não/ • <I1 -esse processo aqui então é::> • f2 - de [va'xe::]?/ • m3 - é: eu não sei não ((risos)). (Entrevista CaGI_N)

Para esses falantes, a ação de limpar vem depois de varrer. A atividade de varrer prepara o ambiente para ser limpadado com água e produtos de limpeza, seja na forma de “passar o pano com o rodo” (tipicamente mais sulista) ou mesmo jogar a água e puxar com o rodo (tipicamente mais nortista), por isso, a expressão da falante nortista “aquele puxa, puxa da água”... Jogar água em todos os ambientes da casa é comum na cultura nortista.

Além das diferenças semântico-lexicais entre varrer e limpar nas culturas nortista e sulista, pode-se observar que o casal mais velho sulista compartilha a atividade de “limpar a casa” entre homem e mulher. Essa constatação não foi observada nos casais mais jovens, incluindo-se dois deles que assumiram que essa função é exclusivamente feminina, tanto pelo homem sulista quanto nortista. A diferença entre eles aparece nas ocupações que dizem exercer, o primeiro diz que tem uma microempresa e que a esposa “quando vai lá e é ela que faz o chimarrão”. Portanto, a esposa não tem uma atividade profissional, a não ser “cuidar da casa”, geralmente com a ajuda de uma funcionária; o segundo trabalha com construção, locação e vendas, e a esposa se declarou comerciante. Ela tem uma loja no centro da cidade e não fica em casa, o que demonstra que essa atividade também não é exercida por ela no cotidiano, mas talvez aos fins de semana. O mesmo ocorre com o terceiro casal em que o homem apenas concordou com a esposa.

Todas essas descrições, comparando as constatações sobre suas falas com uma simples atividade doméstica, revelam os papéis exercidos por homens e mulheres e seu comportamento mais conservador, e ainda segregacionista em relação ao gênero e à classe social, ou, mais inovador, com aspectos igualitários e colaborativos. Tais características refletem as relações sociais em escalas mais amplas da sociedade local.

Quanto às demais observações fonético-fonológicas relacionadas ao gênero dos falantes, as descrições foram as seguintes:

Variável: Uso do /R/ em *onset* (inicial)**Variante: revólver**

Sulistas: as mulheres fricativizam e alternam no apagamento da coda final alçando a vogal átona final. Os homens também fricativizam com apagamento da coda final e alçamento da vogal átona final.

Nortistas: as mulheres usam a fricativa e fazem o apagamento do /r/ na sílaba final, alçando a vogal átona. Os homens usam a fricativa inicial e alternam entre apagamento ou não da coda final com alçamento da vogal átona final.

Variável: Uso do /R/ intervocálico**Variante: arroz**

Sulistas: as mulheres se apresentaram como mais conservadoras (uso alternante da vibrante e da fricativa). Os homens não usaram a vibrante, somente a fricativa e ditongaram.

Nortistas: o gênero não teve influência na fricativização e ditongação.

Variante: carro

Sulistas: as mulheres alternam na fricativização do /R/ intervocálico e fazem o alçamento da vogal final. Os homens fricativizam e alternam entre alçamento da vogal átona final ou não.

Nortistas: o gênero não influi no uso da fricativa e no alçamento de vogal átona.

Variáveis: Vogal média pretônica e o uso do /R/ intervocálico**Variante: borracha**

Sulistas: as mulheres alternam o alçamento da vogal média pretônica e a vibrante intervocálica. Os homens também, além da dessonorização da bilabial inicial.

Nortistas: as mulheres alternam entre as variantes <apagador> e <borracha>, sendo a primeira com apagamento da vibrante em coda, e a segunda forma com alçamento da vogal média pretônica e uso da fricativa. Os homens alternam entre o alçamento da vogal média pretônica ou não, e usam somente a fricativa.

Variante: sorriso

Sulistas: as mulheres alternam entre o tepe e a fricativa com alçamento de vogal postônica final. Os homens também.

Nortistas: as mulheres alternam entre as variantes <sorriso> e <risada> com fricativa, e <sorriso> com vogal média pretônica baixa e fricativa além do alçamento postônico.

Os homens alternam entre as variantes <risada> e <sorriso> com vogal média pretônica baixa e postônica final com alçamento.

Variante: morreu

Sulistas: as mulheres alternam entre vibrante, tepe e fricativa. Os homens também.

Nortistas: o gênero não influencia no uso da fricativa.

Variáveis: Vogal média pretônica, lateral palatal e o uso do /R/ em coda

Variante: colher (subst.)

Sulistas: as mulheres mantêm a coda em tepe e alternam entre alçamento ou não da vogal média pretônica. Os homens alternam também entre alçamento da vogal média pretônica e apagam a coda.

Nortistas: o gênero não teve influência no alçamento da vogal média pretônica e no apagamento do /R/ em coda.

Variáveis: lateral palatal e o uso do /R/ em coda

Variante: mulher

Sulistas: as mulheres alternam entre a lateral palatal e a alveolar com ditongação, assim como o uso do /R/ em coda entre a fricativa e a aproximante retroflexa. Os homens alternam além destas variantes também o uso do tepe em coda.

Nortistas: as mulheres alternam entre a forma da lateral palatal e da alveolar com ditongação, assim como o apagamento do /R/ em coda. Os homens mantêm a lateral palatal e a fricativa glotal em coda.

Variáveis: Vogal média pretônica, o uso do /R/ em coda e apagamento da dental

Variante: fervendo

Sulistas: as mulheres mantêm a vogal média pretônica alta e fazem alçamento da vogal média final. Alternam entre tepe e fricativa em coda. Os homens mantêm a vogal média pretônica alta e alternam entre a fricatização da coda e o tepe, além de alternar no alçamento vocálico final.

Nortistas: as mulheres alternam entre a perda da dental final ou não. Os homens apagam.

Variáveis: o uso do /R/ em coda interna

Variante: corda

Sulistas: As mulheres alternam entre aproximante retroflexa e fricativa em coda interna. Os homens também, com uso mais frequente da aproximante retroflexa.

Nortistas: o gênero não influi no uso da fricativa.

Variáveis: lateral em coda e monotongação

Variante: calção

Sulistas: as mulheres alternam entre a lateral em coda velarizada e vocalizada. Os homens também apresentam a mesma variação, com propensão à lateral vocalizada. Não houve monotongação.

Nortistas: as mulheres alternam entre as variantes <shorts> e <calção> com maior frequência da última e uso da lateral vocalizada. Os homens também fazem a alternância de variantes com maior frequência de <calção> com lateral vocalizada.

Variante: ferida

Sulistas: as mulheres produzem a variante <ferimento>. Os homens alternam entre a variante <ferida> com vogal média pretônica alta e a variante <raladura>, com uso da fricativa ou tepe.

Nortistas: as mulheres realizam a alternância entre a variante <ferimento> e a variante <ferida> com abaixamento da vogal média pretônica. Os homens alternam entre a variante <raladura> e a variante <ferida> com abaixamento da vogal média pretônica.

Quanto à variação lexical na dimensão diagenérica, elaboramos um quadro com algumas das realizações entre mulheres e homens nos dois grupos, nortistas e sulistas, a título de amostragem de como se comportam os lexemas mais frequentes. Isso significa que foram coletados para esse quadro a produção linguística mais frequente por gênero, como segue:

Quadro 14 – Variação lexical na dimensão diagenérica

Sulistas		Nortistas	
H	M	H	M
sereno	sereno	orvalho/sereno	orvalho
tangerina/mexerica	bergamota/tangerina	tangerina	tangerina
macaxeira	macaxeira/aipim mandioca	mandioca	macaxeira
carro de mão	carro de mão	carro de mão/carroça	carrinho de mão carroça
arar	lavar/arar	arar/gradear	Arar
capinar	capinar	Capinar	Capinar
matungo/cavalo velho	matungo	cavalo velho	
urubu	corvo	urubu	Urubu
rabo	rabo	rabo/sedém	Rabo
asa/sovaco/galheiro	asa	sovaco/fedorento/ galheiro	Galheiro
baile	baile	festa	Festa
riograndense	riograndense	gaúcho	Gaúcho
nordestino	nordestino	nordestino	Nordestino
piá/guri	piá/guri	moleque	Menino
bodega/boteco	bodega/boteco	boteco/botequim	boteco/botequim
bodoque	estilingue/baladeira	baladeira	Baladeira
bolita/bolinha de gude/peteca	bolita/peteca	peteca	peteca/bolinha de gude
gata cega	gata cega	cobra cega	cobra cega

Fonte: elaboração própria

No quadro acima, constata-se que as mulheres topodinâmicas são mais conservadoras que os homens topodinâmicos, embora uma ou outra variante mostre o contrário. Isso pode revelar em parte que o contato intervarietal é mais frequente com os homens do que com as mulheres sulistas. Essa constatação também foi verificada nas variáveis fonético-fonológicas, com mulheres mais conservadoras do que os homens no grupo topodinâmico. Não foram observadas as variações no grupo topostático.

Se fizermos relação com as variáveis sociais na dimensão diastrática, é possível compreender o comportamento das variáveis linguísticas. As mulheres topodinâmicas (sulistas) são donas de casa. Ambas, a mais velha e a mais jovem, têm apenas o ensino básico e acompanham as atividades dos esposos quando podem, uma vez que elas têm as atividades mais restritas ao ambiente domiciliar. Isso por si só indicia que os contatos intervarietais são menos frequentes.

Alguns dados do QFF na dimensão diastrática para verificar uma possível influência na questão da escolaridade e da ocupação são mostrados a seguir.

Tabela 5 – Variantes fonético-fonológicas na dimensão diastrática

Sulistas		Nortistas	
Ca	Cb	Ca	Cb
[a'xoz]	[a'xoz]	[a'xoʒ]	[a'xoʒ]
[ku'ker] ['l]	[ku'ker] ['l]	[ku'ke:]	[ku'ke:]
[mĩ'tʃire]	[mē'tʃire]	[mĩ'tʃire]	[mē'tʃire]
[kũ'padɾ]	[kũ'padɾ]	[kũ'padɾ]	[kɔ'padɾ]
[r, x] [re'vo'vi]	[xe'vo'veh] [r] [re'vo'vi]	[xe'vo'vi]	[xe'vo'vi]
[prosisã]	[prosisã]	[prosisã]	[prosisã]
['krus]	['krus]	['kruʒ]	['kruʒ]
[karu]	[karu] [kaho] ['kaxu]	['kaxu]	['kaxu]
['koɾde]	['koɾde] [kɔfidɛ]	[kɔfidɛ]	[kɔfidɛ]
[fer've'do]	[fer've'do]	[fex'venu]	[fex'venu]
['ka'sɐ]	['ka'sɐ]	['ka'sɐ]	['ka'sɐ]
['tzore]	[te'zowɾe]	[te'zowɾe]	[te'zowɾe]
[to'matɾ]	[tũ'matʃɾ]	[tũ'matʃɾ]	[tũ'matʃɾ]
[ɓo'nitu]	[bo'nitu]	[bu'nitu]	[bo'nito]
['dejs]	['dejs]	['deʒ]	['deʒ]
[pe'new]	[pe'new] [pɾnew]	[pi'new]	[pi'new]
[ɓo'ra:fɛ] [r]	[bu'xaʃɛ]	[bu'xaʃɛ]	[bu'xaʃɛ]
[ka'sãw]	[kaw'sãw]	[kaw'sãw]	[kaw'sãw]
['dē'tʃɾ] [tɾ]	['dē'tʃɾ] [tɾ]	['dē'tʃɾ]	['dē'tʃɾ]
[fe'riɖɛ] [hala'dure] [r]	[fe'riɖɛ] fe'ride] [-'mētɔ]	[fe'riɖɛ] [ɾ]	[fe'riɖɛ] [ɾ]
['õmɛj]	['õmɛj]	['õmɛj] [õmɾ]	
[mu'ker] [r]	[mu'ljeɾ]	[mu'keh]	[mu'keh]
[so'rizɔ] [r, u]	[so'xizu] [o]	[so'xizu]	[so'xizu]
[pajs]	[pajs]	['pajz]	['pajz]

Fonte: Elaboração própria

Quando observamos as produções linguísticas de ambos os grupos regionais na dimensão diastrática, constatamos que os fatores escolaridade e ocupação desempenham um papel insignificante. As marcas do português setentrional e as marcas do português meridional continuam na fala dos mais e menos escolarizados, independentemente da ocupação profissional. O que parece mudar na produção linguística é a propensão de falantes mais ou menos expostos ao contato intervareial.

Essas constatações dos falantes balsenses em contato intervareial nos fazem lembrar do comportamento dos falantes montevidianos em Rivera (THUN, 1998) e também dos vyneardenses, moradores da ilha, diante da “invasão” de forasteiros (LABOV, 1972). As marcas da variedade local são salientadas na percepção do chamado *prestígio encoberto*. Porém, no caso balsense, esse prestígio encoberto duraria mais de 30 anos desde que se iniciaram os contatos intervareiais com as primeiras

migrações de sulistas? Ou será que essas marcas são permanentes na fala balsense e vistas como *registro*, assim como na fala urbana dos peteburguenses (JOHNSTONNE *et al*, 2006)?

Vejamos, a seguir, o que dizem as percepções dos próprios falantes e suas relações sociais na próxima dimensão de análise, a diarreferencial.

4.6 Observações na dimensão diarreferencial: percepções e práticas sociais

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional prevê, com a técnica em três tempos – *perguntar, insistir, sugerir* -, a apreensão das percepções individuais e em grupo, assim como as práticas sociais que subjazem as relações em determinado espaço geográfico ou social.

A priori, pelos postulados teórico-metodológicos, as produções semântico-lexicais depreendidas no QSL são passíveis de se aplicar a técnica em três tempos, enquanto que no QFF essa estratégia se apresenta mais complexa e que envolve o chamado *paradoxo do observador*. Ou seja, perguntar por uma variante lexical que tenha as variáveis fonético-fonológicas em análise é relativamente fácil. Mas, quando se quer saber de outros usos no mesmo ambiente fonológico, insistir por outras formas de falar a mesma palavra ou sugerir formas soa artificial, mecânico, ou terá o efeito *priming*, com a repetição da mesma variante. Isso porque o mesmo processo não ocorre no nível lexical que, pelo contrário, a técnica em três tempos aplicada à pluridimensionalidade de mais de um participante suscita comentários e avaliações dos próprios falantes pesquisados entre si e com os pesquisadores de forma natural e produtiva.

Nesta pesquisa de tese, limitamo-nos a aplicar a *técnica em três tempos* apenas no questionário semântico-lexical. Dessa maneira, passamos agora não mais a tratar somente de dados espontâneos, mas de analisar algumas passagens dessas duas fases seguintes da técnica em três tempos: a insistência e a sugerência. Assim, na pergunta “De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?”, as respostas obtidas foram:

Resposta espontânea + insistência:

• <F> • f1 - [uɔʔˈvajʊ] • m1 - [ɔfiˈvaʎu] • <I1 - o que mais... outra palavra?> • m2 [neˈblinə] é.../(sobreposição) • f2 - /é u [uɔʔˈvajʊ] da noite	219
--	-----

Sugestão:

• <S1 - sereno também conhece?> • m3 - [seˈrenu] também, [seˈrenu] da noite • f3 - [seˈrenu] também, [seˈrenu] da noite, é... • <MK - • m4- é, mas u [seˈrenu] aqui pra gente é mais é...é no anoitecer, no meu entendimento, eu, eu aprendi assim que o [seˈrenu] era anoitecendo, de manhã era o [ɔfiˈvaʎu] é • f4 - é isso mesmo...>

Na insistência, produziu-se mais uma variante para a pergunta feita: *neblina* e a repetição da variante *orvalho* agora com o sintagma *da noite*, o que não se chegou a comentar se ambas *orvalho* e *neblina* seriam palavras sinônimas para nomear o mesmo referente. Já na sugestão da palavra *sereno* surgem os comentários dos participantes que haveria diferenças semânticas na fala balsense entre o uso da variante *orvalho* e *sereno*, destacando-se a partícula dêitica “aqui pra gente”, nesse caso, para os falantes da variedade do português setentrional.

Para detalhar a aplicação da técnica e compreender como realizamos, seguimos com outro exemplo retirado do *corpus*. Para a pergunta <F> (*Frage*):“... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?”, as respostas (m1, m2...f1, f2...masculino e feminino por ordem de turnos, respectivamente) e a insistência <I1> foram as seguintes:

• <F> • m1 - eu.: tem umas que chama as [mixɾiˈrikɐ], [tãʒeˈrinɐ], ou [bɛrʒaˈmɔtɐ], no meu caso era conhecida como [berʒaˈmɔtɐ], né- • f1 - [bɛrʒaˈmɔtɐ] • <I1 - mais alguma?> • m2 - hum, acho que não, tem muitos/ • f2 - [tãːˈʒɐ] , outros dizem [tãːˈʒɐ], [tãʒeˈrinɐ]

Na resposta espontânea, o homem (m1) responde primeiro e diz “tem umas que chama as mexerica, tangerina ou bergamota, no meu caso era conhecida como bergamota, né”. O falante produz três variantes espontâneas, e a esposa (f1) produz apenas uma, *bergamota*. Então, a entrevistadora parte para a segunda fase da técnica –

²¹⁹ As fontes de todos os excertos (*nas caixas*), neste subcapítulo, são recortes da transcrição do corpus de pesquisa da presente tese.

insistir – para ver se há mais variantes no repertório e que não foram ditas ou mesmo lembradas naquele momento pelos falantes, e “insiste” com a pergunta insistência <I1> “mais alguma?”, ou seja, mais alguma variante para nomear o referente sugerido na pergunta? Como a resposta foi negativa pelo homem, poderia também ter sido negativa pela mulher, e já se partir direto para a terceira fase, a da sugestão, mas a resposta foi positiva pela mulher que se lembrou da forma *tanja*²²⁰ e ainda complementou “outros dizem *tanja*, tangerina”, demonstrando ser uma variação de *tangerina*.

Após essas duas fases ou etapas – *perguntar e insistir* – e dependendo das produções linguísticas já feitas adapta-se a terceira fase no mesmo momento, verificando quais variantes ainda não foram produzidas e se faz uma ou mais sugestões (sugestões de variantes) <S1, S2...> como na sequência da entrevista-conversa, em que foram realizadas as seguintes sugestões, conforme abaixo: <S1 – poncã já ouviu falar?>, neste caso, se deveria ter aguardado mais para ver se o homem (m3) completaria a resposta, mas como a mulher (f3) interrompeu dizendo “poncã é...” e ficaram ambos titubeando, a entrevistadora logo fez a segunda sugestão <S2 – mimosa?>, e assim se seguiram com os comentários metalinguísticos de ambos os falantes (m e f):

• <S1 - poncã já ouviu falar?> • m3 - [po'kã] é uma variedade de / • f3 - /poncã é... • <S2 - mimosa?> • m4 - também, humhum, são são nomes...são variedades da [ɸerɣa'mɔtɐ], né • f4 - mais no caso, como a gente conhecia desde pequeninha que chamava se chamava [ɸerɣa'mɔtɐ] lá no sul, né

Também nesse trecho da interação surge a partícula dêitica “lá no sul” para se referir a uma variante que “a gente conhecia desde pequeninha”. É um comportamento pragmático-linguístico que se repete ao longo de quase todas as entrevistas, tanto de falantes topodinâmicos como topostáticos, fazer essa relação da variante com o espaço geográfico onde é falada. Há uma necessidade de se fazer relação entre “o eu e o outro”, a alteridade, mediada pela procedência do espaço geográfico de cada um, no contato intervarietal.

²²⁰ O Dicionário Porto-Alegreês (FISCHER, 2011, p. 51) traz também a forma *berga*, apócope da variante sulista *bergamota*.

Dessa forma, ao se fazer as *sugêrências*, usando a terminologia do professor Harald Thun, conseguimos captar o repertório linguístico passivo do falante, aquele que está guardado na memória e que faz parte do vocabulário e que poderá ser ativado a qualquer momento. Ou, também, pelo contrário, aquelas variantes que não pertencem ao repertório do falante, como nesse caso a seguir:

• <S1 - vocês conhecem vergamota?> • m5 -
[be'figa'motɐ] eu conheço, mesma coisa também
((risos)) é outro nome • <S2 - e o bergamota também
conhece?>/ Com b?> • f5 - não • m6 - com b? • f6 -
conheço não • m7 - eu só conheço com b
[be'figa'motɐ], o outro é o quê? [ve'fi]... não,
[ve'figa'motɐ] não conheço não • <S3 - e mimosa
conhecem?> • m8 - não • f7 - não

No excerto acima, constata-se que tanto a variante <vergamota> quanto <bergamota> não fazem parte do repertório dos falantes, nem mesmo o da entrevistadora pelo gênero do determinante usado na pergunta. Outro detalhe interessante é a presença da afirmativa negativa “conheço não”, como construção morfossintática e marca regional característica do português do Norte. Ou ainda, na terceira fase da sugerência, é possível emergir outras variantes diferenciadas ou semelhantes, com pequena variação morfofonêmica em variedades regionais, e que não estavam previstas durante a entrevista e nem eram conhecidas pelos pesquisadores, como nesse caso:

• <S1 - vocês já ouviram falar na vergamota?> • m2 -
[ve'rga'motɐ]? Não • <S2 - e tem a bergamota
também, com b, bergamota e, a mimosa e a poncã> •
m3 - ah sim/ • f2 - já, já.../ • m3 -são variedades, são
variedades • f3 - são da mesma, são da mesma... •
m4 - [po'kã] é a mesma • f4 - é a mesma... família né
• <S3 - já ouviu falar poncã?> • f5 - [po'kã], é
[mor'gã]morgã... ||

Ao se elicitar sobre as variantes, *vergamota*, *bergamota*, *mimosa* e *poncã*, surge a variante <morgã>, e que em pesquisa a dicionários refere-se à *laranja-morgã* ou *morgote*, outro tipo de fruto semelhante. Mas, ainda assim, é possível constatar que apesar das afirmativas de que conhecem tais variantes, quando se repete a variante <poncã> ouve-se a variante <morgã> e se verifica que essas variantes não fazem parte

do repertório linguístico desses falantes nortistas. Tal como acontece com a aprendizagem de uma L2 ou segunda variedade, parece que os lexemas de outra variedade linguística, mesmo sendo da mesma língua, se apresentam com os mesmos traços da variedade do ouvinte, e este começa a produzir uma variante tal como se ouviu. Nesse quesito, lembra-se do problema da transição na mudança linguística²²¹ em que há intercurso de traços entre línguas ou variedades linguísticas.

Voltando à importância da *técnica em três tempos*, esta propicia também ao falante demonstrar não só o seu repertório linguístico, mas também o seu conhecimento enciclopédico ou a sua percepção sobre a realidade que o circunda nos aspectos sociológicos, históricos e até mesmo antropológico-culturais. Um exemplo é o longo excerto seguinte dos falantes CaGI_N:

• <S1 - vocês conhecem a palavra lavrar?> • m3 - [la'vra:]? • <S2 - tombar, virar, em relação a.../ • f3 - [la'vra:] eu conheço.../ • m4 - é porque nessa..na nossa região aqui não tem essa cultura de puxar, é animal puxar arado não, não tem essa cultura aqui, aqui só enxada mesmo, é só enxada mesmo • f4 - é • m5 - não tem essa cultura não, meus pais tinham canaviais grandes com.. e mandiocais grandes, grandes assim pra pra questão manual né, mas era tudo na enxada mesmo/, tudo, tudo na enxada, não tinha nada mesmo de máquinas não • <MK1 - não se lava ((inaudível)) • m6 - não, não se lava não, aqui não, aqui animal só pra puxar carroça • f5 - e... e engenho • m7 - e engenho • f6 - pra fazer, pra fazer.../ • m8 - carregar carga • f7 - rapadura, fazer.../ • m9 - mas o arado mesmo, aquele aradozinho aive::ca, aquele não existe aqui não/ • f8 - fazer puxa, conhece puxa?/ • m10 - o sertanejo não conhece/ • f9 - no engenho • m11 - não conhece, eu mesmo vim conhecer aquele tipo de arado quando fui estudar em colégio agrícola • f10 - e também, também...é/ • m12 - não tem aqui não • f11 - é:: mas a carroça também já é outra coisa, não é pra puxar arado • m13 - é, o revirar a terra não é cultural aqui da região, não existe isso aqui, é, porque é cultura de subsistência e é aquela cultura de você ficar migrando de uma região pra outra né, é desmatar, brocar, queimar, encoivarar né, encoivarar, queimar/ • f12 - no sertão a gente chamava era.../ • m14 - é mas aqui, aqui dificilmente se planta, aqui se semeia, é mais uma semeadura de ou no máximo uma matraquinha né • f13 - a matraca isso que eu ia dizer é • m15 - a matraca • f14 - a matraca que a gente bota no.../ • m16 - mas o arar mesmo não existe aqui não • f15 - um na frente ia com a matraca abrindo o buraco e outro botava a semente aqui na camisa ia botando e empurrando com o pé • m17 - é • f16 - quando fecha com o pé, entendeu? assim que eu conheço • m18 - com a questão de plantar fazer os sulcos não existe a cultura aqui.. nossa não • f17 - isso aí eu sou da época da matraca, diga

A passagem acima se desenvolveu a partir das sugestões: “vocês conhecem a palavra lavrar?” e depois complementado com mais variantes “tombar, virar?” Verificase que ao sugerir tais variantes, como atividade agrícola, aos falantes nortistas em uma região atualmente dominada pelo agronegócio na produção da soja liderado pelos

²²¹ De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]).

migrantes sulistas, a percepção desses falantes é a de que há uma prática social dominante e imposta que não pertence à região, nem às populações locais. E que tal atividade como é descrita pelos falantes, como no trecho, “o revirar a terra não é cultura aqui da região, não existe isso aqui...”, confirma a percepção de que não só a atividade econômica dominante na localidade não é da região, como também a cultura, os costumes, e até a variedade linguística, mesmo que minoritária, “não é daqui, é de fora”.

Buscando-se mais elementos para se compreender os comportamentos sociais por meio das produções linguísticas, ficou claro no excerto anterior que a atividade de *capinar* faz parte da cultura de ambas as regiões, Sul e Norte, ao invés de *arar*, *lavrar* que parece fazer parte apenas da cultura sulista, assim como as suas respectivas variantes linguísticas. Vejamos então quais foram os comentários metalinguísticos sobre a sugestão da variante <carpir> aos falantes CbGI_S:

<S- carpir?> • f2 - carpir é, a gente fala carpir • m3 - é carpir • <MK1 - mas não usa mais quase carpir, mais é capinar> • m4 - mas é o o...carpir usava lá no sul, eu vou carpir, vou carpir, vou capinar • <MK2 - aqui usa muito capinar, né, mais é capinar...> • f3 - é...é

Novamente, aparece no excerto o contexto espacial por meio da expressão “carpir usava lá no sul, aqui é mais é capinar”. Por que será, então, que não se usa *carpir* na localidade no sul do Maranhão?

<S- já ouviu falar em carpir?> • f2 - carpir? Já vi essa palavra no dicionário, só que não tô lembrando o que que é... carpir... • <MK1 - é o mesmo que capinar...> • f3 - é mesmo que capinar né • <MK2 - mas vocês já ouviram falar em carpir já ou alguém falando carpir?> • f4 - não, eu já vi no dicionário, mas, mas n...ouvi ninguém falar, só no dicionário tem com certeza, né

A resposta dos falantes CabGII_N, para tal pergunta sobre a fala dos sulistas, está no excerto acima, a variante <carpir> não é conhecida na localidade. <Carpir> parece não fazer parte do repertório linguístico da variedade do português setentrional. Assim, como esse trecho retirado do *corpus* da pesquisa desta tese, teríamos outros exemplos que retratam as divergências das variedades do Norte e do Sul do português brasileiro. E geralmente as variantes sugeridas, no caso da presente pesquisa, com foco no vocabulário do português meridional, são percebidas pelos falantes como sendo do Sul, como nesses trechos:

• <S1 - guri, conhece também?> • f5 - guri é mais pra gaúcho, é mais lá pra baixo... ((inaudível)) • m5 - é, não usa aqui não... • <S2 - garoto também?> • m6 - pouco, muito pouco • f6 - muito pouco, é garoto é meio fino, já não soa no nosso ouvido uma certa intimidade que fomos criado, esse menino - menino vem cá, menino do buchão! • m7 - é.. menino e moleque, moleque é mais usado do que menino...

Os próprios falantes comentam, avaliam e julgam as variantes como pertencentes a determinado grupo de fala, assim como os seus próprios usos e aquilo que seria o padrão em sua comunidade de fala pela frequência de uso, ou o que seria mais comum na fala local. Não é preciso nem perguntar quem fala ou você acha que essa fala é de qual lugar. Os próprios falantes expõem suas percepções e suas avaliações, espontaneamente:

• <S1 - garoto...> • f5 - garoto também • m3 - garoto • <S2 - conhecem piá?> • m4 - piá? • f6 - piá • <S3 - já ouviu falar em piá?> • m5 - os gaúcho também que falam, chamam piá (risos)

Ou ainda, como nesta percepção dos falantes em que, mesmo depois de mais de 30 anos inseridos em outro meio cultural, reconhecem as variantes locais como não pertencentes ao seu repertório linguístico da matriz de origem sulista:

• <S - pão-doce?> • m4 - pão-doce, pão-doce... • f3 - é o pessoal aqui, maranhense costumam dizer pão-doce né, mas nóis só usamos a expressão de cuca mesmo

Assim como também os falantes, nesse caso migrantes, comentam o que aprenderam (aquisição) ou incorporaram ao seu repertório linguístico no contato intervarietal:

• <S - doce de frutas?> • m2 - é... eu conhecia como chimia lá no sul, aqui que eu vim aprender que é geléia ((risos)) • f2 - não, tem a chimia e tem a geléia, é diferente ((risos)) • m3 - a chimia é: de pedacinho de fruta, a geléia.../ • f3 - a chimia é dos pedacinhos de fruta, né, e a geléia ela já vem fininha/ • m4 - é só o mel mesmo, o mel das coisas

Ou ainda, como também os próprios falantes já arriscam a classificar as variantes produzidas ou sugeridas como sendo do português brasileiro do Norte ou do Sul, como no excerto seguinte:

<p>• <S1 - bolita?> • m2/• f2 - [bo'litɐ] • m3 - peteca no norte, bolita no sul</p>

Dessa maneira, a dimensão diarreferencial complementa as análises para corroborar as variações linguísticas diatópicas e principalmente, os contatos linguísticos entre variedades de falantes topodinâmicos e topostáticos motivados por migrações. Essas percepções e avaliações por meio de comentários metalinguísticos, desencadeadas pela técnica em três tempos, aliadas às produções linguísticas dos próprios falantes propiciam a interpretação das relações sociais, como veremos na síntese a seguir.

4.7 Síntese da análise de dados

Este estudo intervareietal entre as variedades do português brasileiro meridional e setentrional em contato linguístico, motivado por migrações, teve por objetivo responder três perguntas de pesquisa. São elas:

- 1) Em que medida a variedade sulista mantém marcas da matriz de origem, ou as substitui por outras variantes em contato? Ou seja, pode-se constatar indícios de uma possível mudança linguística no sentido de uma substituição ou perda de marcas sulistas?
- 2) Há covariação entre marcas regionais distintas? Ou seja, há alternância de uso de variantes de ambas as variedades regionais em contato?
- 3) O que o comportamento linguístico dos falantes no contexto de contato PB nortista e PB sulista revela sobre as relações sociais dos falantes, considerando que um é o “filho da terra” e o outro, o “forasteiro”?

Na dimensão diatópico cinética, as variáveis linguísticas apresentaram diferentes configurações desde a partida da matriz de origem no Rio Grande do Sul, há mais de 30 anos. De um lado, há marcas do português de contato como dessonorização das oclusivas, alternância do uso do /R/ entre a vibrante e o tepe na posição em *onset* e intervocálico, além da velarização da lateral em coda; de outro, não há ainda aquisição

de marcas do português em contato (dimensão dialingual/diavarietal) salientes, ou seja, no contato intervietal com a variedade do português setentrional.

Isso no cômputo geral, porém quando desdobramos a análise para a dimensão diageracional desses falantes topodinâmicos aparecem comportamentos diferenciados entre as gerações dos mais velhos (aqueles que migraram já adultos com a aquisição da sua variedade materna finalizada) e a dos mais jovens (aqueles que migraram adolescentes com a aquisição da variedade materna incompleta). Os primeiros tendem à manutenção de todas as variáveis linguísticas para a variedade [+sulista], e os últimos para uma variação e mudança linguística baseada no nivelamento das variedades regionais, evitando-se formas estigmatizadas em ambas.

Na dimensão diageracional, a variável vogal média pretônica anterior mostrou manutenção da vogal média alta considerada [+sulista] na geração dos mais velhos GII, e discreta variação na geração mais jovem GI, com poucos abaixamentos. Na vogal média posterior também houve manutenção pela geração GII e discreta variação na geração GI, com um número relativamente maior de alçamentos da posterior do que da vogal anterior. Isso demonstra que há uma mudança em curso iniciada de longo prazo. Talvez leve mais gerações para que as marcas da variedade sulista sejam reduzidas quanto às realizações da vogal média pretônica, considerada a principal marca entre o português meridional e setentrional. Também as novas gerações de falantes nortistas podem estar mudando as suas formas mais marcadas regionalmente que são os abaixamentos, como verificado por Mota (2018). A dimensão dialingual ou diavarietal poderá mostrar indícios desse comportamento linguístico, logo mais adiante.

As variáveis relativas ao uso do /R/ em diferentes posições mostra comportamentos diferenciados nas duas gerações. A geração mais velha GII faz a manutenção da variedade [+sulista] alternando-se as variantes, vibrante e tepe, nas posições na palavra em *onset* e intervocálico, com discreta variação para a aproximante retroflexa na posição em coda. Mas, não chega a ser exatamente a retroflexa, mas uma aproximante. Enquanto a geração mais jovem GI mostrou mudança em progresso nas realizações do R em *onset* e intervocálico realizando apenas a variante fricativa. Na posição em coda os falantes GI mostraram grande instabilidade sendo muito variável, do uso do tepe considerado [+sulista], aproximante retroflexa, fricativas consideradas [+nortista] até aos apagamentos. Essa posição parece agregar um maior número de variação de usos regionais e estilísticos que se adaptam conforme a situação e o domínio social com

variados status das variantes, como marcas de estigmatização ou de prestígio.

A variável lateral em coda ainda apresentou a marca considerada [+sulista], em sua forma velarizada, concomitante à vocalização na geração GII. A geração GI já efetivou a mudança para a vocalizada como é tendência também na região Sul. O uso do /S/ em coda mostrou que a geração GII não palataliza ou o faz de forma esporádica, mesmo sendo bilíngues no português e alemão. A geração GI apresenta já discreta variação palatalizando os usos no ambiente precedido de consoante palatal e vogal alta, principalmente, considerada marca da variedade [+nortista]. Talvez essa seja a variável fonética mais saliente que se apresenta como uma mudança em progresso, na fala dos mais jovens, aliada ao uso das fricativas e/ou apagamento do uso do /R/ final, com adaptação da prosódia ou ritmo de fala.

Os resultados quantitativos das variáveis mostraram que a geração GII apresenta variação entre a variedade [+sulista] e a variedade comum (nivelamento). A geração mais jovem prefere variantes mais comuns a ambas as variedades com usos ainda discretos da variedade [+nortista]. Esses resultados no nível fonético-fonológico são corroborados no nível semântico lexical com a geração GII usando variantes coocorrentes (variante +sulista e variante +nortista) variantes [+sulista] e variantes comuns às duas variedades regionais. A geração GI apresentou a preferência no uso de variantes comuns a ambas as variedades regionais, tendo baixa realização de variantes consideradas [+sulista] e [+nortista].

Esses resultados sugerem que o contato intervarietal efetivamente ocorre na geração que entrou em contato com outra variedade regional ou língua em idade de aquisição linguística e não após quando a sua variedade materna já está estabilizada. As *marcas da variedade materna* (regional) são como *marcas de língua materna* e por isso não desaparecem ao longo do tempo ou décadas de vida. Apenas podem se adaptar suavizando traços muito estigmatizados no contato linguístico, mas ainda mantendo marcas regionais maternas ou de origem. A geração que migrou adolescente, como é o caso dos falantes GI desta pesquisa, é que apresenta o resultado do contato intervarietal, mostrando quais formas estigmatizadas foram suprimidas de suas variedades maternas, tanto de uma variedade como de outra, por isso o nivelamento.

E no caso da presente pesquisa, estão sendo evitados pela geração GI o abaixamento das vogais médias pretônicas [+nortista], a vogal média alta na postônica final [+sulista], o uso da vibrante forte e fraca em *onset* e intervocálico [+sulista], a

velarização da lateral [+sulista]. Assim como usos lexicais tanto [+sulistas] quanto [+nortistas].

A variedade falada por essa geração GI topodinâmica apresenta o nivelamento do português meridional e setentrional, com usos da vogal média pretônica alta, fricativação do /R/, dispersão e apagamentos do /R/ em coda, vocalização da lateral, palatalização do /S/ em coda antes de consoantes palatais (principalmente diante de vogal alta), e uso predominante do léxico da língua comum. Dessa forma, essa variedade aparece diferenciada tanto da variedade considerada [+sulista] quanto da variedade considerada [+nortista], é uma variedade híbrida ou nivelada e que lembra aspectos da variedade do português brasileiro falado pela mídia nacional, onde se escondem as marcas de fala regional.

Na dimensão dialingual, quanto à variável vogal média pretônica, os falantes sulistas e nortistas tiveram comportamento completamente opostos. Os falantes topodinâmicos (sulistas) apresentaram o mesmo comportamento para a vogal média pretônica anterior e a posterior, ou seja, a de manutenção da vogal média alta [e, o] [+sulista], com maior realização de alçamentos do que abaixamentos.

Os falantes topostáticos (nortistas) apresentaram menor frequência de realizações com a vogal média alta nas mesmas palavras em proporção a abaixamentos e alçamentos que se apresentaram com maior frequência, mostrando com isso muita variação na altura da vogal média pretônica. Na vogal média posterior houve frequências proporcionais entre a vogal média alta e vogal média baixa pretônica, porém, um aumento na frequência da vogal média alta posterior. Na relação entre as três possibilidades de realização da vogal média pretônica, houve uma maior frequência de *abaixamentos* na vogal média anterior para [ɛ] e uma maior frequência de *alçamentos* na vogal média posterior para [ʊ].

A variável no uso do /R/ também apresentou uma variação acentuada entre as realizações de falantes topodinâmicos e topostáticos, falantes das variedades do Sul e do Norte. Enquanto os falantes sulistas usam a vibrante e o tepe na geração mais velha (GII), em posição do r-forte (*onset* e intervocálico) e o tepe e a aproximante retroflexa em posição de coda, na geração mais jovem (GI), os sulistas alternam a fricativa e apagamentos nas mesmas posições silábicas, os falantes nortistas simplificam tudo. Usam categoricamente a fricativa com predominância da glotal para todas as posições

no uso do /R/ e baixa incidência de tepe em coda, porém esse não é mesmo o padrão de fala nortista. Talvez uma explicação seja a predisposição morfossintática para tais realizações como fronteira de palavra precedida por vogal inicial. Entretanto, é apenas uma hipótese aventada sem verificação na análise dos dados da presente pesquisa.

Interessante observar entre as duas variedades sulista e nortista no *corpus* analisado, o grau de estabilidade (padrão) na realização das vogais médias pretônicas na variedade sulista e o grau de instabilidade na variedade nortista. O contrário ocorre no uso do /R/. O que os contatos linguísticos têm a dizer sobre isto?

A instabilidade no uso do /R/ na fala de sulistas é resultado dos contatos intervarietais que buscam neutralizar marcas regionais, o mesmo não ocorre com as vogais médias pretônicas. As formas prestigiadas ou estigmatizadas socialmente determinadas pelas percepções e avaliações de seus falantes exercem o seu papel diante da variação e mudança linguística.

Ainda, para concluirmos essa análise, que era para ser sintética, as realizações velarizadas da lateral se mantêm em variação com as vocalizadas, assim como a variação na dessonorização de oclusivas na produção linguística dos falantes mais velhos sulistas. Os mais jovens já abandonaram tais realizações e já começam a incorporar discretamente uma nova marca regional, a palatalização no uso das sibilantes precedidas das dentais t/d. Hipoteticamente, isso remete a ideia de que tal realização seja prestigiada em mais de um grupo de fala ou domínio, pois na família de bilíngues sulistas com línguas alemãs ou de migrantes do português de contato da fala do litoral catarinense (fala de base açoriana), ou mesmo na fala de migrantes paraenses vizinhos ao Maranhão, e até na fala da mídia nacional, como não seguir a fala local dos próprios maranhenses? Assim, não há condicionamentos sociais desfavoráveis a essa marca local não entrar no processo de aquisição da variedade falada pelos sulistas, que mais cedo entraram em contato intervarietal com a variedade do português setentrional.

Na dimensão diagenérica, os dados não revelaram condicionamentos linguísticos salientes, apenas uma ligeira conservação das marcas da variedade [+sulista] pelas mulheres migrantes. Isso por se tratar de mulheres com menor contato intervarietal do que os homens, uma vez que elas se limitam às atividades domésticas e à criação dos filhos. O fator escolaridade na dimensão diastrática exerce o seu papel na medida em que essas mulheres, com escolaridade no nível do ensino básico, sem formação profissional não se inseriram no mercado de trabalho (por opção ou por pressão

familiar) e por isso, limitam-se à diversidade de contatos linguísticos na sua comunidade de fala local. O mesmo não ocorre com as mulheres nortistas, salvo a falante mais velha que tem ensino básico e também cuida do lar, as demais, mesmo quando não têm uma formação profissional, estão inseridas no mercado de trabalho e de alguma forma, como um comportamento padrão local, exercem também o papel de mantenedoras da família. Talvez isso explique também uma variação linguística discreta entre homens e mulheres nortistas. No geral, o gênero pareceu não exercer condicionamentos linguísticos entre homens e mulheres do português setentrional.

E, por último, a análise na dimensão diarreferencial, em que se demonstraram dados linguísticos sobre as percepções individuais dos falantes sulistas e nortistas. Pôde-se constatar na fala de ambos os grupos topodinâmicos e topostáticos comportamentos de alteridade. Tanto sulistas como nortistas, com destaque maior para os últimos, têm uma percepção muito consciente da realidade que o circunda, apontando as diferenças culturais regionais existentes na localidade e que não são originários da região. Os principais indícios estão marcados na frequência dos elementos dêiticos presentes na fala de ambos os grupos regionais. *Lá e aqui, pra baixo e pra cima, dentro e fora*, e outras expressões demonstram que, embora convivendo juntos na mesma localidade há quase meio século, entre manter ou inovar, alternar ou substituir, em meio a variedade nortista, a variedade falada pelos migrantes sulistas ainda resiste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de tese exigiu da pesquisadora uma formação prévia para que ela se tornasse realidade. Os desafios de estudar um grupo de fala migrante que se deslocou de uma região no Sul do país, o noroeste do Rio Grande do Sul, há mais de três décadas, e está inserido no Norte, mais especificamente na região Nordeste, no sul do Maranhão, foram muitos. E não foi fácil, nem sob o ponto de vista da perspectiva pessoal, nem da perspectiva da temática de pesquisa, mas foi um período de intensa aprendizagem. Enfim, o tão almejado estudo saiu, com todos os percalços previstos e imprevistos, inclusive no meio de uma pandemia mundial.

Fizemos, inicialmente, ao longo desse texto, um longo percurso histórico geográfico para compreender como um país com essas dimensões foi colonizado por uma mesma língua e como ela se tornou policêntrica. Os questionamentos foram muitos, e de toda ordem, aqueles que pairam sobre as mentes dos pesquisadores do português brasileiro. E que talvez nunca tenham respostas. Porém foi imprescindível fazê-los, até mesmo como um exercício de reflexão para o presente estudo.

A hipótese que se gerou com essas reflexões é a de que o português brasileiro se formou de uma base estritamente oral até o final do século XX, e que foi sobreposto oralmente por outro português de base escrita, a partir do século XIX. Essa sobreposição do português europeu deu-se essencialmente na oralidade, e em movimento – em contato – no meio de outras línguas românicas, germânicas e eslavas, com as grandes correntes imigratórias do século XIX, da região Sudeste “para baixo”. Ou seja, o português meridional, como o conhecemos hoje, resulta dessa sobreposição de línguas do século XIX para cá. As cartas do ALERS, analisadas no capítulo 4, uma vez mais confirmaram, em pleno final do século XX, as variantes desse *português moderno* adentrando a região Sul (último território conquistado).

Tinha, então, razão Drummond, ao dizer que o português são dois? Parafraseando Cardoso (1986), ao perguntar se Nascentes tinha mesmo razão sobre a divisão das variedades em Norte e Sul, não é exagero concluir que, no mínimo, se pode constatar essa variação, especialmente quando vemos os resultados do contato dos migrantes do Sul com o português do Norte, no sul do Maranhão. E, ao focalizar

esse contato intervietal e observar o que acontece com essas “variedades regionais do português”, fica evidente o papel das migrações na formação do português brasileiro.

Contudo, há no pano de fundo o plano social, eminentemente rural. Assim, quantos da geração de nossos pais foram os primeiros a serem alfabetizados na família? Quantos de nós somos os primeiros a se formar em um curso superior? Essa é a realidade do interior do Brasil, de norte a sul, não a realidade dos grandes centros urbanos que se desenvolveram ao longo do século XX. Esse suposto “desenvolvimento” não chegou à grande maioria da população do interior do país até o final do século passado. Foi preciso adotar políticas efetivas e coerentes para a universalização do ensino básico, prevista na constituição de 1988, para começar a mudar essa realidade.

Os resultados desta pesquisa de tese sobre o contato intervietal entre o português meridional e o setentrional demonstraram que as vogais médias pretônicas, apontadas por Nascentes (1953) como a principal marca das variedades do Norte e do Sul do português brasileiro, se comportam de modo completamente diferente em uma mesma localidade, com comunidades de fala em contato há quase meio século. Isso indicia que não se trata apenas de duas variedades regionais da mesma língua, mas de duas variedades originadas dos contatos linguísticos e de migração de línguas em diferentes estágios de evolução e status, historicamente situadas no tempo e no espaço.

Além das vogais médias pretônicas anterior e posterior, foram verificadas outras variáveis linguísticas como o uso do /R/ em diferentes posições na palavra, a lateral em coda e a sibilante em coda interna precedida de consoante palatal. Também foram coletados lexemas em diversos campos semânticos, como culinária, jogos e brincadeiras, corpo humano, astros e tempo, lazer e divertimentos, etc.

Os dados pesquisados com dez participantes da pesquisa, cinco homens e cinco mulheres sulistas e nortistas (de um *corpus* reduzido, em função do período de pandemia) permitiu realizar análises mais detalhadas que, a princípio, se iniciaram com a verificação de formantes das vogais no programa Praat, em algumas palavras. Em seguida, foram realizadas quantitativamente gerando, no caso das vogais médias pretônicas, um *corpus* de 1260 palavras (questionários sociocultural e linguístico), as quais foram submetidas ao programa R e realizadas rodadas no modelo multivariado e de efeitos mistos com todas as variáveis linguísticas e sociais possíveis. Os resultados apontaram para o fator diatópico-cinético, contrastando falantes topodinâmicos e

topostáticos, como o fator significativo para o abaixamento das vogais médias pretônicas. Isso indicava já preliminarmente que os falantes topodinâmicos (sulistas) não realizavam o abaixamento das vogais médias pretônicas como os topostáticos (nortistas).

As análises qualitativas basearam-se em critérios de produção linguística espontânea, relacionando-as à variedade considerada [+sulista] e à variedade considerada [+nortista], aliadas à produção de variantes por insistência e à percepção e avaliação das variantes por comentários metalinguísticos, na técnica em três tempos, recomendadas por Thun (1996), na *Dialetologia Pluridimensional e Relacional*. Esses dados foram comparados aos coletados, mais de trinta anos atrás, pelo *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul* (1990 [2002, 2011a, 2011b]), próximo ao período em que os migrantes sulistas migraram para o Norte em um percurso sem escalas (ALTENHOFEN; THUN, 2016), diferente da maioria dos migrantes sulistas de outros estudos (PHILIPPSEN, 2013; FIGUEIREDO, 2014; BARROS, 2014; CUBA, 2015). A análise seguiu os parâmetros da dimensão diatópico-cinética, correlacionando na diacronia a variedade atual falada por migrantes (topodinâmicos) com a matriz de origem no passado (topostáticos), tomando por base os dados do ALERS.

Também se realizou análises sincrônicas, como a análise em tempo aparente (LABOV, 1994), na dimensão diageracional, correlacionando a variedade falada pela geração mais velha (GII) acima de 60 anos, e a geração mais jovem, entre 48 e 58 anos (GI). Adicionalmente, a análise na dimensão dialingual/diavarietal buscou identificar correlações entre as variedades faladas pelos falantes topodinâmicos (sulistas) e pelos falantes topostáticos locais (nortistas).

Foram ainda feitas análises complementares nas dimensões diastrática, diagenérica e diarreferencial, para subsidiar os resultados obtidos por meio da correlação de dados dos diferentes grupos de entrevista.

Os resultados mostraram que os falantes sulistas GII mantêm a variedade [+sulista] nas variáveis linguísticas fonético-fonológicas e realizam variantes lexicais coocorrentes de ambas as variedades [+sulista e +nortista] com tendência a usos de variantes comuns das variedades do Norte e do Sul. Os falantes sulistas GI, por outro lado, tendem a acomodar sua variedade às marcas [+nortistas], abandonando as marcas [+sulistas], ou adotando variantes lexicais comuns a ambas as variedades regionais.

Isso sugere que os falantes topodinâmicos sulistas mais jovens, e talvez também os filhos já nascidos no Maranhão, não têm uma identidade regional definida, nem sulista, nem nortista. Ou, ora assumem uma, ora assumem outra identidade regional e, por isso mesmo, realizam variantes comuns a ambas as variedades, consideradas não marcadas regionalmente. Dessa forma, podem participar de ambas as comunidades de fala e se sentem aceitos como também fazendo parte, criando sentimentos de pertença, tanto de um grupo regional como de outro, compartilhando crenças e costumes, para além da cultura e da língua.

Espera-se que a presente pesquisa possa ter contribuído para um outro olhar sobre as atitudes e avaliações quanto às variedades do português brasileiro, e que resquícios ideológicos colonialistas de não aceitação do diferente, como uma ameaça à unidade, possam ser superados em pleno século XXI, quando se completam duzentos anos de independência. Só assim o país “mostrará a sua verdadeira cara” e compreenderá o comportamento de seus falantes que se mostra tão diferenciado de norte a sul.

Além disso, também se deseja que os resultados desse estudo instiguem novas pesquisas sobre o contato intervarietal, não somente das variedades do português brasileiro, como também das variedades de outras línguas, ainda em contato no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernardete M.; SANDALO, Maria Filomena S. *Os róticos revisitados*. In : HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela. (org.). *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.
- ABREU, João Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 4 ed., Estudos brasileiros vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira. (orgs.) *Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia brasileira*. Londrina: Eduel. Salvador: EDUFBA, 2021.
- AGUILERA, Vanderci de Andrada. Os atlas linguísticos no Paraná: percursos e estágio atual. *Revista do GELNE*, ano 1, n 2, 1999.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo V. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português). In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- _____. *Interfaces entre dialetologia e história*. In: Mota, Jacyra & Cardoso, Suzana Alice Marcelino (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.
- _____. *As línguas de imigração no contato com o português no Brasil*. In: *Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas*. (3.: Córdoba: 2007) Atas... Córdoba: Asociación de Universidades Grupo Montevideo; Núcleo Educación para la Integración; Universidad de Córdoba, 2007. p. 73-78.
- _____. *Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil*. In: Elizaincín, Adolfo & Espiga, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.
- _____. *Os estudos de variação linguística e de línguas em contato com o português: raízes históricas da pesquisa no Instituto de Letras da UFRGS*. In: SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira; MITTMANN, Solange. *Trilhas de investigação: a pesquisa no I.L. em sua diversidade construtiva*. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2011.
- _____. *Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual*. V. 6, n.12. Sinop, MT: *Revista de Letras Noroeste*, jul./dez.2013, p. 31-52.
- _____. *Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) [livro eletrônico] Londrina: Eduel, 2013, p. 177-208.

_____. *O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata*. In FERNANDES, Ana Lourdes da Rosa Nieves (et al) (orgs). Pelotas: Ed. da UFPel, 2014.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Introdução*. In: ALTENHOFEN, Cléo V; KLASSMAN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (Org.). *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Vol. 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC, 2011 [2002]

_____. *Cartas fonéticas e morfossintáticas*. In: _____. *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC, 2002, v.2.

ALTENHOFEN, Cléo V; KLASSMAN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (Org.). *Introdução*. In: _____. *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Vol. 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC, 2011 [2002]

ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício W. *O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. *A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.

ALTENHOFEN, Cléo V.; PAVAN, Cláudia F. (orgs.). *Cadernos de Tradução: Percursos teóricos e metodológicos da dialetologia*. Porto Alegre, n.40, jan/jun 2017. 107 p. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/3444>.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela; BERGMANN, Gerônimo L.; GODOI, Tamissa G.; HABEL, Jussara M.; KOHL, Sofia F.; PREDIGER, Angélica; SCHMITT, Gabriel; SEIFFERT, Ana Paula; SOUZA, Luana C.; WINCKELMANN, Ana C. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Garapuvu, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194384>.

_____. *Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien*. In: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (Eds.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019.

ALVES, Débora Bendochi. *Apresentação da 1ª Edição brasileira* (Colônia, abril de 1989). In: ALVES, Débora Bendochi; KLUG, João; WITT, Marcos Antônio (orgs). *Friedrich von Weech: a agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil*. 2 ed. São Leopoldo: OIKOS, 2017.

AMARAL, Marisa Porto do. *Um marco dos estudos dialetológicos: I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia*. *Revista Investigações*. Recife, v. 32, n. 2, p. 419-435, Dezembro, 2019.

Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial, *Dinâmica Imperial no antigo regime português: séculos XVI – XVIII*, volume 6, 2014

APPEL, René; MUYSKEN, Peter. *Language contact and bilingualism*. London; New York [u. a.]: Arnold, 1992. [1987]

ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de. *Os flamengos, os holandeses, a América – contribuições neerlandesas no novo mundo*. 2009. Disponível em <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/perspectivas-historicas/artigos/09.pdf>. Acesso em 31/08/2021.

ASH, Sharon. *Social class*. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, Natalie (eds.). *The handbook of language variation and change*. 2.ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 350-367.

AUER, Peter. *Europe's sociolinguistic unity, or: A typology of European dialect/standard constellations*. (2005) Disponível em

<https://www.researchgate.net/publication/237311697> Acesso em 08/06/2021.

AUER, Peter; HILPERT, Martin; STUKENBROCK, Anja; SZMRECSANYI, Benedikt. *Integrating the perspectives on language and space*. In: *Space in Language and Linguistics: Geographical, interactional, and cognitive perspectives*. *Linguae et Litterae* Vol. 24. Berlin: de Gruyter, 2013.

AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (eds). *Language and space: theories and methods*. In *International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AVELAR, Juanito Ornelas de. *Sobre o papel do contato linguístico nas origens do português brasileiro*. In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. (orgs). *Português Brasileiro - uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019, pp. 57-92.

BABEL, Molly. *Dialect divergence and convergence in New Zealand English*. *Language in Society*, 39, 437-456, Cambridge University Press, 2010.

BABEL, Molly. *Phonetic and social selectivity in speech accommodation*. Berkeley: University of California, Berkeley dissertation, 2009.

BAENINGER, Rosana. *Novos espaços da migração no Brasil: anos 80 e 90*. São Paulo: NEPO/UNICAMP, 2000. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/237763234>

BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *Norma linguística, hibridismo e tradução*. Traduzires 1, maio de 2012.

BAKER, Colin. *Foundations of bilingual education and bilingualism*. 4. ed. rev. Clevedon / Avon: Multilingual Matters, 2006.

BARROS, Fernando Hélio Tavares. *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos - MT: configurações do multilinguismo em fronteira de Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 108 p.

BATTISTI, Elisa; LINK, Eugênio Roberto. *Português de contato com alemão como língua de imigração em uma comunidade rural brasileira: resistindo à elevação das vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo*. *Domínios de Linguagem*. Vol. 13, n. 4. Uberlândia, out. - dez. 2019, pp. 1495-1526.

BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane Tebaldi. *Efeitos lexicais na vocalização variável da consoante // em coda silábica no português brasileiro de contato com falares dialetais italianos*. ReVEL, edição especial n. 14, 2017. [www.revel.inf.br].

BAUMAN, Zygmunt. *Globalization: the human consequences*. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BELL, Allan. *Language style as audience design*. *Language in Society* 13:145-204, 1984.

BERRUTO, Gaetano. *Identifying dimensions of linguistic variation in a language space*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. (HSK 30.1) p. 226-241.

BISOL, Leda. *A vogal pretônica e a diversidade dialetal*. Sabi – Sistemas de Bibliotecas UFRGS, Porto Alegre: UFRGS, 1988.

BISOL, Leda. BATTISTI, Elisa (orgs). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

_____. COLLISCHONN, Gisela. (Orgs). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. [versão eletrônica]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, 184 p.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

BOURHIS, Richard; GILES, Howard. *The language of intergroup distinctiveness*. In GILES, Howard (ed.) *Language, ethnicity and intergroup relations*. London: Academic Press, 1977.

BRANDÃO, Sílvia F. *Nas trilhas do R retroflexo*. SIGNUM, Estud. Ling., Londrina, n.10/2, p. 265-283, dez. 2007.

BRANDÃO, Sílvia F. *Variação e mudança no âmbito do vocalismo*. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-38.

BRASIL, MINISTÉRIO DA CULTURA. *Inventário Nacional da Diversidade Linguística - INDL*. DECRETO Nº 7.387, DE 9 DE DEZEMBRO DE 2010. Brasília, DF, 2010.

BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria N. de O. *Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações*. SIGNUM, Estud. Ling., Londrina, n.11/2, p. 51-66, dez. 2008.

BRESCANCINI, Cláudia R.; RIOS, Jéssica P.; BIASIBETTI, Ana Paula C. S.; CRUZ, Marion C. *Alçamento da Vogal Pré-Tônica em Porto Alegre-RS: léxico e variação*. ReVEL, edição especial n. 14, 2017. [www.revel.inf.br].

BRITAIN, David John. *Conceptualisations of geographic space in linguistics*. Department of Language and Linguistics. Great Britain: University of Essex, 2016. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/260088146>.

BRITO, Fausto; CARVALHO, José Alberto M. de. *As migrações internas no Brasil: as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pela PNADs recentes*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, UFMG, 2006.

BUNSE, Heinrich A. W.; KLASSMANN, Mário S. *Estudos de Dialectologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos e resultados*. Edições da Faculdade de Filosofia. Porto Alegre: UFRGS, 1969.

CABRAL, Maria do Socorro. *Caminhos do gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão*.

São Luís: SIOGE, 1992.

CALLOU, Dinah. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-64.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____; SERRA, Carolina; CUNHA, Cláudia. *Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino*. Revista da ABRALIN, v.14, n.1, p. 195-219, jan./jun. 2015.

_____; BRANDÃO, Sílvia. *Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: análise de duas variáveis*. In: SÁ JÚNIOR, Lucrecio Araújo de; MARTINS, Marco Antônio (orgs.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016, p. 97-199.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos*. Revista Brasileira De Estudos de População, 1998, 15(2), 45–65. Recuperado de <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/404>.

CARBONI, Florence et al. *O plurilinguismo na história do Brasil: considerações exploratórias*. Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 32, n. 62, 2017.

CARDEIRA, Esperança. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Filologia Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

CARDOSO, Alírio. *A conquista do Maranhão e as disputas atlânticas na geopolítica da União Ibérica (1596-1626)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, no. 61, p. 317-338, 2011.

CARDOSO, Alírio. *Guerra híbrida no atlântico equinocial. Índios, Portugueses e espanhóis na conquista do Maranhão e Grão-Pará (1614-1616)*. Hist. R., Goiânia, v. 18, n. 2, p. 143-167, jul. / dez. 2013.

CARDOSO, Alírio. *Beschrijving van Maranhão: a Amazônia nos relatórios holandeses na época da Guerra de Flandres (1621-1644)*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 406-428, maio/ago. 2017. Disponível em www.revistatopoi.org.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil)*. In: Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 5, p. 47-59, dez. 1986.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *O atlas linguístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) [livro eletrônico] Londrina: Eduel, 2013, p. 1-12.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; MARGOTTI, Felício Wessling; RAZKY, Abdelhak. *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Volume 1. Londrina: Eduel, 2014. 212 p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; MARGOTTI, Felício Wessling; RAZKY, Abdelhak. *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Volume 2. Londrina: Eduel, 2014. 368 p.

- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *O papel social de um atlas linguístico*. In: Jacyra Andrade Mota; Macela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (Orgs.). *Documentos 5: projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e Perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015, p. 13-22.
- CARMELO, Frei Monte. *Compêndio de Orthografia e Orthologia* [1767]. Disponível em Biblioteca de Lisboa (digital). Acesso em 21/03/2020.
- CARMO, Márcia Cristina do. *As vogais médias pretônicas no noroeste paulista: comparação com outras variedades do português brasileiro*. Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, 43 (1): p. 33-47, jan-abr, 2014.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa*. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- CASTRO, Maria Célia Dias de. CARDEIRA, Esperança. *Um Nome em Movimento: percurso linguístico-histórico do topônimo Maranhão*. Papéis Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, UFMS. Campo Grande, MS. Vol. 24, nº Especial, 2020.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos*. In: MELLO, Linalda de Arruda (org.). *Sociedade, cultura e língua: Ensaio de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: Shorin, 1990. p. 91-113.
- CHACON, Karoline de Albuquerque. *Contato dialectal: análise do falar paulista em João Pessoa*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. João Pessoa: UFPB, 2012.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Second edition. United Kingdom: Cambridge University Press, [1998] 2004.
- CHAVES, Idalena Oliveira. *Panorama dos estudos das vogais pretônicas no português do Brasil: meta-análise das pesquisas desenvolvidas de 1980 a 2012*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- COELHO, Adolfo. *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*. (1880). Disponível em <https://www.gutenberg.org/ebooks/33159>. Acesso em 12/06/2021.
- CORRÊA, Lucelinda Schramm. *A torturante ausência de uma presença. A imigração alemã na Bahia do século XIX. Um estudo de caso*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PPGH/USP, 2003.
- CORRÊA, Lucelinda Schramm. *Memória das colônias alemãs na Bahia do século XIX*. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, RS: Associação Nacional de História – ANPUH, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens*. Revista Espaço e Cultura, N. 29. Rio de Janeiro: UERJ, Jan./Jun. 2011, p. 7-21.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Linguagem; n. 12).
- _____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Lingüística; 8.)
- COSERIU, Eugenio. *"Língua histórica" e "dialeto"*. Trad. Carolina Falck Grimm. In: Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.40, p.9-27, jan/jun 2017. [1980] Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>.

CROCI, Federico. *A imigração no Brasil*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 73-120.

CRUZ, Aline da. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. The Netherlands: Vrije Universiteit, 2011.

CUBA, Marigilda Antônio. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico – ALTI*. 2015. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina – UEL, Paraná, 2015.

CUKOR-AVILA, Patricia; BAILEY, Guy. *Real and apparent time*. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The handbook of language variation and change*. Second Edition. Malden/Oxford: John Wiley & Sons, Inc., 2013, pp. 239 – 262.

CUNHA, Celso. *Linguagem e condição social no Brasil*. Revista de Letras, https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf.

CUNHA, Celso. *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*. Coleção Diagrama 3. 3 ed. atualizada. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

CUNHA, José Marcos Pinto da. *A migração no Centro-Oeste Brasileiro no período 1970-96: o esgotamento de um processo de ocupação*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2002.

CURIOLETTI, Daiane Sandra S. *A realização variável de /R/ em onset silábico no português falado por ítalo-brasileiros do distrito de Planalto, Concórdia (SC): produção e percepções linguísticas*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2021.

CURIOLETTI, Daiane S. S.; SANDRI, Marcia Meurer. *A representação fonológica da vibrante no português brasileiro*. Cadernos do IL, Porto Alegre, no. 59, outubro de 2019, p. 149-168.

CYSOUW, Michael. *Disentangling geography from genealogy*. In AUER, Peter; HILPERT, Martin; STUKENBROCK, Anja; SZMRECSANYI, Benedikt. *Space in Language and Linguistics: Geographical, Interactional, and Cognitive Perspectives*, Berlin, Boston: De Gruyter, 2013.

D'ARAUJO, Padre Antonio. *Catecismo na Língua Brasileira* (1618). Digitalizado pela Biblioteca Nacional de Portugal. Cópia disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendaju: http://biblio.etnolinguistica.org/araujo_1618_catecismo. Acesso em 13/11/2020.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/3444>.

Dossiê Guerras Holandesas. Revista Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Número 69, 2016.

DREHER, Martin N. *Lenda e fatos na instituição do Kerb de São Miguel dos Dois Irmãos*. In: RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel C. & WITT, Marcos A. (orgs.). Festas, comemorações e lembranças na imigração. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 366-384.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. Grupo de tradutores coordenado por Isidoro Blikstein da edição francesa *Dictionnaire de Linguistique*, Librairie Larousse, 1973. São Paulo:

Cultrix, 1978.

DUTRA, Júlio Afonso Alves. *Tecnologia da informação e desenvolvimento agrícola regional: estudo de caso no município de Balsas – MA.* (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 2012.

ELÍA, Sílvio. *A unidade linguística do Brasil: condicionamentos geoeconômicos.* Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda, 1979.

EUGÊNIO, Alisson. *A cartografia da conquista: a função dos mapas como instrumento de legitimação das conquistas geopolíticas no espaço ibérico durante o alvorecer da Idade Moderna.* Niterói, Universidade Federal Fluminense. GEOgraphia, vol: 23, n. 51, 2021.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. *Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira.* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Letras. Pelotas, RS: UCPel, 1997.

EVANS, Bronwen G.; IVERSON, Paul. *Plasticity in vowel perception and production: A study of accent change in young adults.* The Journal of the Acoustical Society of America 121, 3814 (2007)

FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa.* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. *Para conhecer norma linguística.* São Paulo: Contexto, 2017.

FAUSTO, Boris.(Org.) *Fazer a América.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERNANDES, Florestan. *Organização social dos Tupinamba: corpo e alma do Brasil.* 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

FERREIRA, Carlota da Silveira. *Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia/Bahia/Brasil).* In: Revista Lusitana 5 [nova série]. Lisboa, 1984-85. p. 21-34. (Apresentado em forma de comunicação no II Congresso Interamericano da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, em São Paulo, 3-6 de janeiro de 1969.)

FEYJÓ, João de Moraes Madureyra. *Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa* [1734]. Disponível em Biblioteca de Lisboa (digital). Acesso em 21/03/2020.

FIGUEIRA, Luis (1573-1643). *Arte da Grammatica da Lingua do Brasil: Arte da Lingua Geral Brasileira* (1795). Disponível em Biblioteca Digital Curt Nimuendaju. Acesso em 04/01/2021.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervietal no Mato Grosso.* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

FILLMORE, Charles J. *Frame Semantics.* In: GEERAERTS, Dirk (ed.). Cognitive Linguistics: Basic readings. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 1982.

FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de Porto-Alegres.* 14 ed. revisada e ampliada. Porto

Alegre: L&PM Editores, 2011.

FISHMAN, Joshua A. *Who speaks what language to whom and when?* In: *La Linguistique*, n. 2, p. 67–88, 1965. Disponível em: <https://www.pdf-archive.com/2014/02/12/fishman-who-speaks-what-language-to-whom-and-when/fishman-who-speaks-what-language-to-whom-and-when.pdf>

FRANÇOZO, Mariana de Campos. “*De Olinda a Olanda*”: *Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)*. (Tese de Doutorado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas: UNICAMP, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

_____. *Nordeste: aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil*. 1ª. ed. São Paulo: Global, 2013.

FROSI, Vitalina Maria. *Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística*. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mario. *Raízes italianas do RS (1875-1997)*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FROTA, Sônia; GALVES, Charlotte; VIGÁRIO, Marina. *Ler a fonologia: do português clássico ao português europeu moderno*. In: FROTA, Sônia; SANTOS, Ana Lúcia. (Org.). *XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos Selecionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 2008, p. 193-206.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC, 1989.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 32 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. Disponível em <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>. Acesso em 02/09/2021.

GALVES, C. *Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio*. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., e RIBEIRO, S., (orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 65-74

GASPAR, Rafael Bezerra. *O eldorado dos gaúchos: deslocamento de agricultores do Sul do país e seu estabelecimento no Leste Maranhense*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Luís: UFMA, 2010.

GEWEHR-BORELA, Sabrina. “*Tu dampém fala assim*”: *macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. (Tese de doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2014.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991.

GILES, Howard. *Accent mobility: a model and some data*. *Anthropological Linguistics*. 15:87-105, 1973.

GONÇALVES, Maria Filomena. *Antigas ortografias portuguesas e paralexigrafia no século XVIII*. *Alfa*, São Paulo, 40: 103-117, 1996.

GUY, Gregory Riordan. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history* (1981). *Dissertations available from ProQuest*.AAI8117786.

<https://repository.upenn.edu/dissertations/AAI8117786>.

HABEL, Jussara Maria. *O contínuo standard-substandard do alemão no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis – RS*. (Tese de Doutorado) Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2022.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HAKKERT, Ralph; MARTINE, George. *Tendências migratórias recentes no Brasil: as evidências da PNAD de 2004*. Análise sobre a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD 2004). Edição Especial. Parcerias Estratégicas, número 22, junho 2006.

HAZEN, Kirk. *The family*. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002. p. 500-525.

HERÉDIA, Vania. *A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul*. Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Nº 94 (10), 1 de agosto de 2001.

HICKEY, Raymond. *The handbook of language contact*. Wiley-Blackwell, United Kingdom: Blackwell Publishing, 2010. Disponível em <http://www.wiley.com/wiley-blackwell>.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução Maria Celia Paoli e Ana Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. 14 imp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

JOHNSTONE, Barbara. *Language and geographical space*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 1-18. (HSK 30.1)

JOHNSTONE, Barbara; ANDRUS, Jennifer; DANIELSON, Andrew. *Mobility, indexicality, and the enregisterment of "Pittsburghese"*. *Journal of English Linguistics* Volume 34, Number 2, June, 2006. p. 77 -104.

KANTOR, Íris. *Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p.70-80, Jan/Jun 2007.

KIRKHAM, Sam; MOORE, Emma. *Adolescence*. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, Natalie (eds.). *The handbook of language variation and change*. 2.ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 277-296.

KLOSS, Heinz. *'Abstand Languages' and 'Ausbau Languages'*. *Anthropological Linguistics*, Vol. 9, No. 7 (Oct., 1967), pp. 29-41.

KLUG, João; WITT, Marcos Antônio (orgs). *Friedrich von Weech: a agricultura, o comércio e o sistema de colonização no Brasil*. 2 ed. São Leopoldo: OIKOS, 2017.

KOCH, Walter. *O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69.

- KUITEMS, Margot et al. *Evidence for European presence in the Americas in ad 1021*. Nature. Open Access. 20 October 2021. <https://doi.org/10.1038/s41586-021-03972-8>. Disponível em www.nature.com. Acesso em 21/10/2021.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *The study of language in its social context*. In: Giglioli, Pier P. (ed.). *Language and social context*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 283-307.
- LAUBSTEIN, Fernanda Cristina. *A ruralidade ontem e hoje: uma análise do rural na contemporaneidade*. Revista Aurora, ano V, número 8, agosto de 2011. Disponível em www.marilia.unesp.br/aurora
- LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Trad. D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.
- LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LE PAGE, R.; TABOURET-KELLER, A. *Acts of identity: Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: University Press, 1985.
- LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson. *Introdução: ou sobre como a África, no Brasil, avista a escrita*. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (orgs.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 6-49.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A. *A transmissão linguística irregular*. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I. (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 101-024.
- LUCCHESI, Dante. *A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas*. Revista Estudos de Linguística Galega 4, Universidade de Santiago de Compostela, USC, 2012.
- LUCCHESI, Dante. *Norma linguística e realidade social*. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MACEDO, Sandra Siqueira de. *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Recife: UFPE, 2004.
- MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: Fishman, Joshua A. [ed.]. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.
- MæHLUM, Brit. *Language and social spaces*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 18-32. (HSK 30.1)
- MAGALHÃES, Marisa Valle; CINTRA, Anael Pinheiro de Ulhôa. *As trocas migratórias entre Paraná e suas regiões metropolitanas com as regiões brasileiras nas décadas recentes*. Dossiê: População, Mobilidade e Arranjos espaciais no Censo de 2010. Caderno IPARDES, Curitiba, PR, v. 2, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2012.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Agosto de 2017. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316.2/42474>. Acesso em 18/03/2020.

- MARANDOLA JR., Eduardo; ARRUDA, Zuleika Alves. *Urbanidade e ruralidade no Brasil e as redefinições entre campo e cidade*. Boletim de Geografia. 23(1): 21-38, 2005.
- MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- MARGOTTI, Felício W.; PINHO, Antonio José de. Variação da lateral posvocálica /l/ no português do Brasil. In: CARDOSO, Suzana A.; MOTA, Jacyra A.; PAIM, Marcela M. T. (orgs.). *Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 137-162.
- MARINS, Luciene G. Freitas. *O falar dos nordestinos em contato no sul do Mato Grosso do Sul: um estudo topodinâmico*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2019.
- MARTINE, George. *A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80*. (Texto para discussão nº 329). Brasília: IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1994.
- MARTINE, George. *Ciclos e destinos da migração para áreas de fronteira na era moderna: uma visão geral*. (Documentos de Trabalho 12); Brasília: ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza, 1992.
- MARTINE, George; NEIVA, Ivany Câmara; MACEDO, Marlene. *Migração, crise e outras agruras*. PNUD; MINTER; SETRABES; Sec. Geral, Brasília, 1984.
- MARTIN-JONES, Marilyn; BLACKLEDGE, Adrian; CREESE, Angela. *The routledge handbook of multilingualism*. (Routledge handbooks in applied linguistics). London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2012.
- MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MEIRELES, Mário Martins. *História do Maranhão*. 2 ed. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão 1980.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641 – 1669*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- MELLO, Heliana. *Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. *O contato intraindivíduo: aquisição de L2 e erosão de L1 no Brasil*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 461-477.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1971.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. (Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro). Brasília: FUNAG, 2012.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 2 ed. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série V Brasileira, Vol. XLVI. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

MEURER, Marcia. „Die Mottersproch meiner Vorfahren“ no caminho das migrações: um resgate da memória / Die „Mottersproch“ meiner Vorfahren auf dem Weg der Migration: eine Rettung der Erinnerung. In: ALTENHOFEN, Cléo Wilson; MACHADO, Lucas Löff; PAVAN, Claudia Wolff; RADÜNZ, Willian (orgs.). *Die Mottersproch in der Vielfalt des Deutschen / A língua materna na diversidade do alemão*. E-Book (Série Humanidades e Interdisciplinaridade). Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. Disponível em: <https://cdea.tche.br/site/?p=7405>.

MILROY, James; MILROY, Lesley. *Linguistic change, social network and speaker innovation*. In: *Journal of Linguistics*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 21, p. 339-384, 1985.

MILROY, Lesley; LLAMAS, Carmen. *Social networks*. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, Natalie (eds.). *The handbook of language variation and change*. 2.ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 409-427.

MIRANDA, José Carlos Ribeiro. *O galego-português e os seus detentores ao longo do século XIII*. E-Spania [Online], 13 | juin 2012, posto online no dia 11 junho 2012. URL: <http://journals.openedition.org/e-spania/21084>. Acessado em 02/05/2019.

MONARETTO, Valéria Neto de O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

MOTA, Jacira Andrade. LOPES, Paulo Henrique de S. *Os subfalares do Norte do Brasil e o traçado das vogais médias pretônicas*. Estudos de Linguística Galega. Volume especial 1. 2018. p. 209-218.

MOTA, Jacyra Andrade. CARDOSO, Suzana Alice M. *Dialetologia brasileira: o atlas linguístico do Brasil*. Rev. ANPOLL, n. 8, p. 41-57, jan./jun. 2000.

MOTA, Jacyra Andrade. CARDOSO, Suzana Marcelino. *Variação fônica nas capitais brasileiras*. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). São Paulo: Contexto, 2015, p. 65-78.

MURADÁS, Jones. *A geopolítica e a formação territorial do Sul do Brasil*. (Tese de Doutorado), Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2008.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. (Com dedicatória ao colega Heinrich Bunse em 23/01/1962). Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958 (cópia digitalizada da versão original da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul).

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. (Com prefácio de W. Meyer Lübke). Segunda tiragem do tomo I. Rio de Janeiro, 1955.

NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2013.

NEUMANN, Rosane Marcia. *A colonização do Planalto gaúcho por empresas privadas*. *Histórica* (São Paulo. Online), v. 17, p. 3, 2006.

NEUMANN, Rosane Marcia. *Estado, colonização e intrusos no Planalto Rio-grandense na Primeira República*. In: RENK, Arlene; WINCKLER, Silvana (orgs.) *Estado, configuração da terra e conflitos agrários: norte do RS e oeste de SC*. [e-book] São Leopoldo: Oikos, 2019.

NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução de Mário E. Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OGIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson (orgs.). *Migrações nordestinas no século 21: um panorama recente*. São Paulo: Blucher Open Access, 2014.

OLIVEIRA, Klebson; LOBO, Tânia. *O nome dela era Rosa: epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII*. In: LOBO, Tânia et al. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012.

OLIVEIRA, Ingrid da Costa. *Os róticos em coda silábica externa: o interior da região Sul no projeto ALiB*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia e a diversidade cultural no Brasil*. Departamento de Ciências Sociais, UFRGS. Revista de Antropologia, (33), 1990.

ORMELING, Ferjan. *Visualizing geographical space: The nature of maps*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Stefan (eds.). *Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 21-40. (HSK 30.2)

PATARRA, Neide Lopes. *Movimentos migratórios no Brasil: tempo e espaços*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003. 50p. - (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093; n. 7)

PAYER, M. O. *A interdição da língua dos imigrantes (italianos) no Brasil: condições, modos, consequências*. In ORLANDI, E. P. (org.). *Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes Editora, 2001, p. 235-255.

PERTILE, Marley T. *O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai Gaúcho*. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009. 247 p.

PETTER, Margarida. *O continuum afro-brasileiro do português*. in: GALVES, Charlotte; GARMES, Hélder; RIBEIRO, Fernando r. (orgs.) *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009, 158-173.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 255-274.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Línguas africanas no Brasil*. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra, MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. pp. 117-142.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*. (Tese de Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2013.

PIAZZA, Walter F. *A fazenda real no <<presídio>> (1) da ilha de Santa Catarina*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, Florianópolis: Estudos Ibero-Americanos I, 1980.

- PICKERING, Martin J.; GARROD, Simon. *Toward a mechanistic psychology of dialogue*. Behavioral and Brain Sciences 27:169-226, 2004.
- PÜTZ, Martin. *Sprachrepertoire / Linguistic repertoire*. In: GOEBL, Hans et al. (eds.). *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p.
- QUEDNAU, Laura Rosane. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- RABANUS, Christian. *The notion of space*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Stefan (eds.). *Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 1-21.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 1-24.
- Radtke, Edgar; Thun, Harald. *Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance*. In: Radtke, Edgar & Thun, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.
- RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. *Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 13-56.
- RENK, Arlene; WINCKLER, Silvana (orgs.). *Estado, configuração da terra e conflitos agrários: norte do RS e oeste de SC*. [e-book] São Leopoldo: Oikos, 2019. 219 p.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Filipe Giuseppe Dal Bo. *A geografia militar no Brasil: a questão da defesa nacional*. (Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2015.
- RIBEIRO, Francisco de Paula. *Memórias dos sertões maranhenses*. São Paulo: Siciliano, 2002.
- RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste: a influência da "bandeira" na formação social e política do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.
- ROBERTS, Julie. *Child Language Variation*. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, Natalie (eds.). *The handbook of language variation and change*. 2.ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 263-276.
- ROBI, Affonso. *Alguns problemas da influência tupi na fonética morfologia do português popular do Brasil*. Letras, Curitiba: UFPR, 1985.
- ROCHA, Betty Nogueira. *"Em qualquer chão: sempre gaúcho!": a multiterritorialidade do migrante "gaúcho" no Mato Grosso*. (Dissertação de Mestrado) Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013, 256 p.

- RODRIGUES, Arion Dall 'Igna. *Diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani*. Separata dos Arquivos do Museu Paranaense. Vol. IV, Artigo XIV. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense Ltda., 1945.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2007.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. D.E.L.T.A., 9.1: 83-103, 1993.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 2 ed. Vol. 1. e 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995. [1989] (Language in society; 13.)
- ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. 1885.
- RUFO, Tiago Fernandes; SOBRINHO, Fernando Luiz Araújo; ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. *A região do MATOPIBA: modernização agrícola, dinâmicas e transformações urbanas, em especial os cerrados piauienses*. Bol. geogr., Maringá, v. 37, n. 3, 2019, p. 243-260.
- SAGAZ, Márcia R. P.; MORELLO, Rosângela. *Observatório da Educação na Fronteira: Mapas Linguísticos*. Florianópolis, SC: IPOL, Editora Garapuvu, 2014.
- SALIM, Celso Amorim. *Migração: o fato e a controvérsia teórica*. In: Sessão temática 17 – *Migrações internas: a necessidade de novos paradigmas*. 8º. Encontro. Vol 3. 2016, p. 119-144.
- SANDALO, Filomena; ABAURRE, Maria Bernadete M.; MADRUGA, Magnun Rochel. *Dispersão e harmonia vocálica em dialetos do português do Brasil*. Organon, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 13-30, jan./jun. 2013.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Desde antes do português brasileiro*. Revista de Letras Norteamericanas. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 16-30, jul./dez. 2013.
- SANTOS, Ednaldo Tartaglia; CHEDIAK, Sorhaya. *Amazônia gaúcha: um estudo sociolinguístico*. Revista Letras Norteamericanas, Estudos Linguísticos, Sinop, v. 8, n. 16, p. 180-196, jul./dez. 2015.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. Livro em pdf. Fevereiro de 1977.
- SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil*. Ponto de apoio. São Paulo: Scipione, 1994.
- SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.
- SEIFFERT, Ana Paula. *Censo, diagnóstico, inventário e observatório linguísticos: aspectos metodológicos e papel político-linguístico*. (Tese de doutorado). Florianópolis: UFSC, 2014.
- SEKI, Lucy. *A linguística indígena no Brasil*. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º Especial, 1999, pp.257-290.
- SEYFERTH, Giralda. *O Estado brasileiro e a imigração. Caminhos da migração: memória, integração e conflitos*. PÓVOA NETO, Helion et al (orgs.) 2ª ed. [E-book] São Leopoldo: OIKOS, 2015.

SIEGEL, Jeff. *Koinés and koineization*. In: *Language in Society*, v. 14, n. 3, p. 357-378, set. 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/4167665?sid=21104880924171&uid=2&uid=3737664&uid=4>.

SILVA NETO, Serafim da. *Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Coleção de Filologia V. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1963.

SILVA, Greize Alves da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topostático do Estado do Tocantins*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018.

SILVA, José Manuel Azevedo e. *O modelo pombalino de colonização da Amazônia*. (Lição proferida na Sala dos Capelos em 09 de maio de 2022), Coimbra: C.H.S.C., Universidade de Coimbra, 2002.

SILVA, Marcio Antônio Both da. *A construção do intruso: o processo de apropriação da terra na região serrana do Rio Grande do Sul (1889-1925)*. (Capítulo de tese em andamento do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense). Rio de Janeiro: UFF, ano.

SILVA, Mairton Celestino da. *Um caminho para o Estado do Brasil: colonos, missionários, escravos e índios no tempo das conquistas do Estado do Maranhão e Piauí 1600-1800*. (Tese de Doutorado) Programa de Pós Graduação em História, Recife: UFPE, 2016.

SILVA, Maria Helena Chaves. *Capítulo IV - A Bahia na guerra: crise política, manifestações populares e outras mobilizações* in: *Vivendo com o Outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. (Tese de Doutorado) Salvador: UFBA, 2007, p. 159-219.

SILVA, Myrian Barbosa da. *Vogais pretônicas no Brasil: uma proposta de descrição a partir da fala de Salvador*. São Paulo: Blucher, 2021.

SIMON, Pedro. *A diáspora do povo gaúcho*. Brasília: Senado Federal, 2009.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. *Sobre o uso da Língua do Príncipe: história social da cultura escrita, reconfigurações linguísticas e populações indígenas na Bahia setecentista*. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2019.

SOUZA, Tânia C. Clemente de. *Língua nacional e materialidade discursiva: a influência do tupi*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 241-254.

STAWINSKI, Alberto Vitor. *Dicionário Vêneto Sul-riograndense-Português: com breves noções gramaticais do idioma Vêneto Sul-riograndense*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EDUCS, 1987. 352 p.

STEFFEN, Martina. *Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul*. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 241-256, jan./jun. 2013.

TARALLO, Fernando. *Discussing the alleged creole origin of Brazilian Portuguese: targeted vs. untargeted syntactic changes*. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (15): 137-161, jul.dez/1988.

TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

TEDESCO, João Carlos *et al* (orgs.). *A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio*. Erechim, RS: AllPrint Varela, 2017.

TEDESCO, João Carlos. SILVA, Gean Zimermann. VANIN, Alex Antônio. *Fragmentos de uma história de conflitos entre indígenas e colonos no norte do Rio Grande do Sul – século XX*. In: TEDESCO, João Carlos (org.). *Conflitos agrários no norte do Rio Grande do Sul: indígenas e agricultores, dimensões históricas*. Vol. VIII. Porto Alegre: EST Edições, 2017. p.179 – 222.

TEDESCO, João Carlos. *Sujeitos e conflitos sociais contemporâneos pela posse da terra no Norte do Rio Grande do Sul: pequenos agricultores e indígenas*. In: RENK, Arlene; WINCKLER, Silvana (orgs.). *Estado, configuração da terra e conflitos agrários: norte do RS e oeste de SC*. [e-book] São Leopoldo: Oikos, 2019, p. 171 – 217.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1997]

THOMASON, Sarah G. *Language Contact: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

THUN, Harald. *Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.

THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos em Rivera*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-171.

_____. *A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens*. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

_____. *Resenha do ALiB Vol. 1 e 2*. Linguística. Vol. 32-2, dezembro 2016, p. 141-144.

_____. *Variação na interação entre informante e entrevistador*. Trad. Cléo Vilson Altenhofen / Filipe Neckel. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.40, p. 82-107, jan/jun 2017. [2005] Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>.

_____. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Stefan (eds.). *Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523. (HSK 30.2)

TORRES, Luiz Henrique. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63)*. Biblos, Rio Grande, 16: 177-189, 2004.

TORRES, Rosane dos Santos. *A cidade-capital: a centralidade do Rio de Janeiro no contexto do Império Ultramarino português*. Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro. n.8, 2014, p.347-360.

TRUDGILL, Peter. *Colonial dialect contact in the history of European languages: On the irrelevance of identity to new-dialect formation*. Language in Society 37. Printed in the United States of America: Cambridge University Press, 2008.

TRUDGILL, Peter. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

VALE, Ana Lia F.; LIMA, Luís Cruz; BONFIM, Maria Geovani. *Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil*. In: Textos & Debates Revista de Ciências Humanas, edição online. nº 7, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista: Editora UFRR, 2004. Disponível em <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/1027>

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (Visconde de Porto Seguro). *História Geral do Brazil antes da sua separação e independência de Portugal*. Tomo 1 (1838).

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *Salvador, rainha destronada? (1763-1823)*. História (São Paulo), v. 30, n. 1, p. 174-188, jan./jun. 2011.

VIANNA, A. R. Gonçalves. *Exposição da pronúncia normal portuguesa: para uso de nacionaes e estrangeiros*. Congresso Internacional dos Orientalistas. Sociedade de Geografia de Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras. Belo Horizonte: UFMG, 1987, 231 p.

VIEIRA, Padre António. *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*. §II. Sermões Escolhidos, São Paulo: Edameris, v. 1, 1965. [domínio público] Disponível em www.bibvirt.usp.br

VOGEL, Sara & GARCÍA, Ofelia. *Translanguaging*. In NOBLIT, G. (Ed.). Oxford Research Encyclopedia of Education. Oxford: Oxford University Press, 2017. Disponível em: <https://ofeliagarciadotorg.files.wordpress.com/2018/01/vogelgarciatrlng.pdf>.

WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Humanitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

WEGNER, Robert. *Os Estados Unidos e a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In SOUZA, Jessé (org.) O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: Editora UNB, 1999.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. 6 ed. 8a. Printing. The Hague, Paris: Mouton, 1974 [1953].

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WIESEBRON, Marianne L.(ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624 – 1654)*. Série Maurítiana. Vol. 5. Leiden University Press, 2013.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2a. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

ZANELLA, Anacleto. *A imigração na colônia Erechim e o desenvolvimento da agricultura de base familiar*. In: ARENDT, Isabel Cristina et al (orgs.) *Migrações: perspectivas e avanços teóricos-metodológicos*. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 513 – 530.

ZARTH, Paulo A. *Fronteira Sul: história e historiografia*. In: RADIN, José Carlos et al. (orgs.) *História da Fronteira Sul*. Chapecó: Ed. UFFS, 2016.

ZARTH, Paulo A. *História agrária do planalto gaúcho 1850-1920*. (Coleção Ciências Sociais). Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1997.

Apêndice - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
SOCIOLINGÜÍSTICA

Projeto: O PORTUGUÊS DE MIGRANTES SULISTAS NO NORDESTE
DO BRASIL: variação e mudança de marcas regionais no contato
intervarietal.



Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Participante,

Convidamos você para que, de livre e espontânea vontade, contribua com a pesquisa acadêmica sobre a linguagem falada no município de Balsas-MA. Nosso objetivo é descrever a fala de balsenses e não balsenses em contato, e que são moradores na localidade. Realizaremos pré-agendamentos de horário e local conforme a sua disponibilidade para a realização da pesquisa. Cada encontro será gravado em áudio e/ou vídeo para compor os dados da amostra a serem estudados. Antecipamos que sua participação é totalmente anônima, não havendo divulgação de sua identidade que será feita por meio de dados pessoais codificados, aleatoriamente.

Informamos também que não há benefício direto para você, ao participar deste estudo, contudo, os resultados da pesquisa contribuirão com os estudos da variação e mudança linguística do português brasileiro, promovendo o plurilinguismo e o multiculturalismo dos seus falantes, no intuito de fomentar a valorização e o respeito pelas diferenças regionais linguísticas, étnicas e culturais. Os resultados da pesquisa serão divulgados à comunidade acadêmica e à comunidade em geral por meio de publicações, apresentações em eventos acadêmicos, oficinas, e outros, assim como a promoção de encontros na comunidade.

Sua participação é muito importante para a realização desta pesquisa, entretanto, sinta-se à vontade para recusar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo algum. Esperamos contar com a sua valiosa participação.

Em caso de dúvida ou necessidade de esclarecimentos sobre o estudo, ou se acreditar que algum prejuízo pode ser causado por sua participação, por favor, entre em contato:

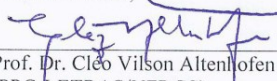
Orientador da Pesquisa/UFRGS: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Prédio Administrativo do Instituto de Letras – Sala 227 – Campus do Vale
Av. Bento Gonçalves, 9500 – 91501-000 – Porto Alegre, RS Telefone: (51) 3308- 6790

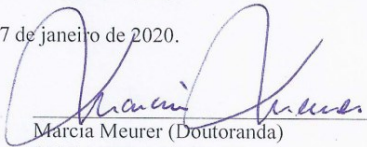
Em caso de dúvida relacionada a seus direitos e participação nesta pesquisa, por favor, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

Comitê de Ética em Pesquisa/UFRGS
Prédio da Reitoria – 2º andar – Câmpus Central
Av. Paulo Gama, 110 – 90040-060 – Porto Alegre, RS
Telefone: (51) 3308- 3738 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

Porto Alegre, 27 de janeiro de 2020.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
(PPG-LETRAS/UFRGS)
E-mail: cvalten@ufrgs.br


Marcia Meurer (Doutoranda)
(PPG-LETRAS/UFRGS)
E-mail: smmarcia@hotmail.com

Informante *

*Livre para assinar, seguindo a Resolução 510/2016.

ANEXOS

ANEXO I – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O PORTUGUES DE MIGRANTES SULISTAS NO NORDESTE DO BRASIL: VARIACAO E MUDANCA DE MARCAS REGIONAIS NO CONTATO INTERVARIETAL

Pesquisador: Cléo Vilson Altenhofen

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 30376620.1.0000.5334

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.013.964

Apresentação do Projeto:

O presente estudo tem por tema a variação e mudança do português falado por migrantes sulistas em contato com a variedade nordestina no sul do Maranhão. Trata-se de um período de contato linguístico intervarietal de cerca de 40 anos. Membros falantes da geração mais velha são comumente nascidos na matriz de origem, no sul do país. A topodinâmica da língua trazida por esses migrantes suscita a pergunta sobre a manutenção, substituição, ou perda de marcas linguísticas originais, sobretudo na geração mais jovem, já nascida no novo meio. O enfoque da variação e mudança de marcas regionais no contato intervarietal do português de migrantes sulistas no nordeste equivale ao que Thun (1996) chama de dimensão diatópico-cinética, e que ele divide em topodinâmica da variação linguística de migrantes e topostática de falantes mais fixos. A abordagem do fator <mobilidade espacial> tem grande relevância nos dias atuais (ALTENHOFEN; THUN, 2016), tendo em vista que, sobretudo no contexto brasileiro, há muita migração interna (MARTINE, 1992, 1995; BAENINGER 2012, 2015; BRITO; CARVALHO, 2006; BRITO, 2009). Ao escolher esse tema, este projeto de Tese se alinha a outros estudos que já abordaram a topodinâmica da variação linguística do português no Brasil. Entre esses estudos, estão Figueiredo (2014), Barros (2014), Cuba (2015) e Marins (2019), além do artigo de Altenhofen e Thun (2016), intitulado As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil Bacia do Prata, que aprofunda o aporte teórico da topodinâmica com o tratamento da

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

ANEXO II – Modelo do questionário dialetológico aplicado nesta Tese

**QUESTIONÁRIO
PARA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS FALADO POR MIGRANTES GAÚCHOS EM SITUAÇÃO DE CONTATO
INTERVARIETAL**

Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS
Tese de Doutorado: Carla Regina de Souza Figueiredo
Orientador: Cléo V. Altenhofen

PONTO:

Nº DO PONTO:

INFORMANTES/ENTREVISTAS: Nome (idade)

<p>CaGII</p> <p>Data:</p>	<p>CaGI</p> <p>Data:</p>
<p>CbGII</p> <p>Data:</p>	<p>CbGI</p> <p>Data:</p>

CaGII = 01 homem e 01 mulher, escolarização superior, geração velha (acima de 50 anos)

CaGI = 01 rapaz e 01 moça, escolarização superior, geração jovem (18 a 36 anos)

CbGII = 01 homem e 01 mulher, escolarização até segundo grau sem ocupação letrada, geração velha (acima de 50 anos)

CbGI = 01 rapaz e 01 moça, escolarização até segundo grau sem ocupação letrada, geração jovem (18 a 36 anos)

- Crítérios gerais:** a) gaúchos migrantes ou filhos de migrantes originários do Rio Grande do Sul (ou com passagem por Paraná ou Santa Catarina) nascidos ou vivendo há mais de 10 anos na localidade;
b) selecionar ítalo-gaúcho ou teuto-gaúcho conforme o que predomina na localidade/bairro/comunidade;
c) não ter morado fora por muito tempo, nos últimos 10 anos;
d) gostar de conversar.

PARTE A
DADOS SOCIOLÓGICOS

I IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES				
Entrevista:	<input type="checkbox"/> CaGII	<input type="checkbox"/> CaGI	<input type="checkbox"/> CbGII	<input type="checkbox"/> CbGI
<p>Informante 1 (masc.):</p> <p>Informante 2 (fem.):</p> <p>1 Data de Nascimento: Inf1 Inf2</p> <p>Idade: Inf1 Inf2</p> <p>2 Onde nasceu? Inf1 <input type="checkbox"/> Na comunidade. Inf2 <input type="checkbox"/> Na comunidade. Inf1 <input type="checkbox"/> Em outra localidade. Qual?</p> <p>Inf2 <input type="checkbox"/> Em outra localidade. Qual?</p> <p>3 Há quanto tempo mora na localidade? Inf1 Inf2</p> <p>4 De qual lugar, no Sul, vem a família? O que motivou a mudança para cá? Inf1:</p> <p>Inf2:</p> <p>5 Caminho migratório (localidades onde morou antes de chegar aqui? memórias da migração): Inf1:</p> <p>Inf2:</p> <p>6 Ainda mantém contato com o Sul? Viaja para lá? Com que frequência? Inf1:</p> <p>Inf2:</p> <p>7 Escolaridade: Inf1 Inf2</p> <p>8 Trabalho/Ocupação: Inf1 Inf2</p> <p>9 Além do português, fala outra língua ou dialeto? Se sim, como chama? Inf1:</p> <p>Inf2:</p> <p><input type="checkbox"/> Hunsrickisch <input type="checkbox"/> pomerano <input type="checkbox"/> Platt <input type="checkbox"/> alemão <input type="checkbox"/> Vêneto <input type="checkbox"/> Talian <input type="checkbox"/></p> <p>10 Fala essa/outra língua com os filhos (transmissão diageracional)? Eles falam? Inf1:</p> <p>Inf2:</p>				

11 Seus pais falavam outra língua? Qual(is)?

Inf1:

Inf2:

12 Quem fala melhor o português, o pai ou a mãe?

Inf1:

Inf2:

13 Religião: Inf1

Inf2

Endereço (se quisermos enviar uma carta? e-mail?):

Autorizam o uso dos dados para a pesquisa? sim não

Outro(s) participante(s):

II HÁBITOS CULTURAIS DOS INFORMANTES (aplicar ao final da entrevista)

1. Vocês costumam tomar chimarrão? Como se faz um bom chimarrão?

Inf1:

Inf2:

2. E como se faz um churrasco?

Inf1:

Inf2:

3. Costumam ouvir música gauchesca? Ou outros tipos de música?

Inf1:

Inf2:

4. Para qual time de futebol torce?

Inf1:

Inf2:

5. Usa bombacha? Em que ocasiões?

Inf1:

Inf2:

6. Gosta de ir ao CTG (Centro de Tradição Gaúcha)?	
Inf1:	
Inf2:	
7. O que costumam comer no café da manhã, no almoço (cuca, chimia, polenta...)?	
Inf1:	
Inf2:	
OUTRAS OBSERVAÇÕES	
III LOCALIDADE DA PESQUISA	
1	Toponímia
1.1	Nome da localidade onde moram os informantes:
1.2	Nomes anteriores:
1.3	Origem do nome da localidade (por que se chama assim?)
2	População Total
3	Observações sobre a localização da localidade (distância de cidade próxima, tipo de estrada, mobilidade etc.)
4	Breve história da localidade (período de fundação, processos migratórios, histórico, memórias da migração etc.)
5	Etnias na região (pessoas de outras origens, observar designações)

6 Localização de grupos de origens diferentes (mapeamento de territorialidades, com auxílio de mapa)	
Localidade (linha, picada, município)	Grupo de origem
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
7 Proporção dos grupos presentes na localidade () homogeneidade () heterogeneidade migratória	
a) Percentual de gaúchos na localidade:	
b) Percentual de teuto-gaúchos:	
c) Percentual de ítalo-gaúchos:	
d) Percentual de nortistas:	
IV DADOS DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO	
1 Espaços sociais dos grupos (clubes, associações, cooperativas, CTGs...)	
2 Escola: oportunidades de estudo, ensino de línguas...	
3 Acervo iconográfico (fotografar inscrições, placas, monumentos, impressos [excertos de jornais, livros], documentos, entorno das entrevistas e do ambiente dos informantes, eventos, administração etc. Pergunta norteadora: Há presença visual de aspectos linguísticos que remetem aos diferentes grupos em contato (nomes de ruas, de estabelecimentos comerciais, de placas, de associações...)?	
4 Que eventos/festas remetem aos grupos advindos do Rio Grande do Sul?	
5 Relações de poder: Prefeito e o Vice-prefeito são de qual origem?	
6 Mídia: A mídia local veicula propagandas, programas gauchescos específicos, por exemplo, no rádio, que refletem os grupos migrantes da localidade?	

7 Outras informações: há aeroporto, museu, arquivos, monumentos, grupos de dança...?

OUTRAS OBSERVAÇÕES

PARTE B – DADOS LINGUÍSTICOS
I - QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

1	FÓSFORO (ALiB QFF 015; ALERS 574; carta 338) Aquilo que usa (mímica) para acender o fogo?
2	VARRER (ALiB QFF 018) Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica)?
3	ARROZ (ALiB QFF 021) O que se come no almoço, uns grãosinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
4	COLHER – subst. (ALiB QFF 025) A carne se come com garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]
5	SAL (ALiB QFF 028) O que é preciso colocar na carne para temperar?
6	MENTIRA (ALiB QFF 106; ALERS QFF 012; cartas 18 e 29) Se na é verdade, então é...?
7	ÁRVORE (ALiB QFF 039; ALERS QSL 109; carta 054 e 055) O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
8	NOITE (ALiB QFF 055) Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a . . . ?
9	DIA (ALiB – QFF 56; ALERS QFF 22; carta 030) A gente dorme de noite e trabalha... Alternativa: E depois da noite o que é que vem?
10	TARDE (ALiB QFF 062) Tem gente que chega cedo demais. Outros chegam...

	Alternativa: Qual é o contrário de cedo?
11	TRÊS (ALiB QFF 063; ALERS QMS 6.3; carta 03) O que é que vem depois do dois?
12	BICICLETA (ALiB QFF 071) Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
13	O OLHO / OS OLHOS – subst. (ALiB QFF 112; ALERS QSL 237; carta 163) Isto? (Apontar) E se são os dois? (Plural)
14	COMPADRE (ALERS QFF 005; carta 19) Se a mulher é comadre, o homem é...
15	REVÓLVER (ALERS QFF 009; cartas 39, 44 e 54; cartas 37/39 (a), 37/39 (b), 37/39 (c), cartas 37/38/39) Qual é a arma de fogo com uma peça que gira e se maneja com uma mão só? Quais são as armas de fogo que conhece?
16	PROCISSÃO (ALERS QFF 025; cartas 12 e 22) Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz levando uma imagem de um ponto a outro?
17	CRUZ (ALERS QFF 026; carta 02; cartas 01 e 02) O que se põe nas torres das igrejas e nos túmulos com esta forma? (mímica)
18	VELHO (ALiB QFF 139) Um sapato que não é novo é . . . ?
19	CARRO (ALERS QFF 045; carta 46) O que se guarda na garagem? Que outro nome se dá ao automóvel?
20	CORDA (ALERS QFF 041; carta 51; cartas 48-53; cartas 44-46/51/53) Os fios do violão se chamam...

21	FERVENDO (ALERS QFF 016; carta 52; cartas 48-53; carta 36) Quando a água da chaleira fica quente de soltar fumaça, a gente diz que ela está...
22	QUASE E se a água começa a chiar, ela está fervendo?
23	MILHARAL Uma plantação de milho é um...
24	CALÇA (ALERS QSL 617, carta 361) Que roupa os homens usam da cintura para baixo? Apontar.
25	TESOURA (ALiB QFF 06) ...o objeto com que se corta tecido?
26	TOMATE (ALiB QFF 30) ...aquilo vermelho, que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
27	PLANTA (ALiB QFF 40) Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem _____]
28	BONITO (ALiB QFF 37) Qual o contrário de feio?
29	SOL (ALiB QFF 58) ...aquilo que brilha no céu, de dia?
30	DEZ (ALiB QFF 64; ALERS QMS 6.10; carta 04) O que é que vem depois de nove?

31	<u>P</u>NEU (ALiB QFF 72) ...aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?
32	<u>P</u>REFEITO (ALiB QFF 83) Quem se elege para dirigir uma cidade?
33	<u>B</u>RASIL (ALiB QFF 90) ...o nosso país?
34	<u>B</u>ORRACHA (ALiB QFF 87) ... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?
35	<u>A</u>ZUL (ALiB QFF 89) Que cor é esta? <i>Mostrar</i>
36	<u>C</u>ALÇÃO (ALiB QFF 98; ALERS QFF 15; cartas 37 e 21) Os jogadores de futebol aqui (<i>apontar</i>) usam camiseta. E aqui (<i>apontar</i>) o que é que usam?
37	<u>D</u>ENTE (ALiB QFF 116) E isto? <i>Apontar</i>
38	<u>U</u>MBIGO (ALiB QFF 121) ... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?
39	<u>F</u>ERIDA (ALiB QFF 123) Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o que?
40	<u>H</u>OMEM (ALiB QFF 128; ALERS QFF 02; cartas 09 e 17) Adão foi o primeiro?
41	<u>M</u>ULHER (ALiB QFF 129) E Eva foi a primeira?

42	<u>T</u>IO (ALiB QFF 131; ALERS QFF 03; cartas 28 e 27) O que é que o irmão do seu pai ou da sua mãe é seu?
43	<u>A</u>NEL (ALiB QFF 143; ALERS QSL 526; carta 312) O que é que se usa aqui no dedo? <i>Apontar</i>
44	<u>S</u>ORRISO (ALiB QFF 147) Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____? <i>Ou mímica.</i>
45	<u>B</u>ARUL<u>H</u>O (ALiB QFF 154) Quando uma criança está dormindo, o que se diz para ela não acordar? “Fale baixo, não faça...”
46	<u>P</u>AZ (ALiB QFF 155; ALERS QFF 10; carta 01) Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em _____.
47	<u>M</u>MORREU (ALiB QFF 159) Quem não está mais vivo é porque já _____?

PARTE B

II - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

1	<p>ORVALHO / SERENO (ALiB QSL 020; ALERS QSL 059; carta 032)</p> <p>De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?</p>
	a) orvalho; b) sereno
2	<p>TANGERINA/ MEXERICA (ALiB QSL 39; ALERS QSL 126; carta 62)</p> <p>... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e , normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? <i>Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante.</i></p>
	a) vergamota, b) bergamota, c) mexerica, d) tangerina, e) mimosa, f) poncã
3	<p>MANDIOCA / AIPIM (ALiB QSL 50 e 51)</p> <p>...aquela raiz branca por dentro, coberta com uma casca marrom, que se cozinha para comer?</p> <p>Alternativa: ...aquela raiz parecida com _____ (<i>cf. item anterior</i>) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?</p>
	a) mandioca, b) aipim, c) macaxeira
4	<p>CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA (ALiB QSL 52; ALERS QSL 179; carta 131)</p> <p>...um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?</p>
	a) carrinho de mão, b) carriola [Quem fala? Italiano ou...?]
5	<p>ARAR/LAVRAR (ALERS QSL 149; carta 109)</p> <p>Que faz o homem do campo, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo?</p>
	a) lavrar, b) arar, c) tombar, d) virar
6	<p>CAPINAR (ALERS QSL 146; carta 107)</p> <p>Limpar a plantação com a enxada?</p>
	a) capinar; b) carpir
7	<p>CAVALO VELHO</p> <p>Qual nome dá ao cavalo que não serve mais para o trabalho devido à idade?</p>
	a) matungo; b) picaço

8	URUBU (ALiB QSL 64; ALERS QSL 201 a.; carta 67) ... a ave preta que come animal morto, podre?
	a) corvo, b) urubu
9	JOÃO-DE-BARRO (ALiB QSL 66; ALERS QSL 201 c.; carta 71) ...a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?
	a) joão-de-barro, b) barreiro, c) joão-barreiro, d) forneiro(a), e) massa-barro
10	CHIFRE (ALiB QSL 77; ALERS QSL 208 b.; carta 79) O que o boi tem na cabeça?
	a) chifre, b) aspa, c) guampa, d) corno
11	RABO (ALiB QSL 81; ALERS QSL 208b) ...a parte com que o cavalo espanta moscas?
	a) rabo, b) cola
12	MELECA/ TATU (ALiB QSL 102; ALERS QSL 306; carta 204) ...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
	a) tatu, b) meleca, c) ranho/ ronha, d) catarro
13	AXILA (ALiB QSL 108; ALERS QSL 327; carta 215) ...esta parte aqui? <i>Apontar</i>
	a) asa, b) sovaco, c) axila
14	CHEIRO NAS AXILAS (ALiB QSL 109; ALERS QSL 328; carta 216) ...o mau cheiro embaixo dos braços?
	a) cheiro de asa, b) catinga, c) cheiro de sovaco
15	CAŁCANHAR (ALiB QSL 119; ALERS QSL 266; carta 183) ...isto? <i>Apontar</i> .

	a) calcanhar, b) garrão
16	FANDANGO / BAILE ... uma festividade com música gauchesca para dançar, que acontece geralmente a noite?
	a) fandango, b) baile, c) entrevero, d) filó [Tipos de música? Vens pilchado/trajado?]
17	COLONO / CAIPIRA ... a pessoa que reside na zona rural?
	a) colono, b) caipira, c) caboclo, d) agricultor, e) imigrante
18	GAÚCHO ... a pessoa que vem do Rio Grande do Sul?
	a) gaúcho, b) sulista, c) gaúcho cansado
19	TIPOS DE IMIGRANTES Que imigrantes têm aqui?
	a) alemão, b) italiano, c) polaco [poloneses], d) japoneses
20	ITALIANO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES Há outros nomes para designar o <i>italiano</i> ?
	a) gringo, b) "gringo polenteiro"
21	ALEMÃO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES ... e a alemão? E se for mulher?
	a) alemão-batata, b) alemoa
22	POLONÊS/ OUTRAS DESIGNAÇÕES ... e os que vieram da Polônia?
	a) polonês, b) polaco

23	NORTISTA/ OUTRAS DESIGNAÇÕES
	a) nortista; b) nordestino;
24	NEGRO (ALERS QSL 366; carta 238) As pessoas que têm pele bem escura?
	a) negro; b) preto; c) moreno
25	MULATO (ALERS QSL 367; carta 239) As pessoas que são de pele um pouco escura, porque só a mãe ou só o pai é negro? [Negro] misturado com branco [etnia da região] dá filho...
	a) mulato; b) moreno (claro), c) cor-de-cuia, d) sarará
26	ÍNDIO / BUGRE (ALERS QSL 369; carta 240) Para se referir a um indígena, como costumam dizer aqui: “índio” ou “bugre”?
	a) índio; b) bugre
27	CABELO LOIRO (ALERS QSL 276 a; carta 193) E o cabelo que é bem claro, tipo o de muitos alemães?
	a) loiro; b) louro; c) loro; d) galego
28	MENINO / GURI / PIÁ (ALiB QSL 132; ALERS 443 e 444; carta 270 e 271) Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?
	a) moleque; b) guri; c) piá; d) menino; e) garoto
29	SACI-PERERÊ (ALERS QSL 500; carta 296) Contam “estórias” de um negrinho de uma perna só, com cachimbo na boca [Símbolo do Inter]. Que nome dão a ele? [Sabe a história?] [Outra personagem conhecida na região?]
	a) saci-pererê, b) saci, c) negrinho do pastoreio, d) manzão
30	XARÁ (ALiB QSL 143; ALERS QSL 491; carta 292) A pessoa que tem o mesmo nome da gente? [Quem diz <i>tocaio</i> ? E <i>xará</i> ? Qual é o mais gaúcho?]

	a) xará; b) tocaio
31	BODEGA / BAR / BOTEÇO (ALiB QSL 202; ALERS QSL 605; carta 355) Um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber cachaça e onde também se pode comprar alguma outra coisa?
	a) bodega; b) boteco; c) bolicho; d) venda
32	BÊBADO (DESIGNAÇÕES) (ALiB QSL 144; ALERS QSL 596; carta 350) Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?
	a) bêbado, b) pinguço, c) cachaceiro, d) pau-d'água, e) borracho, f) tchuco
33	CIGARRO DE PALHA (ALiB QSL 145; ALERS QSL 601; carta 352) Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?
	a) palheiro, b) (cigarro) crioulo, c) cigarro de palha
34	ESTILINGUE (ALiB QSL 157; ALERS QSL 514; carta 303) ...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (<i>mímica</i>), que os meninos usam para matar passarinho?
	a) bodoque, b) funda, c) estilingue, d) setra
35	BOLINHA DE GUDE (ALiB QSL 156; ALERS 513; carta 302) As coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
	a) bolinha de gude; b) bolita; c) bolica, d) clica
36	CABRA-CEGA (ALiB QSL 161; ALERS QSL 519; carta 306) ...a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
	a) gata-cega, b) gato-cego, c) cobra-cega, d) pata-cega, e) cabra-cega
37	AMARELINHA (ALiB QSL 167; ALERS QSL 525; carta 311) ...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (<i>mímica</i>) e vão pulando com uma perna só? <i>Solicitar descrição detalhada.</i>
	a) amarelinha, b) sapata, c) caracol

38	JOGO DE OSSO (ALERS QSL 546; carta 323) ...o jogo que se atira um osso para ver quem tem sorte?
	a) jogo do osso, b) jogo de tava
39	FULIGEM (ALiB QSL 171; ALERS QSL 572; carta 337) ...aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?
	a) picumã, b) fuligem
40	WANDSCHONER [para informantes teuto-gaúchos] Conhece “Wandschoner”? (tipo de toalha de pano com ditado bordado geralmente em alemão, para proteger a parede da fuligem, da gordura)
41	CUCA ... espécie de pão, coberto com uma espécie de farofa feita com açúcar, margarina, canela em pó e farinha de trigo, que tem pedaços de fruta ou doce de leite?
	a) cuca; b) <i>Kuchen</i> (como é em alemão?); c) pão doce
42	GELEIA (ALiB QSL 177; ALERS QSL 608; carta 357) A pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
	a) <i>Schmier</i> ; b) chimia; c) geleia; d) doce de frutas; e) marmelada/figada/pessegada
43	CHIMARRÃO/MATE ...a bebida preparada com erva-mate e água quente? E se preparar com leite? Com que frequência toma essa bebida?
	a) chimarrão (amargo? erva-mate com água), b) mate (doce? erva-mate com leite?), c) tereré (com água fria? tomam?)
44	FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA (ALiB QSL 131; ALERS QSL 438; carta 267) ...o filho que nasceu por último?
	a) caçula, b) nenê (da casa), c) indez, d) mais novo, e) mais moço

45	LUGAR DISTANTE DE TUDO Que nome dá a um lugar que fica longe de tudo e de todos?
	a) cafundó; b) fim de mundo; c) fim de linha; d) fim da picada
46	SEMÁFORO (ALiB QSL 194) O que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?
	a) sinaleira; b) semáforo; c) farol; d) sinal
47	CARONA Se eu estou aqui e o senhor/a senhora está de carro. O que peço para poder ir junto? (<i>gesto</i>)
	a) carona

PARTE B

III - QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO (QMS)

1	<p>NÓS / A GENTE (ALiB QMS 26)</p> <p>O que vocês fazem no fim de semana?</p>
	a) nós; b) a gente
2	<p>O SENHOR / O SINHÔ</p> <p>O pai pergunta para os filhos: quem manda nessa casa? O que vocês responderiam? (<i>perguntar pela forma feminina</i>)</p>
	a) o senhor; b) o sinhô (como diziam os antigos?)
3	<p>TU / VOCÊ (tratamento entre irmãos) (ALiB QMS 24)</p> <p>Quando se vê um irmã(o) saindo escondido dos pais, como é que se pergunta onde ele(a) vai?</p>
	a) tu; b) você [quem fala assim?]; c) cê; d) vosmicê [os antigos?]
4	<p>CONOSCO / COM NÓS/ COM A GENTE (ALiB QMS 28)</p> <p>Quando nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café _____?</p>
	a) conosco; b) com nós; c) com a gente
5	<p>NEGAÇÃO</p> <p>O senhor / A senhora sabe ordenhar vaca? Sabe bordar? Sabe falar guarani?</p>
	a) Não sei! b) Sei não! c) Não sei não!
6	<p>INTERJEIÇÃO (como marcador de identidade)</p> <p>Se alguém se impressiona com algo, como exclama (por exemplo, ... <i>que bagunça!</i>) ? Quem fala assim? (<i>tem uma expressão característica do alemão, do italiano?...</i>)</p>
	a) Bah! b) Viche! c) Dio d) Uai! e) A la pucha! f)